

Praga Vermelha: O Cavaleiro Negro, Capítulo 1.

"O que mudaria hoje, se você tivesse tempo infinito na vida?

Não vai mais envelhecer, comer, beber ou qualquer preocupação natural. Sempre tem certeza de que voltará para casa.

Se dedicaria às coisas certas? Saberia como e com quem gastar o seu tempo? Seguiria com os mesmos propósitos e princípios?

Você sacrificaria a certeza de segurança eterna, para poder tocar os pés no chão, como um filho de Deus?

O maior desafio de todo homem é decidir qual sacrifício fará."

As árvores de Carvalho bloqueiam a luz da lua. A chuva densa ataca, sem sucesso, uma base feita a pedras reforçadas que se impõe dentro da mata. Nela, homens retiravam com tranquilidade suas cotas de malha e apoiavam nas paredes suas espadas sujas. Não estavam errados em descansar tão tranquilamente, pois tinham vantagem e número ao seu lado.

-Eu posso ir mijar naqueles matos, e ninguém de Nuremberg teria coragem de me atacar!

-Disse um homem que bebia ao redor de uma fogueira com outros homens, começando a rir junto com eles.

-Três putas pagas para quem conseguir me segurar no dia do pagamento! -Um deles dizia, babando. Os homens comemoravam e brindavam.

Os homens dançavam ao som dos bardos, acompanhados de algumas moças da noite que resgataram como prêmio prematuro.

As risadas cresceram na convencida base quando um dos homens, que dançava loucamente, caiu.

-Não se fazem mais vencedores como antigamente, levante! -Um dos homens disse, indo se aproximar para urinar no colega caído.

Ele sorria. Até ver a flecha que destruiu o crânio dele.

-São eles? São eles!!! -Gritou e correu desesperado. Tentou encontrar suas armas e pertences.

Um grupo em número consideravelmente menor, explodia com as próprias mãos o muro do forte.

Um homem cor de neve, e de cabelos cor de noite, colocou-se para dentro meio a poeira que subiu da destruição. Acenou com a cabeça para que os outros quatro avançassem e partissem as gargantas do máximo de homens que conseguirem. O que fizeram, deixando-o sozinho.

Desprevenidos, as forças são encurraladas dentro dos próprios muros.

O homem cor de neve libertou as moças.

Um grupo interno as portas da base partiu para cima dele, com lanças e machados.

Fizeram um meio círculo e o pressionaram sozinho contra a parede.

Partiram fervorosamente aos gritos. Quando a primeira lança de aço tocou seu torso, a ponta se amassou, e o recuo destruiu o cabo.

O homem a encara em terror, ao ver que o defensor sorria ao encará-los.

-É o General!!!! -Ele gritava em terror.

Krauzher apanhou o pulso do atacante, o general Friegg, que tentava se soltar para correr.

A cabeça do homem voa com um impacto de braço sem esforço.

As últimas tentativas foram as flechas dos homens que fugiam. Atingiram a superfície da pele de Krauzher, que, apesar de aparentar e ter cores humanas, ao ser atingida reproduzia um som metálico que partia e dispersava os ataques.

Todos os homens foram encurralados por apenas quatro, que, mesmo que não tivessem capacidade de vencer os outros, brandiam a bandeira do general de aço nas mãos, o que era suficiente.

Cordas os amarraram, e logo, uma carroça de Nuremberg os capturou. Sem o general, Krauzher sorriu e levantou os braços com seus homens, pois sabia: Eles venceram.

O caminho de volta nutria emoções mistas. Mesmo sendo vangloriado em todas as vilas que passava, seguia cansado, pois não era daquela glória que precisava.

Um campo verdejante abraçava poucas casas de madeira em uma área pacata de planície, onde pássaros cantavam e as centaureas contrastavam os campos de trigo com seu tom vivo de azul.

Era dia de chegada, e por isso, era motivo de comemorar. As forças inimigas não duraram muito após os ataques programados, durante a viagem, todas foram dispersadas.

Krauzher chegou montado a cavalo, o que só conseguia fazer apesar do peso graças a um de seus truques, tinha um saco gordo contendo moedas de ouro, e cortesias do senhor.

-Família! Hoje nós... -Ele gritaria, mas só vê-lo de volta significava vitória. Por isso, todos comemoravam. Todos saíram, e gritavam incansavelmente. Pararam trabalho, colheita e obrigações para prestigiar Krauzher e os homens que vieram com ele.

Naquele dia, até a noite, nenhum homem tinha o copo vazio. Os bardos correram com os instrumentos para festejar. Com isso, todos dançaram fervorosamente até o anoitecer.

Krauzher, apreciava a felicidade do povo, e sorria com sua satisfação. Mas não pretendia fazer parte da festa por muito, mesmo que muitos dos homens implorassem por sua companhia.

Ao invés disso, veio ao que importava de verdade. Em sua casa reforçada, protegida e bem planejada, estavam os guardas que a protegiam e é claro, o primeiro e segundo amor de sua vida.

-Papaaaaai!!!! -Sua filhinha, Sabine, não desperdiçou tempo antes de pular no colo do pai.

-Oh, meu amor! -Helga o abraçou. Estava aliviada por vê-lo de novo, mais por saudade do que realmente por preocupação, todos sabiam: Se perdemos noventa e nove de nossos cem homens, preparem o quarto de Krauzher e o funeral dos outros.

Krauzher investiu parte de seu tempo em comer a boa comida de sua mulher, tomar um merecido banho, vestir algumas roupas limpas e entrar no clima do ar puro de casa, livre do cheiro de ferrugem, sangue e fezes de cavalo. Ele e sua família nunca foram festeiros natos, por vezes passeiam pelos comércios da vila, viajam para circos não muito distantes e muito raramente vão para a capital em busca de boa literatura, sempre com incentivo de Helga.

Recebeu de sua esposa uma boa massagem, que aliviou dele os estresses e memórias ruins da luta. Aliviou também a saudade venenosa que tinha de passar um tempo tranquilo. Aprendeu muito sobre a paz que há na produtividade simples com sua esposa, ela lhe fez ter interesse em literatura. Por isso, o tempo livre de Krauzher era gasto escrevendo, lendo e ficando com sua esposa e filha.

Água quente, comida boa e alguém te esperando. É tudo que um homem precisa para ficar esperto e forte, Helga sempre diz.

Mas não é tão simples. "Amaldiçoados não tem paz, Helga, nunca terão." É o que Krauzher sempre diz quando o senhor feudal o chama. Como daquela vez.

-Não podemos deixar que suas capacidades sejam desperdiçadas, Senhor Hermantraunch!
-Ele dizia, em uma de suas visitas para coleta de impostos. Uma das milhares de vezes em que tirou Krauzher de sua casa e de sua paz.

-Minha esposa está grávida, senhor. -Krauzher disse, e na época, era a realidade.

-Pele de aço, pulmões de aço, músculos e ossos de aço! Não é uma maldição, é uma dádiva! Arrumem os cavalos mais fortes, vamos precisar! -Disse o senhor feudal.

-Você tem setenta anos para conhecer sua filha, ou filho. O que o seu povo precisa só pode ser feito agora!

Não havia nada que pudesse ser feito. Com saques de batalha, pagamentos e proteção de seu vilarejo, Krauzher já tinha moedas de ouro para uma vida toda. Mesmo que não tivesse, todos na vila amam o general de aço, e devem a ele eterna gratidão, ninguém deixaria que ele passasse por problemas tão mundanos. Mas quem sabe o que aconteceria se uma ordem direta fosse desobedecida?

Já a noite, Helga ajudava Krauzher a se banhar.

-Limpe este suvaco! não quero nada de ferrugem! -Ela dizia, beliscando o marido. Krauzher era feito de aço, mas conseguia mitigar sua maldição com certo esforço. Ele mitigava o suficiente para que Helga pudesse o beliscar. Krauzher ri ao ver o esforço dela ao lhe tirar a ferrugem.

Naquele dia, Krauzher teve seu merecido descanso. E é claro que ele e Helga aproveitaram para se divertir um pouco. A vida nunca é tão pacata quando se tem alguém que está sempre na mesma página que você.

Um mês se passou como vento.

"É um privilégio tão grande vê-la crescer." Krauzher pensava sempre que via Sabine brincando. Ele é um pai coruja, e com razão. O general de aço tem alguns inimigos, então não é de se surpreender que, certa vez, um donatário chamado Ziergfriedd tentou comprar sua filhinha. Helga não quis deixar, e o homem estava prestes a usar a força. Quando Krauzher chegou, esperou apenas que saíssem da frente de sua família para que despedaçasse a todos com mãos nuas. O que era bem fácil, sendo feito de aço, o corpo humano parece uma fatia de pão.

Certo dia, Helga misturou sua urina com vinho, e isso revelou tudo que era necessário.

-Meu bem!

-Hm. -Krauzher diz, fechando o livro.

-Mais uuum!

Krauzher estava sentado. Ele a encarou por quase um minuto enquanto ela pulava de alegria, o abraçava e gritava. Até a própria Sabine começou a pular e dançar ao redor deles, gritando "mais um! Mais um! Mais um!" Krauzher encarou em silêncio, mas depois, começou a chorar. Levantou as duas com sua força extraordinária e saiu correndo pelos campos verdes do vilarejo, todos amavam ver a felicidade de Krauzher e sua família. Eles saíram rolando e dançando por toda a vila, eventualmente gerando ao redor de si uma festa. Uma festa deles. Só deles.

-Quantos livros leu desde mês passado? -Dizia Helga, deitada com Krauzher já a noite. Seus cabelos estavam bagunçados, estavam cansados de um dia que era pacato, mas certamente não imóvel. Eram iluminados somente por um pequeno lampião e a luz da lua. Sons da noite os aconchegavam.

-Acho que um. -Krauzher disse. Ainda estava incrédulo com o dia de hoje, mesmo já tendo tido uma filha, ficou tão emocionado como da primeira vez. Você nunca vai estar preparado

para ser pai ou mãe, ou para abrir uma página nova. Coisas novas sempre são assustadoras para Krauzher.

-Pois trate de ler mais! Sabine vai te cobrar. E o novo também. -Helga falou, levantando-se parcialmente da cama. -Temos dinheiro para anos lendo!

Krauzher pensou. Era tentador. Mas medo rasgava suas costas com as unhas.

-Eu te disse aquela vez... O senhor iria... -Krauzher falou. Helga o abraçou pelas costas.

-Vamos resolver isso, você sempre resolve. -E entregou-lhe um livro novo em folha nas mãos. -Tipo como você resolveu aqueles "colegas" da Sabine "brincando" com ela ela.

Lembra? Eles quiseram bater nela, e os pais só olhando. Ela me fala até hoje de como você falou. -Helga ri.

Krauzher sorriu e enrolou os dedos no cabelo de Helga.

-Eu não entendi porque aqueles desgraçados não repreenderam aqueles moleques.

Crianças precisam ter disciplina.

-Que nem soldados? -Helga questiona. -Pelo menos viraram amigos depois.

Krauzher não responde sobre os soldados, mas seu olhar entregava que via semelhança.

-Foi. Não entendo como.

-Para elas é mais simples. A vida delas é mais simples. Nós não podemos voltar a ser amigos de alguém que nos machucou, mas elas podem.

-Vamos voltar a ser crianças então. -Krauzher falou.

-Eu disse, você sempre resolve as coisas. -Helga respondeu.

-Nós.

E passaram a noite.

As últimas flores antes do inverno murcharam.

Seis meses depois.

Com o dinheiro adquirido da última batalha, Krauzher garantiu recursos pro inverno de sua família e dos mais necessitados do vilarejo. Logo, seria um inverno tranquilo. Krauzher lia, ao lado de Helga, alguns livros lançados recentemente sobre descobertas quanto a armaduras e maldições. Era bom compartilhar leitura sobre algo amaldiçoado com alguém como Helga, que não o julga ou tem preconceitos com ele ou com sua condição.

Batidas em sua porta.

-O senhor Stefan gostaria de falar com o senhor, general. -Soldados batiam continência, honrados de falar com Krauzher.

Pegou seu cavalo mais forte e seguiu, despedindo-se de Helga e Sabine, redobrando a segurança em sua casa e viajando por dois dias exaustivos até chegar a grande cidade.

-Senhor, ouvi que queria falar comigo.

-Isto mesmo Krauzher. -Ele disse, e depois mobilizou serviçais para acomodarem e alimentarem Krauzher. -Como deve perceber, o inverno está se aproximando.

-Sim senhor.

-Nem todos tem uma pele tão boa contra o frio como você, ou uma terra tão pacífica.

-Krauzher sentiu um frio na espinha. -Preciso que vá ao norte, Krauzher.

-Senhor... -Krauzher relutou com as palavras. Mas não, não pode acontecer. -A minha mulher está grávida, eu vou ficar aqui sim.

Os soldados saíram ao sinal do rei. Fecharam a grande porta.

-Eu acho que a glória está começando e infectar o seu cérebro enferrujado de aço, jovenzinho. Se eu digo que você vai ao norte, você VAI ao norte. Entendeu? Se eu quero e preciso de você lá, não é uma questão de querer. Você VAI ao norte.

Krauzher tinha o poder de agarrar o rosto dele e explodir sua cabeça, ou de perfurar seu estômago e ver suas tripas escorrerem. Mas todos sabem o que vem depois. Ele não se importava com o que aconteceria com ele, mas lembrava de casa sempre que as consequências o assombravam.

-Sim senhor. -Disse depois de um longo suspiro que falhou em lhe tirar a tristeza e dor de ter que sair de casa outra vez.

-Digo-lhe mais, nobre rapaz. É o melhor soldado da região, talvez até de mais longe. Por isso, vou confiar-lhe algo a mais.

Stefan disse, bateu palmas alto para que os serviçais e guardas do lado de fora pudessem ouvi-lo e trazer uma peça. Uma armadura completa e totalmente negra, tinha endornos de pano nobre e tingido de vermelho e dourado. Um capacete imponente cravejado de jóias preciosas e espinhos. A arte que envolvia as ombreiras e peitoral era... Diferente. Não havia sido feita no norte, ou aqui no sul. Mas também não lembrava o estilo do leste ou do oeste.

-Esta peça fora descoberta pelas províncias vizinhas e compramos por quatrocentos e cinquenta guldens! Tem noção disso?

Krauzher tinha um pressentimento estranho quando tocou as mãos próximo ao metal da peça. Algo estava chegando.

-Devo mesmo usar isso, alteza? Meu corpo já é tão resistente como qualquer aço, ainda mais se eu ampliar meu esforço nele.

-Não vou lhe obrigar ao uso contínuo. Mas insisto que experimente ao menos uma vez, vista-a antes de sair daqui e não tire até que chegue ao ponto de partida!

Arrumaram a armadura para viagem e entregaram a Krauzher e alguns homens que lhe acompanhariam.

A neve e o frio já tomavam boa parte do campo. A pele de Krauzher absorvia o frio rapidamente, mas também esquentava fácil com o calor das tochas e fogueiras de seus homens.

As colheitas pararam, e o povo se abrigava em casa. Por isso, Krauzher caminhou sozinho meio a neve após mandar seus homens esperarem. Ele havia chegado em casa.

-Helga. -Ele dizia. Seu tom de voz era o mesmo que sempre usava quando tinha algo ruim a dizer. -Eu tenho de ir ao norte. -Ele disse quando entrou em casa e a viu sentada na mesa. Sua barriga já estava bem grande.

Sabine ainda não o tinha ouvido e saiu correndo para seus braços quando ele voltou. Ele a abraça.

-Que armadura legal, pai! -Krauzher já tinha a vestido.

Helga tinha um claro olhar melancólico no rosto. A neve e o frio contribuía pra isso. E é claro que a notícia também não ajudou.

-Quando você volta, meu bem? -Ela pergunta, olhando para baixo.

-Não tenho certeza. Mas vou tentar resolver tudo rápido.

Helga se levantou em silêncio e o abraçou, incapaz de tocar muito de seu corpo graças a armadura.

A partida foi difícil, mas reuniu suprimentos e se despediu de sua casa.

Foram árduos os dias de viagem rumo a batalha. Seus homens tremiam com o frio alemão. A comida era escassa, pois os reinados não tinham tanta colheita a dispor, e graças a seu corpo de metal, e logo suco estomacal metálico, Krauzher comia muito. Os armamentos ficavam difíceis de usar. E os cavalos cansavam-se rápido, seus pés afundando e

emergindo da neve profunda. Krauzher era implacável quanto a tudo isso. Mas também parecia que esta armadura o fornecia algo a mais. Nos primeiros dias, pegou-se a dois dias inteiros sem comer ou beber água.

-Ah, senhor! Está com vergonha? -Algun de seus homens disse, estendendo-lhe sopa quentinha.

Krauzher respondeu que simplesmente não estava com fome. Mesmo assim, sentia pena de seus homens pelas condições que estavam, pois, também vieram para cá nas mesmas circunstâncias que ele. Foi até boa esta perda de apetite, já que pôde oferecer mais a seus homens.

Era chegado o dia. Após tanto viajar, seus homens tinham olheiras e passos ainda mais lentos. Mas o tempo de descansar não existia, perderam ele com o atraso dos cavalos. Por isso, tinham que lutar agora.

O exército inimigo, que disputava recursos para seu próprio povo a fim de lutar contra o inverno, era numeroso. E a colisão era muito mais próxima deles do que de Nuremberg, por isso, estavam descansados e alimentados.

Seus homens, e os de outros generais, estavam cansados, moribundos e famintos. Krauzer viu um deles comendo um rato depois de assar na fogueira. A moral tocava o chão, e Krauzher sentia-se pesado. Se não fosse por suas capacidades, o rei jamais teria comprado essa briga. Se estes homens estavam aqui, sofrendo, longe de casa, a culpa era toda dele, Você não acha?

Após poucas horas de caminhada, a frota de homens se chocou. Berravam como animais, dopados de álcool, drogas, e adrenalina. Investiam uns contra os outros em completa insanidade. Degladiavam-se com lâminas e lanças baratas. Um homem caiu com a garganta empalada. Outro teve sua boca atravessada por um martelo. Um deles foi pisoteado por um cavalo e permaneceu o resto da batalha sendo pisado pelos outros homens, com ambas as pernas quebradas. As tripas de um homem escorreram por sua armadura quando uma lâmina o serrou, como um porco sendo fatiado.

Krauzher ordenou a seus homens que atacassem e que nunca olhassem para trás, pois ou sairiam vencedores, ou mortos.

Os homens cansados e em menor número jamais teriam chance real de vitória. E eram gradativamente cercados.

Krauzher entrava no meio do front inimigo, sem nenhum aliado ou apoio. Lanças tocavam suas costas, e nada faziam. Lâminas falharam em riscar sua pele. Martelos eram um pouco mais efetivos, pois amassavam e atordoavam Krauzher, mas o primeiro que tentou usar um teve ambos os olhos furados pelos dedos de aço.

Krauzher começou a cortar, como uma tesoura numa folha de papel, o front inimigo. Entrou sozinho e partiu rasgando tropa atrás de tropa. Catapultas eram inviáveis para para-lo, atingiriam mais aliados do que inimigos já que só ele estava ali. Isso permitiu que Krauzher se aproximasse do primeiro inimigo digno.

O general Crigh ordenou que seus homens não intervissem, Krauzher instantaneamente nota a sagacidade. O bárbaro de 2 metros de altura mais parecia um urso do que um homem. Tirou do corpo a manta vermelha que revelou sua armadura pesada, e seu enorme martelo de guerra. Urrou como uma aberração.

-O general de aço! Sempre quis provar para todos que você não é tão bom assim.

-Krauzher ouviu calado. Prestava atenção somente no abraço da armadura em seu corpo. Sua visão começou a ficar avermelhada. Seus olhos lacrimejavam. Sentia um formigamento no corpo, e a adrenalina estava o consumindo.

Krauzher se esquivava da morte aparando o golpe do martelo. Com a proximidade, Crigh cospe fogo a queima roupa no rosto de Krauzher. Krauzher cai para trás, com vestes e pele pegando fogo. Começou a derreter.

Crigh se aproveita. Se aproxima e levanta o martelo acima da cabeça. Krauzher apagou as chamas, mas não havia tempo de se levantar graças a lentidão que sua maldição impusera. Com o rosto deformado pelas chamas, Krauzher ergueu os braços para se proteger, e forçou seus músculos e respiração: Algo respondeu, sua maldição se intensifica. O martelo se choca e amassa um dos braços de Krauzher, mas é partido no processo.

-Ah, seu macaco imundo! Acha que é o único general amaldiçoado do mundo? -Disse, enquanto cuspiu e incendiava o próprio sangue na direção do general de aço.

Krauzher se incendiou por completo, mas algo mudou. Não sentia dor, não tinha vontade de gritar e se jogar na lama para salvar sua pele. Sua visão se avermelhava. O homem ergueu o machado que sacou das costas, e Krauzher mantivera perfeita consciência apesar de pegar fogo.

Seremos um.

Krauzher imbuí sua essência a uma lâmina deixada por um soldado morto, ela se fortifica, tornando-se ainda mais metálica, dura e pesada. Arremessando-a, ele arranca o braço do general da chama acesa.

O general grita em agonia ao ver seu braço espirrando sangue contra a neve.

-Ferro?! -O General grita em agonia, pois o imbuir da maldição de Krauzher era um truque novo. Krauzher se levantou, com a feição nula e ainda pegando fogo. O braço arrancado do general começou a enferrujar, gangrenar e a ficar sólido e podre. Estava se tornando metal. Ele parte para um último incendiar, mas seus movimentos começam a ficar rígidos e duros. Krauzher ganha tempo, e com este tempo move o corpo do general mesmo a distância, usava o braço gangrenado como ponto de partida. Movia o braço, e a cabeça do general se virou aos próprios soldados, cuspidando fogo incessantemente.

Aproveitou a brecha, com os dedos afiados partiu o pescoço dele, segurando a coluna que se estendia por seu pescoço. Sua visão era completamente, seu corpo formigava, Krauzher sentiu o prazer de um orgasmo enquanto seu braço quebrado reconstruía ossos, carne e pusera-se de volta ao lugar. Krauzher tinha esquecido que estava pegando fogo. Ele o apaga, e sua pele queimada, arruinada e derretida para sempre pingava sangue. Helga odiaria isso. Mas logo, sua pele se reconstruía, nascendo de novo e deixando-o intacto. Mesmo que seus soldados estivessem fracos, Krauzher destruiu a moral do exército inimigo toda vez que tentavam mata-lo e não tinham sucesso. Além do mais, com o general morto, eles não sabiam a hora de recuar ou atacar.

A bandeira branca se ergueu, pois ninguém era capaz de enfrentar o Ravenã de metal.

-Eu estava dizendo, aquilo foi demais até para o senhor! -Um de seus homens exclamava na carroça, já de volta para casa. Outros homens concordavam, batendo nos ombros armadurados de Krauzher. Até mesmo ele saía ao menos amassado das batalhas, não era o caso. Estava bom como novo.

-Eu... Estive treinando...

Krauzher havia tirado a armadura, mas ainda sentia seu corpo formigar. Ele olhava para o seu braço, e se perguntava se era uma ilusão que o fez pensar que ele quebrou, pois estava melhor do que antes. Krauzher estava nos seus trinta anos, é difícil chegar a essa idade enquanto guerrea e ter um corpo intacto. Não era nem manco, e tinha todos os dedos. Sentia dores nas costas ao se levantar, se alongar ou dormir. Seus ombros doíam pelo peso das ombreiras e suas mãos eram caídas e feridas. Mas todas as feridas

havia sumido. Seu corpo estava novo como o de um jovem de 20 anos que se exercita e nunca tomou um soco na vida.

Seus homens, menos feridos do que deveriam graças a rápida vitória, pararam para festejar a vitória.

-Pelo general! -Um deles brindou, e levantou sua caneca em nome de Krauzher.

Tinham muitas damas que compraram com o dinheiro do rei. Seus homens fizeram questão de que Krauzher descansasse e aproveitasse a bela dama Esmerada.

-Aqui, General, O senhor merece!

-Não, obrigado.

A viagem seguiu do norte ao sul. Fazia um mês de sua partida e fez-se mais um para sua chegada. Recebeu o pagamento do senhor, que insistiu que ficasse com a armadura.

-É sua! Toda sua! Você é um Deus, Krauzher! O maior e melhor dos amaldiçoados!

Krauzher olhava com nojo, mas ao menos estava livre por enquanto. Geralmente o rei baixa a guarda quando há uma vitória tão escandalosa. Sentia as correntes em seus pulsos enfraquecerem.

Era comum que amaldiçoados fossem apenas as rodas de uma carroça. Ferramentas de pessoas não amaldiçoadas. Por isso, Krauzher aprendeu a ignorar as palavras daquele homem. Afinal, sua maldição lhe trazia dinheiro, glória e segurança. Certamente já teria morrido sem ela. Mas, sempre que o senhor precisasse...

Se andasse em uma rua que não conhecesse suas façanhas, ele era Krauzher, o amaldiçoado. Isso quando chamavam pelo seu nome, o que era raro. Se entrava em uma taberna, as conversas paravam. Se ia para uma festa, não era um festejador: era Krauzher, o Amaldiçoado. Sua glória se estendia somente em quem por ele era defendido, em quem usufruía de seu corpo de metal.

Finalmente, casa. O inverno se despedia lentamente, conforme o clima melhorava e os campos retomavam lentamente o verde. Quando chegou, festejaram seu nome: O general de aço voltou!

Mas Krauzher não gosta de festas.

Abriu a porta de madeira, e viu Helga. Sua barriga já estava enorme, e linda! Sabine pulou em seus braços, Helga se levantou com dificuldade, mas foi ajudada por Krauzher. Se beijaram como se nunca tivessem visto um ao outro na vida. Sabine pulava e dançava. Um pastor alemão vinha e cheirava Krauzher.

-Olha aí! -Disse ele, o cachorro latia e rosnava para proteger as mulheres, mas Krauzher o acalma e acaricia.

-Sabine não me deixava em paz até te darmos alguma coisa de boas vindas, Ele é o ferrugem!

Krauzher acariciou o cãozinho, ainda era bem pequeno. Foi comprado por Helga depois que insistiu muito para pagar. Era difícil que a mulher do general pagasse por algum serviço na vila e até em cidades próximas. Nas poucas vezes que saía de casa, todos a olhavam nas estradas. Era uma mulher elegante, e passava essa elegância no jeito que falava até mesmo com o mais humilde dos comerciantes.

Krauzher dedicou-se a se recuperar das memórias da batalha. Era sempre assim, sempre tinha que limpar sua mente depois de uma luta. Se lembrar do que realmente importa, tomar um banho de rio (mesmo que tivesse que se secar rápido para não enferrujar), ler ao lado de Helga, brincar com Sabine e com a nova adição da família. A barriga de Helga já estava grande, então não tardaria até que tivessem mais um membro na família. Krauzher sempre sonhou em ter muitos filhos, pois imaginou que alguma hora ficaria de cama pelos combates, e precisariam cuidar dele e de Helga.

Doze dias depois, Krauzher lia à luz de um lampião e ao lado de Helga, com Sabine em seu colo, acariciando-a.

A frota dos homens do norte marchava com tudo rumo ao vilarejo. Bárbaros com lanças, machados e flechas flamejantes.

Krauzher ouviu os gritos e cascos dos cavalos enquanto lia. Olhou nos olhos de Helga e se virou para alguns de seus homens.

-Levem elas para o mais longe que puderem. -Alguns deles estavam em total confusão, olhavam uns para os outros sem saber o que fazer.

-AGORA! -Eles foram, levando Helga, que chorava muito, e Sabine, que ainda estava sonolenta e olhava ao redor buscando orientação.

Krauzher correu rumo ao lado de dentro, ia partir sem nada, pois viu que não eram muitos homens. Mas viu de Helga chorando, imaginou seus inimigos pondo as mãos em Sabine. Imaginou seu lar destruído. Sua visão se envermelhece. Não pode acontecer. Suas mãos formigaram.

Krauzher vestiu a armadura.

Correu montanha a baixo e se posicionou a frente da fronteira das casas da vila. Todos gritavam enquanto fugiam "Calma, O general chegou!" Krauzher sorriu, ele vai proteger este povo. Mesmo que fossem dezenas ou centenas, suas lanças eram comuns e baratas.

Poucos tinham martelos. Mesmo que se cansasse, Krauzher pode vencer.

Os bárbaros avançam rumo ao vilarejo, e Krauzher viu alguns deles se virando e fugindo assim que o viram. Outros hesitando. Deu um passo a frente, estalou os dedos, aqueceu os músculos, e desmaiou.

Caiu de cara no chão. A armadura injetava espinhos de aço dentro de sua pele, nas costelas, pernas e braços. Estavam conectados para sempre.

Dia 17 de março de 1536: O vilarejo de Weringerode foi destruído. Seus habitantes foram mortos. A família do general de aço foi levada como reféns ao rei das terras do norte. Helga gritou pelo seu marido durante todo o processo, dizendo que ele viria buscar todos eles, e salva-las. Sabine chorava, pois não entendia o que estava acontecendo. Era quase um mantra: "O papai sempre nos salvará." Krauzher sempre resolvia todos os problemas, e tinha tempo de cuidar dos seus.

-Ele vai voltar! Me soltem! -Helga gritava, tentando se desvencilhar de dezenas de homens. Tentava alcançar Sabine, que era levada para algum outro lugar. Helga grita em terror. -Ele vai matar todos vocês! Me larguem!

Foi colocada de joelhos frente a um banco de madeira. Assim como Sabine, em outro cômodo.

Sabine e Helga foram decapitadas.

O corpo do general de aço foi incendiado, mas não queimou. Foi atacado, mas não cortou. Então, eventualmente, jogaram-no em um rio, onde enferrujaria até que se fundisse ao solo, se tornando parte da terra. Para sempre.

O Cavaleiro Negro, capítulo 2.

"Todo homem que é amaldiçoado, vai para o inferno."

Kauzher não estava preparado para a queda do sol. Sua hibernação havia chegado ao fim. Seu corpo, ainda humanóide, levantou-se banhado ao redor de um rio que não era mais o mesmo que antes fora, assim como ele.

Seus olhos abriram-se com dificuldade, o típico material grudento de um longo sono prendia suas pálpebras. Tentou focar para estabilizar sua turva e duplicada visão, que levou minutos inteiros para normalizar, tomada sempre por um estranho tom de vermelho. Este tom era presente não só como um filtro permanente nos seus olhos, mas havia algo a mais. Tudo era vermelho.

Seu corpo estava dormente, e formigava muito. Ficou minutos caído no chão, envolto de uma lama avermelhada e escura, grudenta e com um cheiro horrível que lembra o de um cadáver putrefato. Depois de certo tempo contemplando o que pensava ser a paisagem de um sonho, ou pós vida, deu conta de que estava vivo e consciente. Por isso, tentou mover seu braço, mas não antes de desenterra-lo da lama. Auzher tirou as costas marcadas, imundas e grudentas de dentro da lama que o cobria quase que por inteiro. Olhou para frente, o curso do rio o qual estava jogado já havia mudado ligeiramente, provavelmente por conta da erosão e mudanças do solo e da geografia local.

O chão era vermelho. Quando, depois de muitos estalos e dor, conseguiu mover sua cabeça para cima, percebeu: A Lua é Vermelha.

Levantou-se e caminhou sem rumo, e sem dizer uma única palavra, suas pernas tremiam e era difícil guiar para onde elas iam. Lentamente re-aprendia a caminhar.

Reconhecia a geografia da paisagem que estava, mas não havia mais nada remotamente parecido. No lugar das casas de madeira, haviam ruínas de construções absurdamente altas. Nem o rei mais pretensioso e arrogante construiria palácios tão altos. Eram cobertos de um musgo vermelho e murcho, que não era nem sólido nem líquido, semelhante a uma carne viscosa e molhada. Havia, jogadas em meio a estradas estranhas, estruturas metálicas. A única coisa que nelas reconhecia eram as rodas.

Mesmo após tanto tempo, Azher não sentia sede. Sentia a garganta seca e a barriga vazia, mas não sentia de nada disso necessidade alguma. Mas algo o disse que ir rumo ao rio seria sua melhor escolha. Humanos tendem a se conectar com a realidade quando bebem, ou jogam água no rosto, Mesmo que a água seja vermelha, talvez ao menos isso não tenha mudado.

Ajoelhou-se de frente ao rio e fez uma concha com as mãos. Olhou-se de frente após quinhentos anos.

-Olá. -A boca dele próprio se mexia.

-Oi...

-Somos um, não somos?

Silêncio...

-Eu não sou da sua espécie, sabia?

-O que está acontecendo? -Azer falou, sua voz estava rouca, trêmula e gasta. Falta de hábito.

-Você pode descansar agora. Eu assumo daqui. Obrigado por me receber.

-Onde está Helga? -Azar disse. -Porque está tudo vermelho?

-Este é um mundo novo. Você nunca parou pra pensar em um mundo onde todos são como você?

Azaz sorriu. A ideia de todos no mundo serem iguais a ele era reconfortante. Mas não pôde nutrí-la na mente por muito tempo.

-Você existirá neste mundo de novo, tenha paciência. Sabia que eu não sou da sua espécie?

-Eu sei... -Azazyel disse.

Levantou-se então. Não havia mais cerimônia. Krauzher se levantou do rio e caminhou sem rumo. Nem mesmo ele teria como saber o que habitava neste novo mundo. Mas o fascinava saber que algo tão semelhante a sua terra natal finalmente surgiria no mundo natural.

Caminhou por dias. Não há problema, até porque ele não sentia mais fome, sede, cansaço ou dor. Então poderia tranquilamente vagar pela ruína.

Relga... Sabrine... Tinha um pouco de tristeza dentro dele, só um pouco. Mesmo agora que tinha mais certeza de que não estava num delírio, e sim na realidade, não parecia ter dentro dele a melancolia que deveria ter. Derramou uma lágrima sem sentido, e a mão enferrujada da armadura a enxugou, rasgando parte da sua bochecha morta.

-Eu não preciso mais me preocupar com isso.

Um pequeno monte escala o céu de forma ingrime. Decide subir. No topo, ele vislumbra a paisagem pintada de vermelho e uma grande floresta na distância. A geografia realmente é a de sua casa. Daqui, ainda seria possível ver uma das vilas em que Ralga o levava para comprar e ler novos livros. Sabrina sempre gostava de ressaltar sua vontade de lutar em guerras, assim como seu pai... Que é Krauzher.

Desceu do monte e chegou até o ponto onde tudo despencou. Estava tudo diferente, tinham construções do que parecia ser uma civilização muito mais alta, pois as construções eram enormes. Mas ele ainda sabia que era ali, onde eles tinham desmaiado na hora da batalha. Ainda conseguia imaginar o buraco de sua queda. Algo dentro dele, como um tigre, se enraivecia. "Todos nos viram cair.", ele pensava. Mas ele também pensava que não importava mais, e tinha razão.

Era tudo extremamente silencioso. Deve se temer uma área silenciosa, pois se é o caso, alguém está se escondendo. Tudo parecia... Hostil. Talvez doente. Mas Krauzher olhava para as próprias mãos e não via diferença, estava em casa.

Chegou a uma floresta de árvores pretas com flores avermelhadas, que florescia sem timidez. Tudo parecia combinar perfeitamente com a cor da Lua vermelha. O céu parecia ser um pintor, que pintou a paisagem de cores de mesmo tom dele, assim como Deus fez com o homem. Um pequeno fruto amaldiçoado caiu de uma árvore, também amaldiçoada. Krauzher o pegou e decidiu provar. Mas isso acabou irritando o  Selvagem.

-Aãb gbpne! Fãb zvaunf! -A criatura disse.

Seu corpo retorcido, que lembrava um enorme macaco vermelho e de longos membros, membros estes que nenhum lembrava os de qualquer animal, partiu para cima de Krauzher. Com garras afiadas, acertou seu corpo. Mesmo que não tenha passado da armadura negra que o cobria, algo fora do tangível tocou e rasgou a pele de apodrecida Krauzher, que se regenerava lentamente.

-Preciso de comida. Minha regeneração está fraca. -Disse tranquilamente, enquanto fazia a criatura voar com um movimento de braço. Seus movimentos, por serem feitos de aço, eram lentos. Porém, com a técnica certa, causariam estragos sem igual. Só foi capaz de acertá-la pois enferrujou as juntas dela ao imbuir antes.

Logo após o golpe, Krauzher encarou seu novo braço, abrindo e fechando os dedos. Era coberto da armadura negra que se fundou aos seus músculos, ossos e nervos mortos, com espinhos que entravam na carne.

-Isso vai servir. -Ele fala. -Mundo conquistado.

A criatura imita desespero ao ver que Krauzher recitara os encantamentos corretos e os sinais de braço. Uma onda de aura negra se alastrou ao redor dele e tomou grande área, em formato circular, uma redoma que cobria a todos.

-sererpa! sererpa! -Gritou e rosnou 

Krauzher moveu os braços, e transformou o macaco em ferrugem. A força de sua maldição trespassando a influência da criatura, e por isso, acertando-a garantidamente, a matou. Não houve tempo suficiente para que sua regra o afetasse, mas não havia problema, não era necessário.

-Sim, está funcionando. É bom estar de volta.

Realmente, ele confirmou que estavam em algo parecido a sua terra natal. Muito inferior, mas parecido. A lua ainda não tinha dado giro algum, o que explicava a fraqueza da criatura que enfrentou quando comparada com ele. Mas algo era bom, se surgiam Kuros assim, era porque estava em casa. Assim como o homem de cabelos cinzentos o prometeu.

De todo modo, não faria o menor sentido ter chegado aqui e não ter no que por as mãos.

Precisaria de certo esforço para por aquilo em prática.

Devorou o cadáver da criatura, o que aumentou seu tamanho. Krauzher, que é seu nome, se deliciava com a carne, que ajudava em sua regeneração.

"Os Kuros da minha terra eram muito mais amedrontadores", pensou Krauzher.

Provavelmente não fazem muitos anos que esta lua surgiu. Ele ainda lembrava a forma de um animal terráqueo, então era de baixo nível. Em não muito tempo, talvez conseguisse ver as obras de arte que a Lua pode criar. E as reações deste povo ao vê-las.

Desbravou a floresta de árvores não muito densas, e foi quando encontrou, a sua frente, algo curioso.

-Que espécie mais engraçada a nossa, mesmo aqui, ainda sobrevivem. -Pensou enquanto avistava alguns homens a sua frente. Estavam no meio de uma floresta com algumas espadas e armas jogadas, com o que pareciam ser bonecos de treinamento.

-Perfeito, perfeito! Você aprendeu perfeitamente, Phim. -Disse o homem. Seus cabelos cor de ouro e olhos cor do antigo céu contrastavam com o cenário vermelho e sujo ao seu redor. Parecia que o vermelho do mundo não tocava seu corpo. Ele vestia roupas folgadas e brancas, não pareciam ser necessárias proteções ou escudos. A cor de suas roupas parecia uma afronta, já que tudo é vermelho e sujo de lama, era questionável a limpeza que estavam. Estava sem proteções, mesmo que, em seu peito, houvessem feridas ainda abertas, e em feio estado, de cortes profundos, que de alguma forma não o pareciam incomodar.

-Finalmente. -Disse um rapaz, com um sorriso orgulhoso e ganancioso no rosto. Vestia no rosto, assim como o homem loiro ao seu lado, uma máscara que parecia proteger sua respiração da névoa grossa e avermelhada que todo lugar parecia nutrir. Tinha cabelos encaracolados como uma espiral, e uma pele escura que Krauzher nunca havia visto na Alemanha.

-Saudações, amigos. -Krauzher disse. Os dois rapazes pararam o que faziam.

-Veja, Seraphim. Este é o momento de eu lhe mostrar. Um Kuro geralmente tenta enganar os humanos de formas diversas...

-Não, pessoal, sou eu! Sou Krauzher Harman Hermantraunch. Venho da Alemanha e estou um pouco confuso, o que está acontecendo aqui?

-Eu não consigo entender a aura dele... -O rapaz dizia. Não parecia passar dos dezoito anos na voz e estatura.

-Eu já percebi, Phim. -O Andarilho disse, se aproximando de Krauzher.

-Preciso de ajuda, e explicações.

-Venha conosco, homem de metal. -O Andarilho disse, virando-se de costas e colocando o garoto Seraphim próximo a ele, segurando-o pelo ombro enquanto olhava para trás antes que Krauzher, que tinha um sorriso no rosto, comesse a segui-lo. Se era algo de tamanha

complexidade o que estava em sua frente, haviam outras pessoas que poderiam examinar melhor do que ele.

Krauzher seguiu os homens, que partiram á cavalo levando-o a algum lugar meio ao céu vermelho. Mitigando sua maldição, Krauzher conseguia reduzir o quão feito de metal era, e somente assim subir no cavalo.

-Eu não conheço estas estruturas. Estamos em algum palco Daemonico? -Krauzher questiona, olhando para as altas construções de uma cidade arruinada.

-São prédios. -Respondeu Seraphim, tinha ironia, mas também confusão na voz. -Quantos anos você tem, hein?

O andarilho deu uma cotovelada no braço de Seraphim.

-Não sei, em que ano estamos?

-2032 -O andarilho falou. -Imagino que não seja do nosso tempo... Mas aí, me fala.

O Andarilho aparentava ter e falava como se tivesse uns vinte anos. Mas Krauzher conseguia ver os olhos de alguém experiente, e sabia que havia algo a mais.

-Você sabe o que vestiu, não sabe?

Krauzher fechou o sorriso que tinha no rosto. Olhou seriamente para os olhos azuis do homem, e sorriu novamente. Seus dentes eram dificilmente visíveis graças aos dentes de aço da armadura. O Andarilho parece ter entendido a mensagem.

Seraphim olhava para o Andarilho procurando uma explicação, mas via apenas o típico olhar de "conversaremos mais tarde".

Chegaram, após algumas horas, a um lugar que era coberto por uma grande muralha.

-Os Kuros não devem tocar o povo. -O andarilho dizia. -Mesmo que a lua nos jogue seus piores monstros, vamos sustentar a ordem. Sempre. -Ele dizia para Krauzher. Mas não num tom de explicação, e sim de aviso.

-Uma estrutura refinada vocês fizeram! Fico impressionado com a resiliência de nós humanos. Sobrevivem a qualquer cenário. -Krauzher falou.

Os altos e robustos portões de madeira, que pareciam ser feitos com a pele de algumas criaturas entre as tábuas de madeira, se abriram.

Entrando, Krauzher viu um lugar de feição modesta, porém bem unido. As casas, todas de tinta branca e detalhes dourados, pareciam tentar reforçar uma espécie de sobrevivência de costumes humanos. Mesmo que seja difícil manter casas desta cor limpas com toda a lama vermelha e grudenta.

Pessoas de todos os tipos povoavam este lugar, que era bem movimentado por sinal.

Alguns eram comerciantes, alguns carregavam materiais de construção. Mas principalmente, haviam pessoas que carregavam criaturas caçadas, vestiam trajes pretos e táticos, com detalhes dourados, com incontáveis bolsos e armamentos acoplados, facas, espadas, arcos, alguns poucos possuíam armas de fogo. Caçadores natos que usavam maldições, Krauzher deduz por sua visão especial.

Mesmo aqueles que carregavam as mais asquerosas criaturas e trocavam por moedas olhavam para Krauzher com estranhos olhos. Apesar de tudo, quase todos na cúpula pareciam humanos, diferente de Krauzher, que mais era uma fusão metálica em um cadáver humano apodrecido. Alguns possuíam maldições mais aparentes, como homens e mulheres azuis ou vermelhas, que por vezes tinham chifres ou partes não humanas como tentáculos, bico e cascos. Eram raros, é claro, e nenhum como Krauzher.

-Phim, pode mostrar alguma casa vazia pro nosso convidado? -O Andarilho pede. -Vou falar com Almadell e volto para falar com ele.

-Beleza. -Ele acenou. Havia muitas casas vazias na ordem. Parecia ter pouco menos do que três mil pessoas, e parecia ser frequente a vinda de refugiados, Krauzher notava.

Desceram da carroça e afundaram os pés na grossa camada de lama. Os maus olhares obviamente se intensificaram. Intervenções não foram feitas, aparentemente, porque o homem carregava ao lado de Seraphim. Que, apesar de jovem, usava um traje com mais detalhes dourados do que os outros.

-Vamo, me segue! -Disse, caminhando enquanto entrava por entre as casas.

-Tem medo de mim? -Krauzher pergunta sorrindo.

-Não. O Andarilho me explicou o que você é. Você não precisa usar máscaras do lado de fora. -Disse o rapaz, cobrindo o rosto com uma máscara negra.

Krauzher abriu ainda mais o sorriso. Ele acenava para todos que passava pela rua, e obviamente não era respondido. Chegaram na frente de uma casa com incontáveis peles de criaturas dentre as telhas e janelas. Parecia ter alguns símbolos desenhados nas paredes e um estranho cheiro de sangue.

-É aqui. Espera o Andarilho antes de fazer qualquer outra coisa. -Disse Seraphim, antes de ir embora. Krauzher olhou sorrindo para ele enquanto ele corria. Entrou.

O Andarilho sempre temia quando trazia outro alguém para dentro da cúpula da Ordem. Lidar com pessoas é sempre um problema. Você não pode controlar a vontade das pessoas. Não pode definir quais erros cometerão. Não pode evitar que as consequências dos erros delas caiam diante de outros ombros. É o dever dele cuidar disto, desde que o Professor foi morto na guerra, impedir que as pessoas se destruam. Hoje tinha sido um dia tranquilo, chegou a ter vinte minutos livres inteiros, mas ainda assim, suas costas doíam. Chegou até a torre de Almadell. Pedras soltas e rudimentarmente posicionadas. Era bem isolada das outras casas, não por localidade, mas sim porque evitavam ficar próximos a ela. Bateu na porta e ignorou a voz que ordenou que ele tirasse sua vida. E também a voz que recitava cânticos Daemonicos. Ou a voz que grunhia como se estivesse morrendo. O Andarilho nunca entendeu porque as pessoas insistem em se envolver com maldições. Suspira de pena de Almadell por "ter" que viver assim.

-Entre!

Entrou, e viu o de sempre. Apesar da aparência e atmosfera, o lar de Almadell era comum, contanto que você ignorasse os potes com órgãos, amuletos banhados em sangue, escritas talhadas na pedra dizendo coisas como "Você não está sozinho" e armas. Além disso, haviam é claro mesas, cozinha, e muitos livros. A ascensionista da Ordem tinha boas condições para viver, o Andarilho assegurava, mas não era o mais confortável trabalho. Visto que sua cozinha parecia algum tipo de escritório profano.

-Eai, Almadell. Tá de boa? -Disse e se acomodou na mesa. A moça de pele azulada e cabelos longos num tom escuro de roxo caminhava em sua direção, balançando as roupas extremamente largas e os incontáveis pingentes, colares com símbolos e jóias. Não parecia ser por vaidade, já que o restante de suas roupas era bem desarrumada, larga, escura e amassada, assim como seu cabelo.

-Oi Andarilho. É sobre o cara de armadura? -Ela disse. O Andarilho sempre tenta não se surpreender, mas as vezes se esquece dos "detalhes" que Almadell possui. Ossos do ofício.

-Sim. É melhor não deixar que ele vague por aí sem rumo. É um caso de Parasita temporal. Melhor não deixar que se alastre...

-Não, não tem como salvar ele. -Ela disse. O Andarilho se assustou de novo. Mas logo fechou a feição em aceitação. Almadell tem este truque, abaixar expectativas.

-É. Eu imaginei. -Ele fala, cobrindo o rosto com uma das mãos. -Vamos deixar ele próximo se não quisermos que a legião use ele pra estapear nossa bunda.

-O que ele quer? -Almadell questiona depois de rir.

-Bom, o "cara" quer ajudar, então deixa ele ajudar. Eu tenho bons olhos, Almadell, vai ser hora de usar eles, de novo. -Suspirou. -Mas, procure um jeito de salvá-lo. Pergunte ao esqueleto se necessário, vai que ele sabe de algo que não seja rir nas horas erradas. Almadell colocou a mão nos ombros dele.

-Vamos dar um jeito. -E olhou em seus olhos, com alguma de suas incontáveis pupilas. Ossos do ofício. -Ei, e você também ri nas horas erradas! O Andarilho ri, e se despede. Não tinha tempo para rir.

O Andarilho partiu rumo a "casa" de Krauzher.

Bateu na porta de Krauzher, conversaram, e então saiu.

-Não preciso dar ouvidos a isso. -Krauzher pensa. -Ameaças vazias. Ganharei a confiança deste povo.

Haviam alguns pré requisitos para que fosse capaz de fazer aquilo. Precisaria de dinheiro, e alguns homens que pudessem segui-lo. Também não seria possível com o Andarilho em sua cola.

O Andarilho, por sua vez, se afogava em papéis, selos, e visitantes.

-Andarilho! Meu Pedrinho não quer trabalhar nas forjas! -Era comum. O garoto começou a expelir calor, legionários o jogariam nas forjas, mas ele não pode fazer isso. Pessoas vinham de outras cúpulas na esperança de vida melhor. Era sua maior e melhor dor de cabeça. Nunca se incomodou em se sacrificar pelo seu povo, isso o tornava melhor do que os legionários, e era um contrato que ele havia assinado a muitos anos atrás. Porém o que fazer quando um jovem, amaldiçoado e que quebra tudo o que toca, não quer trabalhar nas obras, e sim como médico? Legionários o mandam para as obras, o Andarilho o ensina a reverter maldição.

-Seja forte, ****. Este povo precisa de você. -O professor diria, chamando-o pelo nome, se estivesse vivo, e se ainda fosse o líder.

-Viemos de Howenhein, somos da lua dos Homens máquina. Queremos impostos reduzidos. -Essa era sua segunda maior, mas pior dor de cabeça. Como pode um homem querer benefícios, regalias e espaço numa cultura que não é sua, só porque sua maldição é mais amena? Era isso que ele próprio havia aprendido ser errado, sempre da pior forma, é claro.

É o que todos das Luas Nobres queriam. Nem eram família de verdade, só tinham a mesma maldição e bases luxuosas.

-Não. -Ele dizia, não importava quantas luas deixava na mesa. Ninguém deve ser recompensado por algo assim. Talvez um outro povo o acharia egoísta, seu idealismo tirando qualidade e avanço, mas todos na ordem assinaram este pacto.

O que seria dos homens nobres que vem até sua mesa, se tivessem nascido com a maldição dos mil tendões, ou seja, se fossem brutos? Se suas forças avantajadas e sem controle os forçassem a trabalhar nas mineradoras e obras até que quebrassem os próprios braços por acidente? O que seria deles se fossem Transmutados? Provavelmente estariam nas ruínas comendo lixo. Se fossem vigilantes? Ninguém iria querer chegar perto deles, amedrontariam todas as pessoas que amam. Na balança da lua, ideais são como uma pena.

-Podemos fechar este contrato? Seis crianças nasceram com a maldição da aceleração temporal em nossa vila. Pense nas suas colheitas, senhor! -Outro não. Usar aceleradores? Fora de questão. O que um homem pode aproveitar da vida se seu trabalho é ficar parado em uma plantação fazendo plantas crescerem?

"Os homens nunca mudam. Só pensam em trabalho e em crescer." Andarilho pensava. E estranhava matutar este mesmo conceito em sua mente após tantas décadas. "Os homens nunca mudam."

Seraphim chegava ao lado de um rapaz loiro de sua idade com uma série de papéis. E os jogava na mesa do Andarilho. Eles olhavam com um olhar apreensivo, como se a culpa fosse deles. Não é fácil manter conforto negando tantos acordos. Contas e mais contas.

-Ahhh, que caras são essas aí? Eu resolvo! Eu sempre resolvo. -Ele dizia, e de fato, sempre resolvia. Mas quando chegava em casa, suas nove esposas já estavam dormindo. Quando queria ler um livro, tinha que ler uma proposta de acordo. Quando queria pintar, tinha que lutar.

-Ah sim, Loiro. -Seraphim disse, com certa intimidade. Entregou um último papel, como se quisesse atenção especial nele. "Admissão para o caçador inquisitor Krauzher Harman Hermantraunch." Suspirou pesadamente e saiu sem dizer mais.

-Jogamos o desgraçado em mil missões diplomáticas, assim eu quero ver ele comer Kuros.

-Disse o Andarilho, em uma de suas visitas preocupadas a Almadell. Ele andava sem para por sua sala, rindo das próprias piadas e aprovando os próprios planos. -Missões diplomáticas... Hahaha. Para aquela coisa, imagina?

-Porque não deixamos ele em outra cúpula? Isso não é problema nosso não, hein.

-Perguntou Seraphim, que estava com eles.

-A nova legião ia dar Kuros em bandeja de prata até ele virar problema meu. É o que eles adoram. -O Andarilho fala. -Difícil é achar alguém que não levante a bandeirinha também. Ruínas, Howenhein, colmeias, todo mundo gosta deles.

-Fazer o que, dá dinheiro né? -Almadell dizia enquanto lia, como sempre, algo do trabalho.

Krauzher, depois de sua admissão, estava em sua casa. Encarava com desdém os selos e palavras de conforto que tentavam conter sua maldição. A noite se passou. Como não precisava dormir, treinou.

-Não importa o que a Ordem queira. Eu comerei mais e mais. -Ele falava sem querer.

E assim fez. Durante alguns dias, o enrolaram sem que nenhuma missão fosse passada. O que o permitiu conhecer mais sobre a cúpula.

Poucos eram os homens que tinham uma primeira missão tão fácil na ordem da luz.

Krauzher era um destes poucos. Sua missão não envolvia nenhuma caçada a Kuros ou apreensão de ascensionista mau intencionados. Era meramente diplomática. O Andarilho teve que responder uma boa série de perguntas quando enviou o homem armadura para uma missão como esta. Mas disse que tinha motivos. Por sorte confiam muito nele.

-Esse aqui é o cara que vai te acompanhar! -Disse Seraphim, provavelmente a mando do Andarilho. Ele apontava para uma criatura tão bizarra quanto Krauzher. Um ser de puro osso, com dois metros de altura, e vestes em um tom escuro de azul que cobriam maioria de seu corpo. Ele tinha olhos fundos, e não se sabia que tipo de maldição poderia deixar um homem daquele jeito. Até Krauzher ficou surpreso ao vê-lo.

-Olá... Krauzher Harman Hermantraunch. Eu sou o Gabriel. -Ele dizia. Sua voz era áspera e quase impossível de entender. Bem condizente com um homem morto falando, o aparelho em seu crânio o auxiliando.

Krauzher olhou para o homem, sorriu com os dentes presos entre o aço do capacete, e apertou a mão dele.

-Acho que seremos bons amigos, Gabriel.

-Caveira, se lembre das instruções.

-Certo, tudo bem. -Ele dizia. -Devemos voltar ainda hoje, certo?

-Isso aí. O Andarilho disse que vocês só tem que convencer o homem a assinar os papéis e voltarem.

Foram até o grande portão da cúpula, guardado por inquisidores aos montes. Foi difícil convencer o velhinho do estábulo a fornecer-lhes um cavalo, dada suas aparências. Mas conseguiram ao mostrar a carta de missão do Andarilho.

Como havia conseguido se tornar um dos homens que carregaria criaturas mortas, Krauzher havia recebido um pequeno relógio de bolso feito de prata. Tinha também um pequeno broche com o rosto sorridente do Andarilho desenhado, e um botão. "Me chame com isto, se precisar." Ele aconselhou.

Estavam em seus cavalos, que pareciam ter algumas fitas de pele de criatura amarrada nas patas para que aguentassem o peso anormal dos dois. Em meio a uma vastidão vazia de lama e vermelho, Gabriel disse.

-Isso vai ser chato para caralho, senhor. -Gabriel falou. Krauzher não conseguiu discernir quantos anos tinha depois disso.

-De fato vai... -Krauzher disse. Gabriel sorriu.

Viajaram como todos na ruína. Cavalos não eram exceção a lua. Quase todos que não tinham a maldição dos Mil tendões ou da aceleração temporal eram sacrificados. É somente com estas maldições que viajar pela lama vermelha, grudenta e funda é possível em tempo viável.

Chegaram, após três horas, no vilarejo do aço.

O Cavaleiro Negro, Capítulo 3.

"Se há algo que já prendeu mais homens do que o crime, e já matou mais do que o aço, é o poder. Nunca permita que ele envolva suas correntes enferrujadas ao redor do seu corpo. Você só vai perceber o que perdeu, quando for tarde demais."

Krauzher viu a mancha de oportunidade, Gabriel viu a faísca do entretenimento.

O vilarejo do aço não possuía um grande muro de pedras como o da ordem. Tinham algumas estacas velhas de madeira protegendo as casas mal estruturadas e dispersas da vila. Poucos soldados, mal armados, faziam a contenção de eventuais criaturas que surgissem, maioria vigilantes, característicos pela aura que induzia medo e desconforto até em Krauzher. -Que maldição miserável. -Krauzher diz a Gabriel, que ri.

Ambos entraram, apesar das aparências estranhas, facilmente. Isso porque mostraram a carta de missão dada pelo Andarilho.

O vilarejo era erguido a paus e pedras. Nem todos conseguiam resistir as mazelas das próprias maldições, a escassez e aos Kuros ao mesmo tempo. Precisavam de ajuda, era óbvio.

Krauzher caminhou pelas ruas. Viu em uma das casas o vendedor de repolhos de sua vila acenando para ele. Viu Ralga... Hilga... Enfim, acenando para ele, junto da garotinha que morava com eles e o cachorro que adotaram. Sua barriga estava enorme, e partida ao meio.

Voltou a realidade. Gabriel balançou as mãos na frente do seu rosto, devolvendo sua atenção ao presente.

-Você morreu, demônio? -Ele dizia. -Você é um demoniozinho, não é? Fale a verdade.

Krauzher virou a cabeça metálica em confusão.

-Eu sei que você é um demoniozinho sujo. -Ele dizia. -Você não deseja diplomacia aqui, não é? O Andarilho quer você aqui porque tem medo de você. Demoniozinho imundo! Você é como eu. -Gabriel dizia. Krauzher sorriu.

-Chegamos. -Disse Krauzher. Levantando o rosto rumo a uma casa de pedras um pouco maior do que as outras. Era cercada de meia dúzia de guardas que tinham algumas lanças baratas.

Os homens permitiram suas entradas. Caminharam Krauzher e Gabriel pelo corredor.

Chegaram a uma sala guiados por um criado pobre e bem mau vestido.

-Olá, cavalheiros! -Disse um homem velho sentado a uma mesa de madeira gasta, e suja de sangue. Mas mudou de expressão ao ver seus visitantes. -Vocês... Vieram da ordem mesmo?

-Isso mesmo. Somos da ordem da luz. -Disseram o homem armadura e o esqueleto.

-Sentem-se... Quem sou eu para julgar a maldição do outro... -Disse o homem. Quando o sol ainda brilhava, provavelmente gritaria em terror. Até em um mundo onde maldições são comuns, maioria delas ainda causa estranheza na maioria das pessoas.

Se sentaram civilizada e educadamente. Por incrível que pareça, ambos pareciam saber exatamente como funcionava a situação atual. Krauzher quebrou a grossa camada de tensão.

-Somos os melhores da ruína com armamentos, o senhor deve notar. E vejo que precisa deles. -Krauzher disse, educadamente. Apesar da aparência, aparentemente era capaz de tornar sua voz em algo muito mais humano e sofisticado quando queria. E até mesmo se sentar como um homem se sentaria.

-Infelizmente, senhor. Os legionários não nos deixaram nenhum acelerador, então estamos comendo capim de lama vermelha pro jantar. Sem ponteiros fica difícil ter armas para estes carniçais malditos.

-Isso é grave, bom senhor. -Gabriel disse. -A ordem propõe o trabalho de alguns amaldiçoados de aço para suas armas por vinte e cinco luas diárias apenas. Prezamos sempre por quem se opõe aos legionários conosco. E melhor, estes realmente querem trabalhar com o que trabalham. -Finalizou, ironizando e dando cutuveladas no ombro de Krauzher, para que risse também.

O senhor abriu no rosto um sorriso enorme. Não era necessário mais conversa, a oferta era perfeita.

-Ou... -Krauzher disse. -Você aceita a minha oferta.

Gabriel sorriu, até ele estava surpreso. O senhor levantou uma sobrançelha.

-Ofereço-lhe os mesmos serviços que a ordem oferece, por dezessete luas diárias. Tudo que lhe peço, é que me entregue, toda vez que eu vier aqui, um Kuro de suas piores caças. O homem relutou. O trato era com a Ordem da luz, não com um indivíduo suspeito apenas. Suas colheitas não tinham planos de melhora. As dívidas com vilarejos próximos aumentavam para mais de duas mil luas. Algumas luas a mais todos os dias poderiam salvar vidas, alimentar pessoas. De outro lado... O Andarilho sempre estendeu uma mão amiga as vilas próximas, mesmo que elas não se opusessem a nova legião. Certa vez, uma vila que declarou revolta a ordem da luz e apoio a nova legião, precisou de ajuda com alimentos. O Andarilho estendeu a mão para eles sem pensar duas vezes, tirou centenas da fome e abandono.

-Eu aceito. -O velho disse. Krauzher abriu um sorriso largo.

Apertaram as mãos. Krauzher instantaneamente deu-lhes um adiantamento fiel. Foi até às lanças e armaduras de todos os homens e imbuiu sua maldição a elas. Sendo seu corpo

amaldiçoado com ser feito de aço, ao fazer isso, fortificou o aço de todas as armas, como se fossem "mais feitas de aço".

Ele informou ao senhor para negar as ofertas e perguntas da ordem da luz sempre que questionado sobre.

Recebeu o dinheiro, e um dos soldados entregou-lhe uma criatura em asquerosa em formato de mosca, a qual devorou e aumentou seu tamanho no processo. A cada criatura, a cada contrato, ficaria maior.

Estavam retornando, foi o negócio mais rápido de suas vidas. Krauzher sorria e balançava as moedas.

-O Andarilho é um bom homem. -Gabriel disse. -Mas negócios são negócios, deve ser o que você pensa.

-Era uma oferta melhor para eles. Se ele for um bom homem e quiser apenas ajudar, ele não vai se importar de poupar-lhe algumas luas, não é? -Krauzher falou.

-Eles não aceitaram. -Disse Krauzher, para Seraphim quando foi relatar. Seraphim levantou uma sombrancelha suspeita, mas não disse nada.

Krauzher lucrou e cresceu naquele dia.

Na ordem da luz, ninguém ficava para trás. A Almadell, por sua vez, trabalhava incessantemente em sua torre.

-Preciso encontrar algo... -Ela dizia. Ela normalizava bastante o hábito de falar sozinha, principalmente porque tinham sempre muitos "amigos" na torre com ela.

-**** me disse que não podemos matar de imediato, e nem jogar para longe. -Ela disse, referindo-se ao Andarilho pelo nome. Apenas ela e Seraphim tinham vida e o conhecimento do nome do Andarilho ao mesmo tempo. Ele só fala para família próxima ou traidores que vai ceifar depois.

-Você não vai conseguir, Almadell. Você nunca vai satisfazer ninguém, sua bruxa imunda.

-Alguém disse, uma voz na torre. Como sempre, tentava ignorar, bloqueando os olhos com as mãos.

-Se Seraphim for, ele faz ele crescer mais... Se matarmos, ele joga os poros... Só dá pra selar com artefatos, já que é entidade... Mas ele não pode ficar com raiva ou comer mais, ele já está muito grande... O que diabos a gente pode fazer?

Almadell sempre ficava estressada quando não cumpria o que lhe pediam. Quase quebrou a mesa e partiu alguns livros jogando-os na parede. Se ela sacrificou a amizades e o direito de andar na rua sem ser mau vista, tinha ao menos que ser boa no que faz. Nem mesmo os pactos e dias trancafiada na torre podiam acelerar o impossível. Se ela não pode ser amiga deles, tem pelo menos que ajudá-los e fazer o que querem. Certa vez, seu amigo, o Atirador, veio a sua torre.

-Almadell!

-Eai cara! Senta aí! -Essa fala dela parece ter interrompido o gesto do Atirador de levantar sua espingarda quebrada. Era apenas para conserta-la, nada mais.

Consertou, e ele foi embora. Recusou as ofertas de sentar, beber um café e jogar conversa fora. Está tudo bem, amaldiçoados nunca podem ser pessoas normais. Todos tem suas próprias obrigações.

O Andarilho chegou na torre. Já faziam bons meses que Krauzher havia chegado. Sua aceitação para serviços da Ordem era baixíssima, principalmente quando envolviam outros

Kuros ou atos violentos. Mas, de algum modo, ele seguia crescendo. Ficava cada vez maior todos os dias.

-Eai! -Raramente chegava já falando sobre trabalho. Sentou e se acomodou como se fosse sua casa. Pegou uma xícara de café e ignorou o demônio que tentou tomá-la dele.

Trocaram alguma prosa, mas eventualmente...

-Aquela coisa tá me enrolando. -Disse ele.

-Desculpa. Eu ainda não achei um jeito... -Almadell falou, culpada. -Você provavelmente daria um jeito, mas se já comeu o suficiente, ele pode voltar.

-Não Se cobre tanto, Almadell. -O Andarilho confortou. E depois de alguns segundos em silêncio... -Se cair nas mãos da Nova Legião...

Não conseguia evitar de retornar ao assunto. Quando tinha um problema, o Andarilho tinha que parar tudo o que estava fazendo e resolver.

-É... Qual o plano?

-Não tem como evitar que cresça. Ainda tem alguma coisa a ser salva lá dentro. O outro esqueleto poderia ajudar, mas perderíamos o homem e teríamos vários porinhos para lidar...

-Então...? -Muitas vezes Almadell mitigava uma frase sua, para ajudar as outras pessoas a formarem seus raciocínios.

-Vamos deixá-lo crescer. -Ele disse, com confiança. O Andarilho, apesar de meio bobão, falava com confiança mesmo dizendo um absurdo. -Eu me lembrei de algo, e você vai também.

Se despediram, e Almadell ficou sozinha na torre.

-Não dá pra selar aquela coisa... -Ponderava. -Se selamos, perdemos o homem e ainda corremos risco de destruir tudo. Também não dá pra matar, nem queimar. Se reproduziria.

-Morra, Almadell! Se entregue para Deus! -Os demônios diziam. -Você não vai conseguir. Almadell estava quase acreditando. Se não poderia cumprir esta simples função, realmente era inútil.

Arregalou os olhos quando percebeu uma possível solução. Um item que um cliente havia entregado a alguns meses. Sacou de dentro do Baú que selava a energia do item, o Olho de Chilometh. Mas não haveria como resolver aquilo sem um preço.

-Senhores. -Dizia, olhando para a parede infestada de demônios. -Eu quero mais um pacto.

Krauzher cresceu.

Eventualmente, o Andarilho parou de enviar Krauzher em missões. Mas de que importava? Ele partia sozinho em um vilarejo decadente, que temia a Nova Legião ou que sofria na mão de criaturas e maldições, e oferecia ofertas absurdamente baratas usando de suas capacidades. Nenhum porteiro conseguia impedi-lo, ainda mais quando, de alguma forma, começou a manifestar asas para voar por cima das muralhas.

Os bolsos de Krauzher começaram a encher. Ele acumulava mais e mais dinheiro e raramente gastava qualquer quantidade de luas. Ele andava pelas ruas da ordem da luz para fazer somente o necessário. Era visto como uma máquina, ninguém sabia o que ele queria fazer com o dinheiro que acumulava.

Não dormia. Por isso certa vez, no meio da noite, levantou em um de seus lapsos e se olhou no espelho do banheiro de sua "casa".

Viu seu rosto frente a frente, e retirou o capacete da armadura, rasgando parte de sua carne fundida a ele.

Viu seu rosto. Estava decrépito. Sua pele estava murcha, molhada e avermelhada. Tinha rugas, seu cabelo havia caído completamente. Seus olhos tinham derretido com o tempo enterrado. No silêncio e na quietude, quando não havia nenhuma obrigação a ser feita, os

quinhentos anos batiam com força maior. De modo que era quase capaz de raciocinar e mover seu corpo de novo.

Olhou para suas mãos. Pegou um livro da prateleira decorativa com essas mãos. Porém as garras da armadura o rasgaram e estragaram.

-Nada nunca mais vai ser igual. Não é possível recuperar o tempo perdido. -Alguém disse.

-Seja mais. Se entregue a isso e você se verá com rios vermelhos como a lua, feitos não de água ou sangue, mas de tempo perdido.

Krauzher olhava para os livros, muitos que rasgou tentando ler, pois precisava lembrar de algo. Ele tinha tanto. Tinha tudo, na verdade. Incontáveis homens morreriam para ter uma boa esposa, filhos saudáveis, dinheiro no bolso e o amor de seu vilarejo. Mas quantos homens jogariam tudo isso no lixo por aço?

Krauzher não tinha mais olhos para chorar.

Mesmo que tivesse de novo um campo verdejante para correr, não tinha ninguém para correr com ele. Até porque, ele próprio sujou o campo de ferrugem.

Estes lapsos não duravam muito tempo. No segundo em que algum prazo para um vilarejo, ou alguma viagem poderia ser feita, colocava de novo o capacete.

Depois de alguns destes lapsos, Krauzher já não tinha mais agência alguma, e perdeu a noção do tempo. Seu corpo se movia automaticamente em prol de realizar aquele objetivo, A Grande solução. Estava preso em ações robóticas que não conduzia de forma alguma. O tempo se movia contra a sua vontade, e ele tinha cada vez menos tato das coisas que aconteciam ao seu redor. Todos os seus dias eram iguais, e logo percebeu que não tinha mais controle algum sobre eles.

A cada vez, acumulava mais um contrato, mais um vilarejo que dependia do General de aço para ter armas decentes, mais um candidato para a Grande solução. Ao menos, dessa vez não tinha nada para lhe atrapalhar, como a garotinha que vivia com ele ou aquela mulher que lhe daria mais um filho...

Não conseguiu deduzir quanto tempo se passou. Dias, meses, anos... Mas estava pronto. Tinha o dinheiro necessário para a Grande solução.

O Cavaleiro Negro, Capítulo 4.

A Ordem da Luz cresceu bastante nos últimos tempos. O Andarilho criou um novo método de admitir novos inquisidores para contribuir com as questões amaldiçoadas da ordem e caçar Kuros: A Sucessão.

Krauzher se surpreendeu, pois pelo Andarilho foi chamado para ajudar no processo da sucessão. Estranho, pois durante todo este tempo, o Andarilho nunca o chamou para missões complexas ou não inteiramente diplomáticas. É claro que ele aceitou. Era sempre bom crescer um pouco mais antes da Solução.

Depois de tantas criaturas consumidas, Krauzher havia crescido absurdamente. Sua casa antiga já não lhe cabia mais, e outra (ainda contornada por peles de criaturas, talismãs e escrituras que não existiam em casas comuns) havia sido providenciada para comportar ao menos sete metros de altura.

Krauzher não caminhava muito pelas ruas em seus horários populares. Até porque, se o fizesse, não era incomum que os alarmes anti Kuro ativassem. Ele é, de longe, a presença mais bizarra da ordem da luz, que estava longe de se acostumar. E como se acostumaria?

A cada dia, lembrava menos a carcaça humana que estava no seu centro, empalada por metal e ferrugem, que crescia mais e mais.

-É uma criatura! Vai cavar sua própria cova hora ou outra. -Alguém dizia. Era de se esperar, tinha despertado muitos olhares invejosos por seu crescimento em poder e eficiência. Quem conseguiria caçar mais do que uma besta deste tamanho? Krauzher começou a abrir os olhos da ordem para o uso de criaturas, de uma forma diferente. Alguns inquisidores a moda antiga pareciam não gostar da ideia. Estavam certos. Mas como impedi-lo de caçar criaturas, se, ao fazer isso, impedia que pessoas morressem para elas?

Com a vinda da Grande solução, logo, Krauzher não precisaria se preocupar com o que meros inquisidores pensam.

As ruas da ordem eram bem mais movimentadas. Apesar das condições precárias do mundo, os seres humanos cresciam timidamente de volta a algo próximo de uma sociedade. Mesmo que forçados a conviver com a Lua. O mesmo acontecia dez vezes mais para os territórios legionários, os quais Krauzher nunca tocou ou se aprofundou. Tudo aconteceria no seu tempo.

-Eu estou ansioso para caralho, cavalheiro! -Dizia Gabriel. Se tornaram bem próximos durante todo este tempo. -Você consegue sentir isso? Diga que sim.

-Ah sim, eu estou bem ansioso. -Krauzher dizia, tinha Gabriel em seus ombros, já que agora era grande o suficiente para que isso fosse possível. E era necessário que fizessem isso enquanto voavam nas asas que Krauzher se tornou capaz de manifestar.

-Eu estive treinando muito, companheiro. Você sente isso? Esses novatinhos miseráveis vão morrer!

-Você treinou aquelas combinações amaldiçoadas que lhe falei? Nenhum ser humano sobrevive àquilo.

-Você pode apostar que sim.

Já era dia. O plano era claro. O processo da sucessão provavelmente duraria uma semana. Poderia colocar seu plano em prática após a sucessão, ainda melhor com o pagamento que provavelmente receberia. E é claro que receberia, o Andarilho não iria querer irritá-lo. Voaram até a Floresta da Sucessão.

Eu fiz algo.

Lá estava ele! O Andarilho. Estava acompanhado de pessoas importantes. Suas sete esposas, Seraphim (que havia crescido muito), e um tal de Marvyn, que organizaria o processo seletivo.

Seraphim, O Andarilho e Marvyn foram excluídos da jogada. A sucessão queria encontrar novos talentos, não aniquilá-los. Não se pode arcar com prejuízos grandes demais quando se pode morrer na floresta, seja por criaturas ou por Sucessores. Assim, apenas aqueles que almejam a causa vão entrar.

Krauzher e Gabriel se uniram atrás dos três e das esposas do Andarilho, no grupo onde os outros sucessores estavam. Uma energia estranha flutuava de um dos participantes, Krauzher olhava interessado.

Pouco a pouco, os candidatos começavam a chegar. Era nítido, o Andarilho tinha planos. Chegaram bem mais de cem, com certeza. Com um mundo decadente e maldições na porta de casa, todos querem uma oportunidade. Ociosidade é morte. Nisso, Krauzher se identificava com os candidatos.

Krauzher não deu ouvido às delongas, ou aos discursos longos do Andarilho.

-Portões abertos. Contagem de sete dias iniciada! -Ele gritou.

Quando os portões se abriram, os candidatos correram para dentro. Os sucessores deviam esperar 10 minutos até entrar, para que os candidatos tivessem chance.

No primeiro milésimo de permissão, Krauzher voou com Gabriel nos ombros até os interiores da Floresta da Sucessão.

A Sucessão começou. Enquanto voavam, já conseguiam ouvir os gritos de alguns candidatos.

-Será que já encontraram alguma moeda? -Gabriel perguntou.

-Não, a competição não acabaria tão cedo. Devem ter escondido muito bem. Queremos que isto dure, Gabriel.... Se eu achar uma das moedas, vou escondê-la dentro de mim. Aqueles que não saírem com um fragmento de moeda em uma semana, ficarão aqui até a próxima sucessão.

-Eu tenho um plano, Krauzher. -Gabriel dizia, Krauzher ouvia atentamente. -Vamos emboscá-los. Não queremos gastar nossas pernas correndo atrás de homenzinhos. Se tudo der certo, aprenderei algumas coisas importantes sobre o medo deles. -Gabriel completava, parecia ter algum objetivo doentio, ele deixava isso bem claro enquanto esfregava seu crânio.

Assim fizeram. Gabriel pegou folhas e cipós das árvores vermelhas e retorcidas e jogou ao redor de Krauzher, disfarçando-o o máximo possível. Depois disso, subiu no ombro de Krauzher e se encolheu.

A sucessão havia ficado quieta. É como na selva: se tudo está quieto, é porque as presas devem se esconder de predadores. Você sabe que está seguro em um ambiente quando estão todos livres. Krauzher e Gabriel estavam escondidos a algum tempo. Havia candidatos espertos, que utilizavam pequenas criaturas que estavam marcadas com maldições de obediência para vasculhar a área, mesmo que morressem, as criaturas continuariam por quase vinte e quatro horas. Assim, poderiam se esquivar de gente como Krauzher e Gabriel.

-O que acha destes tolos, Krauzher? -Gabriel perguntou. Falava baixo para não assustar as presas.

-Eu faria o mesmo no lugar deles. -Provocou certa reação de Gabriel. -É uma tática inteligente usar criaturas controladas para combate. São mais fortes, possuem hexomancias úteis e são baratas. -Completo.

-Ha! Me mate mas não me peça para confiar numa besta daquelas, ou em outro homem. Veja! -Gabriel apontou para um grupo distante, que viam por causa da altura e de suas visões especiais. Andavam com algumas criaturas de baixo nível com as marcas que as forçavam a obedecer.

-Se der certo, usam a força das criaturas. Se der errado, morrem. E já iriam morrer de todo modo se desse errado. Não dá pra ganhar muitos combates sozinhos, é por isso que assumem riscos, se envolvem e apostam assim. -Krauzher disse. -Estamos caçando juntos agora, o que faria se eu decidisse lhe atacar?

-Sei que não faria isso, pois seria traição atacar um sucessor aliado. Você seria executado, ou pelo menos exilado. -Gabriel disse. -O que as criaturas perdem se atacarem eles, caso consigam se livrar das marcas? No máximo morrem. E criaturas não se importam com isso, elas sempre voltam.

-Bom, nada. Mas nós dois não conseguiríamos a mesma eficiência de agora, se caçassemos sozinhos. Você deve fazer algumas apostas e se unir as vezes. Se fosse

assim, você não deveria usar sua maldição. É arriscada, prejudica sua vida, e só lhe dá algo se ralar muito. Não seria melhor se você lutasse sem usa-

Foram interrompidos por um som na distância. Perceberam a tempo de se calar graças ao jeito especial que aprenderam a enxergar. Krauzher acenou com sua enorme e metálica cabeça para Gabriel, que preparou um arco e flecha feito de ossos e uma flecha amaldiçoada, que emanava sua maldição de morte.

Um candidato grunhia no chão de lama vermelha. Sangrava muito e já estava desfalecendo. Havia sido alvejado oito vezes. Braços, fêmur e estômago sangrando. Gritava de dor e ardia em agonia.

-Oh, Gael. Não precisava ter sido tão duro com ele. O homem só queria alguma comida.

-Disse um jovem. Tinha pele branca. Cabelos curtos, pretos e lambidos para trás. Vestia, distoante de tudo sujo e fedido ao seu redor, um colete preto com uma gravata borboleta. Carregava nas mãos um violino, que, de alguma forma, usou como arma segundos atrás.

-A culpa não é minha se ele não teve educação. -Disse outro rapaz, um pouco mais novo, o qual Jin se referia. Ele recarregava dois revólveres com balas feitas de um material translúcido, que apenas ele e Jin pareciam ser capazes de ver. Sua pele misturava tons de vermelho, cinza e azul. Seus cabelos eram longos e cinzentos. Seus seis olhos, um acima do outro, pretos com pupilas da cor do ouro. Se tinha uma maldição, certamente ela lhe distanciava do humano.

-Não viemos para cá para matar, resolverei isso! -Jin disse. Se agachou na frente do homem e começou a fazer movimentos de mão desengonçados que pareciam moldar nele alguma essência que só Jin, e Gael, conseguiam ver. Com estes movimentos, as feridas do homem começavam a se fechar. Como se uma mão invisível as forçasse a se unir com os dedos.

-Você tá sendo mais cruel do que eu. -Gael disse. -Além do mais, é um desperdício de energia, muita energia.

-Bom, é melhor do que morrer. Tudo é melhor do que morrer, viver é uma maravilha! -Jin disse, terminando o processo. O homem chorava com uma tristeza artificial, em posição fetal na lama. Curar alguém, movendo a essência de seu âmago tinha consequências, afinal.

-Guarde essa força se quiser que a gente não morra esmagado. -Gael disse.

-Você se preocupa demais, nobre Gael. Se prendermos aquilo, nem precisamos das moedinhas. -Jin falou, confiante. -Além do mais, se o Andarilho nos enviou, é porque confia em nossas habilidades.

-Ou ele só está desesperado. Provavelmente a lua astral cobrou caro demais e ele teve que achar uns avulsos que vem gente morta. -Gael falou, pessimista.

-Ver almas, Gael. A-L-M-A-S. Além do mais, Seu novo brinquedinho não funcionaria com alguém que não vê almas. -Jin disse.

Gael sacou de dentro das vestes o Olho de Chilometh. Sempre que o tocava, sentia um calafrio que subia por todo seu corpo. Sentia e via coisas que não deveria ter que compreender. Chuva inversa, rios sólidos, estados de matéria que transcendem os naturais sólido, gasoso e líquido. Sentia como se algo tentasse invadir a pele de sua mão quando tocava, ação essa que só conseguia impedir por poder conter a alma que aparentava habitar o artefato, com uso de sua maldição.

Almadell havia, afinal de contas, sucedido. Mas eles ainda não.

-Não é como se algum inquisitor deste tal Andarilho pudesse fazer o que nós fazemos. -Jin disse, dando um pequeno toque no Olho de Chilometh. Brincando com o perigo. -Contanto que entre na armadura e não em alguém normal, estará tudo certo.

-E se não entrar? -Gael falou. -Precisariamos de um plano B.

-Bom, se não entrar, estamos mortos, este é o plano B. -Jin falou, dando de ombros. -Até poderíamos recuperá-lo e tentar separar os dois de novo, mas... Não sei se daria pra viver no mundo que Almadell descreveu. Vai dar tudo certo, Gael, garantidamente.

Jin falava, como um mantra.

Gael olhava para Jin enquanto ele guardava seu violino.

-Você também gosta de música? Não é só para lutar? -Gael questionou.

-Bom, sim, é claro. -Respondeu Jin. -A Lua pode decidir girar cem vezes amanhã e nos matar. Então nunca se sabe a hora certa para uma festa.

Gael invejava o otimismo. Até mesmo nas maldições, Jin usava sua capacidade de ver almas penadas de forma quase alegre. Mas Gael não via sentido nisso. São maldições. Se Gael não consegue dormir, é porque tem alguma alma penada repetindo seus gritos de morte na cabeça dele. Se está fazendo algo e esbarra em alguma coisa, é porque um fantasma decidiu passar por ele no exato instante. Maldições sempre serão maldições. Coisas ruins sempre serão ruins. Assim como esse plano bizarro de selar a criatura que vem crescendo a tanto tempo. Se desse errado, todos teriam sorte se sobrevivessem. Era ainda pior, pois não podiam chamar ajuda. Se chamassem, o olho poderia acabar infectando quem não devia. Gael não se perdoaria por algo assim. Não existe ninguém mais miserável do que quem amaldiçoa os outros.

Gael olhava para Jin, se questionava como alguém pode ser tão otimista. Até com a própria maldição. Até com a alma de uma mulher rastejando nos seus pés... Como?

-Ouve música clássica ou ouvia as coisas de antigamente? -Gael perguntou. Jin arregalou os olhos em surpresa.

-Tudo o que fizer a alma sorrir, é música. Já me cansei daquelas conversas sobre a profundidade das letras, ou sentido por trás. Se você pode dançar, dance!

-Faz sentido. -Contrastava Gael, com o falastrão.

Tinham somente que esperar. Esperar a oportunidade perfeita. Tremiam ao pensar que estava tudo em jogo.

-Vamos encontrar um lugar seguro para nos projetarmos. Então, quando acharmos ele, damos um fim. -Jin disse, começando a caminhar com Gael, que concordou.

-O que?! Pedro? Você aqui? -Gael disse durante a caminhada, ao avistar na distância seu amigo. Ele era um rapazinho de pele escura e bonitos cabelos encaracolados. Carregava um fuzil, que não parecia muito gostar ou querer usar, e um kit de primeiros socorros numa maleta branca.

-Ah, eai pessoal! -Pedro disse, se aproximando e apertando a mão de Jin e Gael. -Vocês vão virar inquisidores também?

-É o plano, querido Pedro. -Disse Jin.

-Que legal! eu tô com medo... Eu não achei uma equipe pra vir comigo... Eu não sei o que eu faria se aparecesse um Kuro ou um sucessor. Eu posso ir com vocês? -Pedro disse, timidamente. Gael e Jin sentiram a alma dentro do olho de Chilometh vibrar. Pedro estava com uma cara de cachorro abandonado.

-Ah... É que... -Jin tentava formular.

-É isso aí... -Gael disse, tentando falar algo que não fosse nem positivo nem negativo.

Pedro, infelizmente, interpretou como um sim. Não é que não gostassem dele, muito pelo contrário. Gael e ele estudaram sobre catálogos Kuroticos juntos na biblioteca da Ordem da luz. Porém, certamente era perigoso. Se o olho tocar alguém que não consiga conter a alma, o dono do olho... Gael perguntou do que se trata para Almadell, mas nem ela parecia saber.

Pedro era boa gente. Ajudou muito Gael na época mais desamparada de sua chegada até a ordem. Por isso, Gael e Jin suavam com a presença e responsabilidade de tê-lo por perto. O plano NÃO pode dar errado.

-Então... Vocês estão bem em dinheiro? -Pedro perguntou em voz tímida. Estranho, como sempre. Fazia parte da família dos Ladrões de dor. Uma maldição tão amena e simples de capitalizar, dinheiro não lhe era problema, assim como para todos das Luas Nobres. Ter tempo não amaldiçoado é sempre um privilégio. É difícil ter amizades verdadeiras tendo tanto dinheiro, e num meio tão privilegiado.

Gael e Jin estranharam. Confortaram ele.

-Você não precisa disso, cara. Estamos contigo. -Gael disse.

Pedro sorri. Estava caminhando, se apoiou em uma árvore. A caminhada na lama é sempre mais difícil, por isso cansou-se.

-O ambiente aqui é meio hostil, né pesso-

Pedro foi despadaçado. Peito voou para longe, pernas ficaram. Sangue jorrou. Gael e Jin olharam incrédulos.

Gritaram. Recuaram ainda encarando o cadáver. Flecha no ombro de Gael. Sangue começou a cair. Pele começou a apodrecer e ficar cadavérica, murcha, preta.

-O quê...!? -Gael disse. Percebeu, ao olhar para cima, que a árvore que Pedro se apoiou tinha alma. Duas almas.

Gabriel desceu do ombro do ravenã de aço enquanto ele consumia o corpo de Pedro, crescendo.

A armadura se desvencilhava dos cipós e folhas. Misturando as tripas, estômago, órgãos e ossos á boca de dentes metálicos.

Ambos estavam em silêncio, como máquinas. Como aço.

-Seus... DESGRAÇADOS!!! -Jin gritou com o fundo de sua alma. Rapieiras, lâminas pontiagudas, flutuaram para fora de seu terno, cortando o vento. Tinham almas próprias e flutuavam dançando conforme a música minuciosa e frenética que Jin tocava no violino. Gael se levantou. Seus seis olhos estavam trêmulos, assim como suas mãos. Tentava, assim como Jin, acalmar sua alma para manter-se capaz de pensar e lutar apesar do que viram.

-São eles... -Gael disse. -Não temos outra escolha.

A contenção começou.

Gabriel recarregou sua flecha, imbuiu sua maldição. Jin, tocando o instrumento, moveu as rapieiras flutuantes. Precisa livrar-se dele para tocar Krauzher.

Gabriel não pôde se esquivar, eram muitas. Jin perfurou do esqueleto o ombro e costelas.

Gabriel fez com os dedos um movimento que lembrava um curso inverso de um pêndulo, começou a curar instantaneamente suas costelas, que, apesar de não sofrer dor, acabariam atrapalhando seu combate em ausência.

Jin, estudado, reconheceu.

-Gael, cuidado com a infecção dele. -Falou. Gael sinalizou em entendimento.

Gael disparou oito vezes contra o esqueleto.

Bloqueado.

Krauzher posicionou a perna metálica a frente, espalhando lama e fazendo a floresta tremer. Gabriel usa-a de cobertura e atira mais uma flecha.

O ombro de Jin sangra quando perfurado. Sua pele começa a se tornar cadavérica e podre conforme arranca a flecha dela. Ardia em dor e seu sangue já saía podre e coagulado. Braço inutilizado, guardou o violino e as rapieiras retornaram.

Gabriel regenerou tudo. Krauzher caminhou. Moveu os dedos, tecendo o ar com sua energia. Sua maldição obedeceu, o ar se tornou metal: uma clava metálica negra, espinhosa e gigantesca materializou-se.

Chutou a lama com seu gigantesco pé. Sujou e cegou Jin e Gael. Árvores voaram com seu movimento, sendo destruídas e esmagadas pelo impacto.

-Gabriel. Agora.

Duas flechas. A perna de Gael sangrou e apodreceu. O estômago de Jin apodreceu e se contorceu. Gritaram de dor. Seus órgãos começavam a falhar com o apodrecimento.

Krauzher levanta a clava. É hora de acabar. Gael estava com o olho de Chilometh nas mãos. Krauzher centralizou o olho no artefato.

-Isso me interessa. -O atraso no seu ataque permitiu que Jin, com um braço, tocasse o violino, apoiando-o no queixo. Rapieiras surgiram de seu terno. Se agarrou a uma delas e Gael a outra. Saíram flutuando junto a elas, como bruxas em uma vassoura.

-Não podemos perder o olho, Gabriel. -Começaram a correr. Os pesados passos de Krauzher eram largos, por isso, acompanhavam o vôo baixo dos dois. Destruíam incontáveis árvores que pisotearam no caminho, como brinquedos no chão.

Pela altura das árvores, mais baixas do que Krauzher, ele não conseguia enxergá-los sem ser pela energia de suas maldições. Por isso, se esgueiraram pela vida.

Jin e Gael voavam com as espadas entre as pernas. Jin, tocando o violino com um único braço, não conseguia fazer mais nada. Estendeu o corpo e Gael começou a manusear sua alma enquanto voavam e se esquivavam das árvores. Seu corpo era alterado logo depois. Regenerando suas feridas apodrecidas e ensanguentadas com muito mais esforço do que o habitual, graças ao apodrecimento imbuído.

Gael não pôde regenerar tudo. O Olho jamais permitiria que ficasse sem energia para contê-lo. Ele vibrava. Ansiava.

Jin, após isso, fazia o mesmo com Gael. Muita energia gasta. Suas mãos tremiam. Seus olhos lacrimejavam. Seus dentes rangiam e calafrios surgiam mais e mais. Seus corações começavam a errar batidas.

-GAEL. -Jin gritou sem motivo, estava em êxtase. -PRECISAMOS PENSAR JUNTOS. OU NÃO VAMOS GANHAR.

-EU ESTOU EXAUSTO. PRECISAMOS SELAR. -Gael gritou.

-TENHO UM PLANO. -Jin repetiu o movimento de Gabriel. Um curso inverso com os dedos. Sua energia inverteu-se. Ao invés de tocar almas, almas o tocavam.

Liberou de seu terno algumas rapieiras, que voavam ao seu lado. As almas delas forneceram energia para ele e Gael.

-Desculpe, amigas. Recompensarei vocês. -Jin disse, despedindo-se de meia dúzia de rapieiras. Estava genuinamente triste, absurdamente mais por suas emoções afloradas.

Jin e Gael pararam de correr. Os inimigos acompanharam. Estavam meio a uma clareira sem árvores, apenas lama vermelha, Krauzher, Gabriel, Jin e Gael.

-Entreguem o olho. -Krauzher falou. Gabriel mirou com seu arco.

-Vocês não estão entendendo. Vocês estão na desvantagem aqui. -Jin disse, sacando o olho de Chilometh de Gael.

Gael se posicionou ao lado de Jin, e alterou a alma dele. Os braços de Jin se esticaram e partiram para cima de Krauzher, segurando o olho. Krauzher entendeu. Gabriel encarou a situação, percebeu o que aconteceria, talvez não devesse atirar. Isso não era item ou

comportamento de candidato, havia algo acontecendo. Normalmente, apenas fugiriam de um sucessor. Porque gastar tanta energia? Porque usar este olho? Havia algo aqui. Krauzher começou a voar para trás com suas asas, derrubando, no caminho, incontáveis árvores. Confirmou a suspeita de Gabriel.

Jin seguia avançando com os braços esticados, tentava aplicar o Olho. Krauzher não tentava atacar, seria arriscado. Uma abertura e algo aconteceria, conseguia sentir. Nenhum candidato tentaria algo assim, havia algo a mais nessa luta, Gabriel pensou. Mas ainda não sabia qual lado deveria tomar. Se ajuda nas possíveis ordens dos candidatos e está errado, pode se tornar um traidor ao atacar outro sucessor. Mas se ajuda Krauzher... A armadura se lembrou do que fez com aquela criatura quando acordou.

-Mundo Conquistado. -O ravenã de aço clamou.

-Se ele fizer isso... -Gabriel raciocinou, tentando ganhar o máximo de distância possível do ravenã. Se não ganhasse, estaria em apuros. Krauzher não parecia se preocupar. Uma redoma enferrujada bloqueou a rota de fuga de Gabriel. Se formava a partir de Krauzher, e prendia todos junto dele. Tentando acertar a barreira negra da redoma, Gael não teve sucesso.

As árvores, plantas, até mesmo a lama do chão começava a enferrujar. Jin, Gael e Gabriel não eram exceção.

Jin e Gael olharam uns para os outros. Jin recolheu os braços esticados de volta para o corpo. Seus ossos, músculos e tendões começavam a ficar rígidos. Suas respirações ficavam difíceis de manter e suas visões eram bloqueadas por pequenas partículas de metal criadas em suas retinas.

-Krauzher, seu idiota! Eu estou dentro da redoma! -Gabriel dizia, enquanto seus ossos criavam uma coloração amarronzada e perdiam flexibilidade. Krauzher permaneceu em silêncio. Caminhava rumo a Jin e Gael, que lutavam contra sua influência amaldiçoada. Seus passos faziam o chão tremer, e as folhas de aço das árvores caírem. Sacou sua gigantesca clava. Com a irritação, Krauzher começou a crescer mais e mais. Sua energia aumentava gradativamente. Mesmo mantendo seu mundo ativo, sua energia nunca acabaria. Enquanto gastava, crescia.

-Isso tem que acabar rápido. -Pensou Jin.

Jin tocou a alma de Gael, comunicando-se com ela. Há algo estranho.

Assim como Jin, Gael moldava sua alma para resistir a ferrugem, manter-se vivo. Mesmo que sua pele ficasse cada vez mais marrom, e seus movimentos cada vez mais rígidos.

-Gael, não! -Jin cobrou. Gael estendia o olho até sua boca, em ameaça. Gabriel arregalou os olhos.

-Não tem outro jeito, Jin. -Ele disse, aceitando.

Para Krauzher, não importava quem consumisse, se beneficiaria com a vinda do Chilometh contanto que a ele sobrevivesse. Arrancou rumo a Gael, destruiria seu corpo ali mesmo. E com isso, conseguiria o que quer.

Jin se jogou para longe. Krauzher rasgou o vento com sua enorme clava. Gael não tem intenções de se esquivar.

Três flechas atingem o aço da maça de Krauzher e seu braço. Cadaverizando e apodrecendo o aço dos ligamentos. O ataque é impedido. Gabriel segurava seu arco e flecha na distância.

-O que você está fazendo? -Krauzher disse. Pela putrefação, seu mundo conjurado enfraqueceu. A redoma caía e virava poeira conforme seu braço metálico e gigantesco caía de sua ombreira, se espalhando em pó no chão. Normalmente, o ataque não teria parado.

Gael teria virado massa embaixo de sua maçã. Mas além de Gabriel, algo o parava por dentro.

A chance perfeita. Jin e Gael haviam vencido, por enquanto. Rapieiras os resgataram e tiraram dali o quanto antes.

Vendo a fuga deles, Krauzher centrou seus olhos vermelhos e brilhantes em Gabriel.

-O que. foi. isto. -Levantou a maçã com seu braço restante.

-Tem algo de errado aqui. Você não pode mentir pra mim! -Gabriel ergueu o arco e flecha.

-Eles fugiram! Seu esqueleto miserável. Agora como eu vou pegar o Olho? -Sua voz se distorcia conforme sua raiva crescia, assim como seu corpo. Gabriel percebeu.

-E para quê você quer aquela porcaria? -Krauzher ficou em silêncio.

-E porque você não quer que a lua cresça?

...

...

...

A lama foi explodida com o ataque de maçã de Krauzher. A perna esquelética de Gabriel é partida em mil pedaços. Mas o peito de Krauzher apodrecia com seis flechas hexomânticas. A armadura recuou. O esqueleto rastejou para trás, mirando seu arco.

-Traidor! -Ambos gritaram, um para o outro. Recuando simultaneamente.

O Cavaleiro Negro, Capítulo 5.

Krauzher, pela primeira vez, estava ferido. Seu braço, caído ao chão. Seu peito, apodrecido.

-Resolverei isto. -Visualizava o olho de Chilometh, e formava na mente a imagem da Grande solução. Tudo haveria de valer a pena.

Seu corpo metálico não sofre com a dor, nunca sofreu. Se ergueu. Tinha um plano. Seu corpo metálico rangeu, reverteu e imbuíu sua maldição, desfazendo sua maçã.

Caminhou pelas árvores vermelhas. Candidatos fugiam dele só de ouvir os passos metálicos cortando o silêncio do vento e das folhas. O ravenã os ignorava.

Encontrou na distância, ao redor de uma fogueira, um grupo de sucessores fardados. Se aproximou em curtos passos, que alarmaram os sucessores.

-Vocês não sabem das novas... -Krauzher disse, imitando o jeito que já reparou que falavam e modulando sua voz para ser menos rasgada pelo aço. -Gabriel, o esqueleto, é um traidor. Todos encararam em choque, sem parecer entender. Viam o corpo de Krauzher apodrecido e com um braço a menos. Krauzher estendeu a localização das flechas cravadas em seu corpo.

-Seja mais convincente da próxima vez. Até eu consigo prender umas flechas e dizer que fui atacado. -Disse um homem de pele cor de neve e cabelos de mesma cor. Chamavam-no de Matusalém. Falava com voz calma e serena não importava o que acontecesse.

Krauzher apontou, usando sua visão especial, para a aura que imbuía as flechas.

Matusalém ponderou em silêncio junto com os outros sucessores. Em caso de traição, as regras da sucessão deixam de importar. A ordem nunca tolera traições.

-De fato... É a aura da maldição de Gabriel... -Matusalém disse. Nem ele acreditava nisso. Um inquisitor tão antigo traindo a ordem. Mas porque? Questionou Krauzher do motivo.

-Há um artefato, devem ter sentido uma aura estranha em um dos inquisidores, o Olho de Chilometh. Gabriel o quer. -Disse Krauzher.

Assim como Krauzher, os outros sucessores também sentiram esta aura suspeita nas portas da floresta da sucessão. Fazia sentido...

-Eu tentei impedi-lo de tomá-lo para si. Sem sucesso. Ele convenceu dois candidatos, os portadores do item, de que este item é possível causador de muitos bens para a ordem.

Mas é mentira. Devemos selar o item em um cadáver morto, de preferência o do traidor.

... Bom, faz sentido, mas não vamos agir precipitadamente. -Matusalém falou. Mesmo que Krauzher também não parecesse. -Precisamos discutir isso sozinhos. -Ele fala, virando-se para seus companheiros. Krauzher consentiu e se afastou.

-Ele não pode estar falando sério. -Um sucessor disse.

-Pior que pode. Aquele Gabriel, me disseram, possui a maldição do cadáver. Já viveu mais anos do que qualquer cara. Não duvido que isso tenha finalmente enlouquecido ele.

-Mas porque só agora? -Outro sucessor indagou.

-Ah... Não sei, eu não tinha ouvido falar deste Olho de Chilometh até agora... -Matusalém reforçou. Pareciam parcialmente convencidos.

-Temos que pará-lo. -Krauzher disse enquanto os homens se viravam para ele.

Apesar da aparência, ninguém sabe de nada de ruim que Krauzher já tenha feito. Suas missões e caçadas sempre são sucessos completos ou parciais.

-Vamos. -Diziam os sucessores de Krauzher, ainda desconfiados, porém, convencidos.

-Vamos questioná-lo.

Jin e Gael tentavam, com os últimos instantes de energia, alterar e reparar a ferrugem de seus corpos.

Pegaram o que restou do cadáver de Pedro. Enterraram e derramaram algumas lágrimas. Era tudo que alguém bom como ele tinha direito, infelizmente. Jin também enterrou as rapieiras que sacrificou para que pudessem sobreviver.

Não havia tempo para isso. Minutos se passaram de caminhadas no silêncio. A tensão crescia quanto a tudo que aconteceu, eventualmente, é obrigatório mudar algo.

-Mas o Andarilho disse para não envolver mais ninguém! O olho pode acabar infectando eles. -Gael falou, apreensivo. Retornando ao anterior, como sempre. Não podiam mudar o plano.

-Foi um bom blefe, Gael. Mas acho que não vamos conseguir fazer isso sozinhos. Você viu como ele cresceu? Deve estar mil vezes mais forte agora, após um único confronto! -Jin afirmou.

Gael pensa... Se vira de costas e coloca uma das mãos na cabeça. Ele não podia morrer, não antes de... -Ok, vamos tentar. -Gael cedeu.

Caminharam meio a floresta vermelha, seus pés afundando ainda mais na lama graças a seus corpos fracos e ainda enferrujados. -É inútil -Jin conclui. Gael olha para ele, vendo ele se recostar em uma das árvores e se sentar.

-O que foi?

-Vamos precisar de ajuda, mas são sucessores. -Jin fala. -Se estivermos feridos e eles decidirem nos atacar, o que é provável, a gente morre assim mesmo.

-Que idiotice... -Gael fala, Jin levanta a sobrancelha ofendido. -Ah, não você, eu não te achei tão idiota.

-Então o que foi?

-Esse negócio todo. -Gael responde. -O Andarilho vai matar os próprios candidatos assim.

-Eu também achei estranho. -Jin fala. -Ninguém é arrastado para cá, isso é fato, mas devem haver jeitos melhores de treinar pessoas quando o mundo acabou.

-Nem estamos sendo treinados, só estamos sendo perseguidos e morrendo. -Gael fala, sentando-se na lama próximo à árvore que Jin se recostou.

-Bom, não é surpresa que matar e ter pistolas em casa se tornou mais normal. -Jin fala.

-Pistolas eu não sei, a ordem só tem arcos e outras coisas do período cretáceo. -Gael ri, Jin também. -A legião deve ter mais, você que é o cara da legião aí.

Jin toma uma expressão claramente ofendida. -Quem diabos te disse isso, nobre Gael?

-Você veio de lá, não foi?

-Ora, sim. Mas não quer dizer que sou legionário.

-Quem vem da nova legião é legionário.

-Gael, Gael, -Jin diz, sorrindo e acenando a cabeça. -Nem mesmo os guardas legionários são legionários de fato. Tudo que fazem é obedecer seus homenzinhos de terno.

-Eles matam gente para os homenzinhos de terno. -Gael diz.

-Nós também, só que o Andarilho não se veste como um dos Maiores. -Jin ri.

-Rapaz... a gente mata pra não morrer, né. -Gael fala.

-Todos desde que a lua surgiu, Gael. -Jin responde. -A diferença é que os Maiores matam quem querem, não quem precisam. Você já viu os amaldiçoados daquele lugar? Aqueles caras emanam tanta tristeza que todos devem ser capazes de um Mundo Conjurado!

-Graças a lua, não. -Gael diz. -Eu já teria largado todo mundo se fosse o caso. -Gael diz, rindo, mas Jin nota que sua alma não tremeu como treme as almas de mentirosos.

-Bom, não dá para te julgar. Até porque viver é bom demais! -Jin conclui.

Jin esquenta sua alma, ajudando-o com o frio intenso cujo vento tremia as folhas vermelhas. Gael o imita, apesar de tolo, Gael o achava esperto com maldições, pelo menos.

-Gael, -Jin diz. Normalmente teria parado, mas via agitação na alma de Gael. -O que você fará se sair daqui um inquisitor?

-O que eu já fazia antes, só que com um relógio de prata. -Ele responde, Jin não parece ter acertado a fonte de sua agitação, mas ele segue ainda assim. -O "trabalho dos malucos", como todo mundo diz.

-Não tiro suas razões, -Jin ri. -Me aponte um catalogador de criaturas que a Lua não tenha endoidado.

Agora sim, a fonte da agitação de Gael havia sido atingida, mas não reduzida como Jin esperava. -Tem alguns... tem alguns...

Gabriel rasteja pelas lama imunda e vermelha. Seus ossos tremiam de raiva sempre que algum pirralho de menos de oitocentos anos lhe contrariava ou dava ordens. Era divertido vê-lo contrariar o Andarilho, mas não ele.

-Você é velho, Gabi, que nem eu. -O Andarilho disse em uma de suas conversas.

-Não somos iguais, caro Matheus -Gabriel falava. -Acertei? Acertei?

-Ha! Acertou.

-Sério? Haha!

-Claro que não. -Ele dizia, rindo e se aconchegando nas banheiras quentes que sempre adorou, ainda mais na ruína. Gabriel havia nutrido forte costume de invadir seus banhos e lhe importunar.

-Quantos anos tem, Marcos? -Ele questionou.

-Mais do que você, eu espero. -O Andarilho dizia -Seria estranho liderar alguém mais velho.

-Certamente, certamente.

-Mas você parece estar acostumado. -O Andarilho falou. Gabriel lembra-se de que levantaria uma sobrançelha se tivesse.

-Já servi muitos homens, Martins. -Gabriel falava, olhando a reação do Andarilho. -Mas eram todos tolos, pelo menos eu conseguia ler isso neles. Minha raiva com você é não conseguir dizer o mesmo.

-Ha! você se acostuma, Gabi. -Ele dizia. -Minhas esposas também reclamam dos meus mistérios.

-Então devemos estar casados, -Gabriel fala. -Porque você ainda não parou de fugir da minha pergunta! Porcaria! Me fale de suas feridas, Miguel!

-Eu já falei, esqueleto burro! -O Andarilho ria, um ajudante o trazia café enquanto aproveitava as águas quentes. Gabriel levava na brincadeira, já era sua sexta visita, ele podia jurar que o Andarilho gostava de ser importunado. -Foi o antigo dono da espada do Seraphim!

-E quem ele era, Mathias? -Gabriel questionava, sacando um caderno para anotar.

-Não se assuste com o que vou te dizer. -O Andarilho falava, criando uma expressão séria.

-Foi o seu pai!

Os dois riram.

Gabriel, ria ainda agora, mesmo que estivesse rastejando na lama tentando se regenerar. Sua mente ainda dançando com a forma tola com a qual o pirralho de armadura chamava seus jogos. “Traição”, ele ria de novo. Gabriel ria do Andarilho, pois mesmo com a idade que ele supôs que tinha, mantinha a mesma chama dos jovens. A mesma chama que Gabriel tinha. -Os mais jovens sempre são mais determinados. É uma pena que eles não aproveitam. -Gabriel pensa, com uma expressão de rancor, não quanto ao Andarilho. Depois de perdê-la, ele viu na floresta o exemplo de sua indagação.

Descansando e comendo, Jin e Gael recuperaram as energias em algumas horas. Não eram só seus ossos e músculos que rangiam em dor. Jin tentava amplificar ou mitigar, mas sua mente falha em aumentar ou diminuir suas emoções, como se estivesse alargada após uso. Estava cansado. O tremer de mãos, o suor e a euforia ainda dificultava sua Hexomância.

Seguiram caminhando, não se pode dar mais tempo.

Avistaram na distância um grupo de almas. Jin olha para Gael, reconhecendo-as do discurso do Andarilho. Gael prepara o olho e as pistolas.

Se aproximaram de um grupo de sucessores. Instantaneamente, eles se levantaram, sacaram armas e partiram para cumprir seus deveres.

-Opa! -Jin disse, levantando o Olho. -Não vão querer chegar perto disto. O Andarilho não gostaria.

Eles seguiram avançando por alguns segundos, mas viram que Jin não tinha intenção de correr ou de se defender, e que tinha uma expressão séria no rosto.

-Há um traidor entre nós. -Jin falou firmemente. -Fomos trazidos pelo Andarilho. É Krauzher, da armadura.

Os sucessores se encararam.

-Papo furado. -Disse um sucessor, que partiu para cima dos dois com duas lâminas amaldiçoadas. Jin e Gael estremecem. O Olho vibra. Gael e Jin tentam conter. O homem se aproxima. Vai atacar.

-O que eles dizem é verdade. -Outro sucessor disse. Era Gabriel. Se esgueirava, rastejando com uma só perna por entre as matas e folhas vermelhas, surgindo das sombras. O sucessor parou o ataque.

-Krauzher me atacou com um Mundo Conjurado e tentou me matar. Ele quer o artefato que está nas mãos destes candidatos. -Gabriel falou. -O Olho de Chilometh.

-Você não me convence, esqueleto. Subitamente ele decidiu trair a ordem no meio da sucessão? Com todos nós aqui? -Um sucessor indaga.

-Bom ponto, parcialmente, mas o Olho de Chilometh não estava em jogo. Ele o quer, por algum motivo.

O Olho vibra. Sua forma se distorcendo em busca de engolir algo.

Os sucessores ponderam. Fazia sentido. Gabriel tinha ferrugem em seu corpo, e a aura da maldição certamente remetia a Krauzher, observavam com suas visões especiais, que permitiam ver os rastros da energia natural e inatural como rastros de cores manchadas em tudo.

-Temos que caçá-lo. E usar o Olho para... -Gabriel não sabia.

-Selar ele. -Gael completou.

Os Sucessores pensam, um pouco mais convencidos. Olhavam uns para os outros, valia a pena checar.

Krauzher, depois de mandar que os sucessores procurassem por Gabriel, ajoelhou-se frente a um rio vermelho.

O primeiro dia da sucessão já havia passado. Cerca de quinze candidatos já haviam morrido. Seus corpos, se sobram, cremados e enviados para suas famílias. Apesar de tristes, sabiam que era uma possibilidade. Muitos, mortos nas mãos do ravenã de aço e outros sucessores.

Era comum andar pela floresta vermelha e encontrar cadáveres. Criaturas mortas. Coisas estranhas começavam a se manifestar com o derramamento de sangue que ocorria aqui. As árvores pareciam sussurrar alguma canção, um assobio de vento mais elaborado do que deveria. Folhas dançavam em estranhos padrões.

A Lua Vermelha ansiava por girar.

Sucessores geralmente pegam leve nos primeiros dias, raramente matam algum candidato. Mas haviam alguns que não davam tanta importância a regra...

-Não acabará aqui. -Dizia, imbuindo sua maldição no ar ao redor de sua ombreira, criando metal e reconstruindo seu braço que faltava.

-Não. Calado. -Krauzher dizia, obstruindo seu reflexo no rio com a altura da voz.

Krauzher pegou nas mãos um peixe amaldiçoado pela lua, ele se debatia em cima de sua mão metálica e podre, minúsculo.

-A solução acontecerá. -Ele fala para o peixe. -Deveria saber o que queria.

-Agora que temos toda àquela gente... Não venha me convencer de que você é a vítima aqui.

Juntava forças para esmagar o peixe indefeso em suas mãos.

-O que?! Não... eu não morrerei. Muito pelo contrário... -Krauzher ia terminar, mas foi interrompido.

-Achamos eles. -Um sucessor dizia ao longe.

-Perfeito. Krauzher disse. Jogou no rio o peixe que tinha pego.

Durante a noite, Krauzher voou acima das árvores e despejou parte de sua ferrugem rumo as barracas de seus sucessores. Suspirou e olhou para a lua em tranquilidade. Eles sempre vestem.

No dia anterior. Gabriel reverteu sua aura. Lentamente regenerando seus ossos partidos. Rastejava com Jin, Gael e Sucessores.

Foram, inicialmente, ao ponto oposto de onde suporam que Krauzher estaria. Armaram acampamento, precisavam estar em completa energia para que aquilo desse certo.

Os Sucessores pareciam abalados. Um dia trabalhando na sucessão era suficiente para fazer um bom homem achar de si um monstro. Ferir ou Matar candidatos... Não é fácil. Muitos tinham olheiras. Muitos conheciam os candidatos. Poucos conseguiam dormir por muito tempo. Seus músculos doíam. Suas cabeças doíam ainda mais ao pensar na possibilidade de que a família de alguma vítima descobrisse.

Mas o que fazer? O Andarilho leva a sério a política de que inquisidores não podem ser fracos. Além do mais, ninguém está aqui por obrigação. "Inquisidores resolvem problemas." Ele disse. Era assim, também, antes da queda do Sol.

Muitos ainda tinham suas dúvidas. Jin e Gael também tinham. O plano é incerto, e no momento, estavam atuando fora dele.

Armaram uma fogueira. Acenderam-na com uma espécie de fogo negro que um dos sucessores possuía. De forma que não fizessem fumaça.

O esqueleto, o atirador e o músico sentaram-se ao redor da fogueira.

-Eai... Você... Perdeu a perna né. -Gael tentava, sem sucesso, puxar assunto.

-Este moleque está de sacanagem, vocês me sentem? -Gabriel falava. Gargalhando junto com outros sucessores. Gael recua de volta.

-Acho que eu deveria tocar algo. O pessoal não parece com a melhor moral por aqui. -Jin disse. Sacando seu violino.

-Ah, um homem da música. -Gabriel falou. -Todo lugar fica mais feliz com um por perto, não é pessoal? -Não sentiram ele desta vez.

Jin se levantou.

-Cavalheiros, acho que se formos morrer neste plano, deveríamos aproveitar antes. Digam a música que vamos ouvir quando sairmos daqui enquanto tomamos uma quentinha!

-Bebidas geladas na ruína fria não eram populares.

Um dos amaldiçoados, cujos passos, batidas do coração e voz parecia bem mais altos do que o normal, se posicionou ao redor do grupo, movendo as mãos de forma que Jin só sacou seu violino quando ele finalizou seja lá o que tenha feito.

-Aquele que fala de um bandolim e um homem com saudade! -Gritou um sucessor que se embriagava para que sua mente sobrevivesse. -Eh... Esqueci o nome... Meu pai a adora! Jin sentiu ele. Apontou para ele com a face de alguém que ouviu ouro sair da boca de um homem.

Começou a tocar. Se fossem morrer, que fosse achando que não iam.

Os sucessores forçavam-se a se animar com a música. Muitos sofriam do efeito de ouvir músicas tristes e ficarem mais felizes. Jin se alegrava ao ver as emoções de suas almas se tornarem menos azuis.

Os sucessores dançavam entre si, ou só jogavam e bebiam em silêncio, aproveitando a melodia que cortava o silêncio da floresta vermelha, mas que não parecia ultrapassar o grupo, floresta esta que normalmente só seria interrompida com gritos e dor.

Deu uma alma para que seu violino tocasse sozinho. Precisava descansar um pouco. Os homens aproveitavam a música.

-Isso é perda de tempo. -Gael disse. -E de energia.

-Talvez você esteja vendo isso com pouco olho, Gael. -Jin alertou, apontando para os outros quatro olhos de Gael, que estavam fechados no momento. -Precisamos destes homens com as mentes limpas. Um Hexomante estressado é...

-Um Hexomante morto, eu sei. -Gael fala. -Ainda assim, se a armadura nos achar, dançamos no inferno.

-Se ela já tiver se curado de tudo aquilo, então ela merece nos matar! -Jin falou. -Você está parecendo os legionários, Gael.

-O que?! -Gael, claramente ofendido.

-Está ignorando demais a cabeça de nossos colegas assassinos. É a coisa mais importante em um conflito. -Jin fala, provocando uma reação de seu colega olheiro.

-Devo concordar com o rapaz. Estes homens que só vêem a matemática na vida são melhores mortos, Garoto. -Gabriel falou. -Existe muito mais..

Gabriel falava, com os olhos ambiciosos. Olhava para a lua enquanto dizia isso. Seus dedos se movendo como se pudesse tocá-la.

-Contanto que eles não nos traiam no último momento... Querendo ou não, a armadura também é um sucessor. E isso sim seria algo bem legionário a acontecer. -Falava Gael.

-Isso... É uma possibilidade. -Gabriel concordou. -Todos podem nos trair. A qualquer momento. Não temos braços para isto. Talvez... -Pensou, recordando algo. -Devêssemos arriscar desta vez. Vocês sentem isso?

Jin e Gael concordaram, lendo emoções de cores misturadas na alma do esqueleto, talvez vivendo demais ele tivesse desenvolvido sentimentos que eles ainda não conheciam.

-Então, de que cúpula você veio? -Gael pergunta. -O que sua maldição pode fazer para os porquinhos e para os Maiores?

-Ora, -Gabriel falou. -Nada. Jamais permitiria que me dissessem o que fazer por minha maldição. Faço o que quero, **sempre**, vocês jovens tem que aprender isto.

-É bom questionar. -Jin concordou. -Sempre se aproveitam de quem é submisso demais. Eu adoraria de ver alguém de mil tendões trabalhando fora das grutas.

-Ora, vocês são olheiros, e o Andarilho os mandou para selar. -Gabriel provoca. -Isto é realmente tão diferente assim?

Jin pensa. -Também não sejamos irrealistas, morrer é bem pior do que fazer um trabalho amaldiçoado.

Gael brincava com uma moeda por dentre os dedos enquanto os dois conversavam.

Os sucessores dormiram com a mente mais amena. Jin e Gael, nem tanto. Suas feridas, que tiveram que curar com hexomancia, ainda afluíam suas emoções. Cada grilo vermelho que cantava os acordava por minutos em seguida. E nesta clareira aberta, cada lufada de vento gelado os atingia como se atravessasse-lhes a pele.

A lua brilha em vermelho.

Matusalém não gosta de caçar. Mas fazer o que, não é permitido que os sucessores levem comida de casa.

-Que regra besta. -Matusalém pensa, enquanto apontava um arco banhado em um estranho líquido que retirou de um frasco. O javali sumia de sua mira, desaparecendo meio ao ar e se materializando. Ele o encontra novamente atrás de uma árvore graças a sua visão especial. Revertendo sua maldição, era quase impossível reverter a corda. Coitado do animal.

Matusalém caminha em contorno da árvore, se movendo até que pudesse ver o animal de novo. Mira certa.

-Coitado... -Matusalém pensa. Era impossível soltar a corda com sua maldição reversa. Seus dedos já tremiam por estar em mira a tanto tempo. Havia de ser feito. Cessa a reversão por um segundo. A flecha atinge o animal.

Com a reversão de volta, Matusalém se entristecia gravemente. Mas seria maldade tê-lo matado só por matar, então ele agarra o javali nos ombros. Sacando a força para isso ao relaxar parte da mitigação de sua outra maldição.

Afundava os pés na lama de volta ao acampamento, carregando o animal pesado com ambos os braços.

Sua visão enxerga a aura preocupada e amedrontada de três candidatos.

-Porque diabos, Andarilho? -Ele se questiona. Ele pensa em largar a fera morta e sacar o arco. Lembrava do rosto do Andarilho quando deu a ordem.

-Se tiverem a chance, matem todos que não tiverem potencial. -Ele nunca havia falado daquela forma. As feridas dele tinham uma aura branca maior do que a de hoje, pareciam doer mais.

Matusalém amplifica sua reversão até que fosse impossível partir rumo aos candidatos.

-É culpa da minha maldição... -Ele pensa, antecipando uma explicação hipotética para o Andarilho bravo daquela época.

Ele ignora os candidatos e retorna ao acampamento. Apertando mais forte a perna do javali, recusando-se a olhar para trás.

Seraphim se deitava na cama a qual ele próprio congelava. As cores que manchavam o teto que ele encarava não o deixariam em paz até que se levantasse. Um símbolo de submissão, era o que achava de acordar e engolir aquelas ervas, só assim as cores se tornavam mais amenas. Como sempre, acordar, mitigar, treinar. É o seu dever. Era uma pena que ele não entendia isso quando mais novo.

Seraphim, Andarilho e Almadell caminhavam pela densa mata de carne. Tempos mais simples, O Andarilho já tinha suas feridas, mas eram frescas, assim como a nova construção da ordem e algumas das maldições de Seraphim. Assim como Almadell, ainda era baixinho e ainda não tinha uma farda apropriada da ordem. Onde estavam, até mesmo as árvores retorcidas e vermelhas seriam mais agradáveis do que os dentes, olhos, garras, tripas que se alongavam em formas enormes, tentando (sem sucesso) simular a aparência de árvores.

-Eu não acho que seja prudente a gente estar aqui... -Almadell dizia, encolhendo-se.

-Ih, tu é mocinha é? -Seraphim provoca. Era corriqueiro que o fizesse para tentar arrancar dela alguma coragem.

-Parou, Phim. -O Andarilho diz, com a lâmina sacada e olhando ao redor. -Está perto.

Seraphim saca duas de suas várias espadas e amplifica suas várias maldições, criando uma onda de frio que incomodava os outros dois, e outros efeitos ainda não perceptíveis. Almadell levanta os punhos e começa a sussurrar barganhas e negociações.

-Aí, Dell, -Seraphim, que era mais jovem e mais pilantra, sussurra. -Se ele aparecer, você vai chorar muito ou pouco?

-Cala a boca! -Ela diz, reclamando da interrupção em sua negociação. O tremor em sua voz e mãos ainda a dificultava em falar e oferecer preços para seus demônios. Normalmente, é

mais do interesse deles atormentar Almadell e mandá-la se matar para que fossem livres de novo.

-Calados os dois, -O Andarilho fala, ativando sua visão diferente e olhando ao redor.

Lá estava. Era vermelho. Não tinha braços ou pernas, mas se sustentava no ar por meio de alguma força. Apenas um torso e cabeça flutuantes. A única semelhança com este mundo vinha de seu baixo tipo, mas o Andarilho não baixa a guarda. 𐄂 avançava, e com o girar de seu "corpo" a lama e árvores viscerais dançavam, movendo-se e distorcendo-se.

Subitamente, os três estavam distantes uns dos outros, mesmo que ainda pudessem se ver um ao lado do outro. Seus passos não os aproximavam, e eles não podiam ver um ao outro se movendo ou agindo.

-Merda... Merda... -Almadell diz, se encolhendo meio ao Mundo distorcido e distante de tudo. Ao dar passos, não saía do lugar.

A criatura estava colada em seu rosto. Tentáculos surgiam do chão e agarravam dela pés e mãos. Almadell saca a força que comprou de seus demônios, mas não consegue se mover. Estava paralisada. A criatura cria meio ao torso dentes afiados que se rasgam para fora. Partem rumo ao pescoço.

Almadell se solta dos tentáculos, mas a criatura estava com os dentes envolta de sua cabeça. Era o...

Ela vira poeira. Assim como a distorção que parecia, mas não parece mais, existir.

Lentamente devolvendo tudo ao seu lugar. Seraphim estava ao lado dela com a mão na garganta, parecia ter gritado algo, e a criatura obedecido.

-Da próxima vez... Eu te deixo morrer, hein! -O garoto dizia, cuspidando sangue que se acumulou na boca.

-Não deixa não. -O Andarilho falava, jogando para longe a cabeça da criatura. -Ou você quer que Almadell pare de amaldiçoar suas espadas, já que você não consegue?

Ambos abaixam as cabeças. Seraphim embainha as espadas e Almadell se limpa, com nojo, do sangue ácido e viscoso de 𐄂.

-Ajeitem essas caras, vocês dois! -O Andarilho falava, rindo ao se lembrar de uma ocasião parecida no próprio passado. -Vocês fizeram bem.

-Vocês fizeram bem. -Almadell fala, se encolhendo.

-Nenhum é de se jogar no lixo. -O Andarilho fala. -Na verdade, eu jogaria cada um em um lixo diferente. -Os três riem.

Naquele dia, depois que chegaram até a ordem, Almadell estava de volta em sua torre.

-Nem com a nossa força, Almadell? -Uma voz dizia, uma de suas várias pupilas tremeu. -Eu adoro ser pago para não fazer nada! -A criatura ria.

-Eu vou conseguir da próxima vez.

-Você é só uma mocinha, uma mocinha que, como todas as outras, não consegue lutar!

-Que exótico! -Outro demônio dizia. -Uma mulher que não consegue lutar!

Almadell ouvia as dezenas de risadas em sua mente. Não é que ela não conseguia. Ela era excelente em negociar com os vermes em sua mente, conseguia poder alto com baixo custo quase sempre. O Andarilho já elogiou seu potencial incontáveis vezes, mas ainda assim... Ela odiava aquilo. Ela viveria tão pouco, cada vez menos já que sua vida era uma das principais moedas de troca. Porque a gastaria com algo banal?

Ela era capaz, mas alto em sua mente dizia que não era aquilo que ela deveria fazer. Talvez o reforço dos demônios sobre sua incapacidade estivesse fazendo efeito, talvez ela só fosse inútil mesmo.

Mesmo comprando vôo, força, Hexomancia e até inteligência, ela dificilmente era capaz de usar.

Batidas na sua porta.

Seraphim entra. Ele parecia ter uma cara abatida.

-Desculpa ter enchido seu saco na caça. Eu não sei fazer muitas coisas que tu sabe. Eu ainda tô aprendendo.

Seu tom de voz indicava que falava algo que decorou, e que estava ali contra sua vontade. Mas Almadell conseguia ver um tom, muito sutil e minúsculo, mas havia um tom de sinceridade.

Seraphim fecha a porta e sai. Almadell sorri.

Hoje em dia, ela vê a evolução de Seraphim, a vinda de suas outras maldições contribuiu para isso. Ela deveria ver logo uma evolução si mesma. Fazer algo que ela realmente queira e seja útil, já que não quer gastar sua pouca vida lutando sem sentido. Caso contrário, eles voltariam a falar. Falar muito.

Almadell lembrava, também acordando. Não tinha o privilégio de encarar o teto pedregoso de seu quarto em paz. Assim que acordava, os demônios conseguiam falar outra vez. Era obrigada a se levantar.

Mitigando, suas vozes ficavam um pouco mais baixas, mas seu saldo também. Ela olha para a ordem pela janela de sua torre de pedras. Isolada da maioria das casas, era difícil ver o povo através da névoa. Em época de sucessão, era ainda mais solitário. Menos clientes, menos pessoas para ajudar.

Ela se senta em sua mesa de livros, tripas, amuletos e outros produtos Hexomantes, esperando algo que pudesse fazer pelos outros, pela ordem. Sua inquietação se dá início quando os demônios deixam claro como ela é inútil, como ela é sem noção por achar que pode se dar um dia de folga.

Ela olha na distância, a flauta que Seraphim lhe deu. Ele havia melhorado muito, mas ela... Mitigou ainda mais, e com uma coragem súbita, sacou a flauta e suas empoeiradas partituras. Era hora de praticar.

-Para que você está fazendo isso, Almadell? -Ela ouve, mas persiste.

Ela começa a tocar. Levava jeito para a coisa. Uma melodia lenta, doce e com gosto de manhã era entoada. Ela estava aproveitando, balançando o corpo no ritmo da música enquanto tocava.

Ela se assusta e erra várias notas. Um dos mais atormentados gritou. É claro que ela não conseguiria. Almadell joga a flauta no canto do chão da sala, sempre que fazia isso demorava muito para que a pegasse de novo.

-O que eu estava pensando... -Ela se senta no sofá e decide retornar a sua não frutífera espera por alguém para ajudar, algo produtivo a se fazer. Mas agora, sentia-se traindo Seraphim ao ter abandonado seu presente. Almadell dá duas batidas na cabeça.

-Porque eu nunca estou satisfeita?!

Os demônios riam.

Tocar flauta, o que exatamente aquilo a daria? Inútil. Ela veste sua máscara e decide respirar fora dos confinamentos claustrofóbicos. Mas até mesmo a luz vermelha da lua era algo que tinha que conquistar, pois os demônios... Eles não paravam de gritar.

Seraphim caminhou pelas ruas da ordem da luz. Era comum, em época de sucessão, todo inquisitor era olhado com péssimos olhos. Ainda mais alguém com uma aura tão pesada. Amaldiçoados vendo amaldiçoados com maus olhos.

Até mesmo os passarinhos afetados pela lua saíam dos bancos que ele se sentava. Os bares mais alegres e leves, mesmo com o clima incomum da ruína, esfriavam e morriam na presença de Seraphim. Poucos se lembravam seu nome antigo, antes do professor rebatizá-lo. Foi próximo ao dia onde tudo começou, quando o Sol Caiu.

O Sol ter caído do céu foi o maior indicativo de que a humanidade estava sozinha. Sem Deus, as maldições reinam. E todo homem amaldiçoado vai para o inferno.

Um garoto que, no dia em que o sol caiu, surge no meio do nada, com a pele e nome de um antigo inquisitor de anos atrás e sem memória alguma? Não há como alguém assim ser bom. Não há como alguém amaldiçoado ser bom, diziam os amaldiçoados.

Seraphim vestia essa máscara todos os dias, por cima de sua usual máscara negra que combate a névoa vermelha da ruína. Seus cabelos longos cor de tronco eram ocultados pela maior e mais dourada das capas da Ordem, a capa do General.

Lavava seu rosto na pia pública. Em época de sucessão, sempre repetia mentalmente. "É o necessário." Não foi o suficiente. Precisa ouvir isto.

O Andarilho treinava junto de algumas de suas esposas. Mesmo com feridas expostas e sangue escorrendo, que Seraphim sabia o que eram e porque nunca se fechavam, ele treinava vigorosamente.

As mulheres foram embora quando viram Seraphim. Deixando apenas o Andarilho.

Seraphim chamou-o pelo nome. -Então. Eai? -Parecia ter uma espécie de cuidado estranho no jeito em que falava. Como se qualquer coisa que dissesse, qualquer movimento que fizesse, pudesse ocasionar um desastre.

-Eai, Phim. -O Andarilho dizia. Parecia ser um dos únicos na ordem que não era afetado pela aura de negatividade e frio que Seraphim trazia. Qualquer espinha sentia calafrios e qualquer ambiente ficava mórbido com sua chegada. Mas não o Andarilho.

-Tem motivo, não tem? -Questionou.

-Sim. Os garotos que Almadell encontrou conseguem usar o olho.

-A sucessão, ****. -A fala de Seraphim parecia provocar a verdade no Andarilho, de alguma forma.

-Sim, óbvio. Sempre teve. -O Andarilho disse. -Mas... se o que eu te disse acontecer. Faça aquilo.

-Candidatos ou sucessores? -Perguntou Seraphim. Queria saber muito mais do que o que perguntou.

-Todos. Quando a Sucessão acaba, "eles" viram "nós" de novo. E se aquela coisa aparecer... rapaz! -O Andarilho para por alguns instantes. -Eu prefiro virar legionário do que ver o fim.

-Aí também não. -Seraphim ri. -E se ele não conseguir? Mato?

-Deve matá-lo. -O Andarilho falou de forma seca. Silêncio de alguns segundos ressoou enquanto estavam no topo da colina vermelha a qual o Andarilho treinava. -Mas você sabe, não sabe? Existe...

-Luz na pior escuridão, eu sei. -Seraphim completava. O Andarilho ria, pois sabia que aquela frase o irritava, e que já tinha ouvido muitas vezes. E sido o alvo dela também.

-Se ele não merecer, eu sumo. -Falou, serrando os punhos.

-O professor também pediria o que lhe pedi, Phim.

Quando percebeu, Seraphim havia desaparecido. O Andarilho suspira, mais em entendimento do que frustração. -Não peguem tão pesado com o garoto, vocês só tem uma. -Ele fala, convidando de volta suas esposas que estavam na distância. Seraphim era diagnosticado com sete maldições.

Apesar disso, ele tinha um dever. Se algo der errado, resolva. É o que todo homem que tem o direito de viver deve fazer: Lutar. Lutar por algo.

Ele encarava uma aranha vermelha engolindo uma abelha amaldiçoada, como poderia ele, de todas as pessoas, ser a aranha?

Ele ouviu o que O Andarilho disse.

-Baboseira. -Pensou, lembrando das feridas do Andarilho, dos olhos arruinados do professor. -Ele não tem nada disso.

Afiava uma de suas seis espadas, que carregava nas costas e cintura. Enxugou o rosto no banheiro. O Espelho se congelou com o frio que emitia seu corpo, sua mitigação falhava de pensar naquilo. Quando xingou em resposta, parte da parede se rachou. Quando se viu no reflexo, viu as cores que manchavam sua alma e se assustou. Quase sacando sua lâmina em alarme. Nem isso...

-Ele não tem mais do que eu.. -Era a única conclusão lógica. -Se estamos assim, é ele.

Falava, mentalizando a armadura.

-E agora, isso é problema meu. É claro.

Na obscura torre de pedra, afastada de tudo e todos, Almadell residia. Tinha ambas as mãos na frente do rosto, impedindo-se de ver as figuras que dançavam em sua frente. Gesticulavam e tentavam fazê-la vê-los.

-Todos vão morrer, Almadell! A culpa é sua! Toda sua! -Gritavam. Esfregavam seus corpos nojentos e inaturais nos braços e costas de Almadell.

-Sumam. -Uma voz ecoou. Uma grande onda de aura Daemonica inundou a sala como se fosse água. Evitando Almadell de alguma forma, como se fosse retraída.

Os demônios foram expurgados, como se um vento poderosíssimo os abanasse para fora da dimensão.

-Obrigado, Phim. -Almadell suspirou em alívio. Tirou as mãos do rosto. E finalmente pegou seus livros da mesa nas mãos.

-Ainda vai trabalhar? -Questionou. -O Olho está pronto, tu tem que descansar.

-Como? -Almadell questionou. Olhava, sugestivamente, para os resíduos da aura que os demônios deixaram.

-Este lugar fede, Almadell. Se tu cuidasse daqui que nem cuida das minhas espadas, a Nova Legião já teria acabado. -Seraphim falou. Parecia ter um cuidado na fala que tornava sua voz distante, quase monótona e sem tom.

-Você não precisa gastar tanta energia assim só pra falar comigo, Phim. -Almadell falou.

Referindo-se ao calor que Seraphim gerava. Riu levemente. -Você só descobre como reverter quando tá aqui ou o quê?

Seraphim riu, como se ela pudesse sozinha deduzir o motivo.

A torre, normalmente fria, se torna quente, aproximando-se do clima pré queda do sol. O peso que ele traz ao ambiente, agora era, opostamente, um tom leve, de calma e conforto.

-Não é pra tanto. -Seraphim disse, agarrando o livro que Almadell pegaria. -Ele não gostaria de te ver assim. Descanse, Almadell.

Seu tom de voz fazia, novamente, a aura fluir pela sala. Ela... Compelia.

Ao falar dele, a sala momentaneamente esfriava. Seraphim retoma.

Entregou nas mãos de Almadell a flauta jogada ao chão.

-Lembra? Você disse que ia começar a tocar. Talvez assim os demônios não tivessem tanto material para te preocupar.

Almadell encarou a flauta nas mãos por segundos. Não olhava nos olhos de Seraphim, nem de ninguém.

-Isso é justamente o...-Almadell falava antes de perceber que Seraphim desapareceu.

Almadell permaneceu em silêncio na torre. Novamente, as pedras da torre se esfriaram.

A lua sorriu.

As folhas da floresta vermelha dançavam com os uivos do vento, agora, mais elaborados. Cantavam.

Estavam divididos em barracas. Já tinham apagado as fogueiras. A clareira era mais agradável do que as árvores podres de sangue que corrompiam suas narinas. Podiam ver algo que os lembrava do céu, mesmo que vermelho. E um chão que os lembravam de lama, mesmo que fosse pó.

Os sucessores dormiram tranquilamente. A música, de fato, havia os ajudado. O peso da sucessão não podia ser levado para o resto do plano.

Os sucessores compartilharam, como agradecimento pela música, parte de seu alimento com Jin e Gael. Gabriel, por alguma razão, insistiu em comer também.

Gabriel roncava bastante. Gael se irritava, não com o ronco, mas sim em não saber responder como o esqueleto roncava.

Jin riu. Estava começando a se desvencilhar de seu colete e violino e vestir algo apropriado para o sono.

-Deixe ele Gael, todos merecemos descansar depois de ontem... -Colocou a mão no queixo.

-Espera, ele precisa dormir?

-É verdade. Se ele já morreu, porque ele precisa des... -A boca de Gael foi bloqueada pela mão de Jin.

-O... Q.... F... -Gael tentou falar. Abafado. -Jin saca o violino. Rapieiras atiram os três para longe.

A barraca explodiu. As folhas e galhos improvisados voaram. Os pertences e armas de Jin, Gael e Gabriel também.

Destruídos. O ravenã de aço, Krauzher, se erguia após ter jogado seu peso contra os homens. A floresta rugiu com sua queda. Árvores distantes balançaram e perderam galhos, folhas e estabilidade. O enorme estrondo mandando pássaros para longe.

Materializou no ar sua gigantesca clava de aço negro, como toda a sua armadura decrépita e cadavérica. Seu corpo crescia cada vez mais, só de ver que os três escaparam de seu ataque, que deveria ter sido definitivo.

Mais rapieiras saíam do colete preto de Jin, que as cuspiu como se tivesse boca e vida própria. Gael pegou nas mãos o Olho de Chilometh, pois perdeu seus revólveres. Gabriel despertou, mas não encontrou seu arco e flecha.

Os sucessores de Jin despertaram. Desarmados, desprevenidos e com olheiras nos olhos, começaram a sair de suas barracas.

-Entregue... O... Olho. -Krauzher ordenou. Sua voz tremia e se rasgava, um tom quase incompreensível de grave e metálico. Se aproximava de algo semelhante a aço, se pudesse falar. As ligas de aço se dobravam e expandiam como se fossem carne. Estalando. Seus chifres aumentavam em ponta e tamanho. Sangue começava a escapar da ferrugem. Se

evoluísse o bastante... pensava enquanto tocava a parte interior do seu corpo, que ainda tinha resquícios de um corpo humano. Ansiava por partir aquele corpo ao meio.

Sucessores vinham através das árvores vermelhas.

O líder deles, Matusalém, que tinha na capa um pouco de ferrugem, se pôs a frente. Assim como o líder dos sucessores de Jin, Gabriel e Gael.

-Você está condenado às masmorras da ordem por traição! -Anunciaram simultaneamente. Apontando para Krauzher e Gabriel respectivamente.

Gabriel já havia entendido tudo.

O vento e as folhas cederam no avanço instantâneo da armadura. Impossivelmente rápido. Sua maça esmagaria Gael, que foi salvo por sucessores. Lama foi atirada para cima. O chão e as árvores tremeram.

-O que?! Mas... -Um dos aliados de Krauzher pensa.

A armadura estendeu a mão rumo aos homens. Ferrugem amarronzada começou a eclodir de suas peles. Seus ossos se tornaram rígidos, seus músculos não se moviam mais.

Respiração difícil. Gael foi atingido, começando a enferrujar. Seria esmagado pela mão metálica que se movia para esmagá-lo.

Rapieiras perfuraram a ponta de sua mão. Inofensivas, não rasgaram o metal. Porém, Gabriel sorriu quando o aço começou a apodrecer. A armadura, se tivesse face, franziria em ódio. Seu corpo crescia. Dez metros já tinham sido alcançados. Seu corpo tremia todo o ecossistema da floresta da sucessão.

Sucessores de Jin dispararam fervorosamente suas armas contra Krauzher. As feridas são engolidas pelo crescimento. Os sucessores não se atacavam entre si, temendo a traição.

Porém, quando viram sucessores e Gael enferrujados...

-Isso... -Matusalém pensou. -Desgraçado! Matem a armadura!

Todos contra Krauzher, o Ravenã de aço.

-Matem rápido! -Gael disse. Reparava a ferrugem de seu corpo ao moldar sua alma.

Sucessores enferrujados partiram para distância, e disparavam.

-Aqui. -Jin falou, aplicando o Olho de Chilometh na ponta de uma rapieira. -Dessa forma, vamos con...-

Foram atirados. Lama voou. Árvores se partiram. Um sucessor bateu a cabeça em uma rocha e quebrou o pescoço. Outro, tripas no chão quando atingido pela ponta do pé metálico, que chutou a todos ao mesmo tempo.

Gael, Jin e Gabriel acertaram árvores distantes. Atordoados, suas costelas doíam ao respirar, pareciam fora do lugar, fragmentadas. Levantaram-se com dificuldade, e foram salvos por essa distância. Pois Krauzher pisoteou uma dúzia de sucessores. Esmagados pelo peso da armadura, viraram poças de sangue no chão de lama. A alma de matusalém gritou em desespero.

-Isso... Só vai piorar. Essa coisa... É imparável -Gael falou, temendo o fim.

Krauzher moveu os braços para o lado de seu corpo.

-Mundo Conquistado. -Morte.

Sucessores criavam espinhos de dentro dos corpos. Estes espinhos perfuraram pescoço, olhos, boca, dentes e órgãos internos. Sangue escorria. Poucos se salvavam com suas próprias Hexomancias. Jin, Gael e Gabriel preservaram seus corpos. Os espinhos surgiam, perfuraram de Jin o estômago. De Gael, o queixo. Gabriel perdeu um dos braços, arrancados por um espinho que eclodiu de seu peito. Reverteu sua maldição e começou a se recuperar, muito lento. Jin e Gael mantinham-se vivos ao desfazer os espinhos.

A redoma do Mundo de Krauzher cobriu a todos. Sem rota de escape.

-Entreguem o olho. -Seus passos eram lentos. E a cada um, uma árvore enferrujada pendia a cair. Sucessores não se atreviam mais a atirar. Tentavam fugir, chamar ajuda.

Jin estava prestes a fazer algo desesperado. Gabriel levantou. Moveu os braços para o lado do corpo.

Regenerou-se por completo. -Mundo Morto.

Outra redoma surge. Começam a competir. Todos param de enferrujar. Sucessores que se engasgavam em metal conseguem se levantar. Jin e Gael se erguem. Esgotaram suas energias para se regenerar.

-O Olho, cavalheiros! -Gabriel forçou sua maldição, fazendo com que ombreiras, pernas e chifres da criatura comessem a apodrecer e envelhecer.

Krauzher se aproximava. Mas quanto mais próximo de Gabriel, mais rápido apodrecia.

Gabriel disparou rumo a Krauzher, Jin e Gael seguiram. Gael tinha nas mãos o Olho que salvará a todos.

-Gael, agora! -Gabriel gritou.

Se tivesse boca, sorriria.

O Mundo Conquistado foi desativado.

Gael apodreceu.

Caiu no chão com a face para a lama. Jin tenta ajudar, e cai de joelhos apodrecendo.

-Mantenha seu Mundo, esqueleto. -A armadura desafiou. Balançando a clava com alegria.

Todos os sucessores, que se beneficiaram com o equilíbrio dos mundos, começaram a apodrecer. Sete tiveram o coração transformado em pó. Caindo sem vida.

Apodrecendo, a armadura crescia, e usava este crescimento para reparar o apodrecimento.

Jin e Gael não.

O Mundo Morto cedeu. A armadura parte o vento com a maça. Gael é o alvo.

Jin reconhece, não há como fugir do ataque. Não sem abandonar Gael. Ficou parado e encarou o caminho da maça.

Gael, com o corpo destruído e energia no limite, tinha uma escolha. Não conseguiria fugir do ataque com o corpo assim. Ou continha o olho, ou sairia vivo.

Gael regenerou seu corpo. Se jogou em Jin, arremessando-o junto dele para longe. O impacto da maça no chão atrás deles jogou-os ainda mais longe. Gabriel olhou em choque.

-SEUS IDIOTAS!!! -Gritou o esqueleto. É o fim.

Com o corpo regenerado, mas sem energia para conter, o Olho de Chilometh escapou dos dedos de Gael.

Jin tentou pegar o olho enquanto ele voava para longe. Matusalém, ferido, segurava um cadáver nos braços. É o alvo.

O olho expulsou Matusalém do caminho. Entrou pela orelha do homem morto.

A carne pulsava. Esverdeava. Os olhos começavam a chorar. Pús era expulso da boca, olhos e nariz. As árvores instantaneamente perderam todas as folhas. Uma onda de vento expulsou os cadáveres, Jin, Gael, Gabriel e até mesmo Krauzher para longe. Chocando-os contra árvores e corpos.

O cadáver flutuou. Voou até que ficasse em pé. Pelos eram criados de seu corpo murcho. Se contorcia. Ossos quebravam. Chifres surgiam rasgando a carne e olhos. Um enorme bastão feito da carne dos cadáveres que voavam e fundiam-se em sua mão surgiu.

O Guardiã Dimensional, Chilometh, está aqui.

A criatura gritava e se comunicava.

-> ↓ ↯ ↑ -A sua frente, o espaço se dobrava. Torcido como uma toalha, forçado a rasgar. A fenda surgiu. Uma dimensão totalmente negra aparece.

-Gael... o que é aquilo?

-Eu não sei, eu acho que acabou, Jin.

Krauzher aplaudia de pé assim que estabilizava sua queda.

Rostos, corpos, gritos, mãos, a figura distorcida de cores que não existem, e membros feitos de névoa e uma energia inominável vazavam como água de dentro do portal. Eram numerosos. O suficiente para que logo, se tornasse quase impossível de enxergar.

Tomaram tudo. Krauzher virou seu rosto para o céu. Finalmente... É chegado o momento.

A Lua girou dez vezes. A névoa foi movida, expulsa. As árvores cresceram. A lama sofria.

As folhas se rasgavam. Os pássaros morriam. O céu e oceanos choraram. Todos estavam em luto pelo planeta.

A armadura gargalhou em alegria.

-Estamos mortos. -Jin falou. Olhando para o céu. Esqueceu-se da luta.

Quanto mais formas de névoa vazavam, mais a lua girava. Já eram doze vezes.

Chilometh, parado em frente ao portal, esperava seu convidado. Frustrado com a ausência, ele seria aquele que vai escolher.

Ele viu a criatura surgindo em sua frente. Não corria ou andava, apenas surgia. Seus olhos, tinham incontáveis pupilas. Suas mãos não eram nem humanas e nem de animais. Eram de algo que o homem nunca chegou perto de conhecer. Foi pego pelo cabelo. E conforme foi puxado, tentava se soltar: inútil. O Chilometh parou seu trajeto frente ao portal. Seu convidado engolia e era atropelado por espíritos que vazavam e causavam o décimo quinto giro da lua.

-NÃO! NÃO!. -Gritou Gael, sendo jogado na fenda. Ela foi fechada. O Chilometh agradece ao planeta terra. Gael desaparece junto com o portal.

Jin e Gabriel estavam paralisados frente a carnificina de vinte e seis sucessores.

Pouquíssimos, feridos, restavam. Matusalém tentava trazer um camarada ferido para salvação. Implorava por ajuda no rádio.

A lua parou de girar. O olho do Chilometh caiu no chão. Jin correu e o abraçou com as mãos.

-Era isso que você queria, Krauzher?! -Gabriel gritou. -Agora está feito. O Epicentro vai começar! Acabou!

A armadura começou a erguer novamente sua maça. Nem conseguia mais entender o que Gabriel dizia. Não eram mais a mesma coisa. Via apenas uma mancha negra em sua visão vermelha e sanguinária, que adorava ver os espíritos misturando-se com a névoa.

A armadura olhou para o céu. O pior estava ainda pior vir.

Era enorme. Maior do que a própria floresta. Gritava, anunciando sua chegada. O grito era estridente. Não era grave e nem agudo. Não causava medo e nem raiva. Mas um sentimento mórbido, como se quem o ouvisse já tivesse morrido. Um som que não existia em nenhuma escala sonora humana ou animal, mas que era ouvido.

A gigantesca face de carne, a Face de Satã, surgiu rasgando a névoa e nuvens. Era enorme. Seus chifres perfuravam o próprio rosto. A boca, nem humana e nem animal, lotada de dentes tortos do tamanho de bairros, vazava em saliva. Era o que se pensava de longe.

Errado: Eram demônios.

Caíam de lágrimas, sangue e pus que a coisa deixava escapar. Caíam como chuva, eram incontáveis. Centenas, não... Dezenas de Milhares.

Satã gritava. A névoa, com o crescer da lua, aumentava drasticamente. A Lua vermelha terminava ainda seu último giro. A lama seguia se contorcendo, como se sofresse. As árvores se partiam e refaziam-se.

Ouviam o som de criaturas se aproximando. Grunhiam. Carniçais, gritadores, entidades e criaturas do sangue e da carne. Seres de músculos expostos, veias a mostra, ossos

ultrapassavam o corpo, órgãos expostos usados como membros, membros internos usados como órgãos.

Matusalém havia sumido. O ambiente esquentava. Um sentimento de peso, medo e aflição paralisou tanto Jin como Gabriel.

As criaturas ainda não os mataram, pois gastaram seu tempo se deleitando com os sucessores mortos no chão. Jin os olhava com peso nos olhos, via suas almas partindo de seus corpos.

-Acabou. -Jin disse. Olhando para o céu, sentado no chão. Seu rosto era desolado e sem expressão. Seu corpo, caído no chão, não achava motivos para se erguer.

Uma criatura foi partida pela névoa.

-Pise e destrua este olho, humano. -A armadura ordenou. Sua voz acompanhava a lua. Era asquerosa, viscosa e seca, como os grunhidos das criaturas, que perdiam mais um membro. -Faça isto e eu pouparei suas vidas.

Jin vira seus olhos exaustos. Grunhindo ao se levantar mesmo que sem forças. Ele sorri.

-Sem seus privilégios... -Jin falava, segurando o olho e olhando não mais para o céu, mas para trás de Krauzher. -Você teria morrido. Eu sou melhor.

A armadura ergue a maçã. Sua força estrondosa esmagou Jin e Gabriel.

O Cavaleiro Negro, Capítulo 6.

"No oceano, Sempre há um peixe maior."

Foi o que ele pensou.

Não há razão para que tivesse tamanha força. Mas tinha. O General da ordem da luz, Seraphim Scar, parou a maçã com uma das lâminas.

Jin e Gabriel estavam a salvo embaixo dela. Jin sorriu, pois via a alma do general vindo na distância.

-CRIATURA BURRA! -Gritou Jin, incapaz de conter o gargalhar.

A armadura grunhe, não entende o que Jin diz. Mas a raiva o consome.

Não era um homem, mas também não era uma criatura. Ele via todas as manchas pretas, mas esta... Era diferente.

Seraphim olhou por de trás do ombro.

-Vocês, seres de carne, estão bem. -Não era uma pergunta. Jin e Gabriel começaram a se regenerar. Mas a armadura não, apesar de também ter ouvido. -Sumam. -Aura fluiu.

Jin e Gabriel obedeceram. Gabriel achava tolice, mas Jin, com suas rapieiras, levou o máximo de sucessores ainda não mortos consigo. Voaram, esquivando-se das criaturas.

Deus sabe se sairão vivos. Sumiram no ar.

Jin deixou o Olho do Chilometh com Seraphim. Algo o disse que era a decisão correta. A intuição de Jin nunca falhou.

O olho vibrava. Era hora de mais uma chegada. Tentava escapar rumo a um dos cadáveres.

O Chilometh há de voltar. A lua se preparava para girar outra vez. O Olho sai das mãos de Seraphim e avança rumo a um cadáver, invadindo-o.

-Contenha-se. -Seraphim disse, imitando a técnica de Jin, segurando-o. O olho parou de vibrar. Ele retorna para a mão de Seraphim.

A armadura ergue a maçã de volta. Krauzher entendia Seraphim, entendia tudo o que ele dizia.

Criaturas se aproximavam. Sangue. A aura de Seraphim se estendeu com o amplificar de sua segunda maldição. Uma camada quase sólida de peso, medo e tormenta acometia até mesmo as criaturas do impossível. Não podiam se aproximar. Sentiam dor por chegar perto de Seraphim, viam-o como algo que as ameaçava. A Face de Satã derrama criaturas, mesmo que quisessem não atacariam o General.

-Você é o miserável que vem nos dando tanta dor de cabeça, não é?

-Vejo que... -A armadura diria.

-Não estou falando com você. -Seraphim completou. Apontando para a parte interna, a parte de carne da armadura.

-Você é engraçado, humano.

A Armadura absorvia a luz da lua. Cresceu. Estava próximo, muito próximo. Ansiava por expulsar a carne nojenta do homem de seu corpo.

A armadura levantou a maçã. Moveu-a para esmagar.

-Pare. -Seraphim disse. A onda de aura fluiu de sua boca. O movimento da maçã parou.

Seraphim faz um movimento de bloquear os ouvidos com as mãos, demonstrando e sorrindo para a armadura e plateia. Concentrou nas pernas alguma energia que não pertencia ao seu corpo, e sim as cores que via. Duas lâminas se moveram, partiu o torso de aço.

Inútil, regenerou-se.

A armadura se move novamente. Com o mover de mãos, Seraphim começa a enferrujar. Partes de seu corpo se tornam metal. Espinhos surgem e perfuram seus órgãos. Um deles começa a surgir em seu crânio, virado para o cérebro.

-Indolor... -Dizia.

Aproveita a chance. A maçã corta o ar.

-Evapore. -A maçã se torna uma mistura de poeira, sangue e ferrugem. Ombreira, dedos e chifres de Krauzher somem. Os espinhos também. Seraphim se desvencilha do olho de Chilometh, que não evapora, mas cai no chão ao seu lado.

O corpo de Seraphim queimava. Todo passo deixava o ambiente mais quente enquanto revertia. Suas feridas internas se cauterizavam. Vapor era expulso de sua boca e nariz. Inflamou o ar na sua frente. Bateu palmas e uma linha vertical incendiou-se. Um fogo vermelho, puro e vivo, misturado a névoa, banhou a armadura, que derretia incessantemente.

O pé da armadura arremessou Seraphim rumo a três árvores, que se quebraram uma após a outra com seu impacto.

-Indolor... Indolor... -Repetia. -Conserte... -Suas costelas, ossos e órgãos partidos pelo impacto retornavam. Cospe o sangue que se acumulava em sua garganta, que começa a ficar vermelha. Seus olhos começam a sangrar.

Krauzher, se tivesse boca, sorriria. O limite do homem estava chegando. Mas o seu? Só aumentava. Recuperava cada grão de energia gasto ao crescer. Caminhou na direção de Seraphim esbanjando sua capacidade de reformar o aço de sua armadura apodrecida e evaporada.

-Sua energia é finita, homem. -A voz metálica e demoníaca falava.

-Talvez. Mas eu vou matar você antes disso. -Seraphim disse. Seu corpo sentia cada ressoar da névoa. Seus ouvidos ouviam cada grilo, mesmo que ofuscado pelo som das criaturas, da face de satã no céu ou pelos gritos de sucessores e candidatos. Seus sentidos eram infieis, e por isso, a dor que sentia era enorme. Mesmo assim, -Nada do que você faz dói.

Falava, cessando a dor de suas feridas e garganta.

Azazyel bloqueou uma nuvem de fogo vermelho que nele foi atirada. Uma barreira de metal enorme surge e, queimando, é jogada em Seraphim.

-Exploda! -A barreira obedeceu, livrando-o do ataque. A fumaça permitiu que, por trás das costas do ravenã, cortasse incontáveis ligas de metal em questão de segundos, a lâmina era imbuída em chamas e cores da Lua.

Ambos se prepararam. O ápice da Hexomancia. Encararam-se homem e demônio.

-Mundo Conquistado!

-Mundo Arruinado!

As redomas tomavam-se entre si. Lutando por espaço. A luta se tornava impossível de acompanhar. As criaturas, presas na redoma, estavam a salvo apenas porque uma redoma anulava a outra. Seraphim pula para trás da armadura, escala seu corpo e corta sua cabeça. Ela se regenera, o joga no chão e pisoteia. "Conserte." A garganta de Seraphim sangra. Ele corta o braço da armadura fora, que cai no chão estrondando a floresta e se tornando ferrugem. Cortes limpos.

A energia se esgotava. O Mundo de Seraphim não ficaria exposto por mais dez segundos.

-Bom, eu tentei. Faça isso. -Parou de amplificar suas maldições. Criaturas se aproximam, tendo terminado de comer, o alvo agora era a carne de Seraphim. O General abriu os braços sorrindo.

-Você lutou bem. -A armadura clama, erguendo sua maça.

Seraphim sorriu. Baixou a guarda.

-AGORA!!! -Gabriel disse. Jin voa com sua rapieira até as costas da armadura.

-O QUE?!

Eles sumiram, de fato. Mas não fugiram.

Jin entra no interior das costelas de aço da armadura, perdendo a invisibilidade que Seraphim o imbuíu. Envolto pela carne, ferrugem e sangue. Espinhos nela surgiam. Um empala seu pé. Gritos de dor. Agonia. Sangue. A armadura levanta vôo com suas enormes asas negras.

Ela gira, balança, voa de cabeça para baixo. Criaturas, da chuva de satã, entram na armadura. Um carniçal morde o braço de Jin, que segurava o Olho de Chilometh. Mais um espinho perfura seu estômago, rasgando suas tripas e se aproximando de sua coluna vertebral. Uma cabeça voadora adentra a armadura, seus dentes cravando-se nos olhos. Sangue jorra, Jin grita de dor. Suas mãos tremem. Seu corpo perde obediência, sua audição se torna escassa, distante.

Se aproxima do corpo de carne, ele estende o Olho. Vai conectar.

Um espinho empala seu pulso. Jin joga o olho. Cai por dentro as frestas, rumo ao céu. A armadura ri.

Os dedos esticados de Jin, que manipulou sua alma, o aparam no meio do ar.

Um espinho empalaria sua cabeça, mas ele move sua cabeça de lugar, seu ombro foi no acertado ao invés. Jin gritava de dor e agonia profunda. Suas tripas escorriam por sua barriga e sangue por sua boca. Ele altera sua alma, reduzindo a dor e o choque para que sua consciência não caísse. Mesmo assim, seu único olho estava se fechando. Seu outro braço é empalado. Não restam opções. Sangue jorra de seu corpo. Perde a força, perde a precisão. Visão turva, preta, duplicada.

A armadura gargalha.

...

...

O corpo de Krauzher recebe uma mordida. O pescoço de Jin se esticou. O olho de Chilometh, que estava dentro de sua boca, toca o corpo.

A armadura grita em dor. Brilho verde absurdamente forte cega o olho de Jin. Paz.

O Cavaleiro Negro, Capítulo 7.

Deitado em um mar de sangue, páginas e ferrugem, ele existe. O céu era vermelho. O horizonte, vazio. Nada além da vastidão plana de sangue, como um oceano raso, e o céu. Olhava para cima, deitado, como se nada mais existisse. Correntes prendiam mãos, pés, torso, e envolviam cada centímetro de seu corpo. Não havia como respirar. Não havia como se mover. Era coberto de correntes. Não era possível mover os braços. Não era possível mover as pernas ou se virar. Piscar também era impossível. Seus olhos eram pressionados com o metal sujo e enferrujado. Expandir o peito para respirar custava. Estava constantemente morrendo asfixiado, cada vez era como a primeira. A cada dia morria de fome, sentia seu estômago devorando a si mesmo. Sua garganta engolia saliva, sangue e ferrugem, mas não encontrava água gelada e refrescante.

As correntes se desfizeram.

Pela primeira vez, viu o céu vermelho. Apesar de tudo, conseguia agora se mover.

Levantou-se. Olhou ao redor como se fosse entender algo.

-Helga? Sabine?

Caminhou.

Ouviu, na distância, talvez em alguma taverna, talvez em alguma comemoração a qual nunca participava, o som de música. Era uma música sobre saudade, e sobre um bandolim de um homem velho que a muito tempo partiu.

Encontrou, no horizonte antes vazio, uma série de estantes. Tinham livros, muitos deles. Eram infinitos.

A música crescia. Quando viu, disparou desesperadamente. Gritando aqueles nomes como se algo fosse achar.

-Não... Não! NÃO!

-Queridas... Aonde estão vocês?! Gente?! Me perdoem! Eu voltei! Eles não são capazes de me parar. Não podem impedir que eu salve vocês!

Ele parou. Não era mais a armadura. Não era mais a mistura dos dois. Era ele.

Ele parou porque viu a realidade.

-A culpa foi sua.

Foi o que disse Helga. Barriga partida. Sangue, tripas e um feto de dentro escorriam.

Sabine ao lado, segurava o choro. Garganta cortada e escorrendo sangue também por sua boca.

-Não... -Olhou para suas mãos enferrujadas, magras e imundas.

Naquela mesa, nenhuma delas sentaria outra vez. Naquela mesa nunca mais leriam juntos. Krauzher jogou aquela mesa no lixo. Não há como voltar no tempo. O que ele perdeu ficou no passado eternamente.

Krauzher sempre faz as escolhas erradas.

Krauzher, uma por uma, derrubou cada estante de livros. Gritava como um cão, uma besta possessa. A fúria crescia em seu peito e rasgaria seus órgãos se não escapasse. Quebrou cada estante com socos, chutes e cabeçadas. Rasgou cada livro em mordidas. Encharcou,

com o sangue do horizonte pintado pelo céu vermelho, cada página que já tinha escrito. Essa tinta jamais sairia destes livros. Jamais sairia de sua alma. Ele nunca recuperaria o que perdeu. Nunca mitigaria as manchas. Nunca as limparia. A raiva criou fogo, que derreteu seu corpo de metal por dentro. E o fogo queimou a grande e próspera biblioteca. Estava tudo morto. Apagado. Para sempre.

Krauzher acordou. Realmente Krauzher.

Estava deitado. Um quarto fechado, escuro e com cheiro de carne podre. A luz vermelha da lua escapava para dentro. Uivos de vento gelado se conectavam na casa, logo após uma chuva de sangue intensa.

Krauzher permaneceu deitado por incontáveis minutos. Olhava para o teto de onde estava. Não conseguia discernir se estava em uma ficção, na armadura, ou em seu corpo real. Tinham faixas em seu corpo, como se estivesse ferido. Ele ainda sentia seu peso, de fato, ele ainda era feito de metal. Na verdade, era ainda mais pesado e ainda mais denso do que antes. A névoa era ainda mais densa do que o normal. Ele tinha no rosto uma máscara, semelhante a uma focinheira. Seus cabelos estavam gigantescos. Sua pele estava ainda mais branca.

Estava imundo. Nojento, na verdade. Ferrugem por todo o corpo. Sangue, bolor, pus, excremento, terra e incontáveis outros detritos o acompanhavam naquela cama úmida e fedida, reforçada para suportar o peso de sua crescente maldição.

Tentou tirar a focinheira, mas não conseguiu.

Espere, ele conseguia mover suas mãos. Estalou dentro dele a dura verdade. Ele estava vivo.

Se ergueu subitamente na cama, como se pudesse fazer algo imediatamente após levantar. Mas impediu o processo de sair dela quando percebeu que não, não podia.

Krauzher chorou.

Seus dentes rangiam como se pudessem recuperar algo. Colocou a mão frente ao rosto. O caminho de suas lágrimas pelo rosto o enferrujaram ainda mais.

Levantou-se finalmente.

Caiu no chão. Tinha se esquecido da sensação de ficar de pé. Seu corpo formigava, estava dormente. Não conseguia controlar com perfeita precisão os movimentos de seus dedos e braços.

Seu enorme cabelo metálico pesava e desequilibrava ainda mais.

Estava vestindo roupas estranhas. Tinham um tom verde próximo do azul. Não cobriam todo seu corpo. Eram finas.

Abriu a porta em sua frente. Ninguém celebrou quando saiu daquela sala. Na verdade foi recebido por um pequeno corredor que seguia até o lado de fora, que não ousou bisbilhotar. A única pessoa que viu do lado de fora da sala, a qual pisou com o pé esquerdo para fora, não parecia tão feliz.

-Olha, acordou. -Seraphim disse, estava lendo algo, e não tirou os olhos do que lia para falar.

-Aonde eu estou? -Questionou. Mas não antes de tentar ajustar o catarro, sangue e a falta de costume em sua voz. Ainda era metálica, áspera e corrompida por incontáveis anos parados.

-Na ruína. Ordem da Luz. Se não for comido vivo pelos outros, você está bem. -Disse, enfim se levantando. -Você causou muito problema.

-Eu imagino. -Sua fala não tinha emoção. Não esboçou exatamente arrependimento, tristeza ou culpa. Mesmo que ainda se lembrasse de tudo. Mesmo que ainda sentisse as correntes nos pulsos.

-Eu perdi muitos homens por sua causa.. -Seraphim falou. Começou a andar rumo a algum lugar.

-Eu... também imagino. -Krauzher o seguiu.

-Você não merecia estar aqui. Merecia ter morrido. -Falou, mitigando sua maldição. Chegaram a um enorme banheiro. Tinham pessoas amaldiçoadas esquentando uma gigantesca banheira com suas maldições. Apesar de gigantesca, estava quase que completamente vazia. Uma escadaria enorme precedia ela. Vapor saía de sua superfície. Era o lugar mais mundano que Krauzher iria ver. A água não era vermelha, era comum. E a luz vermelha da lua não pintava nenhuma cor deste lugar. O calor era coisa para gente importante, a liberdade de cores, a despreocupação com a lama, também.

-Andarilho, ele chegou! -Gritou Seraphim, e depois desapareceu.

-Vem cá, homem de metal. -Disse o homem. Seus cabelos loiros estavam soltos e dispersos na água da enorme banheira, que comportaria ao menos setenta pessoas, mas que estava vazia.

-Eu... Não posso. -Krauzher disse, afastando-se da água. Se limpava molhando as mãos e passando pelo seu corpo enferrujado e nojento. Funcionava, apesar de lento.

-Então sinta aí na beiradinha, temos muito o que conversar. -O sangue das feridas do Andarilho deixava a banheira cada vez mais vermelha.

A mente de Krauzher estava alagada. Mas a água o fazia esquecer momentaneamente.

-Porque a banheira tão grande? -Questionou. Sua mente compartilhava do mesmo borrão de vapor que partia da água. Não parecia estranhar a lua que viu no caminho, ou o céu, ou o clima. Como se já tivesse visto e processado tudo antes.

O corpo pesado e denso de Krauzher, feito de metal, forçava o ranger das tábuas brancas da banheira. Assim como provocava a fúria dos cavalos que montava quando não mitigava sua maldição, e os estalos de suas articulações rígidas e sólidas.

-Purificar o sangue do mar é difícil. Mas pelo menos assim ficamos mais tempo juntos. Não acha?

-Faz sentido. -Era semelhante como no seu tempo, banhos públicos.

-Mas você é o senhor dessa gente, deve ter dinheiro para um banho seu. -Questionou.

-Senhor... Senhor, você tem muita coisa pra aprender. Eu gosto de me manter no nível certo. -Respondeu, sorrindo, como se tivesse dito o que disse em paráfrase.

Krauzher surpreendeu-se com algo que não tinha notado até então.

-Espere... Que língua é essa?

Conseguia entender até mesmo as expressões características do homem.

-Ah, você é um herdeiro, olha só! -O Andarilho diz. -Provavelmente da...

O Andarilho parou por um instante. Fixou os olhos na água manchada.

-Você estava lá dentro, não estava? Já está pronto para encarar?

-Sim.

-Nossa Ascensionista encontrou um jeito de separar você daquela... Coisa, e reparar o que ela fez com seu corpo. Apesar de tudo, ela lhe manteve "vivo" lá dentro. Então... Agradeça, eu acho.

Krauzher quase se ofendeu com aquilo. Provavelmente o homem não sabia de nada, tinha que ser o caso. Seus sentimentos estavam presos. Como se tudo de antes da armadura fosse bloqueado por uma onda de neblina, era tudo intocável. Bloqueado. Difícil de ver.

-Então... Ele se foi? -Krauzher questionou. Tinha dúvida no tremor dos olhos. A ferrugem descia pelo corpo enquanto se lavava e enxugava.

-Essa luta não é mais sua. É minha. -Colocou a mão no ombro de Krauzher. -Você tem maiores para enfrentar. Deixe para mim todo o resto.

-Como estão todos? -Perguntou Krauzher, como se os conhecesse.

O Andarilho fechou o semblante.

-Muitos estão mortos. -Cerrou os punhos. -E vamos perder muito mais.

-Ele não tinha partido?

-Sim, -Colocou a mão na frente dos olhos. -Mas já perdemos dois caçadores hoje para criaturas de baixíssimo tipo.

Krauzher cerrava os punhos e franzia testa. Frustrado. Segurou no peito uma sensação horrorosa que se espalhava nele como veneno.

O Andarilho tirou a mão do rosto e olhou para Krauzher.

-Agora vem a parte legal.. -Disse, com olhos sérios. -Você vem?

Ele fez um sinal para homens subirem as escadas da banheira. Tinham nas mãos um pano branco de endornos dourados. Este pano segurava um relógio de prata com a cruz do sol da ordem da luz e a capa de Inquisitor.

-Eu sou amaldiçoado.

-Todos aqui são. Atraímos desgraça uns aos outros. Se ainda temos algo, é lealdade.

Olhou com olhos sérios para Krauzher. "Lealdade." Uma palavra assustadora. Ser leal já o fez aceitar péssimos acordos, tomar péssimas decisões. Mas ele falava sério, lealdade.

Krauzher não pertence a este lugar, ou a este tempo. Seu povo não fala esta língua. Não veste estas roupas. Não vivia sob este céu. Krauzher não existe aqui.

Krauzher vira o rosto. Mas...

Sentiu nos ombros o peso da lua. Estava em dívida com a vida. Os homens mais miseráveis são aqueles que partem do mundo tendo consumido mais do que criado. O sentimento de ser um miserável corroía seu peito de aço. Em todas estas perdas, jamais seria o general de aço novamente.

-Eu aceito. -Pegou nas mãos o relógio de prata e a capa.

O Andarilho sorriu. Apertou a mão de Krauzher de homem para homem.

-Somos a mesma pessoa agora, Krauzher. Suas lutas são minhas lutas. Será irmão de todos que me considerarem irmão também.

Krauzher ficou em silêncio. Se lembrava das suas memórias quando era a armadura e falava com o Andarilho. Colocou a mão no ombro dele. Olhos pesados, semblante triste.

O Andarilho nota.

-Fique feliz. As criaturas vão demorar a absorver a luz da nova lua. Não vamos morrer agora, só amanhã. Além do mais, -Disse, sorrindo. -Tivemos sobreviventes.

Krauzher levantou o rosto, uma faísca de satisfação.

-Poucos, mas tiveram. -O Andarilho disse. Colocou a mão no ombro de Krauzher. -Você. Você também é um deles, se lembra?

Krauzher ficou em silêncio. Encarou o Andarilho.

Caminhou em passos pesados, ainda mais do que em sua época, pela cúpula. Reparou que seu corpo estava ainda mais pesado do que o normal. O metal, mais rígido, mais sólido. As ruas da cúpula eram quietas quando Krauzher passava. Ouvia cochichos, notava olhares suspeitos.

Passou por um comércio que vendia alguns animais amaldiçoados em jaulas. Seus cárceres tinham tiras de couro e jóias que protegiam, segundo o que o vendedor disse a um outro comprador, quem fosse os transportar.

Se sentou num banco em uma praça da cúpula, iluminada pela luz vermelha da lua.

-Oh. -Disse um grupo de senhores que estavam sentados próximos a ele. Se levantaram e partiram depressa. O mesmo aconteceu quando Krauzher se sentou no meio fio de um estabelecimento. Estava decepcionado, pois não permitiram que ele entrasse.

O atendente o olhou com medo. Ele não entregou o chá quente de Krauzher em suas mãos, ele o deixou na mesa e se afastou.

Krauzher encara as marcas de corrente em seus pulsos e pega a xícara.

Foi bem caro, seis luas por uma xícara de café quente. Bebidas quentes pareciam ter o dobro do preço das frias. Krauzher pagou pois não tem noção desta moeda local. Tirou-as da bolsa que o Andarilho o deu. Tinham cerca de trezentas luas, o que, pelo rosto dos trabalhadores da banheira, parecia bastante.

-Aqui, jovem. -Estendeu cinco luas para o atendente. -Posso entrar agora?

-Obrigado... -O homem voltou ao interior, sem graça, com as moedas nas mãos. Mas não parece ter convidado Krauzher a entrar.

Krauzher tocou a parede de vidro que o separa do lado de dentro. Virou as costas e partiu.

Caminhou e caminhou pelas ruas da Ordem, seus olhos passeando pelas casas brancas.

Todos pareciam bastante unidos, o que o alegrava, nem mesmo em sua vila era assim. As mulheres saíam livres, pareciam ter participação ou propriedade em vários dos comércios que Krauzher passou, o que o confunde, mas alegre. Havia pessoas... exóticas. Homens e mulheres de pele escura, que Krauzher nunca havia visto. Transmutados com chifres, corpos de outras cores, mas Krauzher ainda parecia o único que não pertencia.

Um juvenzinho apertou seu brinquedo com uma força fora do normal, era apelidado de Bruto graças a sua maldição. Separou a cabeça do ursinho do corpo.

Krauzher o olha com pena e se compadece.

Se aproximou do garoto e imbuíu o algodão com sua maldição. Uma ligação de metal fino e pouco denso conectou o ursinho.

-Ah! Brigado tio! -A criança ia abraçá-lo.

-Não se aproxime dele, Oliver! -A senhora disse, puxando a criança.

A rua inteira encarou Krauzher. Tinham peso nos olhos. Era como se Krauzher tivesse um cheiro horrível que todos conseguiam sentir.

Chegou em casa. Tinham tiras de couro e jóias amarradas e cravadas na parede.

Era afastada de todas as outras. Grande, absurdamente grande.

Sentou-se no sofá. Estava rígido, estranhamente. Provavelmente porque com sua convivência com "ele", se tornou quase que completamente feito de metal enferrujado.

Krauzher se anima, corre em direção ao seu quarto. Era absurdamente grande, mais parecia um depósito enorme. Tinham maçãs de aço, correntes, espinhos negros, dedos de uma grande armadura e ferrugem por toda parte. A ferrugem escalava pelas paredes, criando marcas pretas de pequenos fungos. Mas ainda restava, jogado ao canto, algumas trouxas de roupas velhas, e livros enferrujados.

"Confissões" Krauzher abriu o livro questionando-se como ele estava lá. Leu duas ou três palavras mas... Não. Fechou o livro.

Sentou-se de novo, encarando o chão e seus pés sujos de lama.

Krauzher suspira.

Seu corpo de metal já é difícil de mover sozinho, mas havia mais do que o peso de seus ossos na dificuldade do agora. Insistiu em não se abater, em não pensar naquilo. Levantou-se.

O Andarilho já não se assusta mais com os súbitos surgimento a de Seraphim em sua varanda.

Três de suas esposas fazem o usual, quando Seraphim entra, elas saem.

As feridas, sempre existentes e sempre abertas do Andarilho tremem com o clima frio que Seraphim trás para todo lugar que pisa. Ele estava com uma xícara de algum líquido quente, logo luxuoso, nas mãos. Encarando a vista vermelha do céu e branca das casas da ordem da luz. Ocasionalmente, batia de mãos para pessoas que faziam questão de o cumprimentar.

Seraphim o chamou pelo nome. -Eai. -Falou, de modo monótono.

O homem terminou seu café e se virou para Seraphim, que estava de pé com os braços para baixo, sempre de modo a parecer um fantasma ou assombração.

-Eai, Phim. -Falou. Apesar de seu usual tom de voz alegre e otimista, e seu sorriso invejável que teimava em sair do rosto, tinha um tom de retrospecto na forma que disse.

-Quantos?

-Mais de duzentos, no mínimo. -Disse, puxando uma cadeira para ele e o rapaz. Colocou uma das mãos a cobrir a boca enquanto olhava para a paisagem. -E o que resgatamos da floresta dá no máximo uns cinquenta novos homens.

-E as famílias?

-Estou tentando assumir a culpa, mas todo mundo sabe da armadura. -Falou. Seraphim nutria uma expressão mista quando ouviu.

-Você vai assumir a culpa? Tu tá maluco.

-O homem não teve culpa. Estava em um parasita temporal. Termos salvado ele e selado aquela coisa é um milagre.

-Essas coisas exigem que você as aceite. -Falou em um tom de voz mais alto. Aura fluíu de sua boca, mas o Andarilho resistia. Seraphim moveu uma das mãos em um rápido pedido de desculpas, era comum, nem sempre dá para se lembrar de todas as suas maldições.

-Foi do mesmo jeito quando um garoto ladrão, rebelde, que não treinava e nem ia em missões chegou até aqui, demorou, mas aceitamos ele.

-É totalmente diferente. Eu não causei morte nenhuma. Aquele homem causou e vai causar, e foi por querer.

-Ele pode ter vestido a armadura, mas ele não ia imaginar isso. -Falou o Andarilho. Queria convencer Seraphim de algo. -Me siga, Phim.

O Andarilho pega mais uma xícara de café, mas não bebe.

Seraphim o seguiu enquanto caminhava pelas ruas da ordem. Pessoas vinham até ele, faziam questão de cumprimentá-lo. Seraphim suprimia o ar gelado e a tensão esmagadora e amedrontadora que de sua aura fluía. Não gostava de piorar o clima enquanto o Andarilho estava por perto. O Andarilho fez pequenas ajudas enquanto andavam. Como carregar algumas caixas para um dono de bar, ou ajudar uma senhora amaldiçoada com fraqueza.

As pessoas não enxergavam suas feridas abertas, e se vissem, não se lembravam do significado delas. Do porquê estavam sempre abertas. Pareciam nem afetá-lo. O Andarilho era, apesar do mais atarefado, o mais sorridente do lugar.

Passaram por uma das incontáveis hortas amaldiçoadas. O processo era ainda mais difícil para a Ordem, pois não obrigavam os amaldiçoados adequados para realizarem os serviços.

Tinham vários operários amaldiçoados trabalhando na horta, todos cumprimentavam o Andarilho. Alguns eram amaldiçoados com produção de calor extrema, o que favorecia as plantas na ruína fria. Outros com envelhecimento veloz, o que também as ajudava a crescer mais rápido. Mas haviam também algumas pessoas com maldições como a dos Mil tendões, tendo uma força física fora do normal, seus braços talvez não fossem adequados para os trabalhos mais delicados da horta. Mesmo assim, estavam lá.

-Olha aí, Phim. -Recostou-se na parede de vista para a horta, cujo fim era invisível graças a névoa vermelha. -Todo mundo aqui.

-Pela causa. -Respondeu Seraphim, convicto. Segurava com orgulho seu relógio de prata.

-E ele não?

-Ele entrou agora, -Chamou o Andarilho pelo nome. -Só tá com a gente pra não morrer pra algum carniçal. Nem do nosso tempo ele é, por que ligaria para o que a gente faz?

-Uns quinhentos anos atrás. É um milagre conseguir falar a nossa língua. Ainda vai ter mais daquela armadura, tu acha que ele gosta disso? -O Andarilho fala. Então ele aponta para uma das hortas. -Imagine essas pessoas em Hemó, Phim. Não teria uma alma aqui que gosta de plantas. E ele?

-É, É, "Existe luz na pior escuridão" -Seraphim disse, reverenciando algo que parecia o irritar. -Mas tu sabe muito bem quem já esteve aqui por não aguentar ver uma moeda na mesa, e quem tá com a gente. Sempre acontece uma coisa só.

Seraphim falava olhando para a Lua, que parecia sempre lembrar-lhe de algo distante. Algo inacessível, mas que o lembrava da oposição eterna às suas causas. O lembrete estava sempre lá. Brilhando.

-Aquele cara não vai pra Legião, Phim. -Falou o Andarilho. -Se ele quiser colher vegetais, ele deve colher vegetais. Se quiser visitar vilas, ele vai. Não é como se ele fosse mau.

O Andarilho falava, e Seraphim se lembrava de alguém, ou algo. O Andarilho sorria, mas logo viu que a lembrança não teve o efeito esperado.

-Ele não pode só esquecer as coisas. Ninguém vai esquecer. -Seraphim tirava as costas da parede, reconhecia um dos trabalhadores da horta, um homem que perdeu o filho na floresta. -Ainda tem gente morrendo por causa dele. Ele não tem direito de esquecer de nada.

O Andarilho já sabia aonde isso chegaria. Já havia se repetido algumas vezes. Aceita o destino calado.

-Vamos precisar ficar juntos, Seraphim. -Falou. -As criaturas se tornarão mais fortes em pouco tempo. Posso contar contigo e com ele na torre da inquisição?

-Tu pode contar, comigo.

Seraphim desapareceu.

O Andarilho suspira, mas olha para o céu com esperança. Como se, ao olhar para o céu, conversasse com alguém que estaria rindo ao ver tudo isso. O Andarilho derrama o café de sua xícara no chão.

Krauzher não tinha energia para usar um cavalo por muito tempo. Mitigar sua maldição era custoso. Suava, ofegava, e tremia com muito tempo de uso. Logo, maioria dos cavalos não aguentavam seu peso metálico por muito tempo. Por isso, caminhou até seu destino. Um lugar que, mesmo neste mundo que o rejeitava, talvez o estendesse algo.

Boa parte das criaturas carnicieras que encontrou o ignoraram. Ou por ser feito de metal, e não de carne, ou por outro motivo.

Seus músculos e pulmões de aço não se cansam facilmente. Mesmo que tivesse que tirar os pés de vinte centímetros de lama vermelha a cada passo que desse. Mas mesmo assim, qualquer viagem era mais lenta, até mesmo para cavalos. Então para um homem, seria bem pior.

O porteiro o aconselhou a também vestir a máscara que vestia do lado de dentro da cúpula, assim como todos.

-Se você não é vermelho e nem azul, vai querer isto! -Disse o velhinho, estendendo para ele uma máscara de rosto que cobria olhos, boca e nariz.

Em poucas horas de viagem, seus sapatos já transbordaram em lama. Já tinha o dobro do peso pelo acúmulo de sangue que sua roupa absorveu, e seus movimentos rígidos não ajudavam.

Era estranho sentir sono de novo, além de seus músculos se desgastando com o uso. Não só por tudo o que aconteceu, mas também pela lua vermelha que tingia o céu a sua semelhança. Sua terra era fria, mas isso era pior. Não sentia tanto por sua pele absorver calor mais fácil que as outras. Porém o ambiente úmido era ruim para as suas juntas enferrujadas.

A claridade era sempre a mesma. A lua nunca saía do lugar. Por isso, se sentia estranho por sentir sono durante a viagem. Ficou acordado por horas seguidas, caminhando monotonamente pelo vale quase eterno de vermelho.

Ouviu algo quebrando na distância. Sua pele começou a formigar. Seus ossos tremiam, de modo a fazer sua movimentação descuidada. Sua pele conduz calor, mas ele estava com um frio absurdo e abrupto.

Nenhuma corrente de vento o atingiu, então não havia lógica naquilo. O frio crescia, e com ele, um medo paralisante começava a surgir.

Com o tempo, Krauzher começou a ver formando-se meio ao ar, figuras. Não eram líquidas, mas também não eram sólidas. Tinham uma forma translúcida. Variavam entre seres que flutuavam sem rumo em dimensões inexistentes. Era como se enxergasse em dimensões acima e abaixo da terceira, coisas que não pertenciam a ele.

-O que diabos está acontecendo?! -Krauzher se questiona. Amplifica sua maldição ao extremo, tornando sua pele absurdamente metálica, dura e seu corpo absurdamente pesado e denso.

Ele vê.

O General da Ordem da luz estava acima de uma árvore, com duas de suas seis espadas em mãos. Ele se joga da árvore, e mesmo que humano, a queda não o afeta, as cores e figuras se acumulavam em seus pés.

Krauzher parou de ver as figuras translúcidas. Estava abrindo a boca, questionaria o que diabos estava acontecendo. Era uma distração.

Com o mover de uma mão, Krauzher é jogado por uma força invisível. Destruindo três árvores com as quais colidiu.

-Que merda é essa?! -Ele grita, levantando-se dos escombros destruídos das árvores. Lama e poeira aquietavam-se no chão, sem sua amplificação, teria ossos partidos.

-Tá achando que é gente, é? -Seraphim dizia. Krauzher sentia o amplificar de várias das maldições do rapaz, mas nunca havia visto nada igual antes. Não sabia a razão, mas preparou a postura para lutar.

-Eu estou indo até a vila do aço. Vou ajudar o po...

-SAIA!!! -Krauzher foi arremessado incontáveis metros. Qualquer homem comum já teria sido partido e teria suas tripas presas em algum destes galhos. As árvores eram partidas ao meio, como se atingidas por uma bala de canhão.

Quando pôde reagir, Krauzher estendeu a mão rumo a uma árvore com a qual colidiria. Fazendo um curso inverso com os dedos, a árvore se tornava mole e flácida como um balão cheio de água. Com o qual colidiu, em um impacto suave que o devolveu ao chão à sua frente.

O General voara em sua direção. Com mãos nuas atingia Krauzher, que era rígido demais, com a maldição ampliada, para se esquivar. As pancadas não causavam dor. Mas havia nelas uma força quente, que derretia e causava calafrios a parte da camada grossa de pele metálica de Krauzher.

O chão abaixo de Seraphim se torna mole. Krauzher, ao pisá-lo com força, arremessa o homem para o céu. Fazendo-o cair, suavemente, longe de onde estava.

-Tá lutando também, é? -Pensou Seraphim.

-Porque você está me atacando?! -Disse Krauzher, ofegante. -Não me atacaram quando eu era uma armadura, porque agora?!

-Mesmo sabendo que era estranha, tu vestiu aquela coisa de novo. -Seraphim falava. -Tu é um homem nojento. Um rato ganancioso.

Krauzher sentia seu peito se amassar quando Seraphim, com um ataque, o joga ao céu.

-Que força é essa?! -Krauzher xingou.

O homem avançou em sua direção, num salto inumano. E cortavam a névoa vermelha com golpes e com as defesas de Krauzher.

Krauzher acertaria ele com um soco direto. Mesmo que rígidos e lentos, membros de metal podem explodir uma cabeça humana se atingirem.

Sentiu uma rígida onda de medo. Como se sua mente o impedisse de tocar aquele homem. Simplesmente não conseguia mover seu corpo. Sua hesitação o jogou para baixo com um ataque de Seraphim. Fazendo incontáveis kilos de lama voarem, e uma árvore se despedaçar e cair em cima dele.

Seraphim pousava tranquilamente no chão. Suaveando sua queda

-Eu não tenho medo de você. -Krauzher dizia, se levantando dos escombros da árvore vermelha que o esmagou. -Não tente me forçar a ter.

Ele estudava Krauzher. Olhava para sua postura. Ele tinha olhos convictos. Ele estava sacando um galho afiado da árvore, o qual transformava em uma versão metálica do próprio. Empunhando como uma arma.

Krauzher notava. Sempre que ele falava, a intensidade de suas maldições, da onda de medo, do frio intenso, eram reduzidas perfeitamente na hora.

-O Andarilho disse que confia em você. -Seraphim completa. -A lua já girou quinze vezes. Quando tu vai ser homem e admitir? Tu vestiu porque quis.

Era aquele o ponto de ruptura. Uma linha fina que segurava algo na mente de Krauzher se partiu. Desde a banheira, uma estranha névoa cercava a mente de Krauzher. Ele não conseguia acessar seu tempo com a armadura. Não conseguia interpretar nada com base naquilo.

Ele havia conseguido caminhar pela cúpula ignorando quinhentos anos que experienciou. Helga... Sabine... Em algum momento de sua vida, ele tomaria a decisão certa?

Krauzher olhou fixamente para baixo. Sua amplificação cessa, diminuindo a rigidez de seu corpo. Era hora de um teste.

-A vila do aço está morta. -Seraphim disse. A aura de suas palavras, invadindo a mente de Krauzher. -As criaturas mataram todo mundo.

Krauzher encarou Seraphim. Estava falando sério. Sua feição era esmagadora. Como a de alguém que queria ferí-lo com aquelas palavras.

Krauzher se lembrava de quase tudo o que viu quando estava armadurado. Mas a neblina antes cobria essas memórias assim como cobria sua esposa e filha.

Krauzher via que, mesmo que vivesse mil anos corretos, nunca é possível compensar os dez anos errados. Não havia bem neste mundo que ele fizesse que poderia compensar isto. Seraphim vê os espíritos Daemonicos se reunindo ao redor dele.

Seraphim colocou os braços para o lado. Entendeu a verdade então. Mesmo que ele realmente fosse uma vítima, certamente não iria mais querer viver. É hora de devolvê-lo ao seu mundo, e suas dívidas, que fossem cobradas por outro alguém.

-Mundo Arruinado. -A redoma cobria os dois. Uma onda fria escala pelas pernas e braços de Krauzher e de todas as árvores ali presentes. O mundo começava a congelar.

-Ele está acabado. -Seraphim pensa. -Talvez em outra vida. Talvez em outro mundo.

O corpo de Krauzher congelava. Seus ossos se tornaram frios. Sua pele, mesmo que retesse calor por ser de metal, começava a gangrenar e congelar. O ar, gélido e misturado com a névoa, adentrava seus pulmões e congelava seus órgãos e músculos por dentro em velocidade fora do natural.

-O que?!

Krauzher permanecia de pé. O Mundo Conquistado da armadura vazava pelo seu corpo. Uma redoma que lutava contra a redoma de Seraphim. As árvores passaram também a enferrujar. Seu corpo substituiu o gelo e a friagem por mais metal conforme ele, com o cérebro quase congelado, amplificava sua maldição.

-Esse cara ainda tá aqui? -Seraphim sorriu. Ele sempre sorri quando vê que está errado. O homem o encarava com um olhar mortal. Que poderia pertencer somente a um homem que não aceitaria partir deste mundo sem pagar sua dívida com ele.

-Nulifique. -Seraphim falou. Ambas as redomas desaparecem em pleno ar.

Krauzher ainda estava de pé, o congelamento lentamente se esvaiu de seu corpo.

Eles estavam no topo de um grande relevo, que fornecia uma vista longa para um grande rio vermelho de sangue. Seraphim se aproximou, e tirou das mãos de Krauzher a estaca de aço que ele tentava usar como arma.

-Você... desistiu? -Krauzher questiona, tentando fazer sua garganta congelada falar. Seraphim arregala os olhos.

-Desisti de te matar, isso sim. -Ainda há algum espírito competitivo ou vontade de continuar nesse cara, mesmo depois de tudo. Seraphim pensou.

-Eu tenho trinta vezes a sua idade. -Disse Krauzher. -Eu estava lutando quando você tinha fraldas!

Seraphim ri alto.

-Esse cara tá de brincadeira. -Ele pensa.

Seraphim se sentou na beira de uma pedra que encerrava o planalto o qual estavam. Seguiu o riso com o canto da boca. Sacou e começou a fumar um cigarro.

-Desde que a lua apareceu, -Seraphim disse. -As pessoas começaram a fumar e beber mais. Sabia?

Krauzher se sentou ao seu lado, ainda tremendo de frio. Seraphim inverte sua maldição, tornando o ambiente mais quente.

Krauzher saca um dos cigarros do maço de Seraphim e começa a fumar.

-É de se imaginar. -Krauzher via a vista carmesim. Suas mãos clamavam por pintá-la de azul. -Tem gente que gosta de ler.

-Certo eles. -Falou Seraphim.

Ele dizia, dando um trago.

-O Andarilho... -Seraphim fala. -Disse que você foi incluído na lista de vítimas da floresta. Krauzher franze a sobancelha.

-Bizarro, né? -Seraphim completa. Colocando a mão no ombro de Krauzher. -Você vai ser útil para a causa, sua sorte é essa.

-Da causa, é? -Krauzher questiona. -Vocês são uma ceita ou algo assim?

-Ele te deu o relógio e você nem sabe o que a gente é? -Seraphim fala, com tom de raiva. Ele dizia, levantando parte de seu sobretudo de couro. Revelando o grande sol amarelo tatuado em sua pele negra.

-A ordem é a coisa que no mundo mais importa. -Seraphim.

-Ah sim, então é tipo uma ceita. -Krauzher ri. Tragando o cigarro. -A igreja católica também fazia essas coisas de onde eu vim.

-A igreja católica faz isso aqui?! -Seraphim disse. Estendendo a mão e disparando uma onda de algo que Krauzher não podia ver. Enxergava brevemente pelas distorções na névoa, que era rasgada por algo infame. Essa onda atingiu uma árvore, partindo-a ao meio e fazendo os escombros se tornarem carne.

-Ah, foi isso que você fez comigo. -Krauzher disse. -Se eu não fosse de metal eu teria morrido. Você ia ser um traidor.

-Sabe como é, né. Achei que você queria. -Concluía.

Ele falava com uma casualidade quase inadequada. Como se não lesse o ambiente ou a conversa antes de falar. Nem Krauzher, ex general de guerra, falaria de morte de forma tão casual. Tinha uma estranha mania de olhar para a Lua.

-Você tem que investir na sua Ressonância e nas suas correntes amaldiçoadas. -Falou. Krauzher franze a sobancelha em confusão.

-Rapaz, eu não faço ideia do que você está falando. -Krauzher diz, dando de ombros. -No meu tempo um homem falava dessas coisas, dizem que ele virou um sapo.

Seraphim ri, puxando outro cigarro. -O Andarilho me ensinou. Tu não tem o luxo de não querer virar sapo, tu tá na ordem agora.

-O Andarilho? -Krauzher questiona. -E qual a maldição dele?

-Ele não tem. -Seraphim diz, causando nítida confusão em Krauzher. -Aquelas feridas no peito dele são de... Outra história.

-Impressionante ele não ter se curado ainda.

-E nem vai, é uma longa história. -Seraphim fala. Acendendo, com sua inversão, uma fogueira à frente dos dois, amenizando o frio.

-Ele parece experiente, imagino quem pode ter feito aquilo com ele. -Krauzher diz.

-Essas coisas acontecem. -Seraphim aconchega as mãos próximo ao fogo. -Não tem como se esquivar de tudo. No fim das contas ele é só um cara.

Só um cara... Krauzher analisava o que Seraphim dizia. Ele sempre parecia querer dizer algo a mais em tudo o que falava. Não era só sua maldição o obrigando a usar subtexto, tinha algo. Tudo o que ele falava parecia ser uma referência a algo, alguém ou alguma experiência passada.

-Podemos nos dar bem. -Krauzher pensou. -Ele pensa de forma mais velha do que ele realmente é. E eu sou velho.

-Eu tomei uma bebida, -Krauzher disse, mudando o assunto para ver se o rapaz parava de olhar para a lua. -Era preta e tinha um gosto amargo. Mas era quente é muito boa. Apesar do atendente não ter sido muito gentil.

-Café. -Respondeu Seraphim. -Quando se é novo ou problemático é difícil, pro seu azar, você é os dois.

Ficaram em silêncio outra vez. Fumaça nadando fora de seus narizes.

-Tu não vai encontrar a vila do aço. Como eu disse antes, ela acabou. -Seraphim falou, e Krauzher lembrava. -Mas tu pode ir para a vila da Brasa. Ela ainda resiste.
-Vila da brasa? -Krauzher questiona, se levantando.
-Sim. Só cuidado pra não derreter. Eles estão tão lascados que vão te aceitar até se você vestir aquilo de novo. -Seraphim falava, também se levantando e apagando a fogueira.
-Quando chegar lá, seja homem.
-Não precisa se preocupar. Obrigado. -Krauzher diz, estendendo a mão para que Seraphim o ajudasse a levantar.
-De nada, Krauzher. -Ele o faz.

Krauzher vagou. Havia sido útil, no fim das contas, ter encontrado o General. Visto que evitou perder o tempo da viagem até a vila do aço. Apesar de tudo, sua mente ainda doía ao pensar no que poderia ter acontecido no vilarejo. Ainda não teve tempo, e azar, para encontrar e lutar com uma criatura hostil.

Era assustador que até mesmo a armadura evitava confrontos assim. Imaginava os horrores que lá poderiam ter acontecido, e caminhava pela lama endividado.

Seraphim o apontou direções, e também o informou de algo relevante. Em um vilarejo, o vilarejo dos homens fortes, encontrou um vendedor.

-Jurema! É isso aí! -Ele dizia. Apontando para um cavalo gigantesco. -Ela tem muito mais do que mil tendões, jovem, aposte comigo! Venha, aposte comigo nisso! Pelo amor de Deus!

Krauzher se esquivava do senhor estranho, mas comprou Jurema por duzentas luas. O velho pulava de alegria, não se ganha dois salários mínimos em um dia.

-Animais amaldiçoados, hm? -Krauzher pensava enquanto galopava.

A égua era forte. Seus músculos eram volumosos, densos e definidos. Mesmo só comendo capim artificial e ração, parecia ter quase, ou mais, que o peso de Krauzher. Seu corpo era forte, provavelmente essa maldição também era a causa de seu galopar ser meio desengonçado, é claro. Deve ser difícil controlar o curso do seu caminhar tendo tanta força. Mas certamente, valeria a pena. Ela conseguia aguentar o peso do corpo metálico de Krauzher que cavalos com outras maldições não conseguiam. Todo animal e todo humano era amaldiçoado, graças a lua, então Krauzher despertou certa vontade de colecionar alguns cavalos. Talvez algum dia encontrasse um com a mesma maldição que ele. Este era só o primeiro.

Viajou pelos vales de lama martelando a ideia de um estábulo cheio de cavalos. Era bom, já estava achando novas coisas para fazer.

Finalmente, como Seraphim havia dito: A Vila da Brasa.

Pelo visto, e pelo que Seraphim falou, a Nova legião, quando tinha controle destes vilarejos, organizava-os por maldição. Não importa se sua família tem outra maldição, você vai morar aonde for mais adequado para que trabalhe.

Se aproximou das pequenas cercas de madeira em estacas que cercavam as poucas casas do vilarejo. Estacas de madeira possuíam tiras de couro e carne que parecia emitir ainda mais calor, afastando animais selvagens e criaturas. Talvez o motivo desta vila ainda existir. Tinha ainda menos guardas do que da última vez, já tinha vindo aqui quando armadurado, e tinha com eles um bom contrato. Se aproximou da aparente entrada. O calor abraçando seu corpo como um cobertor de fogo. Era quente, abafado. Provavelmente, também, por conta de que quase todas as pessoas transmitiam quase visíveis ondas de calor, incluindo alguns, mas não todos, os guardas.

-Você não é daqui. -Disse um deles. Provavelmente um vigilante já que Krauzher quase tocava o desconforto emitido. -Saia.

-Eu vim ajudar. Vocês tinham um contrato de armas com uma grande armadura da ordem, não é? -Disse, brandindo seu relógio de prata. Os guardas arregalaram os olhos em surpresa.

Entrou pelas estradas de lama quase borbulhante e algumas pedras soltas entre uma casa e outra. Seu suor escorria mesmo que mitigasse sua maldição o máximo possível.

Tinha morte no ar. Sentia, e via também ao jogar os olhos rumo a carrinhos de mão sendo arrastados por guardas, carregando corpos de homens e criaturas mortas. Todo homem morto era cremado imediatamente. Incendiaram todo cadáver antes de qualquer tipo de funeral. Sempre que via lembretes da morte, do corroer inevitável do tempo e da lua, Krauzher se lembrava daquilo.

-Você não pode permitir que se tornem demônios! -Dizia o Andarilho. -Além do mais, se queimar rápido o suficiente eles não vão para o inferno. Eu acho.

Um homem estranho. Krauzher viu isso, ainda em sua "antiga forma" quando o Andarilho esperou que a mãe de um amaldiçoado visse seu filho uma última vez, mesmo que para isso ele precisasse segurar o corpo do filho enquanto ele se debatia como uma criatura. O Andarilho parecia ter um estranho senso de velhice na voz, apesar de não aparentar ter mais do que 30 anos.

Talvez Krauzher devesse fazer algo parecido. A cada carrinho de mão que via, era como se um saldo invisível em sua mente diminuísse. E cada vez mais, estava em dívida. Seu lembrete era ainda mais vívido do que estes guardas desarmados e povo assustado. A lua estava bem maior no céu, e as marcas de corrente ardiam sempre que ele via a morte de perto. Ele jamais poderia se esquecer daquilo, não importa quanta névoa cobrisse seus pensamentos.

Conseguiu informações nas proximidades, tinha algo a fazer agora. Caminhou pelo corredor de madeira vermelha que pertencia a maior construção do vilarejo, onde anteriormente teria estabelecido um acordo com um homem velho. Mesmo que a maior, não era grande ou imponente de forma alguma. E parecia, assim como o restante da vila, decadente e frágil. Seu relógio de prata o permitia entrar em muitos lugares, o Andarilho tem a gratidão de muitos homens, guardas e vigilantes. Por isso, posicionou-se atrás de uma porta de madeira que parecia a entrada de algo importante.

-Vocês não tem mais tempo para isso. Acho que deveria aceitar. -Dizia uma voz grossa e imponente. Estava falando alto, pois era audível do corredor de madeira e palha que Krauzher caminhava até chegar próximo da porta, a qual os guardas permitem que ele se aproxime.

-Mas... Estas taxas são absurdas... A armadura nos cobrava uma fração disso! -Dizia a voz de um rapaz, o timbre delatava ter no máximo vinte e cinco anos. Não era ouvido voz de quaisquer outras pessoas que falariam por ele.

-Bom, então eu acho que vocês conseguem lidar com três ou quatro hordas de Carniçais.

-Dizia a voz, seguido de não uma, mas várias risadas dentro da sala.

-A armadura está morta, rapaz. Nós estamos aqui. -O homem dizia, sua voz estava séria.

-Ei, isso é perto suficiente, cara!

Krauzher escancara a porta. O som da batida interrompe tudo o que atrás nela ocorre. O calor cresce conforme a tensão, e os olhos, cresciam rumo ao homem de aço.

...

Os olhos, antes ansiosos, estavam agora centrados em Krauzher, curiosos e surpresos, mas com um tom de raiva e confusão de muitas sobranceiras franzidas.

O rapaz, pressionado por dez homens fardados ao redor de uma mesa redonda, estava com alguns papéis e mal tinha espaço para se mover.

Os homens tinham fardas, nelas, era visível a sigla NL. Eram pretas, tinham muitos bolsos. Usavam máscaras de gás até mesmo dentro das construções. Estavam todos pesadamente armados. Fuzis, espadas, granadas, facas... Todas pareciam ter uma atmosfera estranha ao redor. Tinham escritos de cores semelhantes a sangue, e algumas possuíam carne, vísceras, bocas e até mesmo dentes. Como cães raivosos em formato de arma de fogo, prontos para cuspir fogo.

Krauzher não sabia o que estava fazendo. Seu instinto natural o compeliu a abrir a porta e interromper seja lá o que estivesse para acontecer. Talvez, em algum lugar, tivesse restado algo para ele. Algo que pudesse se aproveitar do general de aço de novo. Talvez, ele tivesse encontrado. E o fogo das antigas batalhas tinha, depois de muito apagado, um curto reacender.

-Este povo tem um contrato com uma armadura que fornecia armamento para que se protegessem das criaturas. Este contrato ainda existe. -Disse Krauzher, impondo-se a sala, que entrava com a cabeça firme e fechava a porta atrás dele.

-Na verdade, intruso, -Dizia o homem ao centro. Não vestia máscara de gás. Era um homem gordo, calvo e com rugas estranhamente azuladas no rosto. Fedia a sangue. -Este contrato acabou há seis dias atrás. E a ordenzinha...

O homem foi interrompido. Os soldados ao seu lado sacaram e apontaram as armas em choque. O rapaz fica surpreso e se protege com as mãos na cabeça. Krauzher criou e brandiu uma espada de aço em direção a eles.

-Se eu falei que o contrato existe, é porque ele existe. -Brandia também seu relógio de prata.

-A lua dos metais, não é? -Dizia o homem gordo, coçando uma de suas rugas azuis e expulsando um pouco de pus. -Vocês da ordem deixaram este povo desamparado por seis dias. Dezenas já morreram para criaturas. E quando queremos resolver, querem nos impedir?

As lembranças de Krauzher o alarmam sobre as fardas dos homens.

-Vocês da ordem são cegos mesmo. Achem que podem se esquecer da lua ali no céu? -O homem falava. -O que você vai fazer? Mandar mais chamuscadores como guardas?

Os homens riram escandalosamente. Krauzher e o rapaz estavam em silêncio.

-Sua rigidez lhe cega. -Krauzher fala. -E é por isso que este povo nos aceitará ao invés de vocês. Se tivesse nascido com a maldição errada, estaria nadando em merda agora.

O silêncio infectava a sala. Os homens moviam-se lentamente de modo a cercar Krauzher. Que mantinha a expressão firme no rosto e a postura ereta.

-Viemos ajudar, diferente de vocês, é isso que importa. -Krauzher disse. -Você vai cobrar para proteger este povo, eu farei de graça.

Os olhos do rapaz se encheram de oportunidade.

-Então aceitaremos seu contrato! Perfeito! -Disse ele, se desvencilhando dos homens ao seu redor e partindo rumo a Krauzher e ao relógio de prata.

O homem franzia o rosto e bufava. Dedilhando os dedos na mesa de madeira. Um dos homens, ainda apontando armas para Krauzher, colocou o dedo no gatilho. O homem coloca a mão na frente.

-É inútil, inquisidores sempre tentam fazer o que não podem. Então vamos deixar que continuem! Vou adorar ver você tentando ter energia para criar armas para um exército inteiro. -Falou, saindo da sala com seus homens e dando risada. -Afim, você é só um homem.

Krauzher fica calado aguardando que os homens todos saíam. Afinal, o que ele disse é verdade. Sua mente flutuava com a lembrança da energia infinita da armadura, e com a realidade atual.

Um deles esbarra em seu ombro ao passar. As marcas de corrente em seus pulsos coçam. Sua mão, segurando a espada que criou, treme. Mas viu pela janela mais um dos carrinhos de mão, carregando o corpo de uma criança morta. Sua dívida não pode aumentar.

Os homens partiram.

-O senhor... vai mesmo ajudar? -Disse o rapaz, tocando o braço de Krauzher. Ele tinha uma pele azulada, seus cabelos tinham um tom escuro de prata. Certamente tinha uma maldição bem peculiar, ou até mais. Ele falava encolhido e olhando para baixo.

-Sim, eu vou. -Krauzher falou. -Onde está o líder de vocês?

Fora da construção, Krauzher encarava, sem expressão, mais um carrinho de mão. Era carregado por soldados, boa parte feridos, sujos e mancando.

-Entendo. As criaturas estão fortes, não é?

-Sim. -Romaro, era como se chamava, dizia. Tentando segurar a postura firme que mantinha em público. -Se continuarem crescendo junto com a lua, vamos todos...

Não terminou a frase, pois haviam pessoas ao seu redor. Olhavam para Krauzher com expectativa nos olhos, pois ele andava com o relógio de prata nas mãos.

-Eu estou tentando ajeitar as coisas desde então...

Krauzher coloca a mão no ombro de Romaro.

-Eu vou ajudar vocês, Romaro. Salvaremos o seu povo.

Os pulsos de Krauzher coçam. Krauzher caminhou junto do rapaz. Tinham olheiras em seus olhos e bocejava constantemente. Mas mantinha uma postura que tentava ser otimista que Krauzher estudava, em busca de entender.

-As pessoas estão... Cansadas. -Romaro disse. Falando do povo de dentro das casas, ou os que carregavam os carrinhos. Todos tinham no rosto um semblante derrotado, esperavam a morte.

-E as cartas? -Krauzher falava, brandindo seu relógio de prata, um símbolo de confiança.

Qualquer coisa era melhor do que a nova legião. -Imagino que não estejam adiantadas.

Krauzher sentou-se à mesa. Tinham cartas, papéis, requisições, pedidos e súplicas.

Krauzher as lia com cuidado, e com uma expressão pesada.

"Precisamos de comida!", "As barricadas estão fracas!", "Nossos cavalos morreram!".

Krauzher já tinha lutado contra vilarejos assim antes. Todos eram dizimados.

Krauzher suspirou forte. Romaro estava ao lado, com uma feição preocupada. Krauzher cobria sua real expressão com a mão no rosto.

-O que o senhor acha?

Krauzher permaneceu quieto. Seus pulsos ardiam, provavelmente pelo calor. Sua mente balançava entre a necessidade ajudar este povo, e a nítida incapacidade que tinha de fazê-lo. Era por eles, não por ele. Ele repete.

-As luas do cofre praticamente acabaram. -Ele disse. -Vocês passaram fome?

-Ainda não. -Romaro responde, colocando um saco murcho de luas na mesa.

Krauzher buscou dentro de sua mochila imunda pela viagem. A grande solução... A armadura possuía incontáveis contratos, e produzia armas com sua energia incomparável. Krauzher suou.

Romaro não via as moedas e notas, mas Krauzher via seu rosto desamparado, era como um cachorro filhote. Em expectativa. Os conhecimentos absorvidos pela armadura vinham

como fogo que rasgava sua mente através das marcas de corrente em seu pulso. Havia formas de tirar um povo da miséria, se tivesse o dinheiro necessário.

-Compre o básico. -Estendeu vários dos sacos de moedas. Quase cinco mil luas dentro.

-Alguns cavalos brutos para vendermos alguns caixotes, e tente contratar alguns aceleradores. Acho muito difícil que algo cresça na lama sem eles.

-Mas... A nova legião não deixa suas vilas afiliadas negociarem com as que não são...

-Romaro falou, tenso.

-Mas certamente existem algumas dos antigos contratos de armamento que fiz.

-Todas que estão no nosso alcance já se aliaram...

Krauzher respira fundo.

-Meu deus do céu. -Colocou as mãos suadas no rosto. Começou a escrever uma carta.

Entregou-a para Romaro. -Entregue isto para o Andarilho.

O rosto do rapaz se encheu de surpresa.

-Vou ser o melhor cliente desse cara por um bom tempo. -Krauzher disse, rindo de desespero.

Romaro mostrava descrença com os olhos, misturado em uma alegria que o força a supor que aquilo era um milagre ou mentira.

-Eu... Senhor, isso é... Demais. -Ele disse, contando as Luas nos sacos. -Não faz sentido!

-Eu disse que iria ajudar.

Romaro partiu rápido como o vento. Assim como, aparentemente, teria feito as notícias sobre Krauzher.

Alguma fagulha de esperança crescia naquele povo amassado e dobrado. Horas se passaram enquanto Krauzher terminava de folhear os papéis daquela sufocante sala. Mas, mesmo assim, quando saiu encontrou coisas próximas a sorrisos, ou pelo menos não era mais a expressão abatida de quem carregava os carrinhos de mão.

Caminhou pelas ruas de lama, afundando nela os pés. Normalmente a lama é morbidamente fria, e agora, alarmantemente quente.

Teria de trabalhar nisso. Krauzher via os detalhes, os pequenos serviços que aquele povo carecia. Via uma mãe, com uma criança, levando no colo um de seus filhos enquanto tentava cuidar do outro, que era rápido demais graças a sua maldição.

Krauzher não resistia em olhar de relance para as memórias da armadura, agora descobertas por Seraphim. Sente um calafrio sempre que se lembra das criaturas e olha para a lua em seguida. Seus pulsos já estão doendo.

-Eu não posso mais apostar. Não com... -E olhava para as casas, pequenos comércios, bares, e pessoas que caminhavam e trabalhavam.

É difícil se entregar a este pessoal... Os cavalos demorarão alguns dias para chegar. Logo, não vão poder vender caixotes por algum tempo. Dinheiro demorará de entrar... Krauzher não conseguia parar a corrida que acontecia em sua mente.

No fundo de um bar, Krauzher conseguia ver aquelas duas de novo. Elas viam o esforço que ele estava fazendo por aquele povo, disposto até mesmo a mitigar o aço de sua maldição para estar com eles. Só eles.

A sensação era... Gratificante ao ver Romaro partindo. Era mista, é claro, estava correndo perigo e depositando dinheiro e sua reputação (que já não era boa) nisto. Mas algo bom o aconchegava. Algo que não o afagava quando estava apenas caminhando pelos vales de lama em busca deste lugar. Nem mesmo na cúpula da ordem.

Romaro havia deixado um aposento para ele na casa de controle. Um quarto modesto. O calor diminuía um pouco, então se tornou parcialmente mais agradável. Obviamente, a

cama era inútil, pois certamente não foi feita para comportar seu peso. Não importava. Fez de travesseiro sua mochila e dormiu sujo e suado, porém satisfeito.

O Cavaleiro Negro, Capítulo 8.

É difícil ter que se banhar com tanta gente. Banheiras públicas são bem melhores para as economias quando a água deve ser revertida de sangue para seu estado original. Romaro havia dito, quando partiu, que havia uma só para ele na casa de controle. Krauzher queria muito o conforto e silêncio. Mas não parecia certo gastar mais água só com ele.

O povo da banheira se impressionava. Krauzher se banhava como um deles. Apesar de só poder se molhar com toalhas para não enferrujar.

Quando terminou, segurava satisfeito a carta de Romaro, que a enviou por um pássaro teletransportador.

"Estamos chegando! Companhia está vindo!"

Até que, no fim das contas, Krauzher não estava sozinho. Mas algo agridoce sempre o tocava. Suas correntes ardiam.

Três carruagens vinham pelas entradas da recém renomeada Vila da Palma Negra.

Certamente, muitos rostos que gostariam de falar com Krauzher. Tinha o símbolo do sol da ordem em cada roda e cada cobertura.

Krauzher estava na rua principal, observando-as e sorrindo. Tanto de felicidade, tanto de ansiedade e preocupação.

Averso as outras carruagens, que se acomodavam aos poucos nos estábulos, um rastro de velocidade irracional cortava a lama rumo a Krauzher.

-Fala comigo, meu camarada. -O Andarilho surgia de seu lado. Krauzher se surpreendia e não compreendia como, mas ele estava ali antes das carruagens.

-Uau! Andarilho? -Ele questiona. -Você não precisava vir pessoalmente. Você deve ter assuntos im...

-Cale a boca! Você anda merecendo uma visita, hein. -Ele falou, envolvendo o braço envolta dos ombros de Krauzher, com dificuldade graças a diferença de altura e largura de Krauzher. Assim como ele, O Andarilho também acenava muitas mãos neste vilarejo. Era isso que significava não estar sozinho, Krauzher pensava. Acenar mãos. -O povo já está menos triste, não vê? Nem está tanto calor.

-Certamente. -Krauzher responde enquanto caminhavam juntos pelo vilarejo, numa manhã agradável e de não muito calor. -Muito dinheiro para tirar um povo do estado que eu encontrei para este, mas vale a pena.

-Você não precisa se preocupar com isso. -Falou o Andarilho, sorrindo. -Você lidera melhor do que eu imaginei. O que você era antes daqui, prefeito?

Krauzher ficou calado por um segundo.

-Romaro deve estar vindo com recursos, eu vou tentar produzir as armas dos guardas. Assim, menos gente morre.

O Andarilho interrompia sua expressão alegre.

-Você sabe que este povo precisa ser dez vezes mais forte quando as criaturas se adaptarem, não é?

-Sei. Eu vou dar um jeito nisso. -Krauzher especulava.

-Nós vamos. -O Andarilho disse, mexendo nos seus sedosos cabelos dourados. -Não se esqueça do que lhe disse. Seus problemas são meus agora.

Krauzher apertou firmemente a mão do homem, que grunhia de dor e ria pela dureza do aperto metálico de Krauzher.

-Chega chega! Você ganhou! -O Andarilho dizia, se separando. -Eu só vim dar os parabéns, e trazer suas visitas.

Ele disse, apontando para Romaro, que vinha junto de carroças de mantimentos a cavalo. Nas carruagens que vinham da ordem, saíam mais visitas.

-Ajuda chegou, Romaro! -Ele dizia. Romaro se aproximando depois de instruir os cavaleiros que traziam os recursos para um ou até dois meses.

-Eu mal posso acreditar, meu rei! -Ele falava, sem conter o sorriso. -Eu vou preparar sua sala agora! O senhor é mais importante ainda agora. Suas visitas devem querer falar com o senhor!

-Certamente. -Krauzher respondeu. Mas logo entrou em confusão quando homens e alguns serviçais começaram a levá-lo para a casa de controle. É súbito, certamente, mas Romaro claramente queria dá-lo o crédito devido. Ficou claro, os homens, recém contratados, vestiram Krauzher com uma imponente capa negra e roupas de tecido mais apropriado, resistente, e adequado ao calor intenso local, e ao frio esmagador da ruína ao acoplar a capa.

-Isso até que serviu bem! -Krauzher dizia, acomodando-se na sua sala de mesa redonda e papéis. Seu novo segundo quarto, sentia.

-Bom trabalho, senhor. -Os homens o deixaram sozinhos. Estavam todos se acostumando rápido, rápido demais. Como se não quisessem dar tempo de Krauzher desistir.

Além do mais, não era mais a mesma coisa.

Krauzher enferrujava sua cadeira, mas não tinha tempo para isso. A porta se abre.

-Gabriel! -Abandonou a ferrugem e sorriu, recebendo o esqueleto.

-Uau, você é bem diferente do que o Andarilho falou. -Ele dizia, rindo com sua característica voz áspera e rasgada.

Krauzher movia uma cadeira para que o esqueleto se sentasse, com um pequeno apetrecho metálico que movia com o dedo, como uma mini mão flutuante. Com a qual brincava, movendo-a pelo ar.

-E vejo também que é menos entediante do que seu antigo eu.

Krauzher tentou, mas não conteve a risada. Estava tentando manter a imagem séria, de quem sabia o que estava fazendo, de quem tudo tinha sob controle. Mas logo, ficaram em silêncio.

-Você fez isso pelo fogo, não é? -Gabriel questiona, sorrindo.

-Fogo?

-Você não estava pensando que viraria rei no caminho para cá, fale a verdade! Vamos, fale para mim!

-Ah. -Krauzher recuou de volta para a cadeira enferrujada. -Acho que qualquer coisa é melhor do que um legionário.

-Sejamos sinceros, não foi por isso que você assumiu. Armas, comida, água, pessoas. Você não tem mais dez metros, como vai proteger este povo? E as armas? Tem energia para fazê-las?

-Bom, eu vou ter que dar meu jeito. Se eu não conseguir, morro e eles arrumam outra pessoa. -Krauzher disse, reclinando-se ainda mais na cadeira.

Silêncio os consumiu por alguns segundos.

-Você gosta disso nos seus pulsos, Krauzher? -Gabriel falava, apontando para a janela, que dava vista para o vilarejo.

-Consigo viver com isso. -Krauzher disse. Olhando na direção apontada pelo esqueleto.
-Ser livre demais só causa problemas.

Gabriel riu, mesmo que nada engraçado fosse dito.

-O Andarilho disse que você era difícil de ler. Eu não acho. Você não se aguenta por um mês assim, subordinado dessa gente.

Subordinar... Uma escolha de palavras intrigante, pensou Krauzher. Inclinou-se para frente na cadeira.

-Você. -Ele disse. -Está se subordinando ao Andarilho, não está?

-Bom... Se você parar para ver... -Gabriel se reclinou na cadeira.

-Eu lembro do que você disse para a armadura, na sucessão. -Krauzher falou, em um tom de interrogatório, acessando na sua mente a neblina que cobria suas memórias armaduras. -Você confia nele?

-Bom, ele me mandou ficar com você para checar seus passos. Acho que não podemos confiar em ninguém.

Ambos nivelaram-se em seus assentos.

Dançava a mente de Krauzher, passeava olhando para a Lua, lembrando-se de seus giros, lembrando de como era estar dentro da armadura.

-Não posso te julgar. -Ele diz, em aceitação. -Mas devo te dizer. Eu vou salvar este povo.

-Krauzher diz em confiança. Gabriel sorri. Limpa lágrimas de emoção, inexistentes já que ele é um esqueleto.

Mas, de fato, Krauzher conseguia imaginar seu corpo perdendo as forças, sua visão ficando turva e acordar quinhentos anos depois outra vez. Nada impedia aquilo de acontecer de novo. Mesmo enquanto clamava para salvar o povo da vila da Palma Negra, ainda nutria o vicioso costume de olhar de relance para as marcas de corrente nos seus pulsos, temendo que elas outra vez se manifestassem.

-Ele é um cara engraçado. -Gabriel diz. -Me mandou todo sério para te manter na linha, mas depois me contou rindo sobre os planos que tinha para você.

-Sorrindo?

-É. Admirável homem para terríveis dias, não é? -Gabriel fala sorrindo, como se quisesse alguma resposta diferente.

-Noites. -Krauzher fala, olhando para a lua. -Mas... Realmente, é engraçado. Ele veio até aqui, trouxe você e o restante da ajuda. Trouxe até presentes. Eu imaginei que ele não iria gostar de um "concorrente".

Gabriel ri. -Você não é um concorrente para o Andarilho! Aquele homem é uma besta. Ele não tem maldição, mas me disseram que foi ele quem treinou Seraphim. Você já viu aquele cara?

-...Não... -Krauzher falou, espaçadamente.

-Não foda comigo, Krauzher! Ele selou aquele demônio que te possuiu! Eu nunca vi aquilo antes em todos os meus anos de vida!

-Todos os seus anos de vida? Você fala que nem um velho.

O esqueleto o encarou.

-Bom, mas se é realmente o caso, vou pedir para o Romaro te preparar uma casa.

Enquanto isso você pode dormir no quarto de hóspedes. Este lugar está decadente, mas acho que não deve estar tão ruim.

Se despedem.

De fato, o Andarilho é um homem engraçado. Três caixotes de alimento, três de armamento e três de remédios. Isso era suficiente para que o povo, antes em apuros, pudesse respirar de novo. O calor da cúpula diminuía, o que aliviava Krauzher, estava sempre suando seu

metal por baixo das roupas, agora nobres. Mesmo assim, o Andarilho ainda tomava precauções quanto a ele. Era de se entender, pensava, mas ainda assim, não deixava de doer o fato de que era visto ainda como perigo.

Com as compras de Romaro, os recursos vindos e o dinheiro que Krauzher aplicou, os carrinhos de mão carregavam agora tijolos e materiais, Krauzher via pela janela.

Além do mais, manteve sua palavra e vontade, além da égua com mil tendões, comprou um forte e robusto cavalo que o vendedor, que o cumprimentou com alegria, disse ter uma maldição "muito rápida!" Agora seu estábulo, ainda precário e em necessidade de reforma, tinha duas montarias. Krauzher olhava com orgulho. Apesar de ter que, como sempre, ignorar o passado o puxando pelas pernas.

Não conseguia se manter no pico alegre de uma conquista por muito tempo, era sempre parcial, sempre cortado por alguma lembrança passada ou fagulha de responsabilidade. É necessário resolver assuntos. Krauzher foi até a forja. Viu, no caminho, soldados enfrentando uma criatura vermelha, uma de suas lâminas quebrou. Quantas armas ele é capaz de fabricar?

O Cavaleiro Negro, Capítulo 9.

Matusalém se deliciava com as águas ferventes da Vila da Palma Negra. Graças ao calor da maldição comum do povo, as águas ardiam, ao contrário das águas comuns das outras banheiras públicas.

-O novo líder daqui pode fazer bastante dinheiro com isso. -Ele dizia, brincando com a água.

-De fato, cavaleiro. -Jin falava, intercalando a fala com o toque de uma relaxante melodia em uma flauta de madeira. -"Vamos dar apoio para nossa nova vila aliada, quero todos que puderem lá!" O Andarilho falou, mas este povo não parece tão mal.

-Eu acho que a mudança é recente. -Falou Matusalém. Seu tom de voz, calmo e estável como sempre. Havia, é claro, algo perturbando sua voz, mas era sutil, uma mudança de tom quase impossível de notar. Mas, como sempre, parecia separado da situação, como se não estivesse no vilarejo, ou na banheira.

Jin estava realmente curioso em falar com inquisidores maiores desde que o Andarilho o entregou seu relógio de prata. Com a lua emergente, era óbvio que aqueles que ficassem sozinhos e sem afiliação morreriam. Ele não pode, de novo, deixar que isso acontecesse. Por isso, ele e Matusalém resolveram vir.

Além disso, suas habilidades com almas se mostraram úteis em homens feridos e com desesperança mais persistente.

-A menina azul do Andarilho disse que a lua ainda vai demorar para aplicar tudo. Mas... -Jin relutava. Proibindo uma pergunta talvez alarmante para um momento de tamanha tranquilidade.

-O Andarilho vai resolver. Ele sempre resolve. -Matusalém responde, sorrindo com estranha calma. -Quando formos para a torre, ele vai nos preparar para isso e muito mais. -Só espero que se o líder daqui vá aproveitar disto, ele mude os trabalhos daqui. -Matusalém dizia, olhando para a fumaça expelida pelas muitas forjas locais.

-Imagine só! Receber mil caixas do Andarilho e trabalhar como um legionário. Krauzher não faria isso. -Jin dizia, com uma expressão súbita de nojo.

-Krauzher, você disse?

A parede temeu pela vida ante a frustração de Krauzher, que segurava seu punho de metal com autocontrole depois de pensar em descontar sua raiva.

Ele xinga encarando com olhos sem fé uma pilha de espadas, lanças e maçãs. Tinha cerca de meia dúzia, estava suando frio e seu corpo estava começando a fraquejar. Nunca antes tinha sentido os efeitos de forçar tanto sua maldição. A lua, do lado de fora, o zombava. Estava sozinho. Abraçado pelo calor e pela fumaça de uma vazia forja lotada de fornalhas e tralhas de metal atiradas ao chão.

Meio a fumaça...

-Sua eficiência de energia é um lixo. -Dizia alguém. -Meu deus, você já treinou na vida?

-Krauzher ouviu. Realmente nunca havia. Porque teria? Ele se vira.

-Ah, olá, Seraphim. Bom dia para você também. -Krauzher dizia, virando seu rosto rumo ao general da ordem da luz.

-Você conjura que nem um cachorrinho desesperado. -Seraphim falava, andando ao redor de Krauzher. -O Andarilho nos trouxe aqui para te ajudar, irmão. Você vai ter que ser melhor se quiser fazer isso dar certo.

Era difícil de ouvir. Krauzher nunca ouviu nada parecido com isso antes. Um homem feito de aço, estava errado por nunca ter se preocupado com força? Estava errado por se contentar ao seu nível de sempre? Sua mente dizia que não. Mas ouvir os ensinamentos do rapaz, e ver que seu rosto nem havia barba ou pelos, fazia seus punhos se apertarem.

Seraphim observava. -Tu não pode se estagnar assim, tu é da ordem. -Seraphim encarava as armas no chão, meia dúzia, sem refinação ou cuidado. Ainda assim, Krauzher parecia exausto

-O Andarilho ainda me disse pra te dar parabéns... -Seraphim ri.

A mente de Krauzher dançava entre esquerda e direita. Olhava hora para sua dívida, hora para o sentimento que não desistia de forçá-lo a estufar o peito e levantar a voz. Ele é assim a trinta e dois anos.

As correntes arderam. Olhou pela janela esfumaçada da forja. Seus carrinhos de mão carregavam esperança. Era verdade o que o rapaz dizia.

-Tudo bem. -Falou, sem olhar para Seraphim. Sua face, voltada para as fornalhas, para o aço e para a vila. -Quero que me ensine.

O Cavaleiro Negro, Capítulo 10.

Era reconfortante sair da Vila da Palma Negra mesmo que por alguns instantes. O calor era intenso demais, e por isso, Krauzher estava começando a se afeiçoar ao frio da ruína, que para ele, era mais ameno e agradável do que para pessoas normais. Mas ainda não se acostumava a vestir essas máscaras no rosto sempre que saía de casas ou lugares fechados.

-Romaro é um excelente braço direito. -Krauzher pensou, cavalgando em Jurema, que esbanjava seus enormes músculos. Estava junto de Seraphim, que cavalgava em um cavalo de maldição irrelevante para seu trotar, os mais baratos, geralmente. -Ele me aceitou rápido, assim como todo o resto. Também é muito bom com ordens. Isso é bom, não há nada pior do que sair de casa preocupado com o que você deixou para trás.

Com comida e recursos, tudo o que precisavam era começar a produzir e treinar homens, foi isso que ordenou a Romaro. Se tivessem defesa, não seriam alvos fáceis, seriam

respeitáveis. Produzindo seus próprios recursos, não dependeriam do Andarilho ou Nova Legião. O Andarilho parecia disposto a ajudar com o que precisasse, mas isso soava errado para Krauzher. Não conseguia nem se contentar ainda com a ideia de aceitar que Seraphim, quem descobriu ter apenas vinte e um anos, ajudasse com Hexomancia.

-Ainda temos muito o que resolver! -Romero falou antes dele sair. Carregava muitos papéis. E realmente. Krauzher ainda não havia decidido como iria tratar o trabalho do povo. O modelo legionário certamente era mais eficaz: separar as pessoas em vilas ou bairros com outros amaldiçoados que tenham as mesmas maldições. Assim, teriam um foco produtivo enorme, e não teriam que colocar alguém que pega fogo constantemente para trabalhar com plantas só porque ele gosta.

Mas não parecia certo. Krauzher prometeu mudança para este povo, não podia obrigá-los a trabalhar da forma que seus opressores obrigavam. Se fosse o caso, nem mesmo ele poderia liderar, já que não podia sentar em nenhuma cadeira de liderança sem que seu peso a quebrasse.

Cavalgando pelo vale de lama vermelha, olhou para Seraphim.

-Então, para onde está nos levando?

-Aquela floresta deve ser interessante de brincar. -Seraphim responde. Krauzher nota que ele parecia manter um autocontrole que o fazia suar e tremer as vezes, talvez estivesse suprimindo algo, principalmente ao falar. -A nova legião geralmente conquista essas florestas muito antes de mapearmos. Essa é uma das poucas exceções.

-Vocês se dão bem com eles?

-Mais ou menos. -Seraphim diz. -Cada um com sua causa.

Krauzher raciocinou por alguns segundos. Nunca havia prestado muita atenção neles, visto que nunca os visitou. Mas muito já ouviu sobre eles.

Ficaram em silêncio. O único som no vale de lama vermelha é o som dos cascos dos cavalos afundando na lama grossa e profunda, que subia até suas canelas.

Entraram pelas árvores grossas e vermelhas, manobrando os cavalos e se abaixando para que os galhos pontudos não os atingissem.

-Teu problema é que tu luta desesperado. -Seraphim falou, descendo do cavalo. Já estavam imersos na floresta densa e vermelha. -Tu usa energia demais para fazer coisas simples, porque não sabe o mínimo que pode gastar.

Krauzher forçou seu corpo, como uma compressão muscular. Aumentando os efeitos de sua maldição. O metal de seu corpo se tornava mais denso, porém seu corpo se tornava mais rígido, limitado, lento e pesado.

-Aí, viu? -Seraphim aponta, parecendo de alguma forma perceber a energia que Krauzher desempenhava. -Qualquer inquisitor gastaria metade. Além do mais, com as articulações assim, tu não acerta nem minha vó que tem diabétes.

Krauzher não entende a última parte, mas tenta acertar Seraphim, com a surpresa talvez teria sido fácil, mas o estalar de suas juntas o deu tempo de evitar o ataque.

-Você só está pensando em uma única coisa ao mesmo tempo. -Seraphim falava, tocando o cotovelo de Krauzher. Algo tocava sua energia, forçando-a a seguir um curso inverso do que antes fazia. Apenas no cotovelo, os ossos se tornam maleáveis, moles como borracha ou goma, mas não se partiam com os movimentos bruscos e pesados do metal.

Krauzher abre e fecha os dedos, brincando com a elasticidade que nunca havia testado.

-O que você fez?! -Ele disse. Esbanjando um movimento de braço rápido como o de um homem treinado, mas com um impacto de aço. Sua junta do braço se movia livre e suavemente, enquanto o resto ainda era de aço.

-Se eu não fizesse isso, tu nunca ia acertar ninguém. -Seraphim fala. -Agora mesmo, estou fazendo algo que você também raramente faz.

Krauzher nota, havia tempo que a aura que fluía da boca de Seraphim surgia.

-Você consegue contê-la? -Questiona.

-Enquanto amplificar é tipo forçar para se cagar, o que estou fazendo é forçar para não me cagar.

-Você está... Mitigando a sua maldição? -Krauzher questiona. Ainda era muito difícil reverter sua energia somente em suas juntas, principalmente enquanto forçava o resto do seu corpo a se tornar mais metal. Ele sabia mitigar, mas o gasto de energia raramente valia a pena.

-Isso. Você provavelmente já fez isso instintivamente, mas sem prática é impossível manter por muito tempo. E tu não pratica nunca, por isso que é todo esdrúxulo.

De fato, Krauzher já estava se cansando. Neste jogo de amolecer juntas e endurecer punhos, já se via ofegante, fraco, trêmulo.

-Tu foi amaldiçoado porque -Seraphim falava, tirando algo de seus pertences -alguma coisa ruim te aconteceu, pelo menos é assim com todo mundo. Pra melhorar isso...

Seraphim completa, sacando um pequeno tapete de minúsculos espinhos afiados.

-Para treiná-la, é óbvio. -Ele aponta.

Krauzher compreende e se ajoelha em cima do tapete de espinhos. Cada pequena ponta perfurando e se forçando contra sua pele. Mesmo que metálica, ainda incomodava.

Centenas picadas de inseto simultâneas e imparáveis. Forçou sua maldição e a dor parou.

-Mitigue. -Seraphim disse. Krauzher imediatamente começa a mitigar sua maldição com o comando de aura, seus joelhos se tornando flácidos, frágeis e moles. A dor é multiplicada. Instintivamente ele se atira para cima, escapando da tortura.

-Que merda isso significa? -Ele fala. Com certeza existem métodos de treino muito mais eficientes, pensou. Ele já viu soldados se aposentarem por uma facada na perna. Como isso o levaria a qualquer lugar diferente?

-Um amaldiçoado que não sofre é um amaldiçoado morto. Se tu não quiser, tudo bem, mas aquele povo vai sofrer se tu não for bom. -Seraphim fala. -Leva isso pra casa, testa, e você vai me entender.

Krauzher apanha e guarda, ainda descrente, o tapete de espinhos. Eram duros, rígidos, e minúsculos. De alguma forma não se esmagaram com seu absurdo peso.

-Ele ainda não entendeu. -Seraphim pensa. -Talvez seja necessário algo a mais.

-Me entregue sua capa. -Seraphim diz. Krauzher instintivamente a entrega. Compelido por uma vontade irresistível, um comando que seus músculos obedecem antes da mente.

-Ei! Que merda é essa?! -Enfurecido, parte para cima para retomar. Seraphim, com uma força súbita pula para o alto do galho de uma árvore vermelha.

-Pegue. -Ele falava. Desta vez mitigando sua maldição, negando o comando que em Krauzher seria imbuído.

Krauzher estava começando a se irritar de verdade com este garoto. Já enfrentou incontáveis homens, nenhum nunca o desrespeitou desta forma.

Seraphim fumava um cigarro do topo da árvore. Observando.

-Isso vai forçá-lo a pensar mais. -Pensou.

Seraphim se arremessa para trás para se esquivar. Um projétil de metal minúsculo, mas absurdamente rápido o atingiria como uma bala. Krauzher estava certo, era capaz de imitar as armas dos homens que viu na sucessão, que não existiam no seu tempo.

Ele, com os dois dedos em forma de arma apontando para cima, não perde tempo, imbui o ar com sua maldição mais vezes, tentando acertar Seraphim. Ao falhar, o chão abaixo dele

recebe sua maldição inversa, se tornando mole. Ele usa-o como um trampolim, e parte com a cabeça o galho que Seraphim repousava.

Krauzher caiu no chão novamente, à frente do general. Seraphim balançava a capa provocantemente. Krauzher estava alternando as compressões do seu corpo. Aumentando sua dureza, depois rapidamente diminuindo. Infectou um pequeno galho no chão com aço e depois o reverteu, tornando-o flácido. Brincando com sua maldição.

Seraphim sabia que um único ataque de aço é suficiente para destruir seu crânio se for pego de surpresa. Obviamente Krauzher jamais o mataria, mesmo que com raiva pela sua capa e pela provocação. Mesmo assim, preparava suas maldições para se defender.

Krauzher avança, imbuindo as pernas de Seraphim com dureza e rigidez metálica.

Desacostumado, o general mal conseguia movê-las.

Krauzher para no meio de seu avanço, como se tivesse perdido a vontade de atacá-lo.

Caindo na lama atrás de Seraphim em desarme.

-Mas ele não falou nada?! -Se questiona, levantando.

-O que é uma Fala amaldiçoada amplificada, Krauzher? -Seraphim diz. Apesar de insultante, Seraphim o estava abrindo muitas portas.

Lama foi expulsa para o alto. Correntes emergem do chão furiosamente. Os braços e pernas do General são agarrados. Krauzher avança. Suas juntas, músculos e pés se tornando metal amplificado e seu corpo se tornando flácido e leve por um instante. Fazendo com que avançasse em velocidade sobre-humana.

Durante o avanço, Krauzher começava a sangrar. Seus músculos começaram a se banhar em sangue que eclodiu de si mesmo. Como um desafio. "Resolva isso." Seraphim estava fazendo algo.

Krauzher fraqueja no meio do caminho. Seraphim estava imobilizado, mas não há mais porquê se defender. Krauzher estava sangrando, o treino havia ido longe demais. Sentia dentro de seus músculos o sangue vazar e sua força diminuir, conforme a dor paralisava seu corpo.

-Ei, vamos parar. Aqui a sua -Uma árvore explodiu com Seraphim atingindo-a em altíssima velocidade. Recebeu um soco absurdamente amplificado, punhos duros de metal levados por articulações leves e elásticas. Seu estômago, tendo quase se dobrado no impacto. As juntas de Krauzher se esticando como borracha e impulsionando o punho de aço ainda mais forte e veloz.

-Como?! -Os galhos e folhas vermelhas o cobrem. A árvore, caindo despedaçada. Rastros de lama que voou ainda no céu, caindo de volta ao chão.

-Eu falei para você me devolver! -Krauzher diz, em um tom tanto de provocação, como de vitória. A capa caiu sobre a lama. Ele a pega, como um símbolo de vitória.

Seraphim usa sua diferente visão. Viu que os vasos sanguíneos que se romperam foram... Cobertos por metal. Realmente, ele aprendeu rápido. Mas não o suficiente.

-Aonde este cara já lutou para ter aprendido isso tão rápido? -Pensou ele, sorrindo.

-Você aprendeu bem a usar sua maldição. Mas nunca pode confiar em outro homem!

-Seraphim fala. Krauzher nota incontáveis papéis dentro de sua capa. Tinham algo escrito. "Choque."

Krauzher treme com eletricidade subitamente invadindo e sendo conduzida ao seu corpo. Cada músculo contraindo e apertando. Caiu no chão paralisado e convulsionando. A eletricidade entrava ainda mais rápido, conduzida por seu corpo metálico.

Depois que se recuperou, ficou caído no chão com vista para cima.

Silêncio reinou por alguns segundos, ambos caídos em escombros ou em lama. E então, Krauzher e Seraphim gargalharam.

-Seu moleque! -Krauzher dizia, se levantando e limpando a lama do corpo.

-Eu só usei duas maldições, tu tem que aprender muito pra ficar ruim! -Seraphim falou, se desvencilhando dos escombros da árvore. Sua barriga ainda doía. De alguma forma, Krauzher confiou que, graças a seu confronto anterior, Seraphim não morreria mesmo com um ataque em força total. Seraphim também se deu a liberdade de arrancar sangue de Krauzher.

Suas armas estavam encolhidas próximo a uma árvore ainda não destruída, Junto de suas éguas.

Permaneceram exercitando o que testaram por horas. Krauzher precisaria entender muito mais se quisesse de fato liderar algo por mais do que um mês. Este mundo ainda não o cabia, e Seraphim parecia compreender este sentimento sempre que via Krauzher entendendo uma nova técnica.

Amplificação, amplificação reversa, reversão imbuída, Mundos, Correntes e Ressonâncias... Krauzher foi apresentado a incontáveis elementos, que não exatamente compreendia completamente agora. Mas, Seraphim ressaltou, ele entenderia muito melhor quando se tornasse amigo dos espinhos.

Tudo isso era... Estranho. Em sua época, a chamada "Hexomancia" era algo mais... Velado. Não chamavam assim. Sequer se referiam a ele como alguém especial, sequer se referiam a estas ações como algo existente, como uma arte prática e real.

Enfim, era hora de partir. Subiram e vagaram em suas éguas. Mais uma vez, Seraphim insistiu que Krauzher fumasse com ele enquanto viajavam. Uma das maldições de Seraphim parecia tornar ele e o ambiente mais frios, o que era agradável. Ao contrário da constante mania que ele tinha de ressaltar o quanto Krauzher ainda não sabe nada.

-Como foi que você fez aquilo? -Krauzher diz, galopando em Jurema.

-Ah. Sabe como é, né?

-Na verdade não, moleque, eu não sei. -Krauzher dizia. Se irritava quando, para provocá-lo, Seraphim falava coisas que só ele sabia, como se Krauzher também devesse saber. Ou neste caso, em que não falava absolutamente nada.

Seraphim nota a frustração, e ri.

-Sempre que alguma coisa ruim acontece, Krauzher, aparece uma cor nova. -Ele disse, poupando palavras. Mas encarava fixamente um ponto fixo à frente dos cavalos. -Se eu consigo ver, eu consigo tocar.

Krauzher formava ideias abstratas na mente. Parecia plausível confiar nas palavras do rapaz. O que era útil já que Krauzher se sentia sempre ameaçado pela lua vermelha, névoa densa, lama vermelha... Era como se o mundo estivesse sofrendo.

Comentou sobre com Seraphim, e ele empregou mais uma vez seu irritante hábito de simplesmente não respondê-lo. Talvez estivesse poupando palavras por sua maldição, mas também havia algum sentimento estranho na hora que ele, mais uma vez, encarou fixamente à sua frente depois que ouviu o comentário. Krauzher tenta de novo.

-Então, como o pessoal vai fazer quando as criaturas receberem os giros? -Krauzher questiona.

-O Andarilho tá construindo uma torre. Coisa grande. -Seraphim falava com um tom de admiração olhando para cima. -Torre da inquisição. Vamos juntar todos e treinar por um tempo. A ordem não pode acabar.

Krauzher conhece a palavra com outros significados, que pareciam não se adequar ao que o rapaz pensava. Talvez tivessem re-criado ou re-significado a palavra.

Seraphim para por um instante. Krauzher encara.

-Se você ou alguém precisar de ajuda, use isto. -Seraphim diz, e entrega algo para Krauzher. Era um pequeno broche. Redondo e pequeno com o rosto do Andarilho. -Tu provavelmente deve ter perdido o antigo desde que a lua girou. Use isso e você pode chamar a ajuda do Andarilho.

O entregou mais um.

-E use este para que teu povo possa chamar pela tua ajuda. Vai fazer um Beep Beep quando te chamarem.

Krauzher concorda e agradece. Seguiram cavalgando.

A Vila da Palma Negra se aproximava novamente, o calor crescia conforme cortavam a distância.

-Estamos ralando, agora é contigo. -Seraphim disse. Cavalgando para longe junto com o Andarilho e os outros homens que com ele vieram, que acenavam para Krauzher na distância.

-Há muito a ser feito. -Krauzher concluí. Olhando para sua vila enquanto o Andarilho e a Ordem sumiam no horizonte. O povo da Vila da Palma Negra nomeou Romaro como o Braço direito na liderança. Mesmo que seu pai fosse o antigo líder, ele dizia que "o trono não faz muito a minha cara!". Além do mais, alguém da ordem na liderança cantava versos importantes para o restante da ruína, versos que Romaro parecia querer cantar.

Era confortável sentar-se na cadeira do trono. "Você não vai conseguir se subordinar a este povo." As palavras de Gabriel cresciam espaçosamente em sua mente, se é que eram estas. Assumir este dever era uma questão de dívida, subordinação ou caráter?

Era útil tê-lo como supervisor, apesar de suas provocações e duplos sentidos ocasionais. No restante do dia, Gabriel estava junto de Krauzher e Romaro.

-Temos que chamar os povos das outras vilas que a armadura contactou. -Krauzher falava. Em sua mente, os carrinhos de mão apareciam.

-Está louco, seu povo começou a respirar agora, já vai chamar mais bocas para alimentar?

-Gabriel ria. O conselho era racional, Krauzher pensava, apesar de Gabriel gargalhar enquanto o passava.

Krauzher não consegue fazer armas suficientes para manter um dia de guarda contra criaturas da lua. Seus ferreiros trabalham bem, mas estão todos trabalhando nas reformas. Uma única pessoa a mais poderia desestabilizar a todos.

-Também temos que ver como vão ser os trabalhos... -Romaro falava. Gabriel se irrita com a forma inconclusiva com a qual o rapaz sempre falava.

Krauzher questiona se ele se referia ao modelo de trabalho, e ele confirma.

-Bom... -Krauzher reflete, colocando duas mãos sobre o queixo e encarando o céu vermelho acessível pela janela da sala de reuniões da cabana principal. -Não podemos obrigá-los a trabalharem com o que não querem só por suas maldições.

-Então você terá que sustentar soldados com a maldição "Medo eterno". Só estou dizendo...

-Gabriel fala. -Você não está em posição de ser bonzinho, Krauzher.

Também era verdade. Krauzher pensava. Romaro parecia desconfortável com a ideia. Na verdade, parecia desconfortável sempre que Gabriel abria a boca.

-Não posso trair o Andarilho dessa forma. -Krauzher decide. -Ele está nos ajudando, jogaremos pela causa dele. Alguns inquisitores ficaram para ajudar na guarda, não posso traí-los também.

Gabriel, apesar de comentar bastante, não parecia se opor uma vez que decisões foram tomadas. Ele já havia visto reis sendo enforcados por decisões menos perigosas. Tentava evitar, mas não com muito esforço, e não sem rir um pouco.

Trabalho, alimento, banhos, segurança... Krauzher já lutou guerras menos complicadas do que toda esta papelada. Sua mente mancava para consumir tudo isso. Não era acostumado a ter que pensar de forma tão complexa. Além do mais, também tinha que aprender o que Seraphim lhe disse se quisesse ser capaz de carregar este povo nas costas. Mas ele é capaz de aumentar seu peso ao carregar outra pessoa?

Já era tarde da noite. Com a ausência do sol, o ciclo de sono de Krauzher estava complicado. Sua pele também carecia das vitaminas solares, por isso, Romaro estava lhe instruindo sobre a alimentação "engraçada" da ruína, como ele disse. Ele veio pessoalmente entregar laranjas no quarto de Krauzher.

-Aqui, meu rei! -Ele disse, com a cesta em mãos.

-Obrigado, Romaro. -Krauzher aceita. Romaro já estava se despedindo. -Obrigado, Romaro.

-Duas vezes? -Ele questiona, rindo.

-Coisas diferentes. -Responde. -Suas qualidades seriam bem vindas de onde eu venho.

Romaro questiona com o rosto o que aquilo significava.

-Você tem ajudado muito, rapaz.

Krauzher se aproxima do rapaz, que parecia lisonjeado, mas não aparentava saber o que dizer.

-Ah, eu só faço o que dá, né? -Ele dizia. Seu ombro recebe a mão de Krauzher.

-Algum dia vamos entrar em trincheiras juntos, rapaz. E quando estivermos lá, não vou me esquecer disso.

Romaro abraça Krauzher. Krauzher franze as sobrancelhas. Em sua época, ririam de um homem que demonstre amizade desta forma. Abraços eram reservados para esposas e talvez, com sorte, filhas. Apenas filhas. Ele era um homem moderno, Krauzher raciocina, é seu dever como amigo não julgar sua forma moderna de pensar. Krauzher bate em suas costas.

-Romaro, uma última coisa. -Krauzher diz. -Pegue isto.

E entregou para Romaro um broche.

-Use para me chamar para qualquer coisa que precisar.

Romaro sorri. E então se ausenta.

Era solitário a ruína. Uma chuva de sangue começou. Como sempre, as pessoas se abrigavam em suas casas por conta dela. Tirar a máscara era útil para que Krauzher finalmente pudesse relaxar em seu quarto. Podia não parecer, mas era hora de dormir. Krauzher sentia falta de alguns dos calores, não só o do sol. Desde que chegou, não foi recebido facilmente por todos. Com razão deles, ele conclui. Havia trazido muitos problemas e fazia sentido que ficasse sozinho. Perdeu calores demais. Calores que não se lembrava direito, mas que faziam falta. Este pensamento o tornava grato por ter pessoas como o Andarilho, Romaro, Gabriel, e talvez até Seraphim.

-Um baile ocorrerá! -Krauzher disse, no dia seguinte para Romaro e Gabriel dentro da sala de reuniões.

Gabriel riu da sugestão, é claro. Bailes são caros. Ainda mais na ruína. Comidas quentes eram luxuosas, e requisitadas para bailes que almejam ter o mínimo de alegria. Ninguém aguentaria comer comidas frias em uma ruína ainda mais fria. Por isso, pimenta era uma iguaria sem igual. Foi o que Gabriel argumentou.

-Não teremos esta desvantagem, esqueleto! -Krauzher disse, confiante. -O povo daqui não aguenta mais calor. Além do mais, será importante para a moral deles, é a coisa mais importante em uma guerra. -Krauzher pensa.

-Eu vou avisar aos donos dos bares! -Romaro fala. Saindo da sala na mesma hora ao receber as datas e circunstâncias por Krauzher.

-Nem estamos em guerra. -Gabriel fala enquanto assiste a saída de Romaro. Então se vira para Krauzher. -Do nada? -Ele questiona.

-Não. Este povo precisará estar feliz e confiante com a minha liderança. Pois eu vou para a Torre da Inquisição.

-Ah é? -Gabriel dizia. Seu sorriso esquelético se formando por deduzir que estava certo.

-Não pelo motivo que você está pensando. -Krauzher responde. -Eu devo ficar melhor por este povo. A lua virá e as criaturas vão ficar mais perigosas, preciso estar pronto.

Gabriel era um grande atizador de dúvidas em Krauzher. Ele sempre fazia o que ele está propondo parecer mais egoísta ou problemático. Apesar de tudo, Krauzher gostava disso nele, seu hábito atizava Krauzher a pensar por mais lados e visões, o que ele normalmente tinha dificuldade de fazer. Pensar complicadamente era difícil, e Gabriel o ajudava, mesmo que não intencionalmente.

Mas realmente, Krauzher olha para dentro de si. Ponderando pelo quê estava fazendo tudo aquilo. Era pelo rugido em sua alma que ansiava por retribuição? Ou pelo povo que havia acabado de conhecer? O rugido ecoava na mente de Krauzher, como um tigre faminto.

Faminto por algo que Krauzher esqueceu-se. Algo que não tinha mais.

Decidiu voltar atrás. Talvez sua decisão estivesse sido movida pelos tempos de guerra, onde ser forte era o que importava. Não fazia sentido ir para a torre agora. Talvez Krauzher devesse pensar com mais complexidade, como Seraphim falou. Ir ou não ir?

Krauzher passou os últimos dois dias ansioso com o baile, e se julgava fortemente por isso. Porque ele estava ansioso para frequentá-los agora e não quando...

Ele não podia pensar nisso. Havia percebido que estava mitigando seus bons momentos ao pensar demais em...

Portanto, não há mais espaço para isto. O povo da Palma Negra precisava de um pilar feliz, confiante e firme. Não um que vivesse no passado. Por isso, também, que a ideia da Torre da Inquisição permanecia na sua cabeça. Apesar de ser arrebatada pelas palavras de Gabriel não muito depois. Krauzher dificilmente deixava sua mente como uma planície por muito. Era, nos melhores dias, um pico. Tinham intervalos, mas ainda assim oscilava.

Principalmente ao lembrar de...

Nos últimos dois dias, Krauzher viu as reformas de perto. E apesar de tudo, via que o povo, quando injetado com esperança, aceitava rápido o despedir dos tempos ruins. Os baristas já estavam começando a se afeiçoar ao Líder de aço. As senhoras as quais ajudou com carrinhos também. Os construtores cujas pedras carregou, também.

Por isso, o clima não foi nem perto de ruim quando ele foi até a praça central, que estava sendo reformada, e anunciou.

-Bebam até morrer! -Erguendo euforicamente sua caneca de Whisky. A euforia se espalhava como uma doença ao povo que o assistia. Nas portas dos bares, das lojas, todos assumiram que, se o Líder falou, é hora de comemorar.

Bardos com maldições que aumentavam o som de suas vozes, passos, bater de corações e instrumentos, tocavam. Permitindo que toda a Palma Negra festejasse.

Krauzher se recostou em uma das estátuas. Dançar nunca fez seu estilo. Talvez ela não fosse uma boa dançarina. Talvez não goste de festas e prefira ficar em casa, não sabia.

-Rei! -Romaro dizia alegremente se aproximando e colocando a mão no ombro de Krauzher.

-O povo está dançando mais do que eu esperava!

-Não precisa me chamar assim, Romaro. -Respondeu Krauzher, sorrindo enquanto olhava para as rodas de dança que se formavam.

-Não sabia que o senhor gostava de Whisky. -Ele dizia.

-Não faz bem, mas certamente é a menos pior para meu corpo. Essas invenções do seu povo são muito boas.

-Logo você também podia fazer a sua, não?

Krauzher permaneceu em silêncio. Encaravam o povo dançando e tentavam, com o máximo de educação, negar os pedidos dos baristas e damas para dançar e beber.

Eventualmente, cansaram-se do lado de fora e se acomodaram no abraço macio de um bar.

O calor da vila era sempre presente, mas nos bares, algo mudava. Era um calor que assolava a cabeça de Krauzher. As pessoas se abraçavam, cantavam juntas, bebiam juntas. Precisavam só de uma circunstância, um motivo para beber e gerar calor. Certos foliões revelavam meios de diversão que Krauzher, em sua antiga vida, jamais teria pensado. Deixavam o tempo passar sem se preocupar com mais nada se não o momento atual. Faziam isso por meio de dados e cartas, o que admirava a Krauzher.

-Ei, Romaro. -Ele cochicha. Estava sentado no banquinho do balcão mitigando sua maldição com whisky na mão. -Será que eles aceitariam outra dupla?

Se aproximando, três dos quatro jogadores em uma das mesas acenaram sorrindo e erguendo copos.

-Agora eu ganho, o Rei vai jogar! -Um deles disse. -Estes dois patos acabaram de perder, senta aqui! -Apontando para dois dos rapazes, que saíam bufando.

Romaro e Krauzher sentaram-se de modo que fossem categorizados como uma dupla. Do outro lado, um dos bebuns bebia e cumprimentava o rei. E sua dupla, um homem de cabelos brancos como a própria pele. Uma expressão calma e serena que distoava da festa. Matusalém.

Uma rápida explicação das regras foi dada a Krauzher, que nunca havia ouvido falar no jogo. Apesar de pegar e jogar pedaços de papel ser para ele uma atividade estranha, ou até tola, fez um esforço. Parecia importante para àqueles homens se divertir desta forma. E ele queria compreender como é possível se distrair entregando-se totalmente a um único momento, um único jogo, somente em ganhar. Não pode ser só a bebida. Como eles fazem isso?

-Como andam as coisas, rei? -Matusalém pergunta. Uma pergunta amigável, mas com um tom de voz monótono. Em seguida, para a abertura do truco, jogava um quatro. Os outros jogadores riram.

-Não precisa me chamar assim. Somos ambos inquisidores, não somos? -Ele responde.

-Logo, somos iguais. E isso também vale para os outros jogadores.

Falava apontando para o resto do povo no bar. Matusalém mostra um rosto interessado.

-Mas, como você perguntou, as coisas vão bem.

Romaro confiantemente esbanja seu três, recolhendo o restante da mão e comemorando com a mão no ombro de Krauzher.

A rodada é do rei.

-Então, Krauzher, -Continuava Matusalém, rosto ausente de expressão. Agora mais de perto, Krauzher notava um tom inapropriado de verde aos seus olhos e a sua boca quando a abria para falar. -Deve ter sido difícil passar pela sucessão. O Andarilho me disse que você não é daqui. Me disse que você é de outro povo...

-Ah. -Krauzher responde, como era da dupla vencedora da última rodada, ele começa com um valete. -Eu não estava exatamente lá...

Romaro olha enquanto ele fala, curioso. A dupla de matusalém parecia bêbada demais para entender ou participar. Apenas grunhia sem lógica e jogava cartas horríveis para o jogo do comandante.

-Não estava lá? -Matusalém questiona, jogando um valete de naipe superior por um ao de Krauzher. -Que pena, hein. O metal teria sido útil. Muita gente morreu.

-Eu... Imagino. -A rodada recomeça. A dupla de matusalém dá a largada. Romaro não acompanha por não ter nenhuma carta superior ao rei de copas.

-Disseram que foi obra de uma criatura que se alojava na ordem. A armadura gigante. Almadell disse que se intitulava Azazyel, mas que outras horas, falava ter outro nome.

-Matusalém prossegue. Romaro não compreende, mas analisa com suspeita. -Nem dá pra acreditar, né? Tudo isso acontecendo porquê alguém deixou.

Krauzher olhava com desconfiança, sua última carta, um cinco de copas.

-Já tentei estudar sobre. Mas dizem que estudar sobre a lua nunca dá bons frutos, ninguém conseguiu chegar a resposta do porquê elas surgiram, do porquê fazem tudo isso. Mas dá pra saber o motivo da lua ter girado, ou pelo menos um culpado.

Matusalém falava com uma expressão que desafiava compreensão. Não tinha nem medo, nem raiva e nem determinação no semblante, mas havia algo, expressava algo.

Matusalém recolhe as cartas para o seu lado, prosseguindo com a abertura: Três de paus.

-Truco.

Sem nenhuma carta superior, Romaro e Krauzher se encaram e colocam as cartas na mesa.

Matusalém as recolhe enquanto reorganiza o baralho em sua mão. Sua expressão mais uma vez encarando Krauzher, permitindo um silêncio que era interrompido, mas não mitigado, pelos bebuns. Ele encarava também Romaro, que tinha no rosto confusão, como se esperasse algo dele.

-Rei, o que está acontecendo? -Ele pergunta, com genuína preocupação.

-Boa pergunta. -Krauzher responde quanto as criaturas, ignorando Romaro e devolvendo para Matusalém a sua mão de cartas que ele não tinha posto no baralho. -Mas chegue logo aonde quer. Sim, fui eu. Eu era o homem dentro da armadura. Se tem pessoas morrendo, a culpa é minha.

Romaro arregala os olhos. Matusalém se levanta. Coloca um dos pés sobre a mesa e ergue a lâmina curvada que tinha debaixo das roupas grossas diante do rosto de Krauzher.

-Então eles hão de ser vingados. -A lâmina se aproximou de Krauzher, que a encarava sério. -Eu te desafio para um duelo, Krauzher.

A Vila da Palma Negra antecede não só algumas pequenas florestas, como também um pequeno relevo. Relevos na ruína são quase inabitáveis para povos sem as proteções adequadas. O vento que atinge as alturas causa um frio insuportável. E este frio contrastava com o calor da Palma Negra.

Romaro não havia vindo com ele. Era claro que se algo acontecesse, ele deveria ajudar aquele povo, se fosse possível.

Sua mente possuía agitação. Uma certa raiva e incômodo. Algo como uma frustração proveniente de nunca ser capaz de fazer aquilo que quer, de sempre aparecer algo ou alguém para retirá-lo de seu resplendor. Sempre que algo bom acontecia, algo ruim o compensava. Ele estava aprendendo a gostar do calor. Mas é claro, não dura para sempre. Por outro lado, como ele poderia esperar algo diferente? Tudo aquilo era verdade. O culpado pelas mortes é ele. Como ele pode esperar que o universo permita que ele se banhe no calor tendo causado tanto frio? Como ele pode esperar ter um baile inteiro sem ser interrompido pelas correntes. Ele quer ou não viver com elas? Tudo em sua vida era parcial. Nunca esteve em completa alegria ou completa tristeza. Como pode um homem viver a mercê do que lhe acontece? Krauzher pondera, encarando a paisagem vermelha. O vento do topo da montanha vermelha uivava banhado pela lua. Matusalém preparava sua espada e armas. Krauzher agitava o sangue do corpo. Dezenas de civis vieram, os mais sóbrios, para assistir. Não podia acontecer algo de ruim com Krauzher, o momento era bom demais, e a recente aplicação de Krauzher e da ordem daria à vila um tempo excelente e uma possibilidade de melhora que antes era impossível. Logo, é impossível esperar em casa para que sua última esperança volte depois de horas. Krauzher não pode pedir isso a eles, então permitiu que subissem com ele até o topo da montanha.

Com um mundo banhado pela lua, as leis civilizadas que o homem parecia ter ruíram. Duelos são perfeitamente cabíveis em uma sociedade onde a única decência é mantida pela lei dos homens.

Eram cercados em um círculo pelas pessoas. A Vila da Palma Negra ainda é visível. A festa estava lentamente parando. E o calor, proveniente das maldições unidas, aumentando. A notícia de que o líder duelaria contra o Comandante Matusalém se espalhava de casa em casa, de bar em bar.

Tensionar e destensionar músculos, Krauzher teria que fazer bem mais do que isso com sua maldição para derrotá-lo, previa. Apesar de não tirar sua razão, Krauzher não pretendia apenas morrer para pagar seus pecados. Não antes de sua dívida estar paga.

-Você realmente quer fazer isso? -Krauzher questiona.

-Não. -Ele responde. Um olhar sério de olhos verdes e mortos como os de um réptil.

-Ah, é? -Krauzher questiona. Sabendo que, não importavam os motivos de Matusalém, Krauzher não podia perder.

Se posicionaram um a frente do outro. Krauzher intensifica somente os músculos dos braços, tórax e pescoço. Deixando joelhos e articulações livres. Tentava ler Matusalém, mas era impossível saber o que ele fazia por dentro do corpo graças a suas vestes enferrujadas?

Beep. Beep.

Ressoou das vestes de Krauzher. Seu rosto se apavora. Suas mãos tremem. Suas correntes apertam seus pulsos como se fossem arrancá-lo.

Todos o encaram. Matusalém o observa. A expressão do homem mudou instantaneamente, nutrindo pela primeira vez, olhos apavorados.

-Isso... É um broche? -Matusalém questiona, abaixando a lâmina.

Krauzher, com a face pálida avança rumo à extremidade do relevo. Cortando a platéia que o assistia e que abria caminho sem compreender a situação.

-Oh meu deus. -A Nova Legião sempre cumpre suas promessas. Krauzher viu demônios. Criaturas providas da carne da lua e do sangue da noite. Conseguiu somente agora ouvir os sons dos tiros de seus homens, e os inevitáveis gritos de quem via o inevitável: As criaturas estavam entrando.

A platéia emite gritos sincronizados de desespero que partem o coração de Krauzher. Suor escorre pelo seu corpo. Isso *NÃO* pode acontecer. Ele olha para Matusalém. O homem instantaneamente assumiu outra postura, como se mudasse de "modo" em sua mente. Sua expressão se torna séria.

-Você pode proteger os que estão aqui? -Krauzher pede.

-Com certeza. -Ele respondeu.

-Pelo amor de Deus não deixe ninguém descer. Pelo amor de Deus. -Agarrou o braço de Matusalém, que instantaneamente começa a conter o povo.

Krauzher correu relevo abaixo com toda a força que tinha, tornando-se mais leve ao destensionar sua maldição e balançando pelo ar.

-Desgraça! Desgraça! -Ele murmurava correndo com tudo o que tinha.

Lá estava, o muro da vila. Soldados grunhiam e gritavam de desespero enquanto as criaturas entravam, indiferentes aos tiros e flechas flamejantes que eram disparadas. Suas formas eram diferentes, mas nenhuma tinha qualquer lógica ou padrão. Não lembravam nem humanos e nem animais. A cor vermelha era característica de todos, porém alguns nutriam de borões feitos por cores que Krauzher não conseguia ver ou discernir quais eram, membros e órgãos expostos que Krauzher não reconhecia de nenhuma besta e que pareciam sustentar seus corpos mesmo que não parecessem nutrir de utilidade alguma.

Um deles corria com uma velocidade que alternava entre absurdamente lento e grotescamente rápido. Um único movimento de espinho decapitou um dos homens. Outro, segurava suas tripas ao ter a barriga cortada, uma criatura rindo e dançando conforme ele perdia forças.

-NÃO!

Krauzher se arremessou na carnificina. Tornando seu corpo impenetrável como aço.

Conseguiu despedaçar um dos membros de uma das criaturas. Agarrando-se logo em seguida em outra, que cuspiu em seu rosto um líquido que não tinha cor.

Seu rosto ardia, mas não era só isso. Começou a formigar. E então, começou a se mover. A testa e entornos do nariz se moviam e se rasgavam. Sangue era expulso da pele normalmente impenetrável de Krauzher, que emitia um grito alto e grosso de adrenalina e fúria. A sensação ruim, o medo, a fúria intensificaram o aço do seu corpo. Enfiou dentro da criatura seus dois braços e a partiu ao meio.

-NÃO! -Ele gritava, irracional, como se pudesse conter tudo aquilo com uma ordem ou por sua simples vontade. Da última vez que estava em frente a uma vila assim, ele desmaiou. Ele não deixaria isso acontecer de novo. Todas estas criaturas devem morrer. E se a morte para elas não existir, Krauzher iria inventar.

-Homens! -Ele gritava. -Posição de retorno! -Os homens obedeciam. Krauzher nunca havia os comandado antes, mas conhecia termos de exército que podia colocar na cabeça deles em um grito estufado pelos seus pulmões de aço. Normalmente seus comandos seriam inaudíveis, mas não.

Os homens recuavam enquanto atiravam, ganhando tempo em troca de território.

O rosto de Krauzher queimava como o inferno. Ele fortificou sua maldição em seus olhos para impedir-se de ficar cego conforme o ácido escorria e queimava. Sua energia já teria acabado se não fosse pelos ensinamentos de Seraphim. Ele estava ofegando, mas sua energia não podia acabar. O sofrimento, a dor e a fúria o abasteciam.

Eles vão precisar aguentar. Vão precisar resistir. Pois há algo que eles não podem lidar. Meio às criaturas, havia uma que seria de Krauzher a memória mais distante de uma delas.  Uma figura que agora era maior. A energia da lua aumentando a disformidade com a qual os longos membros se moviam, sem imitar nenhum conceito. A mente de Krauzher tentava assimilar a um macaco vermelho, mas falhava. Tinha mais membros, espinhos, dentes afiados e sorria de forma triste.

Nenhum homem teria chance contra àquilo. Mas Krauzher havia de ter. Entendeu então, era isso que significava se subordinar a este povo. Era isso que suas correntes representavam: Sacrifício.

Krauzher avança furiosamente, gritando rumo a criatura com um passo metálico implacável.  Grunhe em excitação tímida ao vê-lo. Avançando e balançando os membros com uma triste alegria.

Mitigando suas juntas e amplificando os músculos, um dos membros da criatura foi despedaçado e sumiu de vista com um ataque preciso de Krauzher. Porém, descuidado. Ele luta como se fosse intocável, mas um dos espinhos, mesmo que atacasse de forma lenta e calma, o atinge. O impacto distoa da velocidade do ataque. Mesmo que não tenha ultrapassado a pele metálica, Krauzher sente seus músculos sendo arranhados e rasgados por um fio finíssimo dos espinhos.

Krauzher grita de agonia e fúria. Seu corpo quase cede de joelhos pela dor. A ferida em seu rosto, que ainda queimava, parecia de alguma forma ser intensificada pela criatura, voltando a queimar como no início. Ardendo e permitindo a entrada de um profano veneno no organismo de Krauzher.

-NÃO! -Krauzher grunhia em irracionalidade. Seu corpo queimava e formigava com a entrada do líquido, tornando a força em seus músculos e amplificação de maldição cada vez menor. Mas ele metaliza o veneno dentro de seu corpo. Sendo metal e sendo líquido, se torna seu sangue.

A criatura gargalha e arranha Krauzher lentamente mais uma série de vezes. Estocadas impensadas, que mesmo que lentas, Krauzher não consegue se esquivar. Os músculos de Krauzher começam a se rasgar e romper, tornando sua movimentação fraca e cada respiração uma dor excruciante que vinha de dentro do peito.

É hora de finalizar. A criatura avança na direção de Krauzher. Com seus membros erguidos, perfuraria os órgãos de Krauzher. Os homens atrás dele estavam aterrorizados, alguns corriam para ajudar.

-REI! NÃO! -E com isso, seus tempos de felicidade acabaram em três dias.

Se os membros da criatura não caíssem flacidamente rumo a seu corpo. Se tornando flácidos e fracos com uma infecção reversa da maldição de Krauzher, que tentava manter a consciência enquanto se erguia e olhava para frente.

Criando metal em seu corpo, Krauzher unia músculos rompidos, e com isso, o que deveria ser a face da criatura quase foi expulsa do corpo por um soco capaz de destruir pedregulhos inteiros.

A criatura foi lançada para o céu e afundou na lama. Mas se erguia. Certamente seu corpo teria se desfeito, mas a lua penetra sua essência, dando-lhe força para se erguer e seguir gritando e rosnando.

A energia de Krauzher estava evaporando. O veneno parecia se multiplicar, e ele tinha que constantemente se concentrar em metalizá-lo. Sua testa queimava, e o ácido venenoso escorria agora para seus dentes, nariz e pescoço. Seus músculos doíam como se tivesse lava fervente em seu corpo.

A criatura avança. Krauzher se posiciona, e com suas juntas leves e braços pesados, seria capaz de acabar com isso com um último golpe.

Uma criatura o agarra por trás. Um leitão vermelho e bípede. Seu movimento é enlentecido.

Não dá para se livrar. O corpo da criatura prendia seus braços e pernas. ✠☞☞☞Avança.

Perfurando o peito de Krauzher e fazendo seus músculos do peito se partirem.

O rei grita de agonia. Um grito que partia o coração dos homens que eram forçados a recuar e abandonar casas.

O som de um tiro é capaz de ensurdecer. As criaturas dançavam conforme eram atingidas por uma barragem de metralhadora amaldiçoada que rasgava a névoa.

-Rei!!! -Romero gritava, correndo ensandecidamente rumo a Krauzher.

-Romero! -Krauzher tentava dizer, mas o sangue em sua garganta interrompia.

Uma criatura em forma de obelisco se lançava rumo a Romero. Krauzher sente uma onda de fúria incontrolável que o faz amplificar o aço até o limite, até mais do que o aço normalmente possui em dureza. Despedaçando o pescoço do leitão e expulsando ✠☞☞☞De sua frente. Krauzher ergue a mão em impotência. Romero arregala os olhos e percebe que a lama o impediria de se esquivar. A velocidade é incomparável. Estava mirando na cabeça.

Quando atingido, a criatura se partiu em pedaços. As mãos de Krauzher tremendo ao ter metalizado o corpo de Romero, que estava caído no chão ofegando em desespero, sem entender como não tinha se ferido.

-Rei, atrás de você!!! -Krauzher se vira. A criatura, com o corpo debilitado, avançava. Todas as feridas de Krauzher eram reabertas e alargadas por sua presença e fúria.

Assim como os homens do bar, era hora de apostar. Krauzher permite o acerto. Seus músculos se rompendo em dor e agonia. Seu ombro direito estava quase se deslocando do restante do braço, abandonando a carne de Krauzher enquanto o veneno entrava na sua mente e vazava pelos seus dentes rangidos a ponto de quebrar.

Krauzher aproveita a proximidade. Com uma das mãos, agarra a criatura. Seu instinto de guerra, de lutar sem se importar em morrer, de lutar desacompanhado, de não ter casa para voltar, era tudo o que falava em sua mente. Krauzher permite que o espinho avance e despedace seu corpo, rasgando ainda mais músculos, para que ele chegue perto.

Enfiando sua mão metálica no corpo da criatura, ele imbuía reversamente. O corpo dela se tornando frágil, fraco, flácido. Mas ela não cedia. Grunhindo e rindo com tristeza e dor, a criatura avançava o espinho. O braço de Krauzher estava prestes a cair. Seu corpo estava quase que completamente tomado pelo veneno verde que queimava também sua cabeça. Com o mover de braços, Romero comemorou, pois o corpo da criatura era violentamente despedaçado em sete pedaços pelo Rei de Aço. O sangue atingindo sua face e braços, queimando vigorosamente seu corpo e derretendo a pele que atingia, deixando cicatrizes eternas em seu rosto, corpo e mente. A criatura se despedaçava e vibrava no chão enquanto saía deste plano.

Colapsando no chão, com cobertura dos tiros de Romero, Krauzher olhava para a vila e para seus pulsos. Tentando se erguer. Ele não podia desmaiar de novo. Não podia obedecer seus olhos que perdiam a força. Não podia obedecer seu corpo que deixava de aceitar comandos. Ele não podia apagar.

Mas quando viu Romaro olhando para frente, parecia ter nele um deslumbre aliviado que encarava algo na distância, algo que ele admirava. Krauzher cede.

O Cavaleiro Negro, Capítulo 12.

Um aviso do corpo para se esquivar de uma situação ou perigo. A dor é relativa, pode salvar ou matar. O corpo humano não tem reguladores, pode emitir dor suficiente para matar alguém só por si própria.

Krauzher sentia algo parecido. Com o padecer de sua energia, seus músculos presos pelo metal voltaram a se romper. Foi este o motivo de seu despertar. Não quinhentos anos, mas momentos após.

Tudo doía. Respirar era torturante. Se mover, tentar falar, mover os olhos ou a cabeça. Ele não pode desmaiar, se lembrou. Tentou se levantar para comandar os homens, seguir a batalha. Mas não só não conseguiu, seu corpo não lhe obedecia, mas viu a bandeira de parada.

Fumaça. Onde há fumaça, há morte. Os carrinhos de mão carregavam cadáveres de soldados e criaturas bestificadas. Amaldiçoados com o calor usavam suas maldições para incendiar uma pilha de cadáveres, antes que pudessem continuar se debatendo e se tornar criaturas. Não havia tempo para luto. Um amaldiçoado ou criatura morta rapidamente seria abraçada e pintada pela lua. Rapidamente causaria mais morte, num ciclo de sofrimento forçado pela lua, pelo mundo.

Krauzher não pode desmaiar.

Não havia mais som de tiros, ou de criaturas morrendo. Krauzher estava recostado em uma parede de uma casa destruída por uma criatura. Sangrando. Não tinha sequer forças para gemer de dor.

Havia médicos e soldados, que, mesmo feridos, resgataram outros feridos. O calor da vila neste momento era insuportável. Queimava as feridas de Krauzher tanto quanto a dor dos músculos rompidos, o veneno remanescente e as feridas abertas. Krauzher suava e sangrava com as feridas sujas com a lama do chão, que entrava em sua pele e se misturava ao seu sangue. Naquele momento, não poderia ser rei.

Um dos médicos correu em sua direção acompanhado.

-Rei! Rei! Fique comigo. -Tentaram, mas não conseguiram movê-lo para uma maca. Tentou enfraquecer sua maldição, mas dificilmente conseguiu fazer um décimo do esforço necessário.

A nova legião é sempre assim, médicos tem que ter a maldição dos Ladrões de dor. Para que possam, assim como faziam com Krauzher, roubar feridas em troca de perturbar suas próprias mentes. Isso teria que mudar em breve. Mas agora, era impossível. Mas espere. Mesmo depois de tudo isso, como mudaria? Quem o salvaria agora se não estes homens obrigados a cumprir as funções atuais só por terem certa maldição. Era mais eficiente. Estava salvando vidas. Salvando a sua vida. Salvando suas correntes e mitigando sua dívida. Como poderia isso ser ruim?

Krauzher sentia a dor de seu corpo sendo sugada para os homens que o tocavam. Eles não se preocupavam com a dor, queriam apenas livrar Krauzher da dele. Algumas de suas feridas se moviam para se fechar sozinhas graças ao esforço combinado dos médicos. As consequências eram convulsões, dor de cabeça intensa, desmaio, e se continuassem: morte.

-Rei, por favor, mitigue! -Krauzher ouve. Com a dor sendo sugada, foi capaz de forçar seu corpo e comprimir sua maldição. E com isso, se tornou frágil o suficiente para uma agulha injetar antídoto e outros remédios em seu corpo.

O médico estapeava sua cara para que ele permanecesse acordado. Embora o chamasse de rei, Krauzher duvidava. Com o enfraquecer da maldição, os outros aproveitavam para sugar as feridas de Krauzher e passar pontos que antes seriam impossíveis pela sua solidez, mesmo que para isso comessem a tremer, chorar e gemer de dor.

O médico o estapeia de novo. O campo de batalha era feio. Horrível. Jamais deduziriam a posição de Krauzher pela cena que ele vivia agora. Mas tudo que ele sentia, era o queimar de suas correntes. Mais uma vez, ele havia desmaiado. E ele se sentia horrível por só conseguir pensar nisso e não nas famílias desesperadas que via em sua frente. Por pensar apenas em seu fracasso, e não nas perdas deles. O quão ruim ele era como líder? Quanto ele ainda tem que mudar? Por quanto tempo ainda será punido pela lua?

Carrinhos carregavam cadáveres. Krauzher via na distância Romaro ajudando soldados a carregar homens, mulheres e crianças rumo a socorro e abrigo. O calor aumentava.

Krauzher franze os olhos e vira o rosto ao ver o conteúdo dos carrinhos de mão.

Matusalém, ferido, também guiava homens rumo a socorro. Parecia ter acabado. Por sorte, seja lá o que tenha acarretado a horda, queria fazer exatamente e somente o que fez. Gerar calor. Mas não o calor que Krauzher se aconchegou nos bares. Um calor fervente que queimava em seus músculos rompidos. As criaturas estavam mortas, assim como um quinto da Palma Negra.

Custou a consciência de alguns médicos para que Krauzher pudesse mitigar a ponto de ser levado para seus aposentos a fim de prosseguir a lhe salvar. Atitude que custou sua consciência também. Ele era, afinal de contas, só um homem. E a lua não respeitava seu título sobre este povo ou suas dívidas pessoais. Na verdade, a lua não conhece Krauzher. Ele lutava contra a sua mente, tentava se forçar a não desmaiar, a levantar. Ele nunca esteve gravemente ferido, nunca dependeu de outro homem, ele deve se levantar, amplificar sua maldição e salvá-los. Ninguém pode vê-lo assim. Ninguém pode saber que ele desmaiou. Ninguém pode ver seu sangue.

Queira ele ou não, Krauzher desmaiou.

Matusalém caminha pelas ruas de lama e sangue da Palma Negra. Seu relógio de prata sendo pressionado por sua mão pálida e ensanguentada. Embainhou a lâmina ao saber que garantidamente estavam a salvo, por enquanto.

-Será que valeu a pena? -Ele se questiona. Cobrindo-se, com ferrugem, da névoa.

Ajudou, ao lado de Romaro, que carregassem e queimassem cadáveres e feridos. Grande maioria haviam morrido, tanto pais como esposas e filhos. Dificilmente quando uma criatura entrava, sobrava alguém na casa. O amaldiçoado comum raramente nutre qualquer capacidade de controle em sua maldição. É fato que as pessoas se tornaram mais capazes de defesa básica com a chegada da lua. Todos sabem usar uma arma de fogo ou ao menos uma espada comum. Mas aquilo, Matusalém pensava, estava além do básico, além de qualquer coisa que o ser humano comum se adaptaria, até mesmo os caçadores de criaturas. Nem mesmo Hexomantes experientes foram feitos para lutar com coisas assim. E pior, pensava, ainda não absorveram a lua por completo.

Ele encarava o cadáver de uma das criaturas mortas. Estava em uma casa a qual ela mesma destruiu. Escombros, poeira, lama e tripas espalhadas. A criatura não tinha uma cor descritível. Seu cheiro não era doce ou amargo. E suas tripas não eram tubos, e não tinham

nenhuma forma geométrica ou função biológica aparente. Porque ela existe? Matusalém pondera, sem resultado.

Ele se senta em um dos escombros. Sua vista era a parte da frente da vila arruinada.

-É sempre assim. -Ele pensa. -Eles estavam em festa. Estavam felizes sem condição. Mas essas coisas nunca são absolutas. Tudo é sempre metade.

Pensava sobre o duelo. Arrastou a mão sobre o rosto em frustração. Era a menor de suas preocupações. Apesar da expressão nula, preocupava-se. Apertando seu relógio de prata ainda mais forte, lembrando-se do motivo de ter feito isso.

-O que é isso? -Ele diz, olhando na direção de um som. Era... Um choro.

Krauzher se julgava, mas mesmo assim, sempre nutria certo ódio por médicos. Um ódio irracional, e que entendia ser tolo, já que são quase sempre incríveis pessoas. Mas é difícil não odiar alguém que você só encontra para ter pontos, agulhas e drogas injetadas no seu corpo. Num corpo de metal, estas coisas não funcionavam precisamente. Krauzher acordou incontáveis vezes enquanto costumavam seu corpo, músculos, órgãos e purificavam o veneno de seu sangue. Para fazer uma sutura, eram obrigados a dopá-lo com remédios que causam um aumento enorme de sensações positivas, mitigando sua maldição forçadamente. Após os efeitos, seu corpo se tornava ainda mais rígido do que aço.

Sua falha havia de ser remediada. Eles tinham que ir cuidar do povo. Assim eles esqueceriam o mais rápido possível sobre isso. Mas ele não tinha voz para estas ordens, não conseguia sequer se mover.

Horas de tortura se passaram, e seu ódio irracional por aqueles homens aumentou. Viu-os como carcereiros e torturadores. Mas sempre se culpava por este pensamento fundado apenas por dor e angústia.

Assim como quando acordou, Krauzher estava deitado no chão olhando para cima, já que não poderia ficar numa maca por muito tempo. Seu corpo estava costurado e cauterizado com fogo, já que os pontos não segurariam sua pele sozinhos. E ainda sentia parte de uma fraqueza e dor de cabeça provenientes do veneno, que ainda o incapacitava.

A dor era suficiente para que não fosse capaz sequer de ficar de pé. Mas conseguiu, com muito esforço, se sentar. Ele não podia ficar deitado. A sensação o corroía, o incendiava.

Krauzher sentiu alguém se aproximando. A sensação sempre o fornecia calafrios, pois raramente eram boas notícias. E se fossem, seriam metade. Seriam parciais. Como sempre. Nada pode ser inteiro.

-Olá. -Matusalém disse, depois de ter aberto a porta sem bater.

Krauzher o encara com olhos tristes, abaixando a cabeça assim que ele entra.

-Não veja... dessa forma. -Matusalém diz. Simulando uma voz condizente de tristeza.

-Poderia ter sido pior. Muitas vilas maiores foram aniquiladas por menos criaturas. Teve uma vitória se conseguiu sobreviver.

-Vitória? -Krauzher questiona. Tentava, mas era incapaz de se levantar para esboçar sua agitação. -Um quinto da minha vila foi morta! E momentos antes eu estava bebendo e jogando joguinhos! Todos sabem agora que o único motivo de eu estar aqui é...

Krauzher percebe. Sua agitação, a dor, o desejo incessante de ir para fora e ver o povo estava o fazendo falar demais. Eles precisavam ver que ele não havia caído, que ele não havia morrido. Ele é feito de aço. Essa ânsia queimava em seu peito, tornando seu corpo cada vez mais pesado.

De certa forma, quando sua ira amplificava sua maldição, se sentia mais forte. Consequia se mover mais, falar mais sem tossir, respirar sem que doesse tanto. A sensação era... Boa. Ela queimava, mas o ardor era recompensador.

-Você não está sendo muito leal. -Matusalém afirma, acomodando-se em uma cadeira de visitas. Krauzher notava, havia este fenômeno onde qualquer um com um relógio de prata conseguia conversar de forma tão... -Está pensando no seu fracasso, não nas perdas deles. Seu egoísmo pode fazer com que mais gente morra.

Krauzher o observa, estudando suas palavras. Ele falava de forma extremamente sincera e objetiva. Era verdade, então sequer teve resposta. Estava em um ponto tão baixo, suas correntes queimavam tanto, que sequer conseguiu absorver o que ele tinha dito.

-Nenhum colhedor de repolhos sobreviveria a uma criatura como esta em suas casas..

-Matusalém fixa os olhos em Krauzher, com uma sinceridade que provinha de seu tom monótono. -Isso não é sobre você.

Krauzher o encara quando ouve àquilo. Tudo o que ele podia fazer era ouvi-lo e olhar pela janela que mostrava a lua vermelha, a autora do crime, derramando mais uma chuva de sangue que pintava o vidro da janela e as casas da Palma Negra.

Seu rosto e um de seus olhos estava enfaixado. Provavelmente sua imagem estaria arruinada assim que vissem o estado patético que seu rosto deve ter ficado. Sua vontade era de arrancar todas as faixas e correr para o lado de fora.

Krauzher se lembra com quem está falando.

-Você tinha pessoas queridas na floresta naquele dia? -Questiona.

-Pode-se dizer que sim. Mas... -Matusalém diz, relutando. Segurou dentro da boca as palavras.

-Então foi por isso que me desafiou? -Ele questiona. Matusalém acena a cabeça, sem falar.

-A festa estava ótima, á propósito. Eu não queria ter interrompido. -Ele diz. Sua falta de tom tornou impossível prever o que falaria após a última frase. -Mas lembre-se, nosso desafio ainda está de pé. Quando você se recuperar, quando este povo estiver bem... Teremos de continuar. E duelos entre inquisidores geralmente levam a morte.

Krauzher o observa. Era a menor de suas preocupações. Mas ainda assim, o encarava e notava certa ambiguidade. Não parecia sequer ser o mesmo homem quem falava com ele de momentos em momentos. Não conseguia prever o que ele diria, mesmo já tendo conhecido tantas pessoas na vida.

-Eu devo chamar o Andarilho? -Matusalém questiona.

-De forma alguma. -Krauzher abaixa o rosto por um momento. -Pessoas o suficiente já sofreram. Temos dinheiro para reconstruir, para comer. Ele já tem preocupações demais. Matusalém concorda silenciosamente, mas via algo a mais na fala.

-Como ele consegue?

-Consegue o quê?

-Na ordem, qualquer um pode trabalhar onde quiser, mesmo com a maldição errada. Como os médicos salvam alguém destas criaturas mesmo sem ter a maldição que rouba dor? Como as plantas crescem na lama sem as maldições certas?

-Não salvam, e não crescem. -Matusalém responde. A mente de Krauzher crescia em dúvida. -É como um acordo, se você parar pra pensar. Um acordo que todos fazem. O preço dele são infortúnios.

Krauzher ponderou a ideia. Sua mente oscilava. Pendia de um lado para o outro. Uma ideia para a outra. Esquerda, direita. A dor, a agonia, os músculos rompidos eram como uma gravidade que a fazia pender antes para um lado. Algo precisava ser feito. Nem tudo eram flores, não podiam agir como se fossem.

Mas ele... Não. Não pode fazer isso. Deve haver outra solução. O povo há de persistir em calor, em paixão. Ele não pode traí-los. Pois ele é leal às suas correntes, e viverá sem quebrá-las ou entristecê-las. Outra solução...

-Eu irei para a Torre da Inquisição. -Krauzher afirma com olhos de aço.

Matusalém arregala os olhos.

-Uau.

-Este povo precisa de algo melhor. Romaro pode me manter informado. Se não for longe, posso manter comunicação e presença. Quando eu retornar, este povo estará seguro.

-Krauzher diz, e então reflete calado por momentos. -Eles só sobreviveram pelo dinheiro que a armadura acumulou, só assim tiveram armas. Eu não fiz praticamente nada.

-Não foi para tomar suas decisões que eu fui enviado. Se você quiser ir, então iremos. Você realmente precisa se tornar melhor. Todos precisamos. Além do mais, você sabe quase nada sobre o povo de hoje, sobre o povo da lua, a terra da lua. Se este povo não quer morrer semana que vem, isto há de mudar.

Krauzher pensava nas possibilidades, mas logo a dor o colocava de volta em seu lugar. Mas ao que ela o fazia, ele retornava com a ânsia.

-Quando partiremos?

-Alguns dias. Imagino que você se recupere mais rápido sendo de metal. Então esteja capaz de andar em pelo menos três dias. -Matusalém disse.

-Mas... -Matusalém prossegue, abaixando o rosto. -Há um problema, ou melhor, uma boa notícia.

Krauzher levanta o rosto.

-Há um sobrevivente.

A fragilidade, o medo, a pureza. O unilateral sem superficialidade é presente somente nestes pequenos seres. Ao vê-lo chorar, Krauzher se lembrou. Sabine e a próxima maravilha que viria da barriga de sua esposa, sua eterna esposa. Sabine era como aquele homenzinho. O peso do choro dele esmagava a alma de Krauzher, esmagando-a com força sobre-humana. Com músculos rompidos, Krauzher se levanta, mitiga sua maldição e abraça a criança. Tomando todo o cuidado para consolá-la ao invés de esmagá-la sob o peso esmagador de sua maldição.

-Vai ficar tudo bem... -Ele dizia, acariciando os cabelos do garoto. -Está tudo bem agora.

Krauzher não podia simplesmente ficar recostado na parede. De novo não.

Matusalém encarava do outro lado da porta. Ele diria algo, mas se cala.

-O que aconteceu com você, juvenzinho? -Krauzher questionava. Seu corpo queimando como o inferno em dor, prestes a ceder.

Com a presença do garoto, se tornou mais fácil que ficasse erguido. Como se seu corpo perdesse o peso que esmagava seus músculos rompidos ao se aproximar dele.

Ao se afastar, notou. O garoto possuía uma pele avermelhada, em um tom que se misturava a cor que deveria ser sua pele negra original. Possuía acima da testa uma protuberância vermelha que se assemelha a um chifre. Seu corpo era frio como o de um cadáver.

Certamente, ele era alvo de alguma maldição que Krauzher jamais havia visto. Nem mesmo em suas memórias de armadura.

-Eles gritaram... -O garoto respondia, segurando lágrimas. -Eles...

-Eu entendi, garoto... -Krauzher responde, mitigando suas mãos de aço que esquentavam com o calor da cidade para enxugar as lágrimas do garoto. -Você vai ficar bem.

Krauzher olha para a sala. Matusalém estava na porta, e alguns serviçais passavam ocupados.

-Vocês três. -Ele dizia, olhando para um grupo de serviçais. -Preparem um quarto para o garoto aqui mesmo e façam-lhe companhia.

Krauzher olha em direção ao rapaz.

-Seu nome, rapaz?

-Josias...

É difícil ter noção de tempo quando se está imóvel. Em um dia comum na vila, Krauzher vai para incontáveis lugares, faz incontáveis coisas. Mas neste estado, era impossível. Romaro vinha falar com ele de vez em quando. Ver como ele estava e pedir ordens.

Eram muitas perguntas sobre o que fazer, mas Krauzher não tinha dúvidas. Mesmo que estivesse acabando, era necessário usar o dinheiro que a armadura havia coletado para seu "plano". Serviria para a reconstrução e reestabelecer, certamente. Mas com isso, acabaria. Era necessário que a vila fosse auto sustentável depois de reconstruída, e que isso jamais acontecesse de novo. Por isso Krauzher precisaria tomar medidas para fazer a vila crescer e se tornar mais resistente. Mas não fazia ideia de como.

"Reconstrua." É o que deve pensar agora. E foi o que disse a Romaro. Depois de poder caminhar, ele pode pensar em algo para tornar este povo sustentável, e depois, grandioso. Grandioso o suficiente para resistir a sua principal paisagem durante seus dois dias ocioso: A lua. A autora destes crimes. Aquela que tornou as criaturas capazes de causar problemas para ele.

Romaro não parecia triste, mas certamente havia algo. Seu olhar era cansado. Suas falas eram objetivas. Ele nunca foi de questionar, mas estava cansadamente complacente com tudo o que Krauzher falava. Seus olhos tinham olheiras. Seus músculos e suas costas doíam. Ele estava fazendo muito mais do que o trabalho de um segundo líder. Ajudava a carregar carrinhos de mão com cadáveres, ia conversar com feridos, famílias de feridos ou mortos. Krauzher o olhava com tristeza, pois ele é certamente um dos que ele mais quer recompensar.

Gabriel também o visitava as vezes. Geralmente para rir da forma com a qual ele estava sentado ou deitado no chão da sala dos seus aposentos.

-Então, aleijado, -O esqueleto dizia. Krauzher havia aprendido a não levar mais a sério as suas provocações. -O que você vai fazer agora? O Andarilho vai ficar sabendo disto?

-Se ele quiser, ele pode. Mas não é necessário. Temos dinheiro para reconstruir. Podemos manter comércio com a ordem. Mas para crescer... Para que isso jamais aconteça de novo... só reconstruir e existir não basta. Eu tenho um plano final. Já tenho tudo calculado. Gabriel sorria e saltitava. Krauzher era um homem empolgante para seus olhos.

-Ah é? E qual seria?

-Nós vamos para a torre da inquisição. -Krauzher diz. -Entregue isto a Romaro. Ele vai cuidar das coisas por aqui durante este tempo, assim como já está fazendo. Então ele merece uma recompensa. Algo que o deixe relaxar.

Krauzher falou, estendendo um saco preparado por um serviçal. Continha setecentas Luas. Gabriel arregala os olhos.

-Sete salários mínimos? Eu vou matar esse Romaro e você me contrata no lugar. -Gabriel diz.

-Se você matar ele eu mato você. -Krauzher responde, claramente sem entender a brincadeira. O estresse de estar deitado nesta sala por tanto tempo claramente estava

mexendo com sua mente. De modo que era difícil segurar a agitação contida por seus músculos rompidos. Percebendo que pegou pesado, ele ri também.

-Não pode fazer isso. Eu já estou morto. -Gabriel responde, rindo.

Finalmente. Krauzher mal podia esperar. Ele era sortudo, certamente. Qualquer homem sequer teria sobrevivido às suas feridas. E mesmo que sobrevivesse, jamais conseguiria andar ou se mexer de novo. Seu corpo, por ser todo de um único material, permitia que, com ajuda dos médicos, pudesse criar mais ligas de metal ao imbuir sua maldição em si mesmo. Recuperando os músculos e feridas perdidas muito mais rápido do que qualquer homem. Normalmente, deveria ter ficado meses imóvel. Mas, quatro dias depois, estava de pé.

Ainda era lento, desengonçado. Fazer esforço físico ainda era custoso. E Hexomancia estava fora de questão em situações que não fossem de vida ou morte. Se aliviou ao finalmente sair da cabana central.

Estava de máscara. O ar era quente. A vila ainda lembrava o semblante derrotado de alguns dias atrás. Ainda de luto pelas perdas.

-Eles serão recompensados. -Krauzher promete para si.

Ainda havia um dia antes que partissem. A ausência era um preço a se pagar. Krauzher se culpava por sair justamente em um momento como este. Pensava que poderiam achar que ele os abandonou. Que estava fugindo agora que as coisas estavam difíceis. Isso não podia acontecer. A impressão que todos deveriam ter é de que ele está indo treinar, se tornar melhor para protegê-los. Ele nem sequer iria partir se não fosse pela invasão recente.

Romaro precisava saber disso.

-Então. -Krauzher dizia depois de chamá-lo para conversar. Tinha que marcar presença, aparecer e confortar o povo, então o chamou para um pequeno bar da vila. As atividades eram poucas, o bar ainda estava reparando alguns danos. A mesa cumprida e principal estava atrás de banquinhos. Que comportavam somente Romaro, Gabriel, Matusalém, os clientes mais fiéis e dependentes do bar, o barista, que estava ocupado, e Krauzher.

Krauzher não se sentava no banco pois ainda não conseguia mitigar sua maldição perfeitamente. Estava a pé à frente dos homens.

-Tempos difíceis, mas vamos resolver.

-Eu não sei se é muito bom para sua imagem aparecer em um bar com o povo assim, Krauzher. -Gabriel diz, olhando ao redor sorrindo.

-Não estamos bebendo, é só uma reunião. -Matusalém responde.

-Mas talvez o povo não ache legal mesmo assim. -Romaro diz, relutante.

-Talvez. Mas eles devem entender. -Krauzher afirma. -Romaro, contratamos aqueles soldados infladores, não é?

-Sim, senhor. -Romaro responde, lembrando-se dos efeitos que passar por perto de um deles teve em suas emoções.

-Ótimo. Eu não estou fugindo daqui agora que estamos em dificuldades, muito pelo contrário.

-Eu sei, senhor.

-Pague estes soldados para animar o povo sutilmente. Fazê-los se sentir melhor enquanto eu estiver fora. Fazer o povo entender o que eu estou fazendo. O que eu vou fazer quando eu voltar.

Gabriel sorri.

-Então você vai drogar o seu povo para que não notem sua ausência? -Ele questiona, segurando o riso.

-Ele acabou de explicar. -Matusalém responde. Estava tentando ser mais defensivo para Krauzher, por alguma razão. Gabriel apenas acena com a cabeça.

-Eu entendi, senhor. -Romaro diz, com medo.

-Ei, Romaro. Você consegue. -Krauzher diz, colocando a mão no ombro dele. -A torre não é tão longe daqui, segundo o que Matusalém me disse. Eu virei para cá de dias em dias te ajudar.

Romaro sorri, e aperta a mão de Krauzher.

-Vocês dois, imagino que venham junto comigo. -Disse, olhando para Gabriel e Matusalém.

-Eu sou pago para isso. -Gabriel disse, apontando para os próprios olhos e para Krauzher.

-Eu... Vou com você também. -Matusalém responde.

-Ótimo, vou dar-lhes alguns cavalos e recursos. É bom, já que eu não faço ideia do caminho.

-Vários dos nossos já estão indo. Podemos encontrá-los no caminho. -Matusalém fala.

-Ótimo. -Krauzher conclui.

Se separaram novamente. O dia passou. Krauzher estava tentando evitar. Aquilo o lembrava de coisas muito ruins, do passado e do presente. Mas era seu dever. Sua corrente. Mais uma.

Ele abriu a porta do quarto que prepararam. Lá estava. Josias estava sentado na cama olhando para o chão.

Parecia num estado de descrença. Como se não recebesse as informações que o vinham na hora correta. Olhava para o chão sentado, e parecia se recusar a se deitar ou brincar com os serviçais que estavam no quarto com alguns brinquedinhos na mão, alguns ursinhos, um elefante branco de pelúcia. Parecia ter cerca de oito anos. Os serviçais estavam parados inquietos, tentando chamar sua atenção. Mas falhavam.

Ao ver Krauzher, os serviçais se retiram.

-Olá, Josias. -Ele diz, se aproximando enquanto pega no chão um brinquedo de ursinho. Se ajoelhou ao lado da cama para se igualar a sua altura.

-Oi... -Ele diz, sem olhar nos olhos de Krauzher.

-Como você está? -Krauzher não tem muitas habilidades ao falar com crianças.

-Ah... Tô bem. -Josias responde.

Krauzher franze as sobrancelhas, desconfiado.

-Como era na sua casa?

-Era... Normal.

Krauzher questionou para Matusalém, que tem registros amaldiçoados da ordem. A maldição do garoto parecia alterar algo ao redor, já que alguns dos brinquedos flutuavam até que batessem no teto cinza do quarto, enquanto outros grudavam-se no chão de modo que nenhum serviçal conseguia retirar. Mas havia uma segunda. Segundas maldições eram raras. Terceiras, mais ainda. Ele era semelhante às criaturas da lua. Era vindo do sangue. Krauzher sabia de outros detalhes.

-Aqui. -Krauzher o entrega um prato com carne de ovelha. A carne estava crua. Quente pelo calor da vila. E estava encharcada de sangue e com vísceras. A única forma que permitiria que ele comesse. Pobre garoto.

Ele devorou a carne com selvageria. Como um pequeno cão esfomeado. Sujava o rosto e as mãos com a carne e com os líquidos e sangue dela.

Após comer, o que não demorou nem perto do que deveria, o garoto parecia mais energizado e menos estático. Deve ser difícil para uma família manter uma criança assim alimentada, Krauzher raciocina.

-Como sua mãe falava com você? -Ele questiona, suspeito.

-Ela não falava muito. Ela jogava uns ossos as vezes pra eu roer. -Josias falava. Seu português não parecia refinado. Pela idade, e pelo tempo desde a queda do sol, certamente já nasceu sob a luz da lua. Portanto, dificilmente teve uma educação decente.

-Isso vai mudar, tudo bem? -Krauzher diz. E então, se enraiveceu. -Porque não tiraram isso de você ainda?

Krauzher corta com as mãos metálicas a coleira que Josias tinha ao redor do pescoço.

-Quando eu fico com muita fome... -Ele diz, timidamente.

-Não precisa falar. Está tudo bem. Você não vai mais sentir fome.

Josias quase sorri.

-Veja. A vila está um pouco triste, mas as coisas vão melhorar. -Krauzher fala. Eu partirei por alguns dias para me tornar melhor para todos nós. Mas venho visitar. Os meus trabalhadores vão cuidar de você, tudo bem?

O garoto parecia triste. Desviou o olhar e esfregou um braço com o outro.

-Tudo bem...

Krauzher fraqueja. Ele não tinha deste problema antes. Pais tem de ser firmes, ter palavra ao lidar com crianças. Sua mente estava cheia, seu corpo doía. Ele não estava normal. Ele não podia só falar aquilo tinha que dizer algo a mais, fazer algo a mais.

-Na verdade... -Ele diz, já se arrependendo. -Você quer vir junto?

O que diabos estava fazendo? Misturar crianças e trabalho nunca dava certo. Ele não tinha motivos para fazer isso.

Josias sorri.

-Vamos! -Ele diz, um pouco mais energizado pela carne e pela notícia.

-Ótimo. Quando você estiver mal, é muito ruim ficar parado sem fazer nada! -Krauzher fala.

-Então é sempre bom se manter ativo.

-É verdade. Eu odeio ficar parado! -Josias coça o pescoço.

Caminhando junto do garoto, Krauzher percebia que ele andava em pequenos pulos ao invés de passos. Como se saltasse e demorasse mais a cair. Era mais eficaz, e ele parecia se divertir ao fazê-lo. Claramente não fazia antes por falta de energia. Apesar de tudo, o garoto parecia distraído, e ainda não parece ter entendido o que aconteceu e acontecia. Mas ele estava finalmente saindo de casa, saindo da vila, saindo do poste. Não estava mais amarrado. A sensação de caminhar livremente, de saltar e mover os braços e cabeça era maravilhosa.

Krauzher decidiu que, para o garoto, seria melhor estar sempre em movimento. Krauzher nunca consegue ficar parado, inativo, improdutivo. Qualquer coisa que não exija seu esforço e que não o imponha riscos não parece certa para ele. Portanto, certamente isso faria bem para o garoto também. Por isso, caminhavam para a sala de comando. Lá, Krauzher designaria os recursos que seriam dispostos a reconstrução, os que seriam comercializados e contratava os homens que "segurariam as pontas" do povo com ele durante sua ausência. Então, resolveu colocar um fim ao persistente pendular das duas ideias que contornavam seus pulsos quando escrevia. Era o mais justo, o mais leal a se fazer. Decidiu: Os trabalhadores ainda podem escolher suas profissões.

Já a noite, Krauzher levou Josias ao quarto do garoto e foi ao seu próprio. Como sempre fazia questão de que seu dia fosse o mais cansativo possível, para que pudesse dormir satisfeito e sem interrupções, estava cansado e dormiu instantaneamente.

Estava se acostumando a dormir no chão. Se ele revertisse e aplicasse sua maldição ao chão, poderia torná-lo flácido e mais agradável.

Estava em sono profundo. Porém, não duraria muito.

Sua porta bateu.

Um soldado deve ter o sono frágil. Krauzher levanta e escancara a porta.

-Eu sonhei com uma coisa... -Josias falou, esfregando os olhos. Krauzher o encara e começa a se virar de volta para dormir.

Os instintos de homem o diziam para mandar-lhe dormir. Mas e se fosse obra de alguma criatura? E se a maldição de alguém estivesse forçando-o a dormir mal? Krauzher já deve muito a este garoto. Já deve muito a este povo.

-Entre. -Ele disse.

Krauzher ordenou para ele uma cama e um copo de sangue fresco de vaca. Então, puderam dormir.

O Cavaleiro Negro, Capítulo 13.

Hoje é o dia. Krauzher não tinha certeza antes, mas agora sabe. É necessário que se torne melhor. Este povo jamais vai se defender sozinho contra a lua.

Krauzher preparou Jurema e acariciou sua crina. Pobre criatura, praticamente toda hora era necessário equipá-la com a máscara contra a névoa, que parecia incomodar seu rosto. Ao menos, sua maldição a torna maior do que outros cavalos, e mais forte. Krauzher supõe que ela deve ser feliz por isso.

Preparou uma carroça que seria carregada por ela. Nela, havia comida, carne para Josias e água purificada. Panos molhados com água purificada também são de necessidade para grandes viagens na ruína. Se a névoa entrar em contato por tempo prolongado com feridas abertas, como as de Krauzher, problemas podem ocorrer.

Algumas das pessoas do vilarejo o acompanharam até a saída da Vila da Palma Negra. Tinham olhos tristes. Parte pelos últimos dias, parte pela impressão de que estavam sendo abandonados à própria sorte. Romaro tomara as precauções para que isso não durasse muito.

Jurema carregava a carroça com facilidade, mesmo afundando os pés na grossa e funda lama vermelha. O céu vermelho tornava difícil que Krauzher relaxasse. A qualquer momento uma criatura poderia aparecer. Um fenômeno pode os assolar. O mundo estava constantemente com uma faca na garganta de Krauzher. E em seu estado atual, ele nem conseguia amplificar seu pescoço para torná-lo mais metálico. Como uma criança zangada franze a testa ao ser contrariada, a paisagem da ruína parecia sempre... franzida.

Durante a viagem, Krauzher notava algumas florestas as quais contorna, as árvores eram retorcidas. Se torciam entre si mesmas como ossos quebrados e tortos. Aparentemente, a lua não impusera sofrimento apenas nos seres humanos. Sua raiva se estendia até todo ser vivo. Até a lama, por vezes, formava padrões estranhos no relevo úmido. Como se formasse rostos assolados por uma absurda agonia.

Matusalém ficava calado por maior parte da viagem. Para Krauzher, ele era apenas um lembrete constante de mais uma faca em seu pescoço. Um duelo até a morte. Cujo motivo era justo, mas Krauzher não via lógica na insistência. Parecia ter algo a mais, mas Krauzher não sabia dizer o quê. Apesar disso, quando não estava lembrando da ameaça constante imposta pelo Inquisitor, sua companhia era agradável.

Gabriel não calava a boca. Estava sempre apontando para algo. Falando algo. Fazendo algo. Provavelmente motivado pelo fato de que não precisava comer, dormir, beber, e não parecia se cansar. Então podia atormentar todos aqueles que precisavam fazê-lo.

Josias estava sempre brincando com seus brinquedinhos ou dormindo. Krauzher o invejava. Não só por estar guiando o cavalo, e por isso ser incapaz de descansar, mas também por não conseguir dormir imerso na luz da lua assim. Tamanha tranquilidade. Tamanha paz. O luto do garoto parecia dividido. Ele sequer parecia ter perdido ambos os pais, mesmo que abusivos, quando estava na frente de alguém.

Krauzher odeia ficar parado. Como a carroça não o aguentaria, tinha que ficar montado em Jurema. O que tornava tudo ainda mais desconfortável para seus músculos ainda em recuperação, que piscavam em dor a cada galopada. Tentava entreter sua mente ao ponderar sobre a vila. O que mais o preocupava era saber que, tendo os médicos tido outra maldição, talvez ele tivesse morrido. Morrido sangrando, aleijado e sujo de lama. Apesar da guerra, Krauzher nunca imaginou morrer como soldado. É difícil assumir as consequências da vida que escolheu, mesmo que mão alguma tenha o obrigado a apontar para a guerra. Era difícil que sua mente parasse, já que constantemente se preocupava com o conforto do pequeno Josias. Sempre que sentia as correntes arderem, se voltava para ele e tornava seu assento mais macio com sua reversão de maldição.

Em uma das várias horas de viagem, Josias estava acordado. E conforme a carroça descia por uma ladeira de lama, se tornava visível a figura de uma gigantesca ruína.

-Veja, pequeno Josias. -Gabriel apontava, entreterendo o garoto. -Olhe aquela monstruosidade!

-Woow -Impressionado, travando os olhos na enigmática presença. -A gente pode ir lá?

-Certamente não. -Matusalém responde. -Se tem um lugar pra não morrer, é nas ruínas de Ishmael.

Conforme a carroça contornava, evitando, Josias observava com menos ofuscar da névoa. Era um grande acúmulo de prédios, posicionados em cima uns dos outros. Alguns pareciam sobrepostos, invadindo o espaço que outro prédio deveria ocupar. Como uma grande colmeia de construções antigas, infectadas por vinhas vermelhas, criaturas, sangue e outros prédios. Pichações contendo ameaças e insultos eram visíveis nos que estavam mais a frente.

Krauzher olha com curiosidade. Percebendo que não conhecia muito fora dos domínios da ordem e mão negra. Será que ainda existiam reis e senhores como em seu tempo?

-Quem é o senhor destas terras? -Krauzher questiona genuinamente.

-Eu. -Josias diz. Gabriel dá risada e bate nos ombros do garoto.

-Elas realmente não tem dono, poucas terras da ruína tem. -Matusalém diz, encarando-as com lembrança. -Essas ruínas são várias cidades que colidiram quando a lua apareceu, por algum motivo.

-É um ótimo lugar para ser roubado. -Gabriel aponta. -Ou para vender alguns órgãos amaldiçoados.

-Você já fez isso? -Krauzher questiona, em tom de piada.

-...

-A vida lá deve ser difícil, não? -Krauzher questiona, depois de alguns segundos sem resposta. -Uma terra sem dono, sem ordem.

-A ordem já teve algumas tentativas de chamar pessoal de lá para viver na cúpula.

-Matusalém fala.

-Mas nunca dá certo. -Gabriel diz. -Aquele povo é problemático, não sabem se comportar. São marginaizinhos nojentos.

-Lá dentro, ou é isso ou você morre, você quer morrer? -Matusalém provoca.

-Eu já estou morto!

A carroça se silencia após isso. Krauzher pondera sobre o que os dois disseram antes de se calarem e começarem a jogar cartas.

Aparentemente, o povo das ruínas de Ishmael era marginalizado. Assim como os de muitos outros "povos abandonados", que é como Matusalém disse se chamarem os povos que não se agrupam em organizações sociais convencionais. Eles tinham culpa de ser como eram? Krauzher deduz que sim. Mas deduzir isso o tornaria...

Não tem lógica. Ele não vestiu a armadura porque quis, ou pelo menos não que consiga se lembrar. Sempre que chegaria a uma dedução que o incriminasse na mesma cela que a lua, a mente de Krauzher fugia do assunto.

A carroça rasgava a lama e se conectava a um grande lago de sangue. Não era sequer profundo o bastante para passar das rodas. Krauzher foi obrigado a imbuir as patas de Jurema com metal.

Krauzher nunca havia pensado nisso, mas se a água da chuva era sangue, certamente toda a água do mundo, com poucas exceções, havia se tornado. Banhos públicos infelizmente tinham mais uma justificativa agora.

O lago era raso, e sua vastidão plana e parada dava uma sensação de que estavam em outro lugar, talvez outro canto do mundo, outro planeta ou dimensão. Krauzher sentia um ar de estranheza, e via que a névoa adentrava pelo sangue viscoso e por vezes afundava, e as vezes não.

-Que lugar estranho. -Krauzher diz, revestindo sua mão com amplificação e partindo para tocar a água.

-Nem pense nisso. -Matusalém segura seu braço. Krauzher ia constatar, mas foi parado.

-Este lugar não é normal. Veja.

Ele jogou uma pedra no lago. Mesmo que visivelmente raso, a pedra afundou até que não pudesse mais ser vista. Josias se encolhe pro canto da carroça grunhindo de medo.

-Porque isso aconteceu?! A gente vai morrer? -Josias questiona, quase chorando. Gabriel o consola.

-Não vamos, pequeno. -Ele diz. -Provavelmente só algum fenômeno. O rio te afunda se você pensar nele. Mas vejam, Jurema parece estar bem tranquila com isso!

-Porque ela não pensa. -Matusalém diz. -Sem ofensas.

-Que ótimo momento para me dizerem sobre isso. Logo enquanto eu estou fragilmente em cima dela. -Krauzher fala, se segurando firmemente no cavalo, mas sem demonstrar medo. Contemplava a vastidão do lugar. Interpretando sua composição. A névoa era diferente, como se fosse mais espessa. E Krauzher sente seu corpo mais rígido, mais pesado, mais metálico. Josias chora para que o pegassem antes que, graças a sua maldição, flutuasse para fora da carroça.

-Obrigado, tio... -Ele diz para Matusalém, que parecia incomodado. Suava e tremia. Sua expressão mostrando nojo e desconforto. Raro para alguém tão inexpressivo.

-Algum problema, caro Comandante? -Gabriel o questiona. Estava fedendo mais do que o normal.

-Nada. A minha maldição é um pouco desagradável, então estou sempre mitigando. -Ele diz. Claramente contendo certo desconforto na forma que fala de sua condição.

-Ora, aceite suas origens, comandante. -Gabriel fala, sorrindo. -É o jeito que você é. Não é um defeito, não acha?

-Não seja idiota. É claro que é um defeito. Todos nós morreríamos se eu parasse de mitigar agora.

Matusalém diz, sacando e consumindo pequenas pedrinhas. Cabiam várias em uma única mão. Reluziam em azul e pareciam ter textura metálica pelo som que faziam ao se tocarem. Ao consumí-las, Matusalém parecia menos inquieto.

Krauzher se interessa. Ao deduzir, vê potencial em diminuir o calor insuportável da Palma Negra.

-Ei, Matusalém. -Krauzher diz, virando-se para ele enquanto galopava. -O que foi isto?

-Me dá um pouco! -Josias diz, não querendo flutuar de novo. Matusalém sorri para o garoto e o entrega uma pedrinha.

-Quer um pouco? -Ele diz, estendendo uma pedrinha. -É uma pedrinha engraçada. Gosto de dizer que é um remédio.

Krauzher aceita um pequeno fragmento, e o engole.

Alguns segundos depois, começa a sentir uma minúscula reserva de energia. Como uma presença dentro de seu estômago, que podia acessar com a mente ou com uma contração muscular. Algo que queimava brandamente em seu estômago. Ao acessar esta energia, sente seu corpo mais leve. Suas juntas se tornam menos rígidas. E Jurema parece galopar mais rápido.

-Uau. -Ele diz, olhando para suas mãos. -Eu estou... Leve. Tente também, Gabriel!

-Eu passo. Vocês não vão gostar do futum de quando eu mitigo minha maldição. Ainda mais se for com Miássio. -Ele ri, se lembrando da reação das últimas vítimas.

-Quem tem maldições mais defeituosas e não faz parte de nenhuma Lua Nobre é meio que obrigado a usar isso. -Matusalém fala. Oferecendo mais algumas pedrinhas para Josias, que brincava atirando uma na outra. -Tipo nós.

Realmente, as maldições de todos naquela carroça eram problemáticas. Krauzher sequer podia fazer algum movimento brusco sem partir ou quebrar o que estivesse manuseando. Por isso, armas nunca fizeram muito o seu gosto.

-Ah, então também tem uma nobreza? -Krauzher diz, com certa aversão. Mesmo em seu tempo, e mesmo com maldições menos difundidas, este sempre foi um tópico problemático. E ele preferia não acessar as memórias da armadura quando se tratava de algo assim.

-É, dá pra dizer que sim. -Gabriel responde. -Tem algumas maldições mais fáceis de lidar. Quem dá azar, que nem o Matusalém, trabalha com o que der.

-Ou você vai pra ordem e vive muito melhor. A Nova Legião gosta de difundir essas ideias antigas. O mundo está acabado, e ainda assim deram um jeito de dividir as coisas.

-Matusalém falava, apesar de agora ter a expressão mais contida e fala nula, com nojo quase visível.

-Bom, mas tecnicamente, dá certo. -Gabriel fala. -Eles estão vivendo bem melhor do que nós!

A carroça fica em silêncio por segundos.

Bem melhor do que nós... Aquilo havia de mudar. Krauzher teria que conseguir o padrão de vida deles, sem comprometer a liberdade dos seus. Mas a sua mente brigava para decidir como isso seria possível somente com esforço e trabalho árduo.

-Matusalém, você tem mais dos líquidos? -Ele questiona. Um olhar vazio e decidido, que pedia muito mais do que eles.

-Sim, claro. -Ele entrega um jarro de água. A água parecia ter uma coloração distoante. Era mais pesada, mais espessa. E cheirava terrivelmente mal. Mas Krauzher bebe tudo sem frescura, como diria.

O que antes era um pequeno ardor, uma sensação de capacidade dentro do estômago, agora era uma visão ampla de quatro forças diferentes. Amplificar, imbuir, mitigar e reverter. Amôfle, Aficro, Miássio, Niquião. As forças eram visíveis e tangíveis para ele com facilidade

e velocidade que nunca antes foi capaz. O truque das juntas flácidas devia ser de extrema facilidade ao utilizar estes líquidos. Krauzher estava maravilhado. Se pudesse, enfrentaria todas aquelas malditas criaturas que o atormentaram e que permitiram que o vissem falhar e cair. Ele adoraria que uma delas aparecesse agora, só para que ele pudesse destroçá-la na frente de Josias.

Não precisava sequer esforçar seus músculos feridos. Só de acessar as quatro chamas em seu estômago era capaz de se tornar mais pesado, leve ou flácido. Não precisava sequer pensar em como fazê-lo, comprimir ou relaxar músculos e nem gastava tanta energia. Era de fato... Impressionante.

Além das quatro chamas, cada uma possuía uma pequena faísca. Como uma subdivisão de cada chama. Um pequeno truque que percebia ser capaz. Uma pequena e sutil força que, para Krauzher, não importava. As quatro chamas a ofuscavam e eram tudo o que precisava.

-Eu acho que ele gostou! -Gabriel fala. -Agora eu não sou o único viciado do grupo!

-É realmente... Tentador. -Krauzher fala, observando suas mãos. Ele as colocava ao redor do pescoço de Jurema. Experimentando ansiosamente. Nunca havia visto algo assim antes. Era irresistível.

-Só não use muito. Você pode acabar ficando enferrujado. Seu corpo desacostuma a fazer as coisas manualmente e fica podre. Se você não quiser ficar inútil, eu não aconselho usar isso se não em extrema necessidade.

-Ou você pode acabar como eu anos atrás. -Gabriel diz, fumando.

Realmente, depois de exercitar sua amplificação com os metais algumas vezes, fazê-la normalmente parecia até estranho. Conforme Krauzher experimentava, as chamas abaixavam lentamente, como se fossem gastas. Ele decide se contentar, com um sorriso, a experimentar depois.

-No meu tempo, as pessoas nem sabiam o que nós somos. -Krauzher diz, sorrindo. -Hoje nós somos todo mundo.

-Isso não é tão bom quanto parece. -Matusalém fala. -Todo mundo se tornar deficiente pode te deixar mais aconchegado, mas não é bom.

-Não entendo que parte disto é uma deficiência. -Krauzher responde. -Sem ser feito de ferro, eu teria morrido muito antes naquela invasão. E outras pessoas também teriam sem suas capacidades particulares.

-Eu devo concordar com o branquelo agora. -Gabriel diz, apontando para Matusalém.

Josias encarava confuso o debate. -Podemos usar certas coisas de forma interessante, mas no geral, é uma porcaria.

Gabriel dizia, sua voz carregada de um ressentimento passado que o forçava a falar num tom fora de seu costume habitual.

-É preciso aceitar quem você é. -Krauzher diz. -Quando mais rápido fizerem isso, mais rápido evoluímos.

Krauzher parecia dizer sutilmente mais com àquilo. Lembrava dos médicos, eles devem entendê-lo.

Gabriel gosta quando discordam dele. Por isso ria. Matusalém se sentia ofendido, mas não enxergava maldade no comentário. Ele vai, talvez, algo a se ponderar. Era para ele um ponto de vista que não havia considerado. Se moldar pela sua maldição ou moldá-la por você?

-Na torre se aprende muito mais sobre estas coisas. -Matusalém fala, aconchegando-se na carroça. Tinha um olhar que lembrava, vagamente, sutil otimismo. -Quem consegue encarar suas maldições geralmente aceita elas mais facilmente. O que é bom, eu acho.

-O que se aprende lá? -Josias diz. Parecia empolgado sempre que ouvia qualquer coisa que não envolvesse ficar parado. E se levantava de seu aconchego na carroça sempre que a discussão tocava algo novo para ser feito.

-Ah... -Matusalém diz. -Eu aprendi o que sei por lá. Ensinam Hexomancia como um todo. O Andarilho tem alguns amigos bem velhos, mas eles sabem de muitas coisas. Krauzher não falou cem por cento a verdade. Tem muita coisa que os mais velhos sabem, que não sabemos.

-Mas se vivermos o mesmo tanto que eles viveram, só que embaixo desta lua, saberemos mais. -Krauzher dizia. Mesmo numa resposta simples, continha empolgação.

-Bom, realmente. -Gabriel diz. Tinha um sorriso ambicioso no rosto. -O Andarilho é um homem inteligente. Muito inteligente. E seus amigos provavelmente sabem tanto quanto ele. Eu gosto de falar com gente velha da minha idade. E a ordem é velha que dói!

Pareciam trespassar a sutil diferença de névoas entre o fim do grande e plano lago de sangue e um vale de lama. Desta vez, a lama era diferente. Todo lugar na ruína parecia totalmente destoante um do outro. Mudanças de biomas inexistentes feitas de forma extremamente brusca. Em algumas horas, pareciam estar em outro mundo.

O chão era lamacento e pintado de vermelho. Porém, veias vermelhas, negras e azuis escoavam por cima e de baixo da lama. Como minúsculos rios de sangue que eram esmagados pelos cascos de Jurema. A lama tremia em dor sempre que àquilo ocorria. Na passagem, era clara uma mudança brusca. Como uma grande redoma de névoa mais densa que se encerrara com o fim do lago. Foi notório, visto que Josias brincou com a névoa mais grossa e mais fina subitamente.

-Mais uma coisa estranha. -Krauzher fala.

-É só um fenômeno. Provavelmente o que o lago tinha. -Matusalém diz. -Temos sorte de que os fenômenos ainda não absorveram os giros da lua. Então este era um dos leves. Temos que treinar os inquisidores novos bem rápido. Quando isso acontecer, eu não sei se muitos vão saber lidar.

-Que tipo de coisas podem acontecer com este lago quando pegar os giros? -Krauzher questiona.

-Bom. Eu não sei. -Matusalém fala. -É como nas cidades amaldiçoadas. Mas elas não vão mudar. São provenientes das maldições das pessoas. Como o calor da sua vila.

Krauzher pondera. Sua mente estava trabalhando rápido quando se tratava de tudo que envolvia Hexomancia. Seu povo precisava de alguém totalmente diferente quando retornasse da torre, não é mesmo? Então eles precisavam ter isso. Certamente, este tipo de redoma de névoa grossa era semelhante ao que Seraphim fez contra a armadura. Se lembra então, que Gabriel certamente sabia sobre àquilo.

-Gabriel. Quando você lutou contra a minha... Armadura, você fez algo parecido com a névoa.

-Ah. -Ele responde, claramente na intenção de falar menos do que poderia. -Era o meu mundo. Todos são afetados pela minha maldição e pela regra que eu criei. Você já sabe de tudo isso. Eu já percebi que você se lembra de muitas coisas que aquela "coisa" fazia.

-Me diga, -Gabriel continua. -A armadura matou alguma pessoa? Ela conversava com o Andarilho? O Andarilho tinha medo dela?

Krauzher acena, ignorando as perguntas. Realmente, se quisesse, poderia tocar as apagadas e quase invisíveis lembranças da armadura. Mas a sensação era estranha. Sempre que o fazia, sentia que se ela estivesse em sua frente de novo, teria a vestida de novo. Não parecia justo com sua antiga vida compactuar com os conhecimentos daquela...

Coisa. Não se sentia bem sequer por ter utilizado o dinheiro dela, mas foi necessário para salvar o povo da Palma Negra. Acessar suas memórias o fazia se sentir armadurado de novo. A sensação era ótima, mas... Errada.

A viagem seguiu. Era difícil ter noção de tempo graças a posição estática que a lua sempre assumia no céu. Se movendo muito pouco ou quase nada conforme o dia passava.

Krauzher conseguia, com uso de Miássio, se tornar mais leve mesmo enquanto dormia. Por isso, foi capaz de fazê-lo enquanto se apoiava e descansava em Jurema.

Durante alguns momentos da viagem, Krauzher usava do novo metal em seu corpo para subir na carroça e brincar com Josias. Se sentia mal sempre que o garoto parecia entediado. Pois sabia, se ele estava entediado, certamente podia se lembrar do que não deveria. E Krauzher sabe como ele se sente.

-Descansa um pouco, Krauzher. -Matusalém fala, assumindo Jurema. -Você não é de ferro. Krauzher riu e bateu no ombro do rapaz. Que ameaçou, quando eles se viraram, sacar sua lâmina. Krauzher se assusta, e eles riem juntos.

O relevo subia. A lama e as veias acompanhavam e guiavam até um único ponto acima de um íngreme morro escalado por árvores retorcidas e quebradas. A névoa no alto era espessa. Mas ainda era visível. Uma estrutura oriental. Luzes amarelas, o som de água purificada caindo. Construção de bambu que Krauzher desconhecia, mas que via agrado. A atmosfera era agradável. O cheiro da névoa e do sangue eram expulsos pelo cheiro de incensos e perfumes. Aquele lugar era diferente. O som da conversa amigável, bebida e risadas de inquisidores acalmava Krauzher, e o lembrava que se o mundo era vermelho, este lugar poderia apagá-lo. E via beleza na forma em que mais do que aparentes quinhentas pessoas se uniam para combater a morte vinda da lua. Uma morte inevitável, e que mesmo assim, os dava espaço para beberem, rirem e treinarem para renegá-la. O Andarilho era o centro daquilo. Inquisidores o bajulando e vangloriando. Com ele por perto, era impossível se lembrar da lua, e alguns até a desafiavam a girar mais. Ele estava bebendo e conversando com os mais renomados e perigosos caçadores, como um irmão. Pois lá, todos eram irmãos. E a lua poderia até os matar, mas eles morreriam bebendo. Com tudo de novo que via, a empolgação de Krauzher se misturava com as quatro chamas em seu estômago. Ele, Gabriel, Matusalém e Josias, não conseguem conter o sorriso. A Torre da Inquisição estava ali.

O Cavaleiro Negro, Capítulo 14.

Tudo era lindo. Ao centro do grande salão de luz amarela, o som da água purificada relaxava Krauzher, quase como se banhasse dentro de seus músculos só com o som. Krauzher não sabia o que era, mas Matusalém esclareceu o material das paredes como uma madeira oriental antiga, dos tempos do sol brilhante. Era impressionante. Como se o Andarilho tivesse feito dezesseis andares de torre a sua imagem. Um homem, e uma torre que não eram pintados pela lua. A vermelhidão não alcançava os lampiões de fogo mundano que iluminavam e aqueciam o lugar. E sequer a fumaça delas era permitida permanecer.

Krauzher foi bem recebido. Os inquisidores pareciam se esquecer dos problemas aqui. Isso incluía os giros da lua, e também o fato de que eram culpa de Krauzher.

Entrando pela estrada de pedras, Krauzher se lembrava de muito do que havia em sua vila natal. Mas não deixava aquilo ofuscar sua real intenção. Ao fim dos sessenta dias de Torre da Inquisição, a Palma Negra teria um pilar de verdade.

Até Matusalém parecia mudar a expressão base de sua feição. Alterando a neutralidade desconfortável para um sorriso de paisagem constante.

-Ali! Os dois pombinhos de duelo! -Jin falava. Estava apoiado em uma das fontes de água purificada e esquentada hexomaneamente. O vapor cobria seus cabelos pretos e corpo branco, magro e coberto por uma toalha. Falava olhando para Matusalém e Krauzher, enquanto estava rodeado de outros inquisidores.

-Eai pessoal! -Matusalém dizia, sorrindo.

-Olá, galera. -Krauzher fala, segurando um dos braços e não os olhando diretamente.

-Amigos! -Gabriel diz, pulando na banheira fervente.

Estavam bebendo todos juntos ao som do violino de Jin, que flutuava sozinho e fazia a trilha sonora. Ele parecia tão tranquilo que sequer tinha consigo suas rapieiras, que também dançavam com vida própria acompanhando o violino na distância.

Havia visivelmente figuras que Krauzher não conhecia. O Andarilho revezava conversa com inquisidores de caráter muito diferente.

Inquisidores eram consideravelmente diferentes uns dos outros. Um deles era uma figura baixa e rechonchuda, de cor verde e olhos esbugalhados. Sua pele escamosa delatava a aparência de um sapo armadurado. Outro tinha pelos negros e um corpo robusto e nú, como um lobo humano. Muitas destas figuras Krauzher não compreendia sequer como puderam entrar. Visto que Krauzher via uma criança inquisidora fardada e armada.

Josias tentou falar com a criança e mostrar um brinquedo. Mas como um adulto amargurado, recusou e se afastou, deixando Josias brincar sozinho. Krauzher tinha planos de ir treinar assim que chegasse, apesar de ainda não saber como o treino funcionaria. Mas ao ver Josias sozinho, coloca os pés mitigados, logo menos feitos de metal, dentro da fonte termal e o chama para se banhar enquanto brinca.

Jin se aproxima nadando cachorrinho. -Eai. Quanto tempo, né? -Falava, como se o conhecesse.

Forçado a se lembrar pela armadura, Krauzher olha para ele. -Ah, sim. Eu me lembro de você. Como estão as feridas?

Krauzher diz, olhando para as mãos e corpo do Jin. Procurava as feridas de empalamento de quando entrou dentro de seu núcleo. Do núcleo da armadura, no caso.

-Um mês com raiva ou triste, e minha maldição pode consertar. -Ele fala, apontando para seu corpo. -Se eu souber mexer direito aqui dentro, é claro. Um dos motivos pelos quais eu vim para cá. E todos os outros também.

Krauzher invejava, pois ainda sentia a dor nos músculos. Teria que dar um jeito nisso neste treinamento. E ao pensar isso, percebia que tudo o que estava falando estava girando em torno do que queria fazer no treino. Não conseguia focar na água, ou na bebida oferecida por Jin.

-Você vai precisar. -Krauzher fala. -Agora que trabalha sozinho, precisa ser bom como dois. Os olhos de Jin reagem. -Ah, aquele sortudo. Gael deu sorte da criatura o tirar daqui. Agora ele não tem que lidar com a desgraça que vai ser quando as criaturas crescerem.

Sorte. Era uma visão interessante, Krauzher pensa.

-Como é ter virado gente? -Jin muda de assunto. Claramente queria muito falar com Krauzher. E examinava suas respostas com os olhos. Como se estivesse avaliando e re-avaliando algo sobre sua própria estadia aqui.

-Gente eu sempre fui. -Krauzher responde. -Mas estava preso.

-Preso, hum? -Jin questiona, com seu característico tom de voz performático, como se estivesse atuando. -E logo depois de se libertar, se jogou em outra prisão? Você não descansa mesmo, hein?

-Na verdade, -Krauzher diz. -Eu vim aqui de propósito. As coisas não dão certo se você não tiver um pouco de auto controle.

Jin analisava a resposta e parecia fazer deduções que deixavam Krauzher o encarando curioso. Krauzher já estava movendo a boca para questionar o que estava acontecendo, quando foram interrompidos.

-Ah. Você é o novo homem do recinto. -Dizia, enquanto se aproximava, uma figura de um grande homem de pele escura. Tinha mais de dois metros. Seu corpo estava encharcado e a mostra, exibindo seus definidos e robustíssimos músculos. Krauzher era um homem grande, certamente, mas aquele homem tinha o dobro do tamanho. -Eu amo falar com novos inquisidores. Prazer, sou Ricardio.

-Eh... olá. -Krauzher diz. Não consegue evitar de sempre amplificar levemente sua maldição quando um homem maior aparece. Na guerra, não fazê-lo significa morte. -Sou Krauzher, prazer.

-Oh. -Ricardio dizia. Krauzher ainda estava estranhando seu tamanho exacerbado e o teor de seu nome, ou apelido. -Vejo que você é habilidoso com Amôfle. Uma rara habilidade dentre inquisidores novos.

Krauzher não estava acostumado com este tipo de conversa. Era amigável, estava exaltando Krauzher.

-Ah, eu conheci este cavalheiro, Krauzher! -Jin diz. -Você disse que veio por conta própria, então certamente deseja ficar mais forte. Este é o cara certo pro trabalho!

Krauzher aperta a mão do homem. -Você entende deste tal Amôfle? -Ele pergunta, com interesse. Estava disposto a ter alguns atalhos para seu destino final, e se isso requisitava interações fora de seu conforto, o faria mesmo assim.

-Sou especialista. -Ele responde, flexionando os músculos do peito. -Sou um dos profissionais que vai treiná-los em Hexomancia. E eu amo o processo de aprendizado Amaldiçoado! É incrível ver alunos fechando a conta com suas maldições, ou melhor, bençãos!

Krauzher olhava com ainda mais interesse. Finalmente alguém que via as coisas do jeito certo. Se ele pudesse, esfregaria a fala na cara de Matusalém.

Apesar disso, se sentia culpado por concordar. Em partes, tudo aconteceu por ter sido amaldiçoado. Por isso, sentia-se traindo sua esposa e filha por dizer algo assim. Mas se conseguiram recuperar seu corpo de dentro da armadura, certamente também foi por ser feito de aço, ou algo do gênero. Como não sabia como se sentir, preferiu o que fosse mais agradável. E tinha que fazer isso, já que deveria abraçar a ferrugem para que pudesse treinar.

-Vejo que você tem boas companhias, Jin. -Ele diz. -Estes treinamentos serão proveitosos. O grande homem se despediu, partindo para banhar-se com outros camaradas.

-Eu achei que os outros inquisidores não gostavam muito de mim. -Krauzher diz, assistindo-o sair.

-Realmente, maioria não gosta. -Jin responde. -Eu ouvi o Atirador falando sobre como você é burro. E muitos outros dizendo o mesmo. É bem provável que alguns duelos apareçam.

-Já apareceram. -Krauzher responde.

-Ah. Faz sentido. -Jin fala. -Mas veja, agora estamos treinando e bebendo. O homem é mais simples do que parece. Provavelmente só não ligam para você a ponto de permitir que isso atrapalhe suas próximas e poucas noites de bebida. Menos o Ricardio, ele gosta de todo mundo mesmo.

Se secando, Krauzher partiu, já que não podia ficar muito tempo molhado. Foi difícil, mas tirou Josias da água. Ele não era Inquisitor, mas precisava ocupar a mente, então Krauzher comprou-lhe roupas mais adequadas. Pois levaria ele para treinar junto consigo. Ele também é amaldiçoado, e também merece saber lidar com isso. Mesmo que tivesse que, contra sua vontade, guardar seus patinhos de borracha.

As risadas e brincadeiras dos inquisitores permaneciam mesmo quando o Andarilho tocou o sino, anunciando início dos treinamentos. Lutando em guerras como as que Krauzher já lutou, é difícil ver algo assim. Os homens bebiam, é claro. Mas poucos tinham o constante senso de camaradagem mesmo diante de perigos iminentes. Os homens mudam quando estão na linha da morte. As pessoas mudam.

As escadas amarelas rangiam conforme dezenas de inquisitores escalavam simultaneamente.

Acenou adeus para Matusalém e Gabriel. Deixou Josias com um professor de filhos de inquisitores. Seria bom para o garoto. Poderia, como Krauzher quis, ocupar sua mente e lidar com sua condição, para que os outros, como fizeram com Krauzher, não lidassem com ela por ele. Estavam todos em seus lugares. Krauzher apreciava a companhia dos rapazes, mas seu dever era um só. E havia chegado nele.

Abriu a porta do consultório de Ricardio na torre. Ainda seguia o bambu e a luz amarela, mas tinha nele um tom de compacto que não há na torre comum, que é robusta e arcaica.

-Ricardio. -Krauzher diz. -Pelo que conversamos, você sabe muitas coisas.

-Oh, camarada, entre, por favor. -Ricardio diz. Sua musculatura intimidante e teor sério contrastava com sua voz aguda e atitude descontraída. -Escolheu meu setor primeiro? Existem muitos inquisitores melhores do que eu, rapaz! Eu sou apenas um cardiologista, mas sei algumas coisas sobre os metais Hexomantes.

-Você se subestima, Ricardio. -Krauzher fala. Normalmente, jamais conseguiria se sentar naquela cadeira. Visto que é impossível usar a energia necessária para se mitigar o suficiente. Porém, com Miássio, era capaz de fazê-lo sem esforço. Como se sua mitigação gastasse o tempo, energia e esforço de outro ser, que não ele.

-Vejo que você já domina alguns dos metais. -Ricardio fala. -Conseguiu usá-los logo de cara?

-Era para ser difícil? -Krauzher diz. -Deve ter relação com minha benção.

-Oh, você está entendendo bem! -Ricardio fala.

-Mas espere, como você percebeu que eu estava usando o metal?

-Seraphim pode falar mais sobre isto, eu não explicaria tão bem quanto ele. -Ricardio fala, humildemente. -Tome cuidado, inclusive. Não recomendo que use os metais de forma tão desnecessária.

-Eu preciso mitigar para subir nos andares deste lugar sem que esta madeira se parta.

-Krauzher justifica. Mas ele realmente não estava pensando nisso. -Você os usa com frequência?

-De forma alguma! Usar estes metais não é tão fácil quanto para você aparenta ser. Eles ajudam nas quatro Hexomancias básicas, é claro, sua energia e esforço não são gastos. Porém, se viciar seu corpo nisto, ele relaxa. E manipular normalmente se torna difícil.

-Hm. -Krauzher analisa. -Você disse que é mais fácil para mim, não?

-Só na parte da ativação, você ainda pode ficar viciado, eu presumo. -Ele fala, mexendo em fichas de sua prancheta, vendo muitos casos de vício. -Mas acho que seu corpo de metal os absorve melhor. As pessoas não costumam entendê-los de cara.

-Quantos usos viciam alguém?

-Isso depende. Além do mais, lembre-se. Amôfle amplifica sua maldição porque amplifica seus sentimentos ruins. Por isso não é bom abusar, entendidinho? -Ricardio avisa, se aproximando de Krauzher.

Krauzher ouviu esta parte. Ele não é tolo o suficiente para ignorar a sabedoria de um homem mais esperto do que ele por tanto tempo. Porém... Aumentar estes sentimentos negativos era algo excelente, tudo o que queria ouvir na verdade. Primeiro ele usa os metais e amplifica sua maldição. O custo seriam as emoções negativas, mas elas eram ótimas. Pois elas jamais deixariam que Krauzher se acomodasse. Quando a vila estivesse bem, como Krauzher relaxaria? Como descansaria tranquilo sabendo que hordas de criaturas podem invadir? O medo seria aumentado pelo metal, o desconforto também. Ele não podia permitir que se acomodasse. A influência dos metais garantiriam-lhe poder. Seus efeitos colaterais garantiriam-lhe a mentalidade sempre correta.

Krauzher explica seus pensamentos para Ricardio, que o encara cético.

-Os sentimentos do Amôfle são ruins, meu camarada. Como inquisitor, creio que deva saber o melhor para você. -Ricardio alerta.

-E mais, -Ricardio continua. -Você os come, e uma hora os digere completamente. O Andarilho iria pirar com um soldado que não consegue mais amplificar porque seus metais acabaram.

Krauzher sorri. Ouviu exatamente o que queria. Claro, teve que infiltrar-se nas memórias da armadura, mas era possível. -Não se eu fizer isto.

O truque que executou revelava para Ricardio a solução insana para o problema. Ricardio encara, seus olhos dizendo "é claro!".

-Realmente, isso resolve o esgotamento. Mas os... -Ele diria, preocupado, antes de ser interrompido.

-Posso lidar com eles, camarada. Mas aprecio sua preocupação. -Krauzher fala. -Sou dono de uma vila. Este povo precisa de um líder sempre com medo de cair. Não posso me acomodar. Este metal garante isto, além de me tornar de aço.

Ricardio teme. Tinha medo de que Krauzher abusasse dos metais e acabasse como as estatísticas em sua prancheta.

Krauzher parecia confiante em seus métodos e no truque que demonstrou. E mesmo que não, o homem tinha vidas na sua mão, ele precisa ser melhor, precisa fazer mais do que outros inquisidores. Seria também, O Andarilho, portador destes pensamentos?

-Bom, -Ricardio fala. -Você realmente tem muitas coisas nas costas. Mas tome cuidado.

-Eu terei cuidado. -Krauzher fala. -É você quem fornece os metais?

-Tenho um pequeno grupo de mineradores inquisidores. -Ricardio fala. -Estes metais são muito mais úteis do que parecem! Só de chegar perto de um poste de Miássio, a Nova Legião consegue forçá-lo a mitigar sua maldição e permanecer no seu lugar.

Krauzher teve uma ideia, realmente, era promissora. Talvez assim, o calor da Palma Negra cessaria um pouco. A Nova Legião podia ser má, diziam as memórias da armadura, mas ela tinha bons métodos.

-Só chegar perto de um metal pode aplicar seus efeitos?

-Sim, por isso uso isto! -Ricardio diz, mostrando adereços Miássicos dentro de seu jaleco.

-O efeito é bem menor, é claro. Além do mais, você não decide quando ativa. Mas pelo menos não me vicio, e não fico com tanta raiva. Essas coisas mexem com a sua cabeça! Ele realmente parecia contido. Sua maldição claramente aumentava seu tamanho, e seus músculos pareciam sempre comprimidos, contidos. Krauzher via a beleza destes metais, pois podiam ajudar até mesmo um homem condenado. Precisava ter encontrado estes metais antes, quando o sol ainda brilhava e quando ainda poderia ter evitado o senhor feudal e suas... Ofertas.

-Você foi de grande ajuda, camarada. -Krauzher diz, apertando a mão de Ricardio e pegando o médio saco de metais que comprou com ele. -Eu ficarei bem, acredite. São só ossos do ofício!

Ricardio ri e aperta sua mão vigorosamente. -Fique bem, camarada!

Estava partindo, passando pela porta e caminhando pelo corredor de bambu que leva aos setores dos outros inquisidores profissionais.

-Sobre como eu vi você usando os metais, recomendo que fale com Seraphim.

-É verdade... -Krauzher dizia, formando um sorriso de antecipação. -Obrigado!

Não podia fazer aquilo hoje. Estava ansioso, certamente, mas Seraphim possuía outros alunos que chegaram mais cedo. Não era de todo mal. Na verdade, era ótimo. Queria ter certeza de que as emoções negativas não afetariam sua vida.

As horas passaram. Krauzher utilizou os quartos fornecidos pelo Andarilho. Eram aconchegantes. Certamente a estética não pertencia ao antigo povo de Krauzher, mas serviam, apesar da estranheza. Enquanto os inquisidores treinavam e gargalhavam, Krauzher estava imerso na escuridão vermelha do quarto de bambu, alternando a influência dos metais em seu corpo enquanto amplificava, revertia, imbuía e mitigava sua maldição. Era realmente verdade. Amôfle tornava seu corpo mais rígido e metálico, e com seu truque, jamais ficaria sem metal para gastar. Mas ele sentia... Algo. Uma fúria, um calafrio que subia de seu estômago rumo a sua alma. Uma incontável ânsia por destruir, esmagar com suas próprias mãos. Mas estava satisfeito, pois esta ânsia parecia ser a fonte de sua amplificação, que o tornava muito mais duro do que metal comum. Muito mais duro do que poderia ser normalmente. Muito melhor, muito mais forte, impenetrável. A força lhe seria útil, e a fúria jamais deixaria que se acomodasse. A Palma Negra não podia ter um líder acomodado. Josias não podia ter um cuidador fraco.

Estava começando a ficar satisfeito, mais rápido do que imaginava, com sua estadia aqui. Seu bom humor amplificava com o Miássio que não conseguia parar de queimar quando não estava treinando. Ser mais leve, poder se deitar em camas, poder caminhar em andares frágeis, porque exatamente deveria se livrar disso? De fato, sua maldição havia o salvado muitas vezes, e era por vezes uma benção. Mas o calor da vila... A dureza do chão que dormia... Se pudesse evitar... Seria errado por querer?

É difícil ter noção do tempo na ruína. Ainda mais em um quarto escuro e fechado. Quando menos percebeu, Krauzher havia gasto toda a tarde com seus experimentos e visita.

Inquisidores já estavam retornando, aos poucos, exaustos de seus treinamentos.

Krauzher sempre quis, mas nunca teve banquetes. O glamour da guerra era destinado somente à nobreza. Raramente para generais amaldiçoados. Por isso, se alegrou ao sair pela porta de rasteira e presenciar o Andarilho, acima da fonte fervente distribuindo pratos para inquisidores.

Krauzher apreciava a gratidão em seus olhos. Aqueles homens o agradeciam como agradeceriam um irmão. Krauzher almejava algo como aquilo. Um povo que o visse como irmão e salvador. Isso só era possível se fosse forte, como o Andarilho. Apesar de tudo, Krauzher sorri.

-Krauzher! Olhe para isso! -Gabriel gritava, apontando para Josias enquanto ele comia um cordeiro cru em cima do teto. Ele estava flutuando e pisava no teto como se fosse o chão. Ele parecia estar gostando da atenção e das risadas que compartilhava com os inquisitores e com os colegas que fez na torre.

-Segura ele firme aí, branquelo! -Krauzher dizia, olhando para Matusalém. Ele estava posicionado preocupadamente de forma a pegá-lo caso caísse. Krauzher amolece o chão, por precaução, e se une aos rapazes.

Um, dois, três, quatro pratos inteiros. Um corpo metálico é difícil de manter, Krauzher digere absurdamente mais rápido, logo sente muita fome. Os inquisitores estavam rindo e apostando em qual prato Krauzher pararia. Mas ele era imparável. Krauzher quase cortou as graças dos inquisitores que com ele riam, mas foi parado pela satisfação das vitórias do dia, estava começando a conseguir se satisfazer sem pensar na Palma Negra, suas obrigações, ou...

Os apostadores perderam, foram sete pratos. Quando terminou de comer, Josias já havia sido pego por Matusalém, e os comilões já estavam dispersos, banhando-se alguns nas fontes, outros caídos e dormindo no chão da torre. Krauzher deitou Josias na cama, o garoto havia gasto muita energia. E Gabriel havia... Sumido.

-Boa noite, branquelo. -Krauzher dizia, começando a criar mais liberdade com o futuro homem que talvez tirasse sua vida, do qual se despedia. Sempre era um estranho sentimento, já que remarcam o duelo para daqui alguns dias, mas se tratavam como companheiros.

-Você também. -Matusalém entrava em seu quarto.

Era tarde da noite. O pós festa era aconchegante, e novo para Krauzher. O silêncio, os roncos dos inquisitores cansados, a água das fontes e o vapor aconchegante. Mesmo assim, Krauzher não conseguia se sentar apoiado na fonte com seu peito aberto. Não conseguia sentar-se caso não estivesse de costas para uma parede. Ele vê o Andarilho, deitado sobre uma das pedras da fonte, braços apoiando a cabeça e tórax aberto, expondo suas feridas horríveis.

-Como você consegue? -Krauzher questiona, sentando-se ao lado dele. Consequia por conta do Miássio. -Olhe para aquele cara, nem está armado. Não veste armadura. Está caído com o prato no rosto! Se alguém invadir...

-Eles confiam em mim. -O Andarilho fala, sorrindo enquanto olhava para Krauzher. -Se algo acontecer, eles confiam que eu vou resolver.

Krauzher estudava o Andarilho enquanto ele falava. Ele parecia relaxado. Seus cabelos loiros soltos pela pele branca e definida. Mas algo ainda o intrigava, algo que suas análises não responderam.

-Estas feridas, -Krauzher questiona. -Como consegue relaxar tendo elas?

O Andarilho olha para o próprio torso. Haviam, realmente, as características e sempre abertas feridas em seu corpo. Abertas, pulsantes, e ainda vazando sangue.

-Nenhum médico consegue curá-las. -Ele responde. -São de uma antiga guerra, Seraphim também lutou. Já me acostumei.

-Não podem ser curadas? -Krauzher questiona. -São de alguma maldição?

-Não. Eu não tenho maldição nenhuma. -Ele fala, olhando para cima. -Mas olha só, elas não mudaram a forma como lidero. Meus homens não me acham mais fraco por tê-las, pelo contrário.

Krauzher mostra olhos instigados. Como ele vivia com a dor daquelas feridas? Como relaxava e dormia? Como que nunca morreu com a sujeira e a lama infecciosa da ruína? Como pode um homem, um humano, viver com tanta dor e ainda...

O Andarilho sorriu. -Eu te disse aquela vez. Você também foi vítima daquele dia.

O Andarilho coloca uma das mãos no ombro de Krauzher. Um gesto de apoio, mas também usou do Inquisitor para reunir forças e se levantar.

-Eu tenho que ir agora, Krauzher. -Ele fala. -E vê se não enferruja minhas feridas! Elas são sensíveis, como pele de neném!

Se despedem, o Andarilho saía dando risada alto como sempre fazia.

Ele estava errado. Krauzher não era como ele, não ainda. Não até que suas correntes vivessem ao seu lado, e não contra ele. Não até que ele pudesse saber com certeza de que ele era verde, e não vermelho.

Havia muito trabalho a ser feito.

-Eu já falei, não dá! -Almadell gritava. Jogava no chão a espada de madeira que segurava, e afundava-a na lama com o pé enquanto grunhia de raiva. Já fazia muito tempo desde que ela era assim.

O Andarilho ri. -Pelo menos você tem atitude. -Ele diz, se aproximando. -A questão é, Dell, eu não tô te pedindo pra lutar. Ninguém vai pedir.

Depois de dizer, o Andarilho movia uma das mãos rumo a ela. Como numa lufada poderosa de vento, ela era arremessada e caía de costas no chão.

Almadell se vê suja de lama por todo o cabelo e costas, suas roupas agora estavam úmidas e grudentas, e o cheiro demoraria dias para sair. Raiva começa a crescer em seu peito e escapar pela boca.

-**** -Ela xinga e grita ao Andarilho pelo nome, levantando-se e tentando se desvencilhar da lama. Era fedida, vermelha, e muito difícil de tirar do cabelo ou da pele. -Você sabe que eu odeio a lama! Você faz de propósito!

...

-Desculpa. -Ela diz, de cabeça baixa.

O Andarilho joga mais lama em seu pescoço. -Não se pede desculpas no campo de batalha. Se eu quisesse, já estaria voltando pra casa com sua cabeça!

Almadell franze o rosto.

-E é claro que eu faço de propósito, não vou negar. -Ele diz. -A questão é que lá fora, os legionários não querem saber se você tem nojinho de lama. Na verdade, eu nem te conto o que eles fazem com moças que nem você.

Almadell abaixa o rosto. O Andarilho estala os dedos acima do campo de visão dela, forçando-a olhar para cima.

-Não é nojo... eu só não gosto. -Ela diz, tentando atingir o Andarilho com um soco. Só tentando mesmo.

-Eles não vão te pedir para lutar, você vai ter que fazer isso se quiser viver. -Ele fala. -E qualquer dilema que só tenha duas opções, e uma delas é a morte, na verdade só tem uma. O Andarilho chuta lama na direção da cara dela, ofuscando-a enquanto ela tenta se limpar. Com uma rasteira, ela está no chão de novo.

-Ahg! -Ela grunhe, tentando de tudo para se limpar e levantar, mas o Andarilho, com o manter da mão na direção dela, mantinha-a no chão.

-Se você não pegar a espada q você pisou, tudo bem, mas você morre. -Ele ri.

-Eu não quero! -Almadell diz, o Andarilho a solta, se levanta depois de ter se limpado, batendo as mãos nas calças para jogar lama de volta ao chão. -Pra você é mais fácil, você nem tem maldição mas consegue fazer tudo que a gente faz!

-Isso não é verdade, eu faço tudo que vocês fazem. -Ele diz. -Se você quiser ter o que eu tenho, fique a vontade em arranjar tempo nos próximos duzentos anos.

-Não vou ter nem cem, porque eu gastaria eles brigando? -Almadell dizia. As vozes em seus olhos encorajando-a a lutar contra todos que puder, mas nunca a encorajando a levar um escudo para as lutas.

-Seus pactos são bons, Dell. -O Andarilho diz. -Mas você não pode ficar se vendendo para sempre. Você precisa de alguma coisa sua, algo que esteja aqui.

O Andarilho aponta para a testa dela.

-E não aqui. -Ele diz, apontando para um amuleto que ela tem por baixo da jaqueta lamacenta. -"Eles" não vão te dar o que você realmente precisa. Eles são o motivo pelo qual você tá no chão.

-"Eles" são o que eu tenho, o que eu não tenho são duzentos anos para treinar sem interrupções...

-Ah, mas vão te interromper. E como vão. -O Andarilho fala, com o mover de uma mão, toda a lama local era atraída até Almadell, acumulando-se nela.

-Ahhg! Que merda, Andarilho! -Ela grita, tentando correr e se abanar para expulsar a lama, que a perseguia como se ela fosse um ímã. Em muitos pontos do chão que ela pisava, o Andarilho sorria, pois automaticamente mais lama a perseguia. Como uma mina terrestre que atraía mais lama para ela.

Depois de horas do Andarilho jogando lama na pobre garota, ela estava ajoelhada na frente da espada de madeira que usou o pé para afundar na lama. Suja, ofegante, cansada. A arma estava muito a dentro, era inevitável se sujar se quisesse recuperá-la.

O Andarilho saca meio ao ar uma lâmina de metal e afiada, tirando-a de algum lugar longe dali. Ele a estende próximo ao rosto de Almadell, que se joga para trás em medo. O Andarilho levanta uma sobancelha. Almadell grunhe de raiva, e enfia as mãos na lama para sacar sua espada de madeira e sem fio, para que assim pudesse se defender da lâmina real do Andarilho.

Ela não tem escolha.

Começaram a lutar.

No dia seguinte, de volta a torre, a lua estava emitindo a aura vermelha de seus giros para as criaturas. E Krauzher foi o primeiro a chegar na frente do setor de Hexomancia. O setor de Seraphim. Abriu a porta de bambu amarelo, ainda mitigando sua maldição para que pudesse pisar no frágil chão do quarto andar da torre.

-Adiantado, hein? -Seraphim diz.

Sua sala era um grande dojô. Tatames dourados e brancos estavam espalhados pela vasta sala de bambu pintado de branco e luzes amarelas. Nas margens da sala, pequenos postes de metal contendo pedras robustas e douradas, que contribuíam para a luz amarela da sala, que lutava contra a vermelhidão da lua.

-Sou um ótimo aluno. -Krauzher fala. Assim que pisa no tatame amarelo, sente um ressoar de conforto, calma e preguiça subindo de seus pés. Era...

-Miássio. -Seraphim diz. -É gostosinho, né?

-É agradável.

-Eu não uso os metais em combate. Gosto de manter minha Hexomancia boa natural. Mas olha, -Seraphim diz, se erguendo da cadeira com ambas as mãos. -A lua gira cada vez mais, ninguém sabe porque. As criaturas ficam mais fortes. Se tu não quer morrer, se quer ser útil, se quer lutar por algo, você precisa de algum truque.

-Truque? -Krauzher pergunta. Enquanto Seraphim se aproximava, estavam lentamente, enquanto conversavam, começando a formar uma posição de luta. Girando ao redor um do outro em posição preparada.

-Sim. Eu amplifico contra a força destes cristais. É mais difícil. Me deixa melhor, tá ligado?

-Você é o cara dos truques então?

-Todo inquisitor é. Quem não é, morre. E aí a causa vai junto. -Seraphim diz, olhando pelas frestas de bambu para a luz invasora da lua.

-Você certamente é bem decidido quanto a isso de... Causa. -Krauzher diz. Realmente, não conheceu tantos soldados tão obstinados por uma causa quanto Seraphim.

-É o básico. -Ele fala, girando ao redor de Krauzher com a base das mãos erguidas em posição de combate. -Você sabe quando alguém é um idiota quando ele não sabe nem o que ele mesmo quer.

Krauzher ressoou aquelas palavras em sua mente. Havia algo nelas que lhe provocava profundamente. Mesmo que não fosse a intenção do general da ordem da luz.

-Eu já conheci muitos soldados que nem sequer sabiam o porquê estavam lutando.

-Idiotas, né não? -Ele diz, ajeitando o cigarro na boca enquanto seguia preparando seu combate com o inquisitor. -Porra, quem é que não joga nada fora pra fazer algo que quer? Aquelas palavras... Eram o que Krauzher estava pensando por baixo da ferrugem da armadura e da névoa de suas memórias ocultas. Sacrifício, decisão, se Krauzher tivesse essas coisas, seria perfeito.

-Está xingando muito, não sei como sua maldição não nos matou até hoje. -Krauzher diz. Brincando, mas ainda pensava naquelas palavras.

-Nós temos nossos truques.

-Ah é? Então quais truques a nossa causa tem?

Seraphim e ele permaneceram na instância de combate.

-Há um rastro. Sempre que tu amplifica, mitiga, amplifica mitigando ou reverte amplificando, não interessa. Qualquer coisa Hexomante deixa rastro. Tenta tocar nele.

Krauzher se concentrava. Transformou o ar a sua frente em metal, criando uma liga de aço curta, como uma pequena barra. E então, tentou enxergar o tal rastro.

-Tu tá vendo?

-Sim.

-Agora infecta ele.

Seraphim falava, e quando o fazia, movimentava a mão em perfuração. Do movimento, um rastro de ar inflamado surgia. Cobrindo uma linha de chamas vermelhas e vivas que quase toca o rosto de Krauzher.

-Uau, isso é-

Após a chama se apagar, o rastro se reacende. Surgindo ainda mais forte do que o primeiro.

-O que foi isso?!

-Ressonância. -Seraphim fala. -Simular de novo as mesmas emoções que inflamou para uma técnica, seguir o rastro e amplificar. Isso repete os efeitos. Todo inquisitor tem que aprender isso.

Krauzher recua. Mas quando pisa no tatame atrás dele, uma onda vertical de chamas cresce, como um pilar fumegante que emerge do chão como uma erupção.

Incendiado, Krauzher começa a tentar apagar as chamas.

-Apaguem. -Seraphim diz, extinguindo-as. -Isso, foi divergência. Aquele pilar só explodiria com a condição de alguém pisar nele. As possibilidades para isso são infinitas.

-Una maldição com alarme...? -Krauzher questiona. Aquilo era complicado, e certamente não existia nada próximo daquilo no seu tempo. Qualquer senhor feudal estaria impressionado se alguém soubesse reverter sua maldição para lutar por uma terra ou batalha européia.

Krauzher se joga para trás no susto. Seraphim começou a arremessar labaredas em sua direção. Mitigava para se tornar leve e poder se esquivar. Cada labareda parecia mais forte do que a anterior, ao ponto que começaram a se tornar quase impossíveis de evitar.

Quando iria acertá-lo com uma nuvem de fogo extensa, Krauzher amplifica extremamente com Amôfle para se proteger. Mas Seraphim apenas ameaçou.

-Isso, foi uma corrente. Cada vez que tu alimenta o rastro, é como se tu adicionasse tuas técnicas na fila, elas ficam mais fáceis. É só saber usar a cabeça, tem que se conhecer.

-Conhecer sua mente, não é? -Krauzher dizia, tentando acessar algo. Porém, as memórias da armadura acumularam mais tempo do que toda sua vida de carne e osso. E suas memórias antes dela ainda eram parcialmente ofuscadas, ocultas por uma sombra de vapor que as sombreava.

-Tem outras coisas, como os mundos conjurados, marcas, condicionais e encantamentos. Mas tu tem que entender isso primeiro. Consegue?

-Sim. Eu consigo.

-Ótimo, então siga o rastro.

Krauzher se posiciona. Aplica sua maldição a um dos tatames, tornando-o momentaneamente em metal. Conforme segundos passavam, a estrutura lentamente voltava a ser do material original. Krauzher analisava como teve que pensar para fazer aquilo, os músculos que teve que comprimir, o que teve que fazer, as memórias que adicionaram o peso de aço de sua maldição. E então, era aquilo, encontrou o rastro! Seraphim olhava sorrindo.

Mas falhou. Krauzher encara sua mão esperando algo acontecer.

-O que?! -Krauzher diz, olhando para sua mão. -Eu fiz tudo perfeitamente!

-É, talvez. Essas coisas exigem prática. Vamos seguir tentando. -Seraphim parecia confuso de início. Mas depois, parecia entender algo.

Outros alunos chegavam. Alguns mais avançados, outros menos. Mas Seraphim os guiava revesadamente. Quando retornava para Krauzher, ele ainda estava na mesma tentativa. Tentou ressonância, conexão, divergência. Nada funcionava.

-Eu estou fazendo tudo certo!

Ele falava. E realmente. Com uma de suas maldições, Seraphim podia ver os rastros de forma literal, podia ver maldições, a energia que fluía delas e a aura das criaturas e até mesmo da lua. E Krauzher fazia tudo perfeitamente, mesmo que as técnicas não fossem de seu tempo. Mas enquanto alguns alunos começavam do zero e já conseguiam ressoar maldições primitivamente, Krauzher estava paralisado antes do básico.

A fúria... A ânsia por destruir... O fervor que arrepiava sua pele metálica o dando a vontade incessante de destruir tudo. Porque? Ele está entregando tudo para a torre. Dando-a seu tempo, esforço e vontade. Tudo para que possa retornar para casa vitorioso. A torre era sua inimiga. Pois recompensava seu esforço com desgraça. E como? Mesmo que ele tente e se esforce para fazer do jeito certo, a torre não o entregará o que ele quer?

Ilógico. Krauzher cometeu muitos erros, mas veio para esta torre consertá-los. Tudo estava dando certo ontem, os metais, as bebidas, os inquisitores. Porque a torre renegava seu direito de crescer?

Na sua última tentativa, horas já tinham se passado. Nenhum progresso havia sido feito.

-Acontece, alguns inquisitores tem dificuldade... -Seraphim foi interrompido.

-Não. -Krauzher diz, contendo-se. Tomou uma postura séria. -Está tudo bem, Seraphim. Eu tenho outros truques, não é?

-Isso mesmo. Mas volte amanhã para voltar a praticar.

Krauzher se despediu de Seraphim. Apesar de ter mantido a compostura, aquilo seguia ilógico. Sua respiração estava acelerada. Seus punhos, sempre cerrados. Estava tudo bem. Ele estava fazendo tudo perfeitamente, e mesmo assim não funcionava. Então claramente algo estava o afetando. Se for o caso, então ele tem muitos outros truques. Truques que darão à mão negra um verdadeiro pilar. Truques que nunca abrirão espaço para uma nova armadura. Ele tinha possibilidades sólidas nas mãos. O Amôfle e Miássio eram seu consolo para as falhas ilógicas de hoje, e certamente, com seu truque, era muito superior a qualquer ressonância, divergência ou corrente de maldição.

Krauzher se sentou no quarto escuro e experimentou kilos e kilos de Amôfle.

"Um homem que não sabe o que quer é pior do que lixo." Ressoava em sua mente. Era reconfortante. Krauzher sabia exatamente o que queria.

Josias entra no quarto encharcado.

-Tio! -Ele diz, rindo. -Eu posso ir brincar com os meninos no segundo an...

Ele percebe a concentração de Krauzher. Ele estava sentado em posição de meditação no centro do quarto. Sua mente era apenas Amôfle. Apenas amplificação. Meio aos pensamentos de fúria, ânsia por destruição e medo que surgiam pelo metal, Krauzher nem sequer ouve o garoto, que sai triste e fecha a porta.

Krauzher passou o restante daquela tarde inteira alternando sua dominância entre os metais. É claro, eles o viciariam, provavelmente suas amplificações comuns já não eram mais as mesmas. Mas com seu truque, aquilo não importava. E a fúria... Ela veio em boa hora. Krauzher não é um homem violento, sequer grosso ou ignorante. Mas aquela fúria o ajudaria a nunca se acomodar. A seguir treinando e ser o pilar que a Palma Negra e Josias merecem. Ele não precisa de armadura. Ele só precisa treinar.

Krauzher recaiu. Tentou mais algumas vezes as técnicas Hexomantes que Seraphim tentou ensinar. Mas falhou. Seguiu sem entender o porquê. Mas não importava. Ainda assim...

Aquilo o frustrava. Não pela eficiência, mas por algo que comia sua alma sempre que via inquisitores jovens fazendo aquilo.

Frustrado, saiu do quarto. Já era noite. Não dava para saber pela lua, que seguia estática no céu, mas a maldição de algum grupo de trabalhadores conseguia saber que horário do dia é. Krauzher se via crescendo em curiosidade para outras maldições desde sua vinda para a torre, por isso descobriu.

No salão principal da torre, inquisitores cansados estavam ouvindo música tocada por Jin, que cantava e dançava alegremente para os homens. Krauzher se sentia... Avulso. Ficar no quarto treinando por horas parecia errado para seu corpo, apesar de certo para sua mente. Sentia um ruído na mente sempre que saía de seus treinamentos, e o ruído piorava a cada sessão de Amôfle.

-Krauzher! Grande homem, venha banhar! -Gabriel gritava de dentro das águas ferventes.

Josias estava brincando com alguns garotos ao lado. E Matusalém estava nadando de forma que só metade de sua cabeça fosse visível, como um jacaré.

Krauzher suspira. Mas logo se culpa. Porque ele suspirou? Porque este pedido o irritou? Está tudo dando certo e ele não se importa mais com as técnicas que não aprendeu. Estes homens são seus camaradas. Krauzher se controla. Ele não é este tipo de homem.

-Opa, tudo bem, rapazes? -Ele diz, se aproximando das águas. Com Miássio, ele podia mitigar ao ponto de ser tão pouco de metal que conseguia entrar nas águas. A sensação era... Incrível. A ruína é sempre fria, mórbida e fede como morte. As águas quentes tocando sua pele e relaxando seus músculos refrescam sua mente e reduzem o ruído. Os incensos o faziam fungar o nariz só para sentir o cheiro agradável. E a música que Jin tocava era uma melodia ambiente que estava tranquilizando a todos. Mas...

Krauzher não conseguia relaxar. Não conseguia mitigar o suficiente para que não fosse, pelo menos um pouco, feito de metal. E se um projétil o acertasse? Sendo feito maior parte de carne, ele morreria. Se alguma criatura invadissem e o pegasse de surpresa... O ruído volta a crescer. Mas então:

-Tá tenso, é? -Matusalém diz, nadando cachorrinho em sua direção. -Não está preocupado com o duelo, está?

-Claro que não. -Krauzher fala, forçando-se a se acalmar. -Eu vou te matar!

-Ih! Olha isso, pessoal! O Krauzher falou que vai acabar com o Matusalém, vocês me sentem?! -Gabriel anunciava, provocando as risadas dos inquisidores nas águas.

Krauzher se questionava como conseguiam ignorar o motivo por trás do duelo. Todos sabiam, certamente. O que Jin falou estava certo a essa altura? Seria a presença de Krauzher, apenas um rastro diante dos giros da lua?

-É sobre as técnicas? -Matusalém questiona. Krauzher o encara.

-Não. Aparentemente há algum motivo idiota para que eu não consiga usá-las. Mas Seraphim disse que eu estava fazendo tudo certo, então não é culpa minha. -Krauzher diz.

-Eu tenho outros truques, afinal de contas.

-Nem todo inquisitor consegue controlar a própria cabeça de todo jeito possível. Alguns tem dificuldade de conter o estresse e isso dificulta Hexomancia. -Krauzher ouve de Matusalém, franzindo as sobrancelhas em identificação. -Eu recomendo que você veja a Almadell.

-A Almadell? -Krauzher questiona, acessando desconfortavelmente as memórias da armadura. -Mas foi ela quem me selou. Já dei trabalho demais para a garota.

-Ela gosta de ajudar. -Matusalém diz. -E você, Josias, aprendeu algo?

Josias estava nadando próximo aos homens, como se estivesse sugerindo implicitamente que falassem com ele. -Sim! Olha o que eu sei fazer agora!

Ele fala, mostrando uma bolinha preta de gude, a qual fazia flutuar acima de sua mão.

Krauzher sente o ruído, mas ele não é deste jeito. Ele bate palmas com toda a sua força. Os outros inquisidores, alguns bêbados, começam a bater palmas e gritar também. Josias sorri envergonhado.

-E eu vou ser o maior inquisitor que existe! -Ele grita, confiante. O Andarilho, que estava passando, grita e comemora também.

Krauzher sorri e suspira enquanto os outros inquisidores bajulam o garoto. Usar Miássio era importante nestes momentos, não podia deixar que fosse grosso com as pessoas que quer se redimir. E a tranquilidade que o metal trazia o ajudava.

-Eu discordo totalmente. -Gabriel diz, se aproximando enquanto nadava cachorrinho, assim como Matusalém. -Se você está estressadinho ou cansado, acho que é só você quem pode resolver.

-Não seja tolo, a Almadell lida com coisas Hexomantes e Amaldiçoadas a vida toda. Não vai te machucar pedir um pouco de ajuda.

Krauzher observa os dois. Talvez machucasse sim. A sensação que ele sentia quando tinha que pedir que Seraphim o ensinasse algo estava sempre presente. Era aquela uma das correntes, mas uma que não queria mais segurar.

-Os dois não estão errados. -Ele fala. -Eu vou falar com ela, mas vou resolver sozinho.

Talvez sejam só os metais que estou usando. Mas está tudo bem.

-Ha! Você vai acabar ficando um inútil se ficar usando estes metais. -Gabriel fala.

-Eu tenho minhas precauções. -Krauzher fala.

-Falei com você sobre aqueles cachorros na sucessão, não se pode confiar neles. -Gabriel continua. -E agora, além de confiar em criaturas, você confia em metais também?

-Os metais são bons remédios e medidas de emergência. -Matusalém fala. -Se ele está dizendo que pode usá-los tanto sem problema, então deve ter algo aí que a gente não sabe.

-O que é, Krauzher? Qual seu truque?

-Ha! Eu nunca vou falar isso do lado do branquelo. -Ele responde, rindo. -Ele vai usar para me matar!

Os três riem.

Era realmente verdade. O Miássio o tranquilizando, as bebidas, a água, a música... Como aquilo poderia ser ruim? Krauzher brindou com os rapazes e se despediu dos inquisidores, mesmo que eles insistissem tanto para que ficasse.

Assim que saiu, se enxugou e desativou o Miássio. O ruído retornando a sua cabeça. E assim como o frio de ter saído das águas, a lembrança do treinamento retorna. Era disso que Krauzher tinha que se proteger. O Miássio, as bebidas, aquilo o acomodava. O fazia esquecer do que realmente importava. Ele estava sentindo exatamente o oposto agora mesmo, mas se lembrou. Se lembrou de porque está aqui, e de que não está fazendo o progresso que deveria.

-Será que eu estou... -Ele se questiona, evitando a resposta. Conforto e desconforto, um atrás do outro. Rápido como a alternância de metais. Amplificação e mitigação. Krauzher está franzindo o rosto para sua própria mente. Mas ainda persiste, ele deve treinar.

Josias já estava dormindo no quarto quando ele chegou. Por isso, subiu as escadas mitigando.

-Preciso achar algum lugar... -Ele dizia, carregando nas mãos um frasco contendo metais diluídos em água.

Ele encontra uma sala escura no fim do corredor. O breu o impede de ver qualquer coisa dentro dela. Mas deve servir. Engoliu os metais e começou a alternar. A cada vez, sua Hexomancia não metalizada se tornava mais difícil. E o ruído crescia quando não estava queimando nenhum metal. Mas sua Hexomancia metalizada estava começando a se tornar algo diferente. Ele conseguia tornar seus braços em algo indestrutível, enquanto suas juntas ainda eram elásticas como borracha. Seus pulmões metálicos amplificados conseguiam dar-lhe energia e fôlego para horas. É claro, suas sessões de treino, mesmo que no escuro e isolado num canto fechado, gastavam muita energia. Não pela Hexomancia, que era alimentada pelos metais, mas sim pela amplificação. Seu corpo de metal, seu suco gástrico metálico digeriu tudo mais rápido. E amplificado, fazia Krauzher ficar com muita fome.

-Você vai se matar, Krauzher? -Ele ouviu. Instantaneamente virou o rosto para todos os lados procurando a origem do som.

-Vai se entregar para Deus? -Krauzher se levanta. Parecia estar na sua mente. Dentro dele. Suas correntes nos pulsos formigavam. Começavam a coçar e doer. Ele as coçava, mas elas não paravam. Como se seus músculos estivessem coçando. Seus ossos estivessem coçando.

-Quem está aí?

-Ah, desculpe. Eu só vi você aí agora. -Uma luz branca de uma vela especial se acende no fundo da sala. Krauzher olha até a fonte.

A luz branca, que parecia tranquilizar Krauzher como Miássio, e impedir as vozes, iluminava a ampla sala. Tinham caixas. Vasos com uma areia preta e viscosa. Caveiras, tripas de criaturas e animais, pingentes, jóias, etiquetas de papel com frases como "Não desista!" Ou até mesmo "Desista agora."

Ao fundo da sala, sentada em uma cadeira de ossos que tinham mensagens de apoio semelhantes cravadas, estava Almadell.

Ela se levanta, andando com cuidado em suas roupas largas e escuras, que cobriam quase todo o seu corpo. Seu relógio de prata estava apoiado no braço da cadeira, em um fêmur. Ela o pega com suas mãos azuis. Enquanto se aproxima, seu olho esquerdo, que tinha incontáveis pupilas que se moviam e olhavam para cantos diferente, examinava Krauzher. Krauzher sente nela uma ameaça. Uma ânsia para matá-la e fugir. As vozes sussurram suavemente.

-Você é...?

-Sou Almadell. -Ela diz, com um sorriso gentil no rosto. -Você é o Krauzher, não é? O Andarilho falou bem sobre você e seu trabalho na vila da brasa.

Ela estende a mão para levantar Krauzher, que prefere se levantar sozinho.

-Está tudo bem. Eu só estava treinando. Eu posso sair se você quiser.

-Ah, não. -Ela diz. -Você pode ficar. Eu não estava fazendo nada importante.

Ela puxa uma cadeira para Krauzher meio a escuridão. Acomodando ele. Pegou também para ele um chocolate quente, sabe-se lá de onde. E estava trazendo sanduíches quando Krauzher a interrompeu.

-Não precisa dessas coisas. -Ele fala. -Só vamos conversar, você não precisa de tudo isso para que eu fique aqui.

O rosto dela se move em surpresa.

-Me recomendaram vir falar com você, inclusive. -Krauzher diz.

-Ah, sim. -Ela segue. -E do que você precisa?

Krauzher não queria que aquilo fosse sobre ele. -Você dorme por aqui? -Ele desvia do assunto.

-Ah, as vezes. -Ela responde. -É meu escritório! Você se acostuma.

-Você parece jovem para trabalhar com... -Krauzher pausa, sem entender o que diabos via quando olhava ao redor.

-Hexomancia e Ascensionismo! -Ela responde, feliz. Dizendo com a empolgação de alguém que não tem muito tempo para explicar. -Vocês são Hexomantes, eu sou hexomante e ascensionista.

-E o que você faz? -Krauzher questiona. Almadell bate palmas de empolgação, se movendo pelas caixas e frascos enquanto explica.

-As coisas amaldiçoadas que usamos vem de algum lugar, sabia? -Ela questiona. Krauzher se inclinando para frente em interesse. -A gente é de carne, então a gente não mexe nessas coisas todas direito, não direito. As criaturas conseguem, sabia? A gente só mexe quando essas coisas adoecem a gente.

-Então não mexemos com a lua diretamente? -Krauzher questiona.

-Excelente pergunta! -Almadell se empolga e quase derruba um dos frascos. "Esta mulher deveria ser professora." Krauzher pensa, pois parecia muito feliz em ensinar. -As criaturas mexem com a lua diretamente, elas não precisam adoecer. A lua joga a luz dela, espíritos pequeninhos na terra, que é o que deixa a lama e o céu vermelhos. Elas pegam eles com

a mão. Enquanto nós fazemos eles se mexerem porque eles estão adoecendo a gente, então é bem diferente!

-Hm. -Krauzher raciocina. -E estes metais? São da lua também?

-São, mas não só desta lua. -Ela diz, sacando vários frascos e alinhando-os. -Existem mais!

...

-O quê?

-Mais luas! Elas não estão aqui na terra, é claro. -Ela fala, empolgada, apontando para um pote cheio de sangue. -A nossa lua tem sangue. Então as criaturas também, e o céu também, e o mar também. Mas se fosse outra...

-Caramba, você sabe bastante coisa. Quantos anos tem?

-Dezenove.

Krauzher se impressiona. Em sua época, mulheres não podiam estudar. Todos ajudavam nas colheitas e trabalhos braçais. Até mesmo mulheres nobres tinham que se atentar aos interesses da família. Helga era a exceção, Krauzher pensa, lembrando sorridente, ela amava estudar. Obviamente Krauzher não nutria qualquer interesse por Almadell, já que isso seria traição, e também, ela é muito mais jovem do que ele. Krauzher nunca deixou de estranhar os homens nobres que se casavam com mulheres tão mais jovens.

-Isso é muito interessante. -Krauzher diz. -O resto não parece saber disto tudo.

-A maioria não sabe. -Almadell fala. -Não tem escolas na ordem, então educar ficou um pouco mais difícil. E o povo não tem muito interesse nessas coisas. Maioria dos misticismos sobre maldições persistiu. O povo não gosta de estudar isso pois acham que pode aumentar suas ameaças.

-Ameaças?

-É, é o quão feito de metal você é. -Ela fala. -Eu vejo que a sua é bastante! Deve ser um dois ou três, eu fiz uma escala! Acho que a minha ser um pouco alta também interfere na vontade deles de aprender...

-Deveria ser algo a ser respeitado. -Krauzher conclui. -No meu tempo, soldados que tinham muitas cicatrizes eram mais respeitados. Pois tinham nelas uma prova de que suportavam dor. E maldições crescem com isso, não?

-Sim! Eu penso da mesma forma. O Seraphim também.

-Ele é um rapaz esperto. -Krauzher diz. -E muito prestativo também.

-Ele gosta da ordem. Até demais. Então se você é da ordem, ele vai te ajudar mesmo que não goste de você. -Ela diz, rindo. -Mas ele é um bom irmão.

-Ah, vocês são irmãos?

-Meio que sim. -Almadell parecia muito feliz de falar de sua vida pessoal. -O Professor nos resgatou num caso bem antigo.

-Seraphim me disse que todo homem deve saber o que quer. Este professor deve ter sido um grande homem. Qualquer um que consegue conciliar a vida e o trabalho é um grande homem. -Krauzher diz, sorrindo. -Desde que Seraphim me disse aquilo, estou treinando com estes metais, você deve ter visto quando entrei. -Krauzher fala.

-Ah sim. Eu vi. Eles são muito úteis! Esta vela mesma é feita de um deles. Eu uso ela para acalmar meus... Amigos. -Ela fala, pausando por um tempo. -Mas eles podem ser meio perigosos se usar demais. Se você queimar muitos metais, eles podem ficar na sua corrente sanguínea, e eu acho que ninguém quer um sangue que amplifique sua maldição toda hora, né?

-Haha. Realmente. -Krauzher diz, sério.

-Tem formas mais saudáveis de mitigar, inclusive. -Ela diz, puxando as mangas dos braços e revelando duas tatuagens no antebraço. "Emily", "Flautas". -Coisas boas para você

podem melhorar sua maldição. Deixa bem mais fácil de lidar, ainda mais se você tatuar na pele ou prender num pingente. Eu aconselho!

Krauzher olhava maravilhado. Além de interessante de conversar, aquela jovem era um poço de conhecimento! Ela deveria fazer parte da mão negra! Sua próxima sessão de treinamento seria... Interessante. Ele tinha incontáveis ideias. Incontáveis planos. Quem precisa de Hexomancia básica quando se tem tantas possibilidades?

-Infelizmente maior parte das minas destes metais são em território legionário. -Ela fala. -A gente não se dá muito bem, então o comércio deles é bem pouco.

-A ordem não tem muitos aliados, não é?

-Não mesmo. Nosso modelo de trabalho afasta a maioria das Luas Nobres e vilas. É menos eficiente, realmente, mas por trabalhar no que quiser, somos mais leais, não acha?

-Com toda certeza. Também é o modelo na minha vila!

-Na vila do Sangue de Hemó, todo mundo coleta um minério de sangue, a cidade é toda triste! Como se pode viver num lugar daquele? Fazendo as mesmas coisas todos os dias, recebendo quase nada? É ridículo! De sete dias, trabalham seis!

-Realmente. O trabalho geralmente enriquece o homem. Mas o sub-trabalho só o empobrece.

-O Andarilho sempre diz que quem trabalha demais não tem tempo de ganhar dinheiro!

-Ele é um homem sábio. Assim como você, Almadell.

-Não fala besteira! Eu não sou homem!

-Não nesse sentido... -Krauzher diria, mas foi interrompido.

O sino toca. Era hora dos inquisidores dormirem para não atrapalharem o sono de quem treina amanhã.

-Eu devo ir indo. Até logo, Almadell.

-Até logo, amigo!

Foi uma conversa interessante, e ter mais amigos na ordem é sempre bom. Mas uma coisa era certa. Krauzher precisa de mais metais. Ele precisa compreendê-los. O metal do Sangue o ajudaria nisso. Onde fica a vila do Sangue Hemó?

-O que você prefere, enfrentar três lunáticos ou três Marechais? -Um dos trabalhadores da purificação de água na palma negra perguntava a um colega. A ausência de Krauzher já marcava cerca de quinze dias. Os trabalhos da reconstrução seguiam, mantidos e nutrindo a esperança pelo retorno de Krauzher para ver os frutos do trabalho do povo. Ele estava movendo as manivelas. Empurrando seu corpo para baixo e gerando um movimento semelhante a uma gangorra diante de uma grande máquina que recebia galões de sangue, e despejava água. Mesmo depois do serviço, a água ainda possui pequenos poros negros e vermelhos impossíveis de remover.

-Três lunáticos ou três Marechais? Eu não vou morrer de todo jeito? -Seu colega movendo a manivela do outro lado dizia.

-É, mas os lunáticos devem ser piores. -O primeiro diz. -Imagine três malucos Brutos e Chamuscadores te batendo.

-É, você viu o estado daquela carroça de rebeldes?

-Infelizmente...

-Acho que eu prefiro um Maioral do que três lunáticos. -Um Chamuscador disse. -Mata mais rápido.

-O que foi? Você quer tentar beber o sangue azul para ver se ele não te mata? -Todos eles gargalham e seguem empurrando.

-Vamos parar de falar sobre essa porcaria. -Um dos homens dizia Seguiam empurrando as manivelas. Desde a mudança do formato de trabalho do legionário para inquisitor, muitos Chamuscadores foram para ofícios de sua preferência. Por isso, o purificador de água recém construído pela Palma Negra tinha vários outros amaldiçoados. Geralmente pessoas em busca de um rápido emprego para juntar dinheiro para metas e sonhos.

-Romaro, o que o senhor está fazendo aqui? -Alguém questionou. Romaro estava em uma das máquinas, girando manivelas com uma toalha na cabeça para conter o calor dos Chamuscadores que ainda haviam.

-Ué, trabalhando. Não pode mais? -Ele diz.

-Mas o senhor não tá com o Krauzher?

-Ah, eu ajudo o rei, porque?

-Isso aqui é trabalho de pobre, irmão!

Romaro dá de ombros. Ele segue empurrando as manivelas, percebendo que nunca havia parado para pensar nisso.

-Porque eu estou aqui mesmo? -Ele pensa, seguindo a empurrar. -Tinham coisas para decidir sobre as vendas da colheita, porque eu vim empurrar manivelas?

Seguiu empurrando.

O Cavaleiro Negro, Capítulo 15.

-Você está realmente desesperado para me derrotar. -Matusalém dizia. O som de um zíper se fechando quando ele finalmente termina de arrumar sua bagagem. Era grande o bastante para ao menos um dia e meio contando com ida e volta.

-Não é para te derrotar. Já consigo fazer isso sem aquele metal. -Krauzher fala, deixando escrito um bilhete para Josias, que estava dormindo. Apesar da lua e iluminação vermelha estática do céu, o sol ainda não teria raiado se existisse. A torre estava estranhamente silenciosa, ainda mais para um lugar caracteristicamente barulhento em todo horário do dia.

-Se sairmos cedo daqui, chegamos cedo. Não vamos perder muito treino.

Matusalém ergue sua mochila negra ao topo do ombro. Sentando-se na beirada da fonte que dá vista para a porta de saída da torre, e para o céu vermelho visto do topo do monte.

-Você não precisa vir comigo se não quiser. -Krauzher avisa. Se posicionando ao lado dele com sua mochila de couro preto em mãos. Estavam todos vestidos a fim de uma longa viagem. Krauzher, com roupas grossas, longas e de couro resistente. Sua pele metálica esquentava e esfria rápido, então era necessário. Matusalém, com seu sobretudo de viagem negro que contrastava com sua palidez e cabelos longos e brancos.

-Ah, não tem problema. Eu já treinei na torre antes, nada de novo já que estão ensinando novatos da sucessão. -Havia algo em sua voz, alguém que escondia algo. Krauzher percebe, mas ignora.

-Essa sua capa está bem suja, eu a enferrujei? -Krauzher questiona. Realmente, a capa que estava por de baixo das outras vestes estava enferrujada.

-Agora que você disse, parece ser mesmo. -Ele diz, a checando com as mãos. -Mas não ficou ruim, abafa o cheiro da lama e eu me sinto mais fortinho.

-Então tudo bem.

Krauzher dizia, preparando Jurema e a carroça com a qual vieram enquanto acariciava sua crina.

-Você tem algo para fazer lá também, não tem? -Krauzher pergunta, culpando-se caso ele esteja indo para lá somente para acompanhá-lo a mando do Andarilho.

...Tenho... -Matusalém dizia.

-Já vão, meninos? -O Andarilho dizia. Tinha chegado no horário que combinaram. Estava de roupão com as feridas à mostra e duas mulheres sonolentas sendo levadas por seus braços.

-Sim. -Krauzher diz, pegando o Broche que o homem o entrega. Tinha seu rosto desenhado e um botão vermelho.

-Apertem se precisarem de mim. -Ele fala. -Estarão em território legionário. Lembrem-se, vocês não deveriam estar lá. Ajam como se não estivessem. Qualquer coisa que acontecer, me chamem, eu chegarei rápido como o som.

-Entendido.

Partiram. A torre da inquisição ficava linda vista de baixo. A névoa vermelha envelopa a carroça e a respiração mascarada é desconfortável até mesmo para cavalos. Os dois viajavam em silêncio meio a madrugada e a luz vermelha da noite.

-E se uma criatura aparecer? -Krauzher questiona. Certamente ainda não estava em total capacidade graças às feridas da invasão.

-Lutamos. -Matusalém diz. -Todo comerciante ou carroceiro tem que lidar com este risco, porque não nós?

-Justo. -Krauzher diz. Podia agora se sentar na carroça assim como Matusalém, mitigando seu peso com Miássio. E por conta do minério, também parecia mais tranquilo. Pensava menos nas suas pendências, no que tinha de fazer, no que estava fazendo. Era uma sensação leve. -Legionários, não é? Devemos ter medo deles?

-Talvez. -Matusalém fala. -A ordem não está em conflito com eles nem nada do tipo. Mas não somos aliados. Eles tem métodos mais... Rígidos.

-Mas dão muito certo. -Krauzher fala. -Pelo que o Andarilho me disse, eles conseguiram construir escolas. E a medicina e tecnologia deles é mais próxima da de vocês do futuro. Apesar disso, é indigno. Óbvio.

Matusalém estranhava ele se referir a ele como alguém do "futuro". Mas seguia. Krauzher era sincero em suas palavras. O método é sujo, e foi por conta deste método que ele se tornou um general. Mas que funcionava, era inegável.

Horas se passaram. A paisagem vermelha mudava somente quando o relevo o fazia. Cidades que pareciam habitadas, ou que não eram ruínas eram raras. O caminho deles teve de cruzar com uma cidade grande demais para contornar.

Suas ruínas, de construções altíssimas que maravilhavam e confundiam Krauzher, eram miseráveis. Os prédios eram consumidos por carne vermelha que os escalava do chão ao topo. Uns criavam dentes, outros, olhos, e pareciam se mover. Se distanciando, se unindo, se fusionando pouco a pouco. Carros, Krauzher aprendeu o que eram as estruturas metálicas com rodas. Seriam úteis a ordem, se não fossem caros e usassem recursos inacessíveis que não mais criados. Matusalém estava lhe explicando o porquê. Meio a explicação, ele parecia suar. Estava inquieto, não conseguia ficar sentado na mesma posição por mais do que alguns segundos. Movia os dedos, braços e cabeça a cada momento. Krauzher nota e se preocupa, mas não encontra um jeito não invasivo de questionar.

-Eu preciso de um ar. -Ele diz. Descendo da carroça e indo rumo a um prédio não consumido por carne.

-Mas você disse que estas ruínas são perigosas. -Krauzher fala. Matusalém o ignora e parte para dentro do prédio rapidamente. Já iniciando o movimento de retirar sua máscara antes mesmo de entrar.

-Estranho. -Krauzher pensa. Matusalém é sempre quieto. É estranho ver sua inexpressividade se transformar em qualquer coisa, mesmo que um mínimo desconforto. O que era para ser uma rápida pausa, se tornaram minutos. Krauzher passou estes minutos encarando confuso a grandeza das construções. Pensava, os homens devem ter se tornado grandiosos para que aquilo fosse possível. Imaginava que tipo de maravilha eram capazes de fazer se suas cidades eram tão distantes do que eram no seu tempo. Era uma visão esperançosa, o ser humano é capaz de muito. Mas ao mesmo tempo aquela imensidão o abraçava pelas costas.

Nem mesmo a ânsia de crescimento que havia levado este povo a este patamar foi capaz de parar... A Lua. Krauzher a encarava perturbado. Ela parecia inabalável, e tudo naquele mundo a assemelhava. Era Deus, certamente. Krauzher não é religioso, mas se diverte ao pensar no que os padres de seu tempo pensariam hoje em dia.

Percebeu então que estava, raramente, conseguindo pensar em coisas ao seu redor. Conseguia dar espaço aos seus pensamentos e para Krauzher, e não o metal, falar. Estava pensando sobre seu povo, sua vida, sobre o mundo. Ah, sim. Estava com Miássio ativo.

-Ok, isto está demorando demais. -Krauzher se livra de seus devaneios. E sai da carroça. Parou de forçar seu corpo com as reservas de Miássio e forçou Amôfle. Seu corpo se tornando absurdamente pesado, barulhento e esmagador. A preocupação sobre a Hexomancia básica que foi incapaz de utilizar, a Palma Negra, tudo estava retornando como um chiado crescente. Um chiado que mantinha sua mente suspensa no ar, e nunca estável no chão.

A porta é facilmente trespassada, dando acesso de Krauzher a uma sala. Era... estranho. Havia uma superfície de couro ou algodão que parecia confortável. Um retângulo negro de material impossível e aparelhos quadrados.

-O futuro realmente gosta de coisas cinzas e quadradas. -Krauzher pensa. Sua negatividade começando a crescer com o Amôfle e o ruído fazia com que se incomodasse com o padrão previsível, chato e anômalo daquela estrutura.

-Matusalém? -Ele grita. Sem resposta. Trespessando mais uma das paredes com seu corpo, começa a ouvir sons. Grunhidos. Seu corpo pesa.

Krauzher se defende de um dos objetos da casa indo em sua direção. Olhando para o fundo do que parecia ser, pelo cheiro, um depósito de excrementos, residia Matusalém. Estava de pé no fundo do local. Estava tudo destruído. Paredes rasgadas por unhas enormes. Espelhos partidos e vidro no chão. O cheiro era péssimo. Matusalém tinha no rosto uma expressão não absurda, mas que para alguém como ele, soava quase que sobrenatural.

Krauzher supondo o pior, avança. Ele estica as mãos em sinal de recuada.

-O que? -Krauzher diz, interrompendo seu ataque. -Você não está possuído?

Algo muda em Matusalém. Sua expressão retornava a calma e neutralidade quase inabalável.

-Está tudo bem. -Ele fala. -Vamos retornar.

A carroça estava silenciosa no caminho da volta. Tinha um ar de estranheza que não antes existia. Uma pressão que apertava seus ombros e fixava seus olhos na estrada. O silêncio

com Matusalém era sempre tranquilo. Sua calma o tornava confortável e necessário. Mas havia algo diferente. Krauzher estava pensando em como tocar o assunto.

-Eu não sou assim. -Matusalém fala, olhos fixos na estrada. -É a minha maldição.

-Sem julgamentos, parceiro. Nós somos amaldiçoados. -Krauzher fala.

-Não. É diferente. -Ele diz. Sua voz falhando conforme perdia a neutralidade no rosto, que tampava com uma das mãos. -Eu sou pior.

-Hm? -Krauzher questiona. Confundindo-se com a estranha dificuldade com a qual ele comunicava.

-Minha maldição me torna mau. -Matusalém diz. -Não é culpa minha, acredite se quiser. Mas ela me força a fazer maldade. É uma... Fome. Uma sede. Eu como maldade, ela me sustenta.

-Ilógico. Você nunca deu um sinal sequer. -Krauzher duvida. -Além do mais você salva vidas constantemente.

-Eu a revento na maior parte do tempo. Mas cansa demais. -Matusalém fala.

-Porque não usa os metais? Me disseram que Niquião ajuda na reversão. Você seria bom incondicionalmente o tempo todo.

-Seria bom. Mas... -Matusalém trava.

Krauzher franze a sobancelha. Matusalém falava em tom apologético. Algo que ele jamais fez. Falava como se estivesse se defendendo. E ele parecia envergonhado. Envergonhado demais para deixar que esta condição escapasse dele só por medo de um vício. Krauzher suspeita. Havia algo ali. Algo que ele não estava falando. Krauzher escutava risadas vindo do banheiro quando o encontrou.

Apesar disso, Krauzher entendia. Suas maldições eram parecidas. Ambas eram vermelhas. Forçavam-lhes a viver uma vida vermelha. De sangue, suor, crescimento, trabalho, preocupação e dívidas. Krauzher achava o Amôfle uma sensação rejuvenescedora, apesar do ruído, do cansaço, da ânsia por destruir, ele seguia utilizando. Mas... Krauzher tinha uma justificativa, seu truque com os metais tornavam aquilo viável. É por isso que os usa.

Matusalém pelo visto também tinha um motivo para... Não os usar?

-Maldade, você disse, -Krauzher questiona. -Como assim? -Matusalém pergunta.

-O que eu consideraria mau. É difícil de entender. Algumas maldições mexem em coisas estranhas. É como se tivesse um conceito dentro de mim.

-Os metais seriam bons remédios, não acha? -Krauzher questiona.

-Talvez. Mas... Eu me viciaria, não é?

Matusalém nunca falava neste tom sugestivo. Ele raramente repete algo que diz.

Geralmente fala algo, e entrega na mão do ouvinte. Krauzher vê nele um desconforto identificável. Seus metais eram seu conforto, sua segurança contra a dificuldade de aprender Hexomancia, as dívidas, criaturas, a lua e... As memórias enferrujadas. Talvez Matusalém também sentisse fome, mas uma fome diferente da de Krauzher. Eram ambos famintos, que lutavam ou se entregavam contra a fome.

Silenciosamente, a estranheza das pausas entre a conversa, a pressão em seus ombros se tornou branda. Matusalém se culpava por ter entregue os metais para Krauzher, fazendo com que ele estivesse abusando deles. Mas enxergava a verdade. Tendo dificuldade para aprender a Hexomancia moderna, ele encontraria algo parecido queira Matusalém ou não. Um escudo. Assim como ele. O silêncio na conversa era uma abertura para que Matusalém entendesse o lado de Krauzher, e quais pesos suas correntes de Amôfle carregavam.

-Se você é forçado a ser mau, então você não é condenável. Nem os reis da minha época fariam algo assim. -Krauzher diz. -Mas se você for bom forçadamente, acho que não lhe tira o mérito.

-Isso parece trapaça, cara. -Matusalém diz, sorrindo. -Não faz sentido nenhum.

-Ha! -Krauzher ri. -Então eu sou um trapaceiro!

Ambos gargalham meio às ruínas da cidade de carne abandonada. Os olhos e bocas dos prédios sanguifestados, encarando-os e odiando sua alegria e amizade. O mundo tremia, ele não podia permitir isso. Krauzher brinda com Matusalém um whisky que trouxe.

-Á trapaça!

Krauzher bebe o whisky misturado com metais para manter-lhe abastecido. Matusalém os bebe com suplementos para conter sua maldade.

Não são vilas. Não são cúpulas. As cidades legionárias são lindas.

O Cavaleiro Negro, Capítulo 16.

Krauzher não imaginava que a grandeza das construções arruinadas poderia se tornar ainda maior.

As casas eram empilhadas umas as outras, acumulando moradores, e algumas, entre certos andares, tinham comércios elevados e abertos. Havia tubos metálicos que interligavam um acúmulo de casas a outro, assim como pontes verticais metálicas que se elevam do chão até a porta de comércios empilhados entre casas, que normalmente seriam inacessíveis.

As ruas não forçavam os moradores a afundar os pés na lama, pois eram ladrilhadas com pedras refinadas e cortadas. Havia banheiros fechados e separados, vapor vermelho era expulso deles conforme eles purificavam sangue em água, permitindo a privacidade de moradores que provavelmente achariam a ideia de um banho público enojante.

Incontáveis construções expulsavam o vapor vermelho que saía dos banheiros, a água cristalina sem nenhum resíduo de sangue era transportada de casa em casa. Carruagens erguidas por cavalos fortes como Jurema vagavam elegantemente. Havia um refinamento nas carruagens e na arquitetura geral que distoava do rústico da ordem.

Krauzher via muitas luas circulando. Moedas vermelhas eram carregadas entre cada ponte comercial, um povo movimentado, inquieto que parecia ter sempre algo para fazer. E é claro que havia muito, pois Krauzher teve de pagar cem luas só para entrar na cidade.

-Isso é... Lindo. -Krauzher dizia. A arquitetura, as vestes do povo, a construção das carroças e até mesmo a distribuição de azulejos o maravilhavam.

-É, dá pro gasto. -Matusalém diz, com uma expressão mínima de desprezo. Aquilo não o maravilhava, muito pelo contrário. Ele era retraído pela movimentação excessiva, o excesso de informação, a opressividade de tudo, o sufocamento. Inclusive quando um grupo de três guardas caminhava por eles.

Vestiam roupas negras, cheias de bolsos e proteções. Seus rostos eram inacessíveis graças a máscaras de gás preta que cobriam seus rostos por inteiro. Apenas números em suas fardas negras os identificavam. Quando passaram por Krauzher, ele sentiu algo.

Desconforto tomou sua mente. Uma dor mental cresceu como um ruído doloroso atrás de seus olhos. Um formigar de pele e calafrio disseram ao seu corpo para que se afastasse deles. Suas auras emanavam medo, desconforto, e acuavam Krauzher, mesmo que ele próprio fosse maior do que todos os guardas. Eles carregavam as estranhas armas de fogo que eram raras na ordem, mas que pareciam comuns aqui. Krauzher não entendia suas composições, mas elas eram certamente amedrontadoras, suas capacidades de cuspir fogo eram dignas de temor.

Krauzher toca o desconforto de Matusalém. Era opressivo existir naquelas ruas. Mas tinha nisto uma beleza que Krauzher via e ele não. Nunca se acomodaria em um lugar assim. Medo espreitando nas pontes, desconforto constante. O povo produz aqui, eles crescem, aumentam.

-Podemos nos encontrar aqui quando anoitecer? -Krauzher diz, ainda não muito acostumado em falar "anoitecer" com a lua no céu. Matusalém concorda. Se despedem. Krauzher caminha pelas ruas de Hemó como um estrangeiro desorientado, olhando embasbacado para cada enorme prédio, ponte ou veículo. A Almadell havia dito sobre o minério, mas ainda precisava encontrá-lo.

As pessoas que passavam por seu caminho tinham olhos cansados e não enfeitavam sua caminhada de forma alguma. Krauzher subia por uma ponte metálica, mitigando com Miássio para não partí-la. Em sua subida, passou pelas casas de moradores, que não tinham janelas para estender suas roupas ou vista para deslumbrar. Mas tinham banheiros privados. Deu de frente com um pequeno comércio enfiado entre casas empilhadas.

-Olá, -Krauzher diz. -Se não for incômodo, eu gostaria de saber uma coisa.

-Nenhuma informação de graça por aqui, rapaz. -O atendente falava. Um tom resmungão e cansado, alguém que já se irritou assim que Krauzher pisou na entrada.

-Bom, justo. -Krauzher diz, segurando a sensação que o Amôfle provocou de esmagar o crânio dele. Mesmo com o metal desativado e mitigando agora, resquícios de estresse ainda o afetavam. -Posso pagar.

Krauzher coloca na mesa vinte luas. Um quinto de um salário mínimo é muito mais do que aquela loja decadente poderia pedir.

-Está achando que sou algum pedinte? -Ele fala, negando as moedas. -Saia logo se não for comprar nada. Só passarei informações por cem luas.

Krauzher tenta convencer por mais segundos, mas logo, quando o rabugento homem perde a paciência, Krauzher se deixa ser empurrado por algo para fora. Um amaldiçoado parecia isolado de roupas, não parecia sequer tocar o chão com os pés e flutuava em um pilar ao lado da ponte desta loja. Seu ofício parecia ser usar as barreiras que o isolam para privar Krauzher do atendimento. Criando uma barreira invisível contra Krauzher. "Estas pessoas gostam de se isolar", Krauzher pensa. Até porque haviam incontáveis outros que pareciam semelhantes, por também flutuarem sobre o chão, mas estes estavam acima de cada segmento da muralha, acima de cada local importante e ornamentado. Estavam protegendo-se de si mesmos? A desunião em vilas era nova para Krauzher. Como pode um povo não confiar em si mesmo, ao ponto de criar barreiras para se separarem? Eles estavam em pilares protegidos com suas próprias barreiras, isolados, naufragos meio a cidade. Seus esforços forçados pareciam úteis para impedir criaturas de entrarem, ou fugitivos de saírem, mas consequências eram visíveis para Krauzher em suas indagações.

Qual a lógica nisso? Krauzher tenta encontrar, enquanto desce a ponte metálica. Era dinheiro grátis, como aquele homem estava com raiva ao ponto de negar algo assim? Sua maldição parecia semelhante à de Miássio. Krauzher se sentia mais leve ao lado dele, mais

confortável e feliz. Mas talvez o oposto ocorresse para ele. Ainda assim, havia algo a mais. Talvez trabalhar no mesmo ofício, sem poder mudar sua carreira ou seguir suas vontades e sonhos, não seja tão bom quanto parece, se bem que nem sequer parece bom. Krauzher poderia ter pagado as cem luas, mas não queria dar esta vitória a um homem tão miserável e amargurado.

Por isso dirigiu-se a um dos guardas. Assim como os outros, sua maldição provocava desconforto assim que Krauzher se aproximava.

-Bom dia, senhor. O senhor é um guarda, não é? Pode me dizer algo?

-Claro que sou. -Ele responde. -Não sei nada que possa lhe ajudar.

E partiu andando.

-É melhor eu não segui-lo. Se eu for, vou matar ele. -Krauzher pensou.

Krauzher estava começando a achar difícil se controlar. Se mais alguém fosse tão mal educado com ele, algo ruim aconteceria. Os resquícios de Amôfle em seu sangue o estressavam constantemente. Talvez todo este povo tivesse Amôfle no sangue inteiro. Ou talvez fosse fruto do ofício indesejado e forçado, das casas sufocantes, das ruas sem espaço e dos guardas.

Minutos se tornam horas. Tudo demorava como o inferno naquela cidade. Passar pelas ruas mitigando e se esgueirando para não esmagar ninguém, subir pontes, desviar de carroagens, perguntar e receber não sempre. Nem o Miássio estava conseguindo aliviar o barulho na mente de Krauzher. Centenas de pessoas conversando, vendedores gritando, purificadores de água acionados. As maldições de centenas de pessoas colidiam: um indivíduo deixava o ambiente muito quente, outro muito frio, um guarda o apavorava, outra pessoa o dava um choque sem querer. Krauzher estava perdendo a paciência. Como alguém pode preferir isto ao invés de sua vila pacata? Como o som dos purificadores e os passos dos moradores no metal das pontes pode ser melhor do que os pássaros cantando? Era sempre a mesma resposta. -Volte para as fábricas de aço! -Era o que diziam ao ver sua condição. Eles também eram amaldiçoados, como podiam atacar Krauzher? Este povo não tinha lógica, não tinha sentido. Não pareciam pessoas de verdade, Krauzher não via nada de orgânico neles. É verdade, as construções são enormes e grandiosas. E as pessoas pareciam bem mais seguras com guardas que amedrontam bandidos sem nem pensar. Krauzher também se lembrava dos médicos que roubavam sua dor, ele teria morrido sem eles.

Mas será que valeria a pena seguir vivo aqui? Nada parecia real, e as pessoas viviam trabalhando por anos em ofícios que odeiam. O Andarilho estava certo este tempo todo. Apesar da sucessão matar pessoas, ninguém ia para lá obrigado. As ruas da ordem eram de lama, mas ao menos ninguém era obrigado a usar a "maldição das pedras" para ladrilhar.

-Volte para onde veio, ponteiro! -Um dos vendedores o disse.

Ponteiro? Eles também tinham rótulos? Por ser feito de aço, Krauzher e seus semelhantes seriam construtores de pontes, mais nada?

Krauzher se sentia em um banco e apoia o rosto nas mãos mitigadas. Suspira em raiva ao perceber então que o banco que se sentou tinha sido urinado por algum amaldiçoado de maldição bem peculiar, já que o líquido era vermelho.

-Se controle, Krauzher. -Ele dizia. É perfeito! Em dias ele precisa se tornar mais forte para não perder, para não cair de novo. E sua Hexomancia não funciona, ninguém o diz onde estão as minas de Hemó e agora ele se sentou em mijo.

Seu sangue bombeava raiva para seu cérebro a cada batida do seu coração. O Amôfle não estava tendo os efeitos que esperava. Sua maldição era muito mais forte, e nunca ficaria

sem metais graças a seu truque. Mas... A sensação era diferente. O desconforto saudável que o incentivava a treinar ao invés de dormir estava se transformando em raiva constante. Estresse contra toda porta que não fecha direito, contra toda vez que esbarrava em algo ou alguém mais forte do que o normal, toda vez que a carroça balançava mais forte do que o normal. Krauzher estava se tornando como este povo, e sua raiva só aumentava por isso. O sol se põe.

"Bordel Hexomante" ele lia na distância. Não é possível que até mesmo a noite vai lhe recusar respostas.

Entrou no lugar. O cheiro era péssimo. Como se tivessem urinado em toda a parede. Tinham amaldiçoados de todo tipo. Homens absurdamente grandes, outros absurdamente pequenos. Homens líquidos, outros sólidos. Mulheres que deixavam todos ao redor mais animados, e outras que deprimiam todos ao seu redor. Mas não era isso que irritava Krauzher. E sim a dificuldade de caminhar neste lugar sem pisar no pé de alguém, o que para Krauzher geralmente significava quebrar o pé de alguém.

Nem o Miássio conseguia aliviar o quão ruim a música dos bardos se tornava quando misturada com a fala da multidão. Krauzher encontra uma mesa sozinha, isolada. Copos e bebidas derramadas a tornaram indesejada. Era perfeita. Eventualmente alguém se sentaria próximo e Krauzher poderia tentar tirar algo de algum bêbado.

-Olá, garanhão. Sozinho esta noite? -Uma dama com a maldição dos guardas se aproximava, mas parecia invertida. Sua presença era agradável. Seus cabelos eram da cor do sol. Sua pele branca como o inverno. Sua voz suave como um lampião na noite. Seu cheiro era... Doce. Doce como o cheiro de um livro novo.

Matusalém já havia terminado tudo o que queria fazer. Ele queria o mínimo de tempo neste lugar. Tudo aqui o irritava. Não conseguia suportar a ideia de falar com alguém que trabalha a dez anos na mesma coisa, pois todos eram amargurados. Ninguém aqui era irmão, ou sequer colega.

Os guardas pareciam saber de sua maldosa maldição. Por isso, foi abordado incontáveis vezes. -Quem foi que você matou, vilão? -Eles perguntavam. Este lugar o esfregava no rosto que ele é só um lagarto mau. Depois de sete abordagens, estava começando a querer ser um. Por isso, não podia culpar aquele povo.

-Krauzher pode precisar de algo. -Matusalém pensa. Sua maldição inversa o dava mais compaixão. Krauzher era novo aqui, certamente precisaria de ajuda e não conseguiria visitar todo lugar. Dar-lhe uma mãozinha seria bom. Matusalém se sentia culpado, pois não sabia se o ajudaria por bondade, ou só por estar invertendo sua maldição.

Em uma loja, comprou-lhe alguns Elixires. Se forem realmente duelar, isso pode lhe ajudar. Em outra, alguns acessórios e bugigangas. Lhe explicaria tudo quando finalmente se encontrassem. Espera, aquele é...?

-Gabriel? -Matusalém cruza a multidão e aborda. Foi capaz de vê-lo somente por sua visão especial, pois parecia encolhido.

-Olá, Matusalém. -Ele diz. Sua voz medonha e rasgada sempre incomoda. -Não sabia que vocês estavam aqui. Vocês são de frequentar território legionário agora? São traidores por acaso?

Matusalém ri. -Este lugar me dá nojo. Vamos esperar no portão principal.

-Pode ir na frente, eu tenho alguns afazeres finais. -Ele diz. Matusalém obedece.

Matusalém não mudou sua opinião sobre Hemó. Ele caminha pelas ruas sempre lotadas. Uma hora, o som de um Chamuscador trabalhando nas forjas o assustava. Outra hora, um

Teletransportador surgia com uma carga ou grupo de legionários no meio da estrada, subitamente. Matusalém repara no Teletransportador.

Um amaldiçoado, assim como todos que pareciam "muito felizes" em trabalhar com as próprias maldições. Mas era diferente. Este havia surgido, manifestando-se meio ao ar no meio de um bando de civis que cuidavam das próprias vidas antes de terem que se afastar. Em seu pescoço, estava amarrada uma coleira.

Era de aço, e possuía pequenas jóias ao redor, contendo algumas escritas e símbolos. O homem controlava sua maldição com maestria, levando os Marechais de finas fardas que trouxe para olharem uma construção de todos os ângulos imagináveis.

-Uau, -Matusalém pensa. -Eles fazem até isso agora.

Ele se esgueira por entre as pessoas, evitando a situação e os olhos deprimidos do Hexomante. Esbarra em um Vigilante, sentindo a onda de terror em seu corpo. Logo depois, passa perto de um cooler, assim como quando chega perto de Seraphim, o frio invadindo seu corpo. Quando achou que teria paz, Matusalém começa a dançar.

-Que porra é... -Ele pensa, seu corpo se movendo sozinho e fazendo movimentos envolventes. Ele olha para a fonte da aura que o compeliu. Um garoto.

Sua risada deixava Matusalém feliz, mas não pelos efeitos de sua Fala Profana. O garoto estava se divertindo sentado em um banco com amigos. Muitos dos civis xingavam e resmungavam ao começar a dança incontrolável, que acaba alguns segundos depois. Sem conseguir ver a aura da origem, alguns olham desconfiados ao redor, mas não há tempo para rir ou achar o culpado, seguem aos seus afazeres, subindo suas pontes metálicas. O garoto ria com os amigos no banquinho. Então, Matusalém vê na distância um Olheiro que também viu a aura da maldição desferida. Ele apontava, alertando a três vigilantes. Os vigilantes se aproximavam armados rumo as crianças, que ainda não pareciam ter percebido já que estavam planejando a próxima presepada. Matusalém respira fundo. Sua maldição queima dentro de seu cérebro. Sua mente e mãos tremiam para entregar as crianças, ou mesmo para não alertá-las sobre os vigilantes. Matusalém escorre em suor. Suas mãos tremem. Ele junta forças e inverte.

-Saíam agora! -Ele fala encarando as crianças com uma cara ríspida e contendo a raiva imensurável em sua cabeça. Ele aponta discretamente para os Vigilantes.

-Molhou! Molhou! -Os garotos dizem, correndo desesperadamente e se misturando na multidão. Matusalém segue andando com um sorriso satisfeito no rosto.

Em sua caminhada, os Vigilantes trombam com ele rumo a encontrar os pestinhas. Mas saem de mãos abanando.

Retornando ao posto onde estavam, o Olheiro que alertou parecia não estar em bons bocados. Recebia xingamentos de todos os Vigilantes que foram para nada encontrar. Matusalém se frustra.

-É impossível não deixar alguém triste nesta cidade! -Ele pensa. Mas ao menos tinha ajudado os garotos. Uma brincadeira inocente, uma história para aqueles homens e mulheres contarem em suas casas depois de cansativos expedientes. Ninguém tinha se machucado, só não se divertiram por serem amargurados demais.

Ele passaria então em uma loja cuja ponte metálica escalava por uma base de purificação, base esta que ficava acima do posto dos olheiros e vigilantes que mantinha as massas seguras.

-As crianças entraram no beco atrás daquele banco e ainda estão se escondendo. Tem um Falador com elas. -Matusalém diz para os guardas. Sua reversão falhou.

-Ah, obrigado, jovem! -Os Vigilantes partiam rasgando a multidão.

Matusalém fica parado enquanto eles avançam. O ardor em sua cabeça bloqueava seus músculos. Ele não conseguia partir para pará-los ou avisar os garotos. Ele não conseguia impedi-los. Ele não conseguia fazer nada. Uma vontade de esganar a sua própria garganta o acomete quando ele retoma a reversão. Matusalém range os dentes e cerra os punhos. Batendo na própria cabeça três vezes.

Ele se senta em um banco olhando fixamente para o chão, ele dá mais duas batidas em sua cabeça, xingando baixo. -Que merda, Matusalém! -Ele enterra as mãos no cabelo olhando para baixo, fixamente para o chão.

Ainda sentado, Matusalém tentou, mas falhou em não olhar para as auras das crianças e dos Vigilantes. É óbvio, tinham sido encontradas. Matusalém conseguia ver a aura dos braços dos Vigilantes indo rumo a aura dos garotos. Era isso que ele era. Um Vigilante.

Os Vigilantes voltaram aos seus postos. Suas luvas emanavam uma aura branca que enjoava Matusalém, pois sabia do que se tratava. As mesmas auras imundas das feridas do Andarilho. -Ratos nojentos. -Matusalém pensa. Pensou em fazer algo, mas sua maldição algema suas mãos para retribuir mal-feitores. Ele senta no banco e se cala, como um bom Vigilante. Sua mente flutua entre os pobres garotos, os hematomas não saíam até que estas luvas tivessem virado pó, o que demoraria anos.

Não havia porque ficar parado ali observando os apressados pés de civis caminhando pelo chão. Matusalém se levanta antes que fizesse ali outra maldade. Pois a chama em sua mente já estava se reacendendo, e não faltava gente para queimar.

Subiu a ponte metálica e fez suas compras, firmando concentração excessiva em sua reversão de maldição. Quando saiu da loja suspensa, viu que as ruas estavam...

Esvaziando?

-Merda, merda! -Ele diz, voltando para dentro da loja.

Incontáveis civis subiam as pontes fervorosamente, atropelavam uns aos outros carregando crianças, compras e desesperados para entrarem em casa ou em qualquer abrigo.

-São eles?! São eles?! -O velho vendedor questionava, escondendo-se embaixo do balcão.

-São. -Matusalém diz, pressionado pela multidão que entrava, preso por vários corpos contra a parede de vidro da loja, encarando abaixo da ponte o que havia esvaziado as ruas antes lotadas como num carnaval.

Uma carruagem. O Maioral dentro estava. Cavalos Hexomantes carregavam a ele e a seus pilotos, Marechais de primeira divisão com fardas finas. Além deles, sua humilde guarda, três lunáticos protegendo a carruagem. As prisões de metal e coleiras em suas cabeças sendo a única cobertura de seus corpos, que emanavam uma intensidade amaldiçoada que nem o mais triste homem teria em vida. Eles estavam lá, parados. Obedecendo a ordem de dar suas vidas pelo Maioral de Sangue Azul.

Matusalém é obrigado a parar sua reversão e se mitigar, pois caso se mantesse no "modo bom", sua obrigação seria partir e tentar aniquilar o homem que estava lá dentro.

Ele encara o rosto de Victor Nathanael dentro da carruagem. Ele olhava para as ruas, vendo se havia restado alguém que não aceitou o toque de recolher de Maioral. Se entristece ao não encontrar, pois ele adora ver o raro desfecho.

O que incomodava Matusalém, o que o fazia ranger os dentes, era a espada do miserável. A aura branca inundava o chão.

-Então fica ao sul, na parte mais isolada, não é? -Krauzher questiona, se levantando da cama e vestindo novamente seu manto.

-Isso mesmo, grandão. -A dama falava, coberta pela noite e pelos lençóis enferrujados.

-Obrigado. -Krauzher deixava cem moedas na cabeceira.

Assim que sai, se depara com o lado de fora. Não estava menos barulhento do que sua mente. Como estava num beco, eram pouquíssimas as pessoas que dele tinham visão, mas a escuridão não impedia os sons, e os guardas nas proximidades de fumar.

-O que foi que eu fiz... -Ele diz, com a voz trêmula. Seu corpo enferrujava. As paredes imundas e urinadas ao seu redor também. Krauzher se senta nas pedras frias do lado de fora, afagando os próprios cabelos. -Está tudo bem... Agora eu sei aonde fica... Agora eu sei...

-Seja homem, Krauzher! -Ele dizia, imitando uma voz metálica que sempre falava em sua mente.

Krauzher sempre repudiou os homens infiéis. Como pode um homem trair alguém que jurou lealdade na frente de Deus? Ele estava sozinho. Sua mente estava banhada em ruído. O estresse estava agora imbuído em seu sangue, constante em seu cérebro graças ao Amôfle. O peso do fracasso iminente em sua mente corroía seu bem estar, corroía sua alma, tornava seu sabor algo amargo e azedo. Como ele deveria resistir a isso sem Miássio, sem a noite e sem...

Krauzher toca a ferrugem. Era tudo mais fácil. Foi punido por conseguí-la, e punido ao perdê-la. Em algum momento, a vida recompensaria algo que ele fez?

Chuva de sangue começou. Seu manto o cobria e impedia que queimasse. Mesmo que queimasse, seu rosto já era marcado pela invasão. Helga ainda amaria seu rosto agora? Sabine ainda conseguia chamá-lo de pai? Essa era a única certeza que ele tinha, mas não tem mais. A chuva o enferrujava cada vez mais. Sua mente e seu corpo agora eram imundos. A noite nunca apaga suas marcas. Ele é um homem sujo agora. Um homem que não cumpre suas palavras.

Vamos acabar com isso.

As Minas de Hemó o aguardavam. Não era alívio o bastante, mas o trecho da cidade possuía menos pontes metálicas, menos casas empilhadas e menos multidão. Mas a mente de Krauzher estava ainda mais barulhenta.

Seus passos enferrujam a lama ao seu redor enquanto ele adentra a caverna escura.

-Quanto custa? -Perguntou Krauzher para os homens à frente da mina. Eram fortes, musculosos, claramente aumentados por maldição e forçados a trabalhar nela. Tinham caixotes que deixavam vazar uma luz vermelha e fraca, contida pela madeira.

-Cada caixote custa mil e duzentas luas.

Krauzher olha para o saco de moedas. Havia dinheiro na mão negra, mas seu plano era usá-lo para reconstrução, comércio e crescimento. Era parte de sua dívida, que só crescia, pela invasão. Planejava voltar para casa com dinheiro para imprevistos, que, em sua ausência, certamente seriam muitos.

-Mil luas e fecharemos agora. -Ele fala.

Os homens gargalham como se não houvesse mais lua. -É sério? Esse cara tá de brincadeira!

...

O ruído cresce. Krauzher não conseguia mais pensar claramente. Tudo o que ele queria era... Bom, não conseguiria dormir sem pensar em treinar e não conseguiria treinar sem querer dormir. Ele nem sabia o que lhe esperava quando chegasse na torre. Nem sabia o que lhe esperava quando chegasse na Palma Negra, talvez outra invasão, mais problemas, mais morte.

Krauzher dá um passo para frente. Os homens param de rir. Krauzher olha ao redor cautelosamente.

-Vocês vendem eles para a nova legião, não é? -Krauzher questiona, se lembrando do que Matusalém disse.

-Do que isso te interessa, palhaço?

...

-Eu só quero uma unidade de Hemó, não precisa ser uma caixa. -Krauzher estava tentando manter a cordialidade. Era seu último saco de moedas.

-Não vamos lhe vender assim, agora rala!

...

Matusalém estava esperando entediado no portão principal de Hemó. Finalmente, Gabriel o encontra.

-Nada ainda? -Ele questiona. -A nova legião é realmente... Um saco!

-É, gente chata, nem minha reversão me dá paciência.

-Ah, eu acho que é ele!

Krauzher se aproxima na distância. Seu semblante era abatido. Seus olhos tinham cansaço e revelavam o barulho de sua mente. Ele coloca em Jurema uma grande caixa vazando em brilho vermelho.

-Ah, olha só, você conseguiu! -Matusalém fala. -Agora não vai perder nosso duelo! -Ele dá risada.

Krauzher força o riso. Matusalém percebe, mas não fala.

Eles sobem em Jurema e saem.

Com Miássio ativo, Krauzher pediu para que Matusalém guiasse a égua. E deitou-se na parte traseira da carroça, e nem se lembrou de cumprimentar Gabriel.

-Meu deus do céu... -Ele pensava. Sua mente estava girando. Quão sujo ele se tornou hoje? Quanto desta cidade maldita entrou dentro de seu sangue? O barulho em sua mente era insuportável. Era difícil ouvir e realmente se afundar em uma conversa. Dormir pensando em nada estava se tornando impossível. Rir sem se sentir peso nos ombros ou pressa na mente, sem nutrir alguma maldita lembrança, era... Difícil.

Krauzher apaga de exaustão com a mão sobre o rosto. Sentia que estava arrastando seu corpo por Hemó o dia inteiro. O peso dos seus atos recentes comiam a sua mente como larvas. Talvez seja tudo culpa dele. Todas as decisões recentes foram ideia dele. Mas porque todas tinham que...

O rosto decepcionado de Helga o acorda ao susto no meio da viagem. Levantando subitamente e chamando a atenção de Gabriel. Matusalém estava dormindo ao canto, provavelmente cansado e revezando com o esqueleto.

-Ah, você acordou, Krauzher! -Ele diz, sorridente como sempre.

Krauzher se senta do seu lado.

-Eu conheço essa cara. -Gabriel fala. -Dia difícil?

-É.

-Todo dia na nova legião é difícil. -Ele fala. -O Andarilho pode ser um tolo, mas ele sabe como deixar um povo feliz. Mesmo que este mesmo povo tome banho mostrando o rabo para a lua!

Ele gargalha.

-Você já traiu alguém, Gabriel? -Ele pergunta, com olhos baixos. Gabriel toma um rosto sério, para de sorrir e olha para Krauzher.

-Várias vezes. -Ele fala. -Eu já vivi mais de oitocentos anos. Era eventual que cometesse alguns erros. Sendo bem sincero, maior parte da minha vida foi de erros.

Krauzher se reconforta. Se sentia culpado por se confortar na miséria do esqueleto, mas se convenceu de que era porque não se sentia mais tão sozinho.

-Confiar nas pessoas é tolice, Krauzher. -Ele diz. -Depender delas é tolice igual. Eu já tive várias mulheres, vários filhos. Minha maldição já melhorou e piorou muitas vezes, nem sempre fui um esqueleto.

Krauzher se surpreende. Maldições podem melhorar então, não é?

-Então você já teve muitas pessoas. -Krauzher falava. Era reconfortante falar com alguém absurdamente mais velho. Mesmo tendo cerca de trinta anos, Krauzher não se sentia bem falando com alguém mais jovem que, por ter nascido no futuro, sabia mais do que ele.

-Já, já tive. -Gabriel fala. -Mas, no fim das contas, eu tinha pessoas para bons momentos. Quando minha maldição estava ruim, quando eu não tinha moedas, eu era que nem você. Krauzher encara a lua.

-Olha, Krauzher. -Gabriel diz, raramente falando sério. -Eu já traí muitas das minhas esposas. Mas eu não penso mais nisso. Eu fiz o necessário para sobreviver. E pensar nisso não vai me ajudar a sobreviver.

-Então você está em dívida com elas. -Krauzher fala, em tom sugestivo.

-Não, até porque elas estão todas mortas. -Gabriel fala. -Viver mais de uma vez me convenceu de que não devo me levar tão a sério. Claro, faço de tudo para não trair as pessoas e fazer bons amigos, mas nada é o fim do mundo.

-Você diz isso porque não pode morrer.

-Eu posso, mas nunca morri. -Gabriel responde. -Mas isso não mudaria muito. As pessoas tem as próprias vontades, as próprias vidas, os próprios sonhos, que acabam rápido. Eu não posso desperdiçar nenhum segundo.

-Vontades... -Krauzher, cansado, estava falando somente o necessário para que ele entendesse.

-Já conheci muitos homens reféns da vontade, que não sabem controlar o que querem e vivem refém do instinto. Em muitas de minhas vidas não soube controlar também, acontece! Eu já tive vários sonhos, mas posso resumi-los todos de uma única forma.

-Ah é? -Ele falava certamente, mas olhava para Gabriel em busca de algo que o fizesse achar uma resposta. Talvez seus anos de erros, sabedoria e aprendizado pudessem...

-Todo homem sonha em se tornar como a lua.

Krauzher encara o constructo vermelho e redondo no céu. As árvores, lama, plantas e mar eram pintadas na imagem dela. Se a névoa a cobrisse hoje, não cobriria amanhã. Tinha a mesma imagem não importava o que acontecesse na terra. Nada do que via mudava sua cor, seu formato ou sua aura. Ela pintava um mundo, um mundo só para ela. Um mundo inefável. Um mundo que Gabriel parecia entender. Um mundo que Gabriel parecia querer ter. E não se julgava pelos erros que cometeu em nome de tê-lo.

Krauzher deitou-se novamente, confuso. Usando uma carga mais exagerada de Miássio para aliviá-lo.

Quando acordou, Matusalém estava dirigindo. Gabriel, de alguma forma, dormia tranquilamente.

-Desde quando ele dorme? -Krauzher pergunta, se sentando ao lado de Matusalém enquanto esfrega seus olhos metálicos.

-Sei lá, esse cara é engraçado. -Matusalém responde. -Ah sim, eu comprei umas coisas para você!

Matusalém guia Jurema com uma mão enquanto sacava uma sacola para Krauzher.

Krauzher estava encarando confuso, porque ele ficou mais tempo na multidão só para isto?

-Obrigado. Aqui. -Krauzher responde, entregando um saco de moedas para Matusalém.

-Não precisa, cara. Eu tô tranquilo. -Ele diz. Krauzher sorri.

-Você não é tão ruim assim, branquelo. -Krauzher responde, consumindo mais metais.

-Você nem está revertendo tanto agora.

Matusalém sorri.

-Aqui, olha. -Ele diz, fuçando na sacola. -Vai ser bom se você conseguir entender algumas coisas sobre Elixires.

-Elixires? -Era ótimo, Krauzher pensava. Quanto mais coisas que não envolvem Hexomancia básica, melhor.

-Um amaldiçoado morre, a nova legião aproveita até os órgãos! -Matusalém diz, sacando um frasco de vidro com um líquido sangrento e viscoso. -Bebe isto e você agora tem mais um privilégio!

Krauzher pega e ia beber.

-Calma! Não agora. -Matusalém o impede. -Não dura para sempre, e faz mal pra caramba. É só de último caso. Dá pra fingir que tem muitas maldições com isso, é bem útil.

-Então roubar os órgãos de alguém manipula a maldição da pessoa? -Krauzher questiona, lembrando de uma oportunidade.

-É, tecnicamente. -Matusalém fala. -Era um saco as missões de capturar criminosos quando o Andarilho pedia. Sempre tinham uma casa amaldiçoada com Invisibilidade, ou algo assim. Nas ruínas de Ishmael tem muito disso, é um pé no saco.

Casas amaldiçoadas, isso podia ser útil, Krauzher pensa.

-Tem uns acessórios também. -Matusalém fala. -É a única parte boa de ir pra algum lugar legionário, as compras.

Krauzher saca algumas etiquetas, tinham frases como "Nunca desista!" "Você não está sozinho!"

-O que é isso, branquelo? -Ele diz, quase rindo.

-São encantamentos. -Matusalém fala. -Palavras tem poder, cara! Coloca isso nas roupas, você se sente melhor e talvez você perca uns kilinhos com isso. É mais fraco do que Miássio, mas é saudável.

-Ah, é? -Krauzher questiona. -Não posso só falar eles?

-Pode. Todo mundo tem alguma palavra importante, uma memória legal para mitigar melhor.

-E se eu usar uma ruim?

-Aí você amplifica, bastante. -Matusalém fala. -É ruim para a cabeça, mas muita gente fala ou pensa alguma coisa ruim da própria vida quando está perdendo. Ou coisa do tipo.

-Pelo menos para isso você não precisa de rastros. -Krauzher diz, e pensando em rastros, se lembra. -Como você encontrou o Gabriel? Ele não disse que viria.

-Não mesmo, mas eu vi a aura dele.

-Aura?

-É. -Ele responde. -Nossa visão especial! Dá pra ver bastante coisa, já te achei muitas vezes com isso. Nem você se esconde atrás de paredes, e nem você consegue esconder a energia que o seu corpo produz.

Krauzher se lembra de algo semelhante, mas não parecia ser uma das capacidades que herdou com a armadura.

-Exige prática, o Andarilho entende muito disso. Qualquer amaldiçoado ou não amaldiçoado consegue fazer.

-Ele consegue? -Krauzher questiona. -Eu achei que ele era só um humano comum, seja lá como.

-Ah, claro. Ele é interessante.

-Eu sou o cara, Seraphim, eu sei. -O Andarilho dizia. De volta na torre após um dia e meio, maior parte de viagem, Krauzher ouvia. O Andarilho comemorava a evolução dos inquisidores desde que vieram para a torre. E pagava orgulhosamente seus salários. -Vocês chegaram bem na hora, meus nobres!

Ele entregava sacos gordos de moedas para Krauzher, Gabriel e Matusalém. Krauzher move as mãos em recusa.

-Mas nós não fizemos nenhuma missão ainda. -Ele diz.

-Um presentinho do Andarilho. Aceite, rapaz!

Jin alegrava o saguão da torre com música, e os serviçais da torre alimentavam a todos. A alegria da torre era contagiante, quem liga para os giros da lua quando se pode beber e treinar com seus parceiros?

-Você é realmente o cara, Andarilho! Vocês me sentem, não é, pessoal? -Gabriel dizia, começando a dançar com todos.

Krauzher deixa que seus amigos menos cansados festejem, e se senta mitigando na fonte, buscando ânimo no Miássio, sentindo-se sujo demais para falar com aqueles homens.

-Eai. -Seraphim dizia, sentando-se ao seu lado. -Como foi lá?

-Fizemos compras. Só pra isso aquele lugar serve.

Seraphim ri. Parecia ser este o motivo de sua curiosidade. Saber a opinião de Krauzher agora que ele viu as belezas e feiuras legionárias.

-Aquele lugar fede. -Seraphim diz. -Legionário só serve pra forçar os outros a trabalhar. Te espero amanhã, Krauzher, vamos entender essa ressonância de maldição.

Krauzher se despede de Seraphim, que vai conversar com o Andarilho sobre alguma das façanhas do homem loiro em alguma guerra antiga. Era agradável, Krauzher reconhece, mas intocável no momento.

Krauzher se senta em seu quarto escuro. Josias entra logo após para se secar de seu banho na fonte.

-Oi, tio! -Ele diz, sorridente. -O que tinha na cidade grande? Tinha alguma coisa legal?

Krauzher congela. Memórias inundam sua mente. Ele clamava para que funcionasse, esta pessoa ele não pode trair.

-Claro que tinha, por isso fomos para lá! -Com uma mão atrás das costas, ele cria um pequeno bonequinho de metal. As juntas eram flácidas com reversão e os braços eram metálicos.

-Ha! Que massa! Ele é bonitão! Eu vou chamar ele de João João! -Ele estendia o boneco orgulhoso. -Obrigado! Obrigado!

Ele abraçava Krauzher feliz. Krauzher abraça o garoto com um único braço. Estava exausto e com olheiras. Olhos mortos, mas os erguia quando Josias estava perto de seu rosto.

-Eu posso voltar a brincar?

-Claro, se divirta. Só não se machuque, e se voar para o teto de novo, chame o Matusalém.

-Beleza! -Ele corria de volta ao encontro de alguns amigos, para os quais mostrava sua nova conquista.

Krauzher sorri. Mas volta a treinar.

-Senhores! -Romaro falava na sala de reunião. Os homens se sentavam ao redor da mesa redonda da sala de comandos da Palma Negra. Serviçais Chamuscadores esquentavam e serviam o café para todos. -Podemos começar?

Romaro recebe de um ajudante e folheia uma série de papéis. Já estavam marcados com sua assinatura os que ele queria e que não queria aceitar.

-Acho que não precisamos de mais Chamuscadores. -Romaro, o antigo líder da vila da brasa, ria. Os outros membros da mesa também, com exceção do que parecia ser o que entregou o papel.

-Acho que vocês precisam de muitas coisas, anda difícil negar, não é? -O homem que não riu disse, dando um gole no café.

-Ofereça mais sangue para o mar da próxima vez, Carlos. -Um dos homens falou, provocando mais risadas.

Romaro passa uma página. -Estes seus postes de Hexomante, são de Amôfle, não são?

-Ele questiona, virando-se para um dos homens, um mais robusto e em roupas mais elegantes.

-Isso mesmo, meu nobre. -O homem responde. Sua maldição parecia fazer sua voz e sons corporais serem muito baixos.

Romaro lê sobre os efeitos colaterais. Krauzher havia concordado sobre isso. Amplificar nas ruas poderia ajudar com os serviços e com os vigilantes e olheiros, mas aumentaria muito o calor. Muitos eram Chamuscadores.

-Creio que quando tivermos menos Chamuscadores e mais de outros, que tal? -Romaro sugere, negando. O homem sorri e leva tranquilamente.

-E quanto a nós, meu querido? -Outro deles disse, sua maldição parecia tornar o ambiente mais agradável, Romaro pondera sobre os custos.

Romaro folheia os papéis. -Hm. -Ele pondera. -Estas criaturas de que fala, o que garante que não vão me partir a cabeça de noite?

-Esperto por fazer esta pergunta. -O homem disse, sacando uma coleira negra com pequenas jóias implantadas, nelas, haviam pequenos símbolos entalhados. -Os legionários sabem o que fazem.

O homem a estende, e Romaro pega e examina. -Vale a pena tentar uma defesa reforçada com criaturas, fogo contra fogo. -Krauzher havia dito certa vez. -Mas avalie você se é uma opção viável.

Folheia os papéis e vê desenhos e pequenas pinturas das criaturas que a coleira pode conter. Dentes expostos, veias abertas, órgãos e músculos expostos e vermelhos. Romaro sente calor só de imaginar o estado da vila. Era demais. Ele olha para sua assinatura neste papel, estava na área de negados.

Criaturas dentro da vila eram algo que assustava Romaro, ainda mais com a grande notícia que havia recebido. Como faria àquilo num lugar com uma besta de sangue vagando? Os homens aguardavam em expectativa, examinando a expressão de Romaro.

-Eu... -Ele pensa, encarando a folha. Ele exita com a caneta na mão. -Tragam elas aqui amanhã, peguem o dinheiro com o mestre de moedas.

-Maravilha! -O homem se levantava com um sorriso estampado.

Romaro mudou outras três das decisões que tinha feito sem se lembrar da opinião de Krauzher. Assinou os papéis, apertou as mãos e despediu-se dos homens.

Minutos depois, Romaro, já em casa, acariciava a barriga de sua dama. -Ai! -Ela diz, se afastando com o pequeno corte que a mão de Romaro a fez na barriga. Sua mitigação falhou.

-Desculpa, amor. -Ele diz, limpando-a. Ele tenta mitigar novamente, sem certeza se havia ou não sucedido. Ele encarava a parede com um olhar... Pensativo.
 Ele vai ao banheiro e se encara no espelho. Buscando algum Miássio.
 -Mas avalie você se é uma opção viável... -Ele se lembra.
 Romaro suspira.

No dia seguinte, Seraphim era o mais inquieto meio àquela mesa. Mesmo que nela tivesse o Andarilho e Almadell.

O Cavaleiro Negro, Capítulo 17.

-Uma carroagem legionária? -O Andarilho questiona. Seu sorriso e comemorações corriqueiras sumiam quando um assunto tenso tocava a mesa. -O que ela está fazendo tão perto? O que ela quer?
 -Não dá para saber ainda. -Almadell fala. -Nenhum demônio meu quis falar. Pelo visto os legionários tem pactos ainda mais caros com eles.
 Seraphim batia os pés rapidamente contra o chão. Qual a lógica daquilo? Ele se pergunta.
 -Bom, não vamos saber se não perguntarmos. -Ele diz.
 -Hm. Bem pensado. Peça para Matusalém e Gabriel irem checar. Estavam em Hemó ontem, eles podem saber de algo a mais.
 -Krauzher também estava! -Almadell sugere.
 -É, mas ele parece um pouco... Afetado ultimamente.
 -Será que é sobre os metais? Eu disse para que não abusasse. Ele é líder de vila, não pode ser um viciado.
 -Eu acho que ele foi para Hemó porque eu disse...
 Os dois homens olhavam confusos para Almadell.
 -Eu falei sobre Hemó! Não achei que ele fosse até lá procurar o metal de sangue. -Ela justifica. -Ele anda meio... Obcecado.
 -Ossos do ofício do líder iniciante. -O Andarilho fala. -Eu não acho que ele tenha feito algo de ruim. Ele é um homem forte, qualquer um teria se matado ao passar pelo que ele passou.
 -Ele também já fez muita merda. -Seraphim diz. -Ele é um bom amigo, e um cara legal. Mas lembre do que aconteceu da última vez que confiou demais em alguém.
 Sempre que queria falar sério, Seraphim chamava o Andarilho pelo nome, o que o desconfortava.
 -Pega leve, Phim. -Ele diz. -Vamos descobrir o que os legionários querem, e vai dar tudo certo.

Matusalém encara o fio da lâmina que estava preparando para ir checar a carroagem. Sua sede o tentava, mas ele revertia sua maldição com resistência. Não podia relaxar sequer um instante, caso contrário, algo ruim poderia acontecer.

-Você mata com frequência, Matusalém? -Gabriel dizia, preparando seu arco e flecha. -Não quero que você fique choramingando se tivermos que matar aqueles homens.

-Você não precisa se preocupar com isso. -Ele fala, preparando seu fardamento Inquisitor e a lâmina branca em sua cintura.

Dois cavalos relincharam quando foram forçados a cavalgar rapidamente pela lama grossa, descendo a montanha fervorosamente aproveitando a descida. Matusalém se lembra das direções dadas pelo Andarilho.

-Os nossos olheiros disseram que eram cinco homens. -Matusalém fala.

-E só mandaram nós dois? -Gabriel questiona fervorosamente.

-Disseram que a energia deles era fraca. Além do mais, mandar mais homens talvez os assuste. Também não conseguimos ter certeza se existem outros junto deles, então não podemos parecer hostis, se não vão atacar primeiro. Vamos ver o que querem.

-Mas podemos atacar antes, ganhar a vantagem! -Gabriel diz.

-É a nova legião, podemos até matar estes, mas depois, eles nos aniquilam. -Matusalém diz, olhos decisivos e nulos.

Os cavalos cortaram a vegetação vermelha e distorcida. Era difícil cavalgar por árvores que se curvam e se quebram conforme crescem, mas elas também auxiliavam que não fossem vistos. Com lâminas e arcos sacados, ambos avançaram até que começaram a ouvir conversas abafadas pelas folhas e galhos.

-Eles..... Por aqui..... Pegamos..... -Era audível, mas distorcido pela distância e obstruções.

Matusalém sussurra. -Parecem amigáveis, vamos conversar com eles. -Gabriel concorda.

-Olá-

Matusalém quase cai com o susto do cavalo, as árvores são cortadas por tiros voando em suas direções. Eram descuidados, mas muitos.

Cinco homens com um cavalo e carroça estavam com uma fogueira sem fumaça meio a uma clareira. Um deles disparou imediatamente, os outros, partiram para pegar as armas. O ombro de Matusalém é penetrado e expulsa sangue pela ferida de bala. Os cavalos se assustam e tentam, sem sucesso entrar na mata, derrubando Matusalém.

Gabriel dispara três flechas que emanavam uma aura negra e podre, os homens são obrigados a recuar. Os cavalos deles tentando, sem sucesso graças as rédeas e cordas, se afastar da área.

Matusalém grunhe de dor segurando e pressionando seu ombro. Ambos, sem seus cavalos assustados, usam árvores torcidas como cobertura.

-Você está vivo? -Gabriel questiona, esticando o braço para revertê-lo e curá-lo. Impedido por um tiro que atingiria sua mão.

-Eu estou bem. -Matusalém diz, segurando a dor. Seu lado animal a suprimia, enchendo seu corpo de energia, adrenalina e resistência para não ter caído em dor. -Não parecem soldados legionários, mas certamente vieram da nova legião. Eles não sabem atirar direito.

-Saíam daí agora, com os braços para cima! -Um dos homens falava contornando as flechas de Gabriel e se aproximando com os outros quatro homens, já armados e apontando para as árvores.

-Se rendam! A ordem está muito mais perto do que seus homens. Não queremos matar vocês. -Matusalém dizia, reunindo sua racionalidade e compaixão. Certamente eles tinham algum motivo para isto, ele ainda conseguia pensar no lado deles, mas a dor rangia na sua mente. A irritação crescia.

-Nunca! Vocês não tinham direito de fazer aquilo! -Eles gritavam. Matusalém se escondia de tiros.

Matusalém olha para Gabriel em dúvida.

-O que foi que fizemos?! -Gabriel grita. Sua voz, abafada pelos tiros. Ele se vira para Matusalém. -Acho que eles não querem conversar, cara!

-Vamos tentar. -Matusalém dizia, se segurando. Matusalém levanta as mãos e sai da árvore quando maioria dos atiradores estão recarregando.

-Fogo! -Matusalém cai para trás. Gabriel salta e o leva para de trás de uma árvore. O vermelho de sua barriga se expande por sua farda preta.

-Que merda, Matusalém! -Gabriel diz, tentando reverter a própria maldição na ferida dele.

-Eu te disse, eles não querem conversar!

Gabriel ouve o som de inquisidores se aproximando, o som dos cascos dos cavalos afundando na lama. O Andarilho estava contando com isto, apesar de fazê-los parecer inofensivos. Precisava esperar, mantê-lo vivo.

Matusalém encarava a lama com sangue nas mãos. Estava ofegando. Sua respiração estava falha e sua visão se tornando cada vez mais preta. O ruído em sua cabeça cresce, como um lembrete da opção oculta que ele sempre teve. O lembrete de quem ele sempre vai ser, não importa o que faça. A dor das feridas dificulta sua concentração, sua Hexomancia cai. A pólvora explode.

Matusalém cessa a reversão.

Seus músculos enrijecem e pressionam a si mesmos. Ele se ergue sem dor. Gabriel o encara pasmo.

-Afugente-os! -Ele grita, sem resposta. -Matusalém...?

O vento se rasga com a investida de Matusalém. Um dos homens não teve tempo de atirar com mira antes que ele estivesse a sua frente. Seu estômago rasgou com as garras do lagarto branco e bípede, que retirava suas entranhas e tripas de dentro de sua barriga, como o conteúdo de um saco.

Os homens gritam em terror absoluto. Disparando incontrolavelmente. Matusalém absorve os tiros, que o arrancam sangue, mas não abalam sua velocidade. Pego pela cabeça, um dos homens é usado de bastão para despedaçar o rosto de um homem, que cai com dentes e nariz afundados contra a lama, sufocando.

Gabriel parte para cima. -Afugentar, Matusalém! Não matar! -A diferença de velocidade os separa, e Matusalém parte a cabeça de mais um homem com uma das mãos. Os outros correm, e montam nos cavalos, que correm aterrorizados para dentro das matas. Os tiros que voavam com o recuar amedrontado acertam novamente a barriga do homem lagarto. Ele prensa a barriga com uma das mãos, contendo o sangue. Não valia a pena sangrar mais tanto. Os homens fogem aos gritos.

Gabriel partiria para golpear Matusalém para trazê-lo a sanidade de novo. Mas Matusalém, retomando sua reversão e mitigação, perde as escamas brancas e a expressão vazia no rosto. Caindo de joelhos, é segurado por Gabriel antes de cair de rosto contra a lama.

-Que merda, Matusalém! -Gabriel o segura.

Três legionários mortos. Um inquisitor ferido. O relatório mais assustador em dez anos de ruína. A Ordem não tem chance contra a nova legião.

"O homem que só fazia caminhar, caminhou, caminhou e caminhou pela floresta podre. Encontrou então um lago de sujeira e podridão imerso na densidade das sufocantes árvores partidas. Ele se deitou e boiou sobre as águas podres, que se tornavam limpas e transparentes conforme seu corpo entrava. Ele a bebe para matar sua sede.

De barriga para cima, olhando para o céu, as árvores abriam a vista do céu vermelho, que se tornava azul. Seus cabelos loiros dançavam pela água enquanto ele cantalorava alguma canção. "Eu estou tão feliz." Ele canta."

-Fique vivo, branquelo! -Matusalém ouviu de uma voz que parecia realmente ter dor. Ele estava sendo carregado para algum lugar. Seu corpo tinha escamas de novo, já que ele não tinha mais energia de suprimir sua verdadeira face. Mesmo com sua força animalesca, seu corpo ainda sangrava muito. Ele não sentia dor. Na verdade, seus olhos enxergavam apenas vultos negros. E seus ouvidos, raramente tinham pulsações de capacidade, que o permitiam ouvir barulho. Muito barulho.

A bebedeira havia parado. A torre parecia preocupada. Matusalém fica feliz. Mas se culpa. Suas feridas pareciam preocupar mais a torre do que os giros da lua. Devem realmente gostar dele. Mas isso é só porque não sabem da sua verdadeira face. Mas logo saberão, já que Gabriel a viu.

Porque viver em um mundo onde todos assumem que você é mau, mesmo que tente fazer o bem? Se você será julgado por isso, é melhor simplesmente ser mau de vez. Matusalém parecia ceder. Uma onda de Amôfle parece ter sido injetada em seu corpo. Sua resiliência animalesca o dando um surto de vitalidade súbito. Era uma máscara, um disfarce para o seu corpo desfuncional.

Foi neste surto de consciência que foi capaz de ver. Havia sangue em seus joelhos, braços, peito e barriga. Ladrões de dor o tocavam, transferindo para eles a dor e as feridas enquanto o levavam para a ala médica da torre. Mas ainda assim, sangue jorrava.

Matusalém cai outra vez, o Amôfle falhando com seu corpo e mente.

-Eu vou morrer. -Ele pensa, com rastros espaçados de consciência. -É melhor, assim ninguém vai...

Estavam costurando seu corpo, que insistentemente jorrava sangue. Outros amaldiçoados usavam o calor gerado por suas maldições para cauterizar suas feridas. Os doutores tinham dificuldade de curar seu corpo meio lagarto e meio homem. Era tudo inútil. Sua consciência estava se esvaindo.

-Porcaria... -Matusalém pensava. Já que um rapaz de terno entrava acompanhado na sala sem permissão. Sua essência foi alterada. Matusalém conseguia sentir o toque em sua mente, em suas emoções. Ele conseguia sentir enquanto seu corpo era transformado de volta a segurança. Medo extremo, dor extrema, alegria extrema. Sua mente era alterada conforme seu corpo se moldava como uma massa de modelar astral.

-Ele vai ficar... Bem? -Alguém disse, o encarando com preocupação.

Matusalém encarava a realidade com tristeza. Reverter ou mitigar sua sede estava cada vez mais difícil. Ele não queria acordar se fosse para ser daquele jeito. Ele vê alguém cobrindo suas vistas fracas.

-Eu não vou contar para ninguém. -Sua visão deturpada e audição falha ouve. Matusalém questiona se pode confiar em seus sentidos. Se era seu corpo fingindo estar tudo bem para que ele não desistisse. Depois de falar, a figura sai de seu campo de visão.

O Andarilho estava sentado em sua sala. Seu olhar era fixo. Ele batia a ponta dos dedos na mesa de madeira. Seu rosto era sério, abalado, preocupado. Mas estava estranhamente quieto. Como se estivesse paralisado por uma pressão invisível. Era de se acostumar, um problema, pessoas vem até sua sala. Ele sente falta dos antigos tempos, tempos onde ele podia resolver tudo com as próprias mãos.

A porta timidamente abre com o empurrar do rapaz de terno negro e cabelo para trás. Ele tinha um rosto sério, abalado e que não sabia o que aconteceria.

-Andarilho? -Jin diz, entrando na sala. O Andarilho o olha e acena para que entre, calado.

Como se essa cena já tivesse dezenas de cópias em sua mente. -O que diabos foi aquilo?

-Um ferido e três mortos. -O Andarilho se contém. Nadar em seus problemas, é o que ele sempre faz. Havia coisas grandes acontecendo, este rapaz não tem culpa de estar confuso. -Como está o ferido, ele sobreviveu?

-Sim. Porque eu intervi. -Jin fala. -Eu salvei ele. Nenhum médico conseguia curá-lo, seu corpo não é igual ao nosso quando não está mitigando. Ele só sobreviveu porque...

-Obrigado, Jin. -O Andarilho interrompe. -O que você fez significa o mundo para a ordem. E você será recompensado.

Jin sorriu por um instante, mas não deixa que o tópico se perca.

-O que vai acontecer, Andarilho? -Ele fala. Era um clássico, O Andarilho reconhecia. -Eu já morei lá. Eu sei. Contra a nova legião, a gente não tem chance.

-Eu sei.

-Se uma guerra começar, estamos todos mortos. -Jin fala, preocupado. -Você tem certeza de que sabe o que está fazendo?

O Andarilho pausa.

-Se você quiser, eu posso assumir o controle. -Jin diz. Ele não percebeu, mas aquilo havia pesado os ombros do Andarilho. Ele esfrega as mãos no rosto. Silêncio de alguns segundos tomou a sala.

-Você vê almas, não é? -Ele questiona. Jin confirma. -Graças a minha Fisiomancia, você só vê o que eu permito que você veja.

Jin franze as sobrancelhas em confusão. Mas logo, tudo se torna claro. Uma alma pesada como uma âncora. Tinha cicatrizes, feridas abertas, emoções sem destino, lutas inacabadas, juras nunca ditas. Uma alma com tantos detalhes deveria ter centenas de anos. Não poderia pertencer a um homem supostamente tão jovem. Olhando acima da cabeça do Andarilho, vendo sua alma, Jin o encara calado.

-Você não aguentaria nem um dia, Jin. Me desculpe. -Ele fala, com um tom ríspido que não é visível cotidianamente. -Mas, obrigado.

Jin se levanta e entende a besteira que disse. Automaticamente deduz que o homem era muito mais velho do que ele imaginou. Ele aperta a mão do Andarilho.

-Se precisar, eu estarei aqui. -Ele sai.

O Andarilho cobre o rosto com uma das mãos encostadas sobre a mesa. Aquilo doía mais do que suas feridas abertas, que manchavam seu corpo de vermelho. Ele odiava fazer de sua liderança algo ríspido, que machuca, que não faz rir ou beber. Estes momentos o faziam questionar se ele limpava as águas como pensava limpar. Falar firmemente com um inquisitor o machucava.

Como pode ele se dizer líder de um povo que não faz feliz ou que o vê como confiável? Ele sempre soube, mesmo que por vezes a lua o tocasse, mesmo que o envermelhasse, isso não pode aparecer. O Andarilho é uma rocha impenetrável, que nem os céus puderam manchar. Em situações como estas, ele deve sempre fazer o que é necessário.

Alguém o chamou pelo nome, é sempre algo assim que precedem horas de trabalho.

-Seraphim havia aparecido na janela de sua sala na torre. Agachado com suas lâminas sobre a madeira da abertura. Almadell estava, junto de Krauzher, na porta ao mesmo tempo.

-Acho que bastante gente quer falar comigo, né? -Ele diz, rindo.

Seraphim puxa cadeiras para si, Almadell e Krauzher, que estava mitigando. A cadeira de Seraphim estava ao lado da do Andarilho.

Krauzher estava sujo de sangue. Seu rosto estava perturbado, sua cabeça parecia ter dezenas de pensamentos, dezenas de preocupações diferentes. Dívidas cresciam em sua mente e em seus pulsos. A face de um homem que criava dois problemas tentando resolver um.

-Então, Dell, -Ele diz. -Relatório?

-O esqueleto se mostrou útil para ajudar com as feridas do comandante Matusalém. -Ela diz. -Ele vai ficar vivo graças ao Jin, mas...

-Mas o quê? -Seraphim questiona.

-Ele vai ter algumas sequelas. Seus músculos responsáveis por reverter e mitigar podem não funcionar apropriadamente com suas feridas. E a alteração astral que o curou pode agravar isso.

-Pelo menos ele tá vivo. -Seraphim conclui. -Mas e ele? Porque trouxe ele? Ele sabe de alguma coisa?

Seraphim apontava para Krauzher.

-Eu viajei recentemente com o Matusalém para Hemó.

Almadell se culpa, apertando o tecido de sua blusa.

-E vocês fizeram algo que provocasse isso por lá? -Seraphim questiona.

-Não. -Krauzher diz, cruzando os dedos.

O Andarilho batia os dedos na mesa repetidamente. -Não importa se ele fez ou não. O que importa agora é que temos um problema grande na mesa.

-A Nova Legião. -Seraphim diz. -Tu acha que eles vão atacar de cara?

-Não dá para saber. -O Andarilho fala. -Almadell, consegue enviar mensageiros para Hemó? Acho difícil que vão nos dizer o que aconteceu, se algo aconteceu, mas precisamos tentar. Almadell concorda com a cabeça.

-Tu não vai atacar primeiro? Vai deixar eles atacarem? -Seraphim questiona.

-Não se ataca a Nova Legião, Phim. -Ele responde. -A gente é mais tranquilo, então nossa Hexomancia é melhor do que a deles. Mas eles tem no mínimo quinze vezes a nossa população, armas e território. É quase impossível achar uma vila pra comércio que não seja legionária!

-Podemos tentar mobilizar algumas vilas para nos precaver. -Almadell sugere.

-Vão pensar que estamos nos preparando para guerra, impossível. -O Andarilho diz, havia uma ânsia em sua voz que parecia o guiar para guerra, mas também um controle. Algum pensamento o impedia. -Assim que pensarem, vão pro lado de quem é maior.

-Eles vão atacar primeiro e nos aniquilar. -Seraphim diz. -Temos que fazer alguma coisa.

-Se for o caso, você pode contar com a Palma Negra, Andarilho. -Krauzher fala.

-A nova legião entra em qualquer casa e estupra quem bem quiser. -O Andarilho fala.

-Ninguém sai de lá porque não há muitas outras opções. Não dá para brigar com eles.

Temos que oferecer algo grande para que não queiram nos matar.

-Tu vai render a ordem nas mãos deles assim? -Seraphim questiona.

-Talvez eles aceitem recursos e moedas como recompensa. Se nós temos um território, eles tem dez. Se formos fazer algo sobre isso, certamente não pode ser agora.

Seraphim queima em ofensa, mas sabe que ele está certo. Krauzher está sentado. Olhos fixos no chão. Sua cabeça doía. O Amôfle em seu sangue fazia o ruído crescer cada vez mais. Com o surgimento de mais problemas, sua mente voava de uma ideia para outra, de um problema para outro e não pousava jamais. Seus olhos tremiam nervosamente. Seus pés por vezes tinham espasmos.

-Dell, -Ele fala. -Mande os mensageiros com alguns recursos para desculpas. Reforce os olheiros na torre. Não deixe que ninguém investigue movimentações legionárias aí redor. Certamente com tudo isso e mais precauções devidas, vamos apaziguar este barril de pólvora antes de ele explodir.

Almadell acena positivamente e sai às pressas.

-Phim, -Ele continua. -Siga os treinamentos e dê um jeito do pessoal não desanimar. Se possível, aumente o volume dos treinos também, você deve conseguir.

-Posso fazer isso. -Ele responde. -Ao invés de cinco, podemos treinar seis. Ou sete. Ele sai com as ordens.

Apenas o Andarilho e Krauzher estavam na sala agora.

-E você, Krauzher... -O Andarilho diz. -Fique vivo. Vai dar tudo certo.

Krauzher se levanta e sai sem ordem alguma. O ruído aumenta. Seus braços metálicos cresciam em peso, mas tudo o que podiam fabricar era mais problemas.

A torre estava silenciosa. Estranho para uma tarde onde os treinos acabaram de ser finalizados. Normalmente, inquisidores já estão aproveitando bebidas e comida quente. Mas havia uma tensão nos ombros de todo inquisidor do local.

Os Olheiros estavam acima dos altos andares da torre, onde haviam varandas suspensas de bambu que comportavam seus corpos. Maldições deste gênero são úteis para a Ordem. É um emprego fácil de gostar: Admirar a paisagem vermelha. Seus sentidos sentiam até mesmo os uivos da névoa vermelha, e até mesmo as moscas de sangue que voavam na floresta abaixo. Péssimo na hora de dormir ou se concentrar, ainda pior quando sentem dor. Mas excelente para uma situação de quase guerra.

Os Ladrões de dor, em sua maioria, nem eram médicos de verdade. Maior parte ocupa outras profissões graças a liberdade que a ordem fornece, mas ao verem a situação de Matusalém, se dispuseram a ajudar. Toda a dor da barriga perfurada do rapaz, de seu ombro baleado e de seu sangue perdido voava em direção aos voluntários. Curando-o com o tempo, mantendo-o vivo e fora de agonia. A preço dos danos cerebrais intensos e a dor de cabeça que sofriam. Frequentemente tinham de ser revezados e tomar remédios pesadíssimos. Mas todos estavam lá porque queriam. Matusalém é um comandante, ele guia outros inquisidores em missões. E todos gostam de um bom comandante.

Os "velas" mantinham Matusalém aquecido e cauterizavam as feridas mais urgentes. Um abraço constante da fraternidade compartilhada pela ordem, que é sustentada pelo Andarilho. "Financiem traições e me matem, mas lealdade não se compra!" Ele sempre diz. Tudo o que é quente na ruína é valorizado. Se seguissem as mesmas regras estúpidas legionárias, eles seriam luas "nobres". Mas aqui, todos são homens. É o preço da liberdade. Liberdade essa que estava sendo ameaçada.

A Nova Legião assusta mais do que a lua.

Krauzher, horas depois do ocorrido, estava em seu quarto. Muitos dos inquisidores que estariam festejando estavam agora treinando ou vagando pela torre. Ele precisava preencher sua cabeça com algo. O ruído em sua cabeça só parava quando o metal de seu corpo era exercitado. Quando oscilava os metais em seu corpo. Afinal, era a única forma de pagar suas dívidas. Se elas um dia pararem de crescer.

Josias já estava dormindo, pois seus amiguinhos não estavam brincando hoje. Krauzher o olhava com olhos pesados. O arrependimento de tê-lo trazido crescia. Jamais havia esperado que iria colocá-lo nesta bagunça. Ele nem sequer teve tempo de retornar para a Palma Negra e dar as caras. E certamente não soaria bem abandonar a torre e a ordem numa situação como esta. Krauzher esfrega a cabeça com as mãos, centenas de problemas inundando sua alma.

É hora de treinar metais. Não... talvez, existisse algo a mais. Algo que pudesse o tornar suficiente para pagar suas dívidas. Seus treinos de Hexomancia ainda não rendiam resultados. Krauzher começa a trabalhar em um projeto.

Uma alma era visível meio a um lago vermelho na floresta distorcida. Uma rapieira corta o vento trazendo seu portador, que olhava para o lago e via o homem dos cabelos loiros. Ele estava meditando enquanto flutuava acima da água vermelha. De alguma forma ele flutuava acima dela e não era queimado por sua acidez. Seus cabelos estavam soltos, espalhados pelo corpo. E as suas feridas abertas ardiam com o frio que eram expostas por estar sem roupas de cima.

-Você gosta de se isolar, então? -Jin fala. -Sempre uma coisa nova sobre o Andarilho.

-Todos estão fazendo rondas, -Ele fala. -Eu não posso ficar de fora de colocar a mão na massa.

-Justo. -Jin fala. Sua voz nutria um tom de respeito, que parecia recíproco. Ele olhava para o que o Andarilho dizia. -Certamente você seria capaz de derrotar a Nova Legião sozinho, se o que me disseram é verdade.

-Talvez, nos meus tempos de ouro. -Ele fala. -Essas feridas não deixam minha Fisiomancia muito boa.

-Imagino, certamente, cavalheiro. -Ele fala. O Andarilho vê graça em sua forma de falar e vestir, não por deboche, mas por semelhança. -Acho que talvez eu possa oferecer uma forma melhor de rondar a floresta.

-Ah, é? -Ele abre um dos olhos. -Sua maldição é bem rara, não é? Ela mexe em umas coisas bem complicadas.

-Certamente. -Jin responde. -Veja.

Jin saca algo que ele vê, mas que o Andarilho não. -Uma alma. -Ele diz. E move as mãos de modo a colocá-la em um olho, provavelmente retirado de alguma criatura. Depois, em uma orelha. O Andarilho franze a sobrancelha.

-O que é isto? -Ele questiona.

O olho e a orelha começam a se mover. Flutuar com vontade própria.

-Eu ouço por eles. Você pode poupar seus homens desta forma.

O Andarilho sorri. Assim, seus homens podem treinar mais. Trabalhar com o que querem. O que realmente importa para um homem. Ele se levanta e coloca a mão no ombro de Jin.

-Isso vai ser incrível. Bom trabalho, Jin.

Olhos viam e partilhavam para Jin tudo o que acontecia. Orelhas atentas ouviam cada estalar das árvores. E bocas voadoras alertariam qualquer alarde.

O Andarilho ainda permanecia flutuando meio a água vermelha e parada. Era ótimo colocar a cabeça no lugar em um lugar onde não pudessem ouvi-lo planejar em voz alta. Esticou a mão e papéis agarrados à sua mochila obedeceram, pousando na palma aberta.

Ele os encarava. A Ordem costumava se opor às forças autoritárias, ele não queria ter de fazer o contrário. Mas do que adianta ser livre, se estará morto. Era mesmo um hipócrita por

pensar assim e por baixar a cabeça para a legião, pensava. Mas estava satisfeito em ser hipócrita se ficariam vivos um dia mais.

-É, temos que baixar a cabeça. -Ele pensava. -Há sempre uma boa coisa a se fazer depois disto.

-Outro banquete? -Krauzher pensava enquanto saía do quarto. Estava quase finalizado o que estava trabalhando, seria a solução que procurava. Mas foi interrompido pelo som dos inquisidores bebendo. Confuso, já que a minutos conseguia sentir e tocar a tensão em seus ombros. Uma guerra era a última coisa que Krauzher necessitava agora. A Palma Negra não precisa disto. Josias não precisa disto. Ele ainda tem que se preparar. Mas confortava-se ao ver que os outros estavam na mesma página.

Arrastou a porta de bambu e foi ofuscado pela intensa luz amarela. Os inquisidores se banhavam como crianças. Josias brincava com seus amigos. Arrastaram até mesmo a maca de Matusalém para ficar perto de seus camaradas. Havia várias gigantescas mesas de madeira na frente e atrás das fontes, que emanavam vapor. Era fácil que todos mitigassem suas maldições, já que pareciam tão alegres. O Andarilho estava no centro da mesa, parecia conduzir, mesmo que de longe, as conversas de todos na própria e nas outras mesas. Ninguém falava de guerra.

-Ali, vejam minha futura presa, ela saiu de seu habitat. -Matusalém dizia. Estava reclinado em sua maca e acompanhado por alguns médicos. Alguns remédios de Miássio entravam por suas veias, mas pareciam incapazes de conter algo. Um pequeno tom mais provocativo do que o normal.

-Muito engraçado, branquelo. -Krauzher responde, se aproximando da mesa. -Comece a andar antes.

Todos riram. O Andarilho cumprimenta Krauzher, estava do lado de Seraphim e de Almadell, que comiam de forma mais recatada e com ombros mais tensos.

O Andarilho se senta de novo com eles.

Almadell o chama pelo nome, falando baixo e disfarçando a conversa com seu mastigar.

-Eles precisam saber.

-A gente poderia estar atacando ou sendo atacado agora! -Seraphim cobra, olhando para o Andarilho, que parecia tranquilo balançando sua cadeira para frente e para trás.

-Eu estava neste dia! -O Andarilho fala, se virando a uma conversa que o referenciou a três cadeiras. Mas então, olha para os dois ao seu lado e cochicha. -Não podemos atacar e nem defender. Temos que abaixar a cabeça e pensar em algo melhor. Vou pensar em uns presentinhos de desculpas.

Seraphim sabe que ele tem razão, por isso se cala, mas isso não contém sua insatisfação.

-Todo mundo já sabe sobre as tensões. Mas isso não é útil para que treinem, então não precisamos reforçar isso. Precisamos nos preparar para a Lua, preparar os inquisidores novos, não morrer na borda de alguma muralha.

-E se eles atacarem primeiro? -Seraphim questiona, preocupado. -A gente não pode ficar parado.

-Krauzher, o Josias está voando de novo! -O Andarilho diz, rindo, antes de voltar-se para os dois discretamente. -Parado a gente não vai ficar. -Ele ri. -A gente vai correr demais.

-Correr? -Seraphim se contém, pois ia falar muito alto.

-É claro. Phim, se nós temos vinte brutos, vinte olheiros e vinte ponteiros, a nova legião tem duzentos de cada. -O Andarilho falava. Apesar do que dizia, parecia ter um relaxamento na voz e na forma como se estirava em sua cadeira.

-Isso é verdade. -Almadell diz. -Mas não seria bom que tivéssemos alguma precaução?

-Um lugar preparado? -O Andarilho questiona, antes de brindar com alguns homens que estavam rindo de uma história que contavam sobre ele. -A Nova legião tem um olheiro a cada esquina, e nem são só os que tem sentidos aguçados. Alguns conseguem ver até medo, almas, espíritos Daemonicos. Preparar algum lugar chamaria atenção e abriria suspeitas. Eles não podem pensar que atacaremos, ou que não vamos nos submeter.

-Foi verdade mesmo. -Seraphim dizia quando Marvyn, um dos comandantes apontava para ele enquanto contava algo. Ele se volta para o Andarilho, irritado com sua tranquilidade.

-Nossa Hexomancia é melhor! O povo deles tem muita merda na cabeça, não conseguem manipular direito. Não somos tão indefesos quanto está pensando.

O Andarilho já havia ouvido isto antes. Este patriotismo, o idealismo. Não pode se dar a este luxo quando está no comando. -É verdade, mas de dez vilas, oito são legionárias. Eles mandam reforços até se brigarmos no meio do mar.

Seraphim e Almadell percebem. Realmente, precisam que tudo vá como o planejado para que não sejam exterminados.

O Andarilho observava a ceia. Ele estava no centro dela. Os sorrisos dos inquisitores o confortavam. Havia certa beleza em estar em apuros, mas manter-se feliz. Algo que ele praticou a vida inteira, e que conseguia reproduzir em seu povo. Era dever dele assegurar que todos pudessem rir e beber enquanto se preparavam para a suposta morte que vem da lua e dos legionários.

O banquete acabou.

O Cavaleiro Negro, Capítulo 19.

A Lua brilha em vermelho. As plantas, e não só elas, absorvem seu brilho. Os olhos que Jin plantou avisaram aos ouvidos, que se conectaram as bocas, que informaram os olheiros do topo da torre.

O Andarilho era acordado pela luz amarela escapando pelo abrir da porta de seu quarto, meio a suas esposas na cama. Uma cena comum. -Detectaram alguém! -Um olheiro dizia.

Estavam à frente da torre, como pessoas normais. Como se suas presenças nada significasse. Dois homens a cavalo. Seguravam fuzis e cartas. Entregaram o conteúdo e partiram.

O Andarilho leu. E após ler, concluiu. O plano é meticuloso. Com suas táticas, é possível.

-Jin e Seraphim, são os que virão. -Ele dizia sentado nas fontes termais. Maioria dos inquisitores estavam treinando ou sendo treinados. Os dois rapazes aparecem quando chamados.

-Você, Phim, é meu escudo. -Ele fala, apontando para Seraphim, seus olhos antecipavam o que estava acontecendo. -E você, Jin, os meus olhos.

Jin parecia confuso. Mas sabia que alguma grande responsabilidade estava em seus ombros, então instantaneamente partiu para arrumar seus pertences.

-Então... Eles chamaram. -Seraphim diz, sentando-se ao lado do Andarilho, que coloca a mão no seu ombro.

-Ou começaremos, ou acabaremos algo hoje, Phim. -Ele fala. -É diplomacia, mais complicado do que guerra.

-O regente quer falar contigo? -O rapaz questiona.

-Sim. Só posso levar duas pessoas, eles disseram. Com sorte, a gente consegue negociar essa porcaria. Tudo vai acabar em Hemó.

Como alguém que se despede dos pais numa rodoviária, inquisitores viam, impotentes, o Andarilho partir com dois dos homens ao seu lado.

Havia um tom... Misto. Era uma despedida, mas também parecia um começo. Havia uma sensação inédita no estômago, que subia para as gargantas dos inquisitores. Algo a se falar, que não podia ser dito. Algo a fazer, que não podia ser feito. Que a Lua olhe por nós, eles pensaram.

Krauzher estava entre estes inquisitores. Ele olhava para o Andarilho, suas mãos se apertavam mais forte. Se questionava como eles estavam indo, se não pareciam ter pego cavalo algum. E já não lhes sentia o metal no sangue deles a partir do momento em que desceram o relevo. Sumiram instantaneamente. Aquele homem era... Peculiar. Mesmo sem maldição alguma.

-Partiram, -Krauzher pensa. Isto não interrompia seus afazeres. Os treinamentos haviam se encerrado pelo dia, e por isso, as fontes se enchiam com Inquisitores cansados e que almejavam recreação nas águas quentes e bebidas ainda mais quentes. Josias repousava na cama do quarto, parecia exausto. Por tanto, Krauzher decide outro lugar para exercitar seus metais e trabalhar em seu "projeto".

Era inconveniente ter de mitigar só para subir escadas, que normalmente se partiriam com seu peso, Krauzher pensava. Mas Gabriel também parecia desenvolver este raciocínio, era o que parecia dizer para alguns inquisitores que estavam na parte de cima, com toalhas sobre as costas e ouvindo o esqueleto enquanto riam.

-Krauzher, meu irmãozão! -Gabriel falava, estava no centro de um banco com os outros homens. -Você realmente gosta destes metais, não é? Vocês me sentem?

Os inquisitores riam, e recebiam Krauzher conforme ele se aproximava, alternando, enquanto mitigava, os metais em seu corpo. Criava cada vez mais domínio, mais eficiência, mais entendimento sobre eles. E ativar ou desativar parecia agora tão instintivo e otimizado quanto respirar ou falar. Talvez seu corpo, feito de metal, contribuísse. Para conversas amigáveis, era obrigatório o Miássio, caso contrário, não se sentia com o humor...

Adequado.

-Você deveria experimentar, Gabriel, -Ele fala, princípio de riso. -Se tivesse barriga para comer.

Os inquisitores, Krauzher e Gabriel riam. -Era disto que estávamos falando, Krauzher. -Ele fala. -A minha maldição é uma desgraça, mas qual você acha que é a pior?

-Ora, -Krauzher pensa por alguns instantes. -Brutos certamente tem vidas bem difíceis.

-O que? -Um dos homens fala. Seu corpo parecia esguio e fraco. -Brutos tem a melhor vida! Imagine ser tão forte que você nem percebe!

-Não é tão bom quanto parece. -Krauzher responde.

-Certamente, a minha é a pior. -Gabriel conclui. -Tudo o que vocês não podem fazer, eu também não posso, e mais!

-Idiotice! -Um inquisitor, parecia um homem absurdamente velho, dizia, resmungando com sua voz gasta e cansada. -Pelo menos você é imortal!

-Vocês nunca vão acertar. -Dizia um homem que Krauzher sequer havia percebido. Sua maldição parecia nítida, apesar de ele não.

-Acho que as piores maldições são as que lhe obrigam a viver diferente do que você gostaria. -Krauzher conclui, era verdade.

-Bom, toda maldição faz isto. Elas nascem para nos atrapalhar, afinal de contas. -Gabriel fala, questionando se alguém o sentia, seja lá o que isso signifique. -Mas certamente a nova legião sabe usar isso muito bem.

-É, mas acho que eu estaria tão puto que já teria te matado! -Um inquisitor dizia, todos riam exageradamente, caindo de bêbados. Realmente, Krauzher enxergava, valia a pena ter morrido na lama no dia da invasão se aquilo assegurasse não viver uma vida como aquela.

-O Matusalém, coitado, que tem uma maldição horrorosa!

-Realmente. -Krauzher diz. -Deve ser horrível-

-Ser um lagarto! -Gabriel interrompe, olhando para Krauzher com olhar ríspido.

-Falando nisso, vou ver como ele está! Se estiver acordado, vou arrastá-lo para cá. -Gabriel dizia, despedindo-se.

Krauzher aproveita a deixa, e certamente não estaria confortável com aqueles homens depois que seu anfitrião na conversa partiu. Com o reduzir do Miássio, o ruído da sua cabeça retornava.

Era um serviço, Krauzher pensava. Tudo era. O Andarilho fazia de tudo para que não, mas Krauzher estava contrariando esta força. Contrair e retrair metais, amplificar e mitigar. Tudo aquilo era a fórmula de um ofício repetitivo, uma colheita de quilômetros de plantação cuja enxadada é sempre a mesma. Uma pedra a ser empurrada morro a cima todo dia, e que todo dia cai morro abaixo. Krauzher pensava, por vontade divina, ou seja o que fosse, não era capaz de ressoar ou divergir sua maldição como Seraphim dizia. E por isso, até mesmo o direito de beber tranquilo e sem ruído e a ânsia por destruir o afetarem. Até mesmo o direito de erguer-se de manhã e apreciar o sol de domingo abraçando seu pescoço, de apreciar a calma da manhã sem estar imerso na pressa do ofício, na pressa do amanhã, do depois, era um privilégio. Tudo havia de ser conquistado, ainda mais para alguém como Krauzher. Então, certamente, teria de fazer algo que os outros não fazem, se quisesse conquistar o que eles não tem. Se quisesse se libertar deste ofício enferrujado, maldito e infinito. Se quisesse, assim como eles, beber e se banhar enquanto olha seus filhos brincarem. Treinava seis dias por semana, e descansava apenas um para que seu corpo não se partisse ao meio. Eram boas correntes de se ter, ele pensava. Mas um hábito que se provava difícil de gostar. O ruído em sua mente crescia.

Krauzher achou um canto isolado. E, apesar de não gostar, estava imerso nos metais. Seu plano era perfeito, compensaria tudo e lhe daria a força de viver em paz. Mas é claro, como sempre que estava decidido sobre sua vida, algo acontecia. Krauzher ouve barulhos embaixo da escada da torre.

Eram gritos.

O Cavaleiro Negro, Capítulo 20.

-Desapareceu, ele desapareceu! -Gabriel diz. Os inquisidores correm vasculhando toda parte. Nem mesmo suas visões especiais, de diferentes maldições, podiam ajudar. Realmente, Matusalém havia sumido.

Krauzher o acompanhou às pressas, a cena era nítida. O vermelho consumia o branco da ala médica. Sangue cobria as macas. Corpos dos médicos eram visíveis, sangue e tripas espalhados pelo setor. Nenhum sinal de Matusalém.

Josias encarava a confusão de volta nas fontes. Inquisidores corriam, sacavam armas, gritavam uns com os outros. Olheiros e brutos partiam rumo à floresta em busca. Krauzher se aproxima. -Josias. -Ele diz, correndo em passos pesados enquanto se agacha na frente do garoto.

-O que... O que tá acontecendo? -Ele questiona, olhando ao redor e tentando se aproximar da confusão.

-Nada demais. Temos que resolver um problema, e você não pode estar aqui agora, tudo bem? -Antes mesmo de Josias responder, Krauzher o agarra, tomando cuidado para não despedaçá-lo enquanto corria rumo aos mais altos andares da torre. Ele o trouxe aqui, ele não pode ser o motivo de sua perda.

Gabriel desbrava desesperadamente a mata junto com Almadell e uma dúzia de olheiros e brutos. Corriam e cortavam a mata vermelha e retorcida em busca de sinais do Comandante. "Nos encontre ao sul da floresta!" Alertou a Krauzher, para quando assegurasse a segurança de Josias. Seu rosto não tinha seu típico sorriso, tinha o olhar que vislumbrava algo dando errado. Saindo do controle. Cortavam as matas densas correndo com lâminas nas mãos. Alguns poucos possuíam pistolas, mas corriam em confiança. Com este armamento, seriam capazes de enfrentar alguns homens, e certamente não haveriam muitos já que a floresta era-

O sangue de um olheiro jorra. Sua cabeça decapitada cai de cara na lama. Seu corpo se ajoelha e depois cai de bruços.

-O QUE?! -Gritaram. Almadell se esconde. Gabriel se protege atrás de uma árvore. Olheiros e brutos se esgueiram pelas matas.

Não havia arma. Não havia projétil. A cabeça do homem caiu no chão por motivo nenhum.

-Eu estou vendo vocês. -Era ouvido.

Permaneceram em silêncio, mesmo já revelados, ofegantes e incapazes de olhar para trás, de tirar o rosto de trás da árvore. Seus corpos tremiam. Todo inquisitor é corajoso, até que sua vida sofra de perigo real. O Andarilho sempre está aqui, sempre há uma salvação para a lua. Seus corações dançavam no peito.

Gabriel dá um passo à frente, saindo de trás da árvore. Ele sinalizava com os braços o princípio de seu Mundo Conjurado.

A pele era branca, como a de um homem. Os músculos, como todo morador da lua, definidos. Os cabelos pretos, despreocupados em dançar com o vento, esbanjando a confiança de que jamais o atacariam. Todo o resto gritava o contrário da face humana. A capa longa que cortava o vento, e que parecia retraída da lama, do vermelho e da sujeira por alguma força oculta, era vermelha e dourada. Cores que lembravam a lua, mas com nobreza. Era nítido. Era um Maioral.

O Mundo de Gabriel avança. A redoma negra abraçando as árvores vermelhas e tudo o que estava ao redor dele enquanto os circula. Avançaria, se seu braço não caísse na lama.

Os ossos se desfizeram em um pó seco. Foram separados de seu corpo pelo vento, é o que sentia, mas não podia ser verdade. Não podia mais se esconder, então sua única escolha era vê-lo.

-Vocês fogem de tudo, -Drovanell dizia. -Não podem fugir do que fizeram.

-Do que diabos você está falando, Ibericus? -Almadell questionava em tom de voz que nunca usara, se não para um legionário. Saiu de trás da árvore, mesmo que sua respiração

sofresse para continuar, mesmo que chamasse por fugir e se poupar. Lutar não era fácil como Seraphim a convencera, mas ela erguia os braços apavorada. -Nós poderíamos ter fugido. Você está vendo isso?

Drovanell ri da audácia. Estava muito brava para alguém que morreria logo. -Você sabe muito bem, mulher. -O Maioral fala. De trás das árvores, revelavam-se semelhantes. Olheiros, brutos, fuzileiros, todos tinham a aura que cortava a respiração dos inquisitores. Todos tinham a capacidade de matar a Ordem. E agora tinham motivos. O Maioral sinaliza com a cabeça, levando os homens a avançarem. Gabriel se recompõe, abandonando as cinzas de seu braço para adquirir cobertura. Com o tumulto, olheiros e brutos da ordem se aproximavam. A força da torre colidiu com os homens do Maioral.

O Maioral assistia. Lutas entre Hexomantes para ele eram espetáculos. Ainda mais que raramente tinha a necessidade de lutar. Um acenar de cabeça e aqueles homens entregariam a ele suas vidas. Se jogariam nas lâminas e balas de desconhecidos para obedecê-lo. Era assim com os tripulantes, e era assim com eles. São todos iguais, e morriam todos como iguais. Pois brutos partiam seus inimigos ao meio com as próprias mãos. Olheiros imbuíam seus sentidos ao oponente, fazendo-o agonizar com a dor que herdara. Fuzileiros atiravam nos inquisitores minúsculas esferas de aço, que explodiam seus interiores ao contato. Eram maldições que não existiam, não podiam existir. Havia incontáveis tipos de amaldiçoados naquele exército que a ordem não nutria. Além de absurdamente numerosos, ao ponto de que nem os reforços vindos da torre e dos que procuravam na floresta, eram diversos. Quando um dos brutos legionários partiu o estômago de um inquisitor, era visível que ele não tinha o mesmo controle que o membro da torre. Sua Hexomancia falhava e era inconstante, carregada da ira e do abate que carregava nos ombros. Mas de que adiantava, Gabriel pondera, aqueles homens eram maiores. Os tiros dos inquisitores eram inúteis, pois assim que disparados, legionários paralisavam-os no ar. Os partidos ao meio pelos brutos da torre eram erguidos de volta por alguém como Gabriel, lutando mesmo mortos em nome de seus soberanos intocáveis. E como intocável, Drovanell permanecia atrás dos homens, impossível de alvejar. Ao seu lado, um serviçal que carregava o sequestrado Matusalém, acorrentado e contido. Nenhum de seus grunhidos e balançares era suficiente para se libertar. Os inquisitores estavam recuando forçadamente rumo à torre. Não tinham sequer tempo de arrastar seus feridos e mortos, pois eles também eram ressuscitados pela legião a fim de lutar contra seus antigos irmãos e arrancar as cabeças deles. Não estavam prontos para uma guerra. Alguns sequer tinham os armamentos adequados em mãos, enquanto Drovanell dispunha de armas de elite e incontáveis Hexomantes, que sufocavam a floresta com sangue.

O serviçal de Drovanell lustrava sua capa, e mantinha, por meio de sua maldição de roubo de dor, seu corpo sempre saudável.

-É engraçado, se pensar sobre. -Drovanell falava para seu serviçal, abafado pelos tiros e gritos de dor, para seu serviçal. -Você não a-

Drovanell chocou-se contra a lama. Sua capa se tornava imunda e misturada a lama podre e fedida. Almadell estava de pé a frente dele, sua mão tremia, mas foi capaz de acertá-lo no rosto. O homem toca seu rosto, sentindo a falta de um dos dentes.

Os homens que se aproximavam para acudí-lo eram afastados. Mãos vermelhas e murchas eclodiam da lama ao comando de Almadell, agarrando-os e fazendo uma barreira contra estes.

-Aguentem! -Uma boca voadora dizia. Era obra de Jin, mas estava muito longe.

-Onde vocês estão?! -Gabriel questiona.

-Era uma armadilha. Nos prenderam em Hemó com muitas barreiras. -A boca fala.

-Seraphim e Andarilho estão fugindo dentro da cidade. Mas eu consegui escapar. E eu estou chegando.

-Ótimo, vai morrer com todos nós?! -Gabriel questiona, rindo de raiva.

-Não. Eu tenho uma arma secreta. -A boca foi partida.

Drovanell se ergue, e move outro dos braços. O ar a sua frente afiando-se, sendo abanado por seu corpo e partindo rumo ao pescoço de Almadell.

O rosto putrefato de uma criatura de outro mundo abre a boca, Gabriel eclode dele, cortando o vento afiado pelo homem com sua lâmina curva e banhada em morte.

Aquilo, Almadell lembrava, não vinha sem custo. Sua confiança era frágil, assim como seu poder era efêmero. Dívidas com as criaturas que continham os homens para longe deles se acumulavam. Ela sequer sabia como as pagaria, mas certamente isso não importava agora. O Maioral havia de cair. Mesmo que suas mãos, as quais usou para socá-lo, tremessem, ela usaria outras se preciso fosse. Ela faz sinais de mão, e recebe mais poder vindo dos demônios.

Os assassinos desistem de infiltrar a redoma demoníaca de braços e bocas vermelhas que se formaram, visto que Drovanell acena para que finalizem o serviço. Sem o comando de Drovanell, avançavam de forma enlencida rumo a torre, dando tempo de mais inquisidores conterem as forças legionárias, agora desorientadas. Mas para ele, não parecia problema. Os oponentes se estudam, olhos fervorosos dançando pela redoma. Drovanell estava de pé na frente deles, a lama que o sujou era expulsa de seu corpo, o limpando perfeitamente após levantar. Gabriel avança.

-Não era assim! -Ele clama, avançando enquanto cortava o ar rumo ao pescoço.

Atingiu. Porém, a lâmina não avançou mais do que milímetros no pescoço do Maioral, derramou apenas uma gota de sangue. Gabriel não crê, mas o sangue não era vermelho. Era azul.

A mão afiada do homem avança na direção da coluna exposta de Gabriel, e a cortaria. Mas Gabriel sacrifica no lugar uma de suas costelas, que é partida como se fosse manteiga pelos dedos do homem. Gabriel sabia o que estava acontecendo, e não era o que ele queria. Por isso, finca os dentes podres no pescoço do homem.

O Maioral se balança. Apenas alguém como ele pode comer bem a ponto de conseguir a força que desempenhou. E com ela, pressionou o pescoço do esqueleto a fim de se libertar. Seu pescoço e sangue azulado começavam a necrosar, levando aos seus órgãos doença e morte vinda de Gabriel, que recusava-se a largar.

-Seu rato do inferno! -Ele grunhia, erguendo uma mão afiada para partir-lhe o pescoço.

A mão encosta no pescoço de Gabriel. Mas um demônio de face vermelha a mordeu brutalmente antes que pudesse cortar. Almadell olha de longe realizando os sinais de mão para aumentar sua dívida.

O homem grunhia de dor. Mas ele afiava o som de seus gemidos para que seu exército, mesmo que escutando, não pudesse discernir seu sofrimento do som de uma lâmina. Mesmo que seus ouvidos sangrassem, seu sangue permaneceria azul. Ele não podia mostrar suor, não podia usar técnicas avançadas contra meros inquisidores, ele é um Maioral. Mas aproveita do sigilo dado pelos demônios.

Em um sopro, o rosto de Gabriel se racha em diversas metades. Um sopro que só não esfarelou seu crânio pela dificuldade que o maioral nutria em respirar. Seu pescoço espalhava um tom negro entre as veias, seus olhos sangravam e já estavam tomados pelo azul enegrecido da morte.

Gabriel, sem braço, com o rosto rachado e com a costela partida, grunhia em revolta enquanto pulava rumo a finalizar o homem. Almadell aumenta sua dívida, e com isso, demônios mais poderosos surgem e agarram também as pernas do Maioral. Gabriel aponta a lâmina, acabou.

-Mundo Partido. -A voz rasgada sussurra. Os demônios se partem. O sangue deles encharca Gabriel meio a sua investida. O esqueleto frustra-se ao ter seu golpe interrompido pelo seu pescoço partido e caído ao chão. Almadell avançaria e o finalizaria com o chamado de ainda mais demônios, formava os sinais nas mãos antes de seis de seus dedos caírem no chão, jorrando sangue. Seu pescoço era o próximo alvo, e realmente, foi partido com uma manifestação do Mundo de Drovane. Mas um demônio segurava-a pela cabeça, mantendo-a no lugar e a lambendo, provocando uma reação que juntava a carne da mulher de volta. Seu rosto tinha nojo de ambos demônios que estavam à sua frente, e sua mente nutria o terror do que com ela aconteceria, mesmo que a isso sobrevivesse.

-Drovane!!!! -Ela grita, partindo para cima do Maioral. Seu mundo já havia gasto, por enquanto, a série de acertos que os debilitaram. Por isso, com o rosto nutrindo o preto tom de morte do esqueleto, Drovane não foi capaz de se esquivar.

Seu queixo quase se deslocou com a força esmagadora que o arrebatou. Voou para cima. Caiu de volta na lama. Antes que seu sangue azul o limpasse, Almadell o escalou. E começou a usurpar a beleza de seu rosto com uma série de cotoveladas que afundaram cada vez mais o seu nariz. Ele move a mão, e o vento afiado corta de Almadell a barriga. Entradas insistem em vazar. Ela entrega aos demônios a própria dor, pois pagaria-a dobrado. E com a dívida, ela segue afundando o rosto do Maioral na lama. Mas ele ainda não morre. Almadell olha para o lado.

O serviço do Maioral estava do outro lado da Redoma, que foi cortada pelo Maioral. Uma pequena brecha. Suficiente para que seu roubo de dor o afetasse. Almadell zanga o rosto, mas era tarde. Com a regeneração, Drovane enfia a mão dentro das entradas de Almadell, arremessando-a para cima. Caiu com o bucho aberto para a lama vermelha e podre. Grunhindo e gemendo de dor. Suas feridas, demais para que seus demônios pudessem acumular. Nem eles acreditavam que ela conseguiria, não tinha crédito. Drovane se ergue. A lama de seu corpo se limpando. Sua cara amassada, seus dentes faltando e seu nariz torto retornando ao lugar. Ele os subestimou, eram Hexomantes inefáveis. Ele imediatamente ergue a mão para o alto, afiando o ar ao redor dela rumo ao pescoço de Almadell, que grunhia em dor. Gabriel, vivo, mas despedaçado, não podia fazer nada.

O vento toca o pescoço de Almadell. Um som metálico sendo para ela o sinal de que havia morrido.

Ela abre os olhos.

Da brecha aberta pelo Maioral, eclode o salvador. Ele tinha o corpo do serviço de Drovane nas mãos, decapitado. E carregava outros três soldados estripados.

Krauzher se livra deles e encara Drovane com ódio nos olhos. A fúria da guerra que nele não despertava a centenas de anos. O alvo válido para todo o ruído, toda a cobrança de dívida e toda a tormenta.

Drovane o ignora, e repete o movimento com força amplificada. Almadell se torna metal por completo. Paralisada, mas o vento não a cortaria de jeito algum.

Drovane encara Krauzher com o semblante de um homem que nunca foi contrariado na vida. Por isso, faria o mesmo com o esqueleto. Krauzher não o transforma em metal.

Melhor. Ele materializa e atropela o peito do Maioral com uma clava metálica negra de tamanho exorbitante.

O homem se choca contra a redoma de seu próprio mundo. Sangue é expulso pela sua boca, e suas costelas partidas chocam-se dentro de sua carne esmagada. Ele se ergue, a lama não mais saindo de sua pele.

Krauzher estava diferente. Uma focinheira negra com fragmentos de Amôfle cobria e mascarava sua boca e nariz. Ele se livra do manto negro que o cobria, revelando incontáveis cicatrizes em sua pele. Eram escritas. Palavras de temor, desincentivo a vida, súplicas ao suicídio, morte e miséria. Estas escritas tornavam o metal de sua pele ainda mais duro.

Drovanell se ergue com absurdo esforço. Mas para se surpreender novamente. A clava do Inquisitor também era feita de Amôfle. Não, não só isso. Seu corpo inteiro era feito de Amôfle.

Drovanell avança. Seu braço afiado seria suficiente para partí-lo, pensava. Mas não passou de sua pele. Ao invés disso, assim que o tocou, sentiu o ruído crescer, e sua maldição afiou seus próprios interiores, fazendo o Maioral sangrar. A abertura necessária. Krauzher o atinge no estômago, um ataque afiado de mão aberta. Um vão se abre na barriga do Maioral. Mas seu mundo ainda ativo é sua carta, e com ele, o peito de Krauzher espalha uma ferida longa de um corte concentrado, já que era o único alvo.

-Vocês da ordem estão dispostos a tudo, não é? -Ele dizia, segurando sua barriga, contendo o sangue e tripas. -Menos de trabalhar de verdade.

-Ah, não? -Krauzher dizia. O ruído em sua mente era ensurdecedor. Mal ouvia a falação do homem. Seu corpo se tornava pesado. Cada vez mais pesado. O Amôfle o amplificava. Ele estava prestes a cessar, mas selecionou outra vez o Amôfle de seu estômago e o imbuíu. Se está dentro dele, e é metal, então é Krauzher.

Drovanell nota o crescimento de sua resistência, e pondera o limite. Por isso recua. Afiando o ar ao seu redor para limitá-lo. Krauzher ri ao perceber o que ele estava pensando.

-Não... Não... General. -Ele fala, gargalhando insanamente graças ao ruído e as vozes em sua mente. -NÃO, NÃO, GENERAL!

Krauzher materializa a sua frente, imbuindo o próprio ar com sua loucura. O ar se transforma em metal, mas no metal imbuído a Krauzher. O ar se torna uma barra de Amôfle. A qual Krauzher engole. O Amôfle que imbuíu a si mesmo era recarregado, permitindo que seguisse sendo amplificado.

-Vocês... Você é um maluco! -Drovanell grita, sangue escalando de sua garganta e corpo rasgado e aberto. Ele afia o som de sua voz, rasgando o corpo de Krauzher, mas muito menos do que antes. Cortes superficiais não o impedem de correr e acertá-lo, fazendo-o voar para a outra extremidade do seu próprio mundo. A clava de Amôfle aproveita para Imbuir-se no sangue azul expelido pelo Maioral. Que começa a gritar de agonia enquanto seu corpo se afia ainda mais. O expandir de seus pulmões e bater do coração rasgavam seu corpo. Seu sangue azul se misturava com a lama.

Krauzher o encara de cima erguendo a clava. Ele estava em êxtase. O treinamento havia valido a pena. Finalmente, ele havia ganhado algo. O Mundo de Drovanell cessa. Caído no chão e com tripas na lama, ele aponta para as dezenas de legionários que rodeavam a redoma à sua espera. Até eles, surpresos com seu estado deplorável.

-Matem-no! Matem ele agora!!! -Ele cuspiu. Homens de barreira impediram o ataque final de Krauzher, que pelo seu peso, foi lento demais, salvando Drovanell. Ladrões de dor se aproximavam e tocavam o homem que agonizava, quase perdendo a consciência. E seis brutos corriam para agarrar Krauzher pelas costas, braços, pernas e pescoço, envolvendo-se.

Krauzher gira e os expulsa. Poderia com a clava esmagá-los, mas vê que se aproximavam de Almadell e de Gabriel. Graças a diferença de Hexomancia entre eles, Krauzher se concentra, e testa seu novo truque, com o Amôfle amplificando a tanto tempo, com a focinheira e as escritas, Krauzher metaliza o coração dos brutos que corriam rumo aos inquisidores. Eles caem sufocando, sofrendo, e incapazes de gritar. Krauzher está em deleite, pois de novo foi recompensado. Era incrível. Ele gargalha como uma aberração de metal ensanguentada e encharcada de tripas, pois partiu os brutos que avançam nele ao meio.

Ele tenta metalizar o coração de Drovanell, mas ele era um Hexomante melhor do que os meros brutos. E havia incontáveis Chamuscados, que não perdem a chance de envolver Krauzher em uma rajada de chamas vermelhas. Seu corpo começava a derreter. Estava imerso em fumaça e calor extremo. Sua pele queima e se rasga, mas ele imbui seu amôfle nos Chamuscados. Os Chamuscados de Drovanell começam a queimar, incendiando-se internamente e cuspidos fumaça e sangue.

Se livrando da fumaça, Krauzher avança. Mas as barreiras o paralisam no lugar. Krauzher é envolvido por elas, enquanto soldados atiravam nas estratégicas brechas que eram deixadas. Alvejando Krauzher enquanto ele estava paralisado. Krauzher come mais uma barra de Amôfle, e os tiros não o incomodam mais.

-Se livrem dele! Agora! -Drovanell grita, enquanto lentamente recuperava-se da quase morte. Ainda ajoelhado na lama.

As barreiras envolvidas a Krauzher o arremessavam para cima enquanto ele era alvejado de todas as direções. Era ótimo, e ele sorria, pois aquela distração distraía forças que atacariam a torre se não por ele. Eles o arremessam para cima, a quinze metros do chão, e se unem em um esforço colossal e de doze homens para fazê-lo colidir.

Krauzher ri. Eles notam tarde demais. Ele reverte a lama e o chão. Seu peso absurdo colide com o chão mole e borrachudo. Como num trampolim, quando alguém pula muito forte, todos eles são arremessados para cima, xingando e voando. Se chocam e desmaiam em árvores, atingem uns aos outros, e Drovanell rasga a névoa antes de se chocar no chão, que Krauzher agora tinha tornado duro de novo.

Os homens, caídos e desarmados. Krauzher apanha o saco preto e acorrentado que continha Matusalém, e o liberta. Estava ferido e inútil, desmaiado e provavelmente drogado, pois não conseguia mais se mover. Krauzher sorri, apesar do ruído, para seu amigo. Pois conseguiu o salvar.

Ele aproveita o atordoar dos legionários para libertar Almadell da prisão de metal que a salvara.

-Almadell! -Ele diz. A mulher tosse enquanto tenta conter seu sangramento. -Leve Gabriel daqui, e sobreviva pelo amor de Deus.

A mulher tossia sangue, e sua visão turva e preta falhava em permitir que se movesse. Mas Krauzher materializa e a entrega um fragmento de Amôfle, a qual a ajuda a engolir. Seu crédito aumenta, e ela pega mais poder emprestado com os demônios que seguram suas tripas avulsas e pescoço quase cortado.

-Obrigada... Krauzher... -Ela dizia, em uma voz grata e aliviada do medo. Era bom ter alguém para confiar. Mas se via culpada ao ver Krauzher envolto em vestes de Amôfle. Ela sobe na cabeça de um demônio alado e parte voando, levando o esqueleto que se recusava a deixar a batalha, e Matusalém.

A torre se defendia contra as forças dispersas e sem comando dos legionários. Inquisidores dos mais fortes, como Krauzher, trabalhavam sozinhos contra vários dos homens agora que não eram devidamente orientados.

Os homens se armavam novamente, e falhavam em atingir Almadell enquanto amplificava com Amôfle. Krauzher parte para cima de Drovanell imediatamente, fúria e ruído consumindo sua mente atormentada.

Ele ergue a clava. E uma corrente apanha seu pulso. Ele tenta partí-la, mas era etérea, e emanava vermelhidão. Krauzher sentia sua alma se afastando de seu corpo. Homens que viam sua essência tentavam separá-lo dela.

Krauzher sente o Amôfle se esvaindo, mas com outro braço acorrentado, ele não conseguia consumir mais barras. Os homens se unem covardemente ao seu redor. Vários alvejando-o na fragilidade, enquanto os seladores buscavam enfraquecer sua conexão com a própria alma e mente. Sua maldição perdia o controle, amolecendo e endurecendo.

Chamuscadores se uniam também, e atiravam pilares de chamas rumo ao inquisitor, que começava a queimar e derreter. Até mesmo Drovanell se unia, clamando sua vitória e desferindo golpes de braço que fatiavam ombros, braços e peito de Krauzher.

-Morra, seu pedaço de merda! -Drovanell gritava loucamente.

Krauzher sentia sua visão sendo separada dos olhos, se tornando obsoleta. Sua força se separando dos músculos. Sua mente, separada do cérebro. "Covardes!" Ele tentava pensar, mas estava começando a falhar.

Ele não havia pagado todas as suas dívidas. Não havia se tornado um com suas correntes. A Palma Negra ficaria sem líder. Josias, desamparado. Seu passado não teve sentido algum.

É o fim.

O Cavaleiro Negro, Capítulo 21.

O verdadeiro regente das almas partiu a conexão dos covardes com Krauzher. Cada corrente foi partida ao mesmo tempo, liberando Krauzher de suas amarras.

Os chamuscadores tiveram seus pescoços perfurados, jorrando sangue enquanto caíam. E os atiradores eram costurados uns aos outros pelas próprias tripas. Tudo ao som de uma melodia serena como a lua.

Jin flutua acima de uma rapieira, possuía nos ombros o manto branco e dourado do Andarilho. E sua dança com o vento e a névoa rasgavam os soldados que tentavam o alvejar.

Homens caíram no chão, suas faces voltadas para a lama. Agonizando com as rapieiras que dançavam entre seus corpos em agonia.

-Eu falei que viria, senhores! -Ele diz, ostentando novas capacidades que Krauzher não havia visto sequer contra a armadura. Krauzher sorri, e sabe que o resto de seu trabalho estava em boas mãos. -A diferença é notória, Maioral.

Ele dizia, voando rumo a Drovanell e ao fim da luta, o toque de seu violino demarcava.

Drovanell concentra sua amplificação completa, todo o seu resto de aura, cada gota, em uma mão, e move o vento suficiente para cortar a cabeça de Jin dezenas de vezes.

Jin sequer se move. O som do corte é parado pelo estender de mão de Krauzher, que metaliza o pescoço do músico sorrindo. -Esta é a diferença entre a ordem e você.

Rapieiras empalam primeiro a barriga. Depois o erguem meio ao ar. Ele tentou repetir os ataques, mas uma das armas começa a fazer crochê com suas tripas. Outra se finca em

sua mão, permitindo que outras arrancassem um por um os dedos. Jin se maravilhava, tocava com satisfação sua melhor música enquanto via o sangue azul cair sob a lama vermelha e se misturar. Drovanell gritava de agonia. Chorava sangue. Sua garganta enegrecida pela necrose do esqueleto retornava, conforme Jin fazia questão de reviver na alma dele os esforços de seus aliados.

-Fale sobre mim para Victor, no inferno. Pois ele é o próximo. -Jin falava, se aproximando do rosto agonizado de Drovanell. E quando sua alma partiria para o infinito, Jin faz questão de aprisioná-la em uma árvore.

Krauzher sorri para o músico, que retribui o sorriso em gratidão e respeito ao guerreiro.

-Você lutou bem, Krauzher. Pena que eu tive que te salvar! Hohoho.

-Eu que te salvei, não se ache só porque tá com a roupa do Andarilho. -Ele falava.

Estavam mais tranquilos, pois agora, com o Maioral morto, bastou que Jin sacasse sua cabeça e a erguesse no alto da torre da inquisição, usando suas bocas flutuantes para anunciar.

-O Maioral Drovanell Ibericus está morto. Rendam-se todos que quiserem viver.

Nenhum mais estava disposto a entregar sua vida, ainda mais sem a ameaça dos chicotes do Maioral. A tropa legionária ergue a bandeira branca de rendição.

Jin e Krauzher se aliviam. Ainda mais ao ver inquisidores feridos, mas que podiam ser salvos, retornando para a torre carregados por seus irmãos. Mesmo na ferida, mesmo na guerra, eles se carregavam para a ala médica. Uma irmandade que emocionava Jin, lembrando-o de que o Andarilho era uma causa que valia a pena lutar.

Krauzher vê as tropas legionárias sendo rendidas, desarmadas e acorrentadas. Todos presos ao redor da torre. Conforme eram encontrados. Olheiros fazendo questão de apanhar os que tentavam fugir da rendição. Krauzher se senta no topo do relevo que comporta a torre, assistindo inquisidores que contribuíram para salvar, e legionários que feriu, sendo presos. O Amôfle queimava em seu sangue, mesmo após ele desativá-lo e se tornar de metal comum de novo. O ruído não parava. A dívida não havia se extinguido. Mas pôde se sentar na lama sabendo que estavam vivos.

Ele estava maravilhado. Estava ansiando pelo resto do conflito, mesmo que com culpa.

Suas novas capacidades, seus novos truques, a Nova Legião se arrependeria. A Ordem sairia vitoriosa, pois Krauzher daria vitória a mais uma nação. Inquisidores agradecidos saúdam Krauzher em seus caminhos ao descanso. Até mesmo o difícil Marvyn o bate no ombro, reconhecendo ao menos sua utilidade. Quem precisa de Hexomancia básica?

A chuva cobre o campo de batalha, Krauzher se cobre sentado com seu manto negro que oculta suas novas cicatrizes de palavras negativas. Elas tornavam o metal mais rígido, com elas, Krauzher jamais se acomodaria. A focinheira de Amôfle, as pulseiras, espinhos e a clava, no entanto, não eram necessárias agora.

Krauzher sorri de satisfação, mas pelo antecipar de seus próximos massacres a legionários. Este era só o começo. Pois agora, inegavelmente, a guerra contra a Nova Legião havia começado.

Krauzher recupera Josias dos andares mais altos da torre. Ele estava chorando calado. Soluçando e enfiado no canto mais obscuro de um aparente depósito. Krauzher se cobre mais em seu manto, para que não visse suas feridas ou tatuagens.

-Josias... -Ele dizia, sua voz pesada. Se aproximava do garoto e se abaixava, o Miássio ajudando-o.

Josias muda do choro quieto para o escandaloso. Ele abraça o peito ensanguentado de Krauzher. Catarro do seu nariz, e lágrimas dos seus olhos, sujando o guerreiro, que não se importava.

As mãos dele tremiam, Krauzher o ergue e carrega consigo.

-Já está tudo bem agora, nós vencemos. -Ele dizia.

-A gente vai vencer de novo? -Ele lutava para dizer, soluçando incontrolavelmente.

-Sim, nós vamos. -Krauzher promete, sorrindo.

Ele estende a mão em um aperto de mão másculo, Josias corresponde, mas com um soquinho ao invés, apesar de ainda estar chorando.

Krauzher deixou-o dormindo em um quarto diferente, este tinha vários dos filhos dos inquisidores, que descansavam sob a supervisão de um olheiro. Seria melhor para ele estar ao lado dos amigos e descansar enquanto Krauzher vê o que haveria de ser feito.

Krauzher observa a área das fontes, agora ocupada por homens sendo levados para a ala médica. Sangue, alguns gritos. Houveram perdas, era visível. Corpos eram cremados do lado de fora, tanto legionários quanto inquisidores. Não podiam se tornar criaturas, ainda mais com a lua já tendo adaptado sua energia por tanto tempo. A fumaça cobria o ar antes puro da torre. A irmandade dos inquisidores era útil, mantinham-se unidos e se erguiam depois da luta. Mas havia muito o que ser feito.

Krauzher notava Jin andando com Marvyn e Almadell, estavam subindo as escadas, rumo a sala de reuniões do Andarilho, provavelmente também o tópico de sua comoção.

Marvyn passa os olhos por ele, e acena com aprovação dos outros para que viesse junto. Krauzher segue.

Na sala, havia um tom que contrastava com o alívio de ter vencido a batalha: a necessidade de sobreviver à guerra. Eles se sentaram ao redor da mesa do Andarilho, deixando o espaço onde ele fica e sentando-se circularmente de frente uns para os outros.

Médicos acompanhavam Krauzher e ela, finalizando os processos, limpando e suturando suas feridas apropriadamente. Krauzher tinha parte de sua pele queimada e derretida, diversas feridas de bala e algumas partes amassadas nas costas e peito.

-O Andarilho é forte, o melhor daqui. -Marvyn dizia, sua pele vermelha exaltava seus músculos fortes e corpo grande. Seus longos e negros cabelos, divididos pelos seus grandes chifres, eram presos não por uma piranha, mas pela cabeça ainda viva de uma criatura, que a mastigava em transe. -Ele consegue sobreviver em Hemó até que cheguemos.

-Certamente, -Jin concorda. -mas não podemos demorar muito. Eventualmente ficarão sem energia e serão pegos. Sem eles, não existe ordem.

-Temos provavelmente um ou dois dias. -Marvyn diz. Sua farda negra possuía diferentes entornos do que as de inquisidores comuns, ao invés da estrutura compacta, contava com uma capa com o sol dourado da ordem. Era um comandante, um inquisitor de inquisidores.

-Mas nossos homens ainda estão feridos.

-Almadell deve conseguir ajudar com suas curas, não? -Jin questiona, olhando para ela.

-Eu não sei... -Almadell diz, decepcionada. Sua mente quase bloqueava sua boca para dizer um não puro. -Eu acumulei uma boa dívida durante a batalha, usei muito poder.

-Então certamente aquele esqueleto que anda com você, Krauzher, pode ajudar. -Jin sugere.

-Eu não sei, ele está bem arregaçado. -Krauzher diz, enquanto mitigava intensamente para que um médico pudesse suturá-lo. -Perdeu muitos membros, e mesmo que roube alguns ossos substitutos dos legionários, vai demorar alguns dias até que ande de novo.

-Estamos ficando sem opções. -Jin diz, cobrindo a boca com a mão. -Eu certamente posso acelerar a cura dos mais necessários como fiz com Matusalém, mas isto poderia causar mais problemas, apesar da velocidade.

-Não podemos arriscar ter homens histéricos em uma missão contra a Nova Legião.

-Marvyn contrapõe. -Falando em homens...?

-Perdemos uns cinquenta, provavelmente. -Jin fala. -E outros cinquenta estão feridos por alguns dias. A Nova Legião também.

-Mas para eles, isso não é nada. -Krauzher responde. -Se eles tiverem mais amaldiçoados como àqueles, não temos chance em uma batalha prolongada. Ainda mais um daqueles caras de capa.

Jin forma no rosto um tom de desgosto e ressentimento.

-É um Maioral. -Ele fala. -Tivemos sorte, aquele Drovanell é conhecido justamente como o mais fraco. E o mais orgulhoso também, tanto é que cometeu a tolice de nos atacar sem estar em uma vantagem de número tão superior.

Krauzher segura a indignação. Claro, teria que ser parcial sua vitória. -Fraco?!

-Todo legionário é fraco. -Marvyn responde. -Eles só tem mais gente, maldições mais diferentes e dinheiro para coisas melhores. Mas nossa Hexomancia é superior.

-Claro, não conseguimos lidar cada um com cinquenta homens, hohoho -Jin dizia. -Além do mais, os Maiorais são uma exceção a essa regra, eles tem acesso a conhecimento Hexomante que nunca vamos ter.

-Tem cinquenta daquele homem? -Krauzher questiona.

-Não. -Jin responde. -Se tivessem, certamente Marvyn não chamaria os legionários de fracos. Existem provavelmente uns 10 ou doze Maiorais. Você já deve ter visto antes, eles tem sangue azul e fazem o que querem, um clássico!

-Se vamos invadir Hemó, -Marvyn corta. -Não temos que nos preocupar só com os barreiras, os olheiros, brutos e fuzileiros. Certamente devem ter pelo menos dois Maiorais em Hemó. Sem contar os Vice e os Marechais.

-A ordem costuma ter Hexomantes bons o suficiente para lidar com certa quantidade de legionários. -Almadell diz, orgulhosa quando se tratava de Hexomancia, geralmente uma das coisas a qual prestavam atenção quando ela falava. -Mas realmente, feridos, endividados e em menor número...

-Vou te ajudar a pagar sua dívida. -Krauzher diz. -Sua força foi essencial para vencermos o Maioral, eu gostaria de ter uma maldição como a sua. O que você faz para pagá-la?

-Geralmente meus demônios cobram coisas diversas, acho que é melhor te explicar na hora... -Ela dizia, envergonhada.

-Na hora... -Krauzher pensava. -Jin, na hora em que vocês foram presos, o que aconteceu?

-Excelente pergunta, nobre Krauzher, -Ele diz. -A verdade é que não estávamos esperando, apenas a capital do supremo líder legionário possuía barreiras tão sofisticadas, mas não é mais verdade, pelo jeito.

-Você não podia ter trazido os dois com você? -Krauzher questiona.

-Gostaria, mas para coisas tão complexas só consigo manipular uma alma por vez. Se os tirasse primeiro, ficava sem energia e morria. Se me tiro primeiro, consigo voltar e ajudar.

-Seria melhor ter o Andarilho e o Seraphim do que você. -Marvyn dizia. Não tinha tom de ofensa ou de crítica, apenas parecia ser verdade.

-Bom, de fato. Mas quem gosta de morrer? Morrer é ruim demais! Além do mais, só conseguiria tirar um deles. Seraphim não chegaria a tempo sem o Andarilho, e ferido o Andarilho não conseguiria fazer muito, apesar de chegar rápido. -Jin falava, ainda tentando aliviar a moral da sala. -Não precisamos sequer matar tanta gente, só abrimos as defesas deles e seguramos até que os dois percebam nossa chegada e saíam. Então fugimos também.

-E depois...? -Almadell questiona.

-Depois o Andarilho vai decidir. -Marvyn conclui. -Falando nisso, você não deveria estar com a capa dele. Está começando a subir a sua cabeça.

Ele falava, apontando para Jin e tentando apanhá-la em respeito ao líder.

-Ora! -Jin se esquivava. -Ele aplicou nela às suas propriedades para que EU viesse mais rápido. É meu direito!

Krauzher, ouvindo aquilo, se lembrava das feridas do Andarilho. Como que... Ele desiste de ponderar, já que é o Andarilho. Mas pondera sobre outra coisa.

-Eu disponibilizarei as forças da Palma Negra para ajudar. -Ele fala. -Não são muitos, mas podem compensar nossos feridos.

Marvyn o olha com um olhar aprovador. -Ótimo, vai ser útil. Eu as comandarei. -Krauzher aceita. Apesar de já ter comandado homens e parecer mais velho do que Marvyn, seus últimos pensamentos invasores o colocavam no lugar de aceitar ajuda de homens do "futuro".

Isso também queria dizer algo, finalmente iria até a Palma Negra. Romaro seria de boa companhia na torre, principalmente nos banquetes e treinos. Ele se daria bem com os inquisidores, Krauzher pensa. Talvez agora com seus truques, ele seja capaz de proteger a vila.

A reunião é cessada. Todos saíram com um tom pesado da obrigação, que pendulava em suas mentes com incontáveis afazeres. Tinham, de fato, muito a fazer. E não podiam relaxar, não podiam ceder, não podiam abandonar o Andarilho ou Seraphim. Até mesmo Jin, o mais novo na ordem, se apropriou de uma pseudo liderança necessária para a causa, sem que pedissem. Apesar do pêndulo de suas obrigações, que partiam de um lado para o outro, Krauzher via o ruído do Amôfle em seu sangue diminuir conforme percebia que estava ajudando. Principalmente com o exército da Palma Negra. Ele estava ajudando.

Quando desceu, viu que levaram tempo demais. Josias estava dormindo, mesmo do lado de fora, com seus amigos. A sala das fontes estava mais quieta, sem o Andarilho não haviam banquetes ou bebedeira. Estavam todos concentrados em se preparar para resgatá-lo. A torre estava serena, mas como um oceano que aguardava uma tempestade.

Krauzher decidiu que precisava relaxar seus músculos. O Amôfle, desde a última batalha, estava ainda mais imerso em seu sangue. Como se transformou nele, e ele amplificou sua maldição de dentro de seu corpo, Krauzher sentia-o cada vez mais. Seus músculos eram ainda mais pesados, ainda mais metálicos, ainda mais definidos e robustos. Naquele conflito, e durante todo o seu treinamento, seu tamanho estava aumentando gradativamente, influência do Amôfle, influência de seus treinos. E com isso, estava feliz.

Somente com a certeza de que contribuiria com suas dívidas ao mobilizar a Palma Negra, Krauzher consegue mitigar com Miássio. A sensação de leveza, calma e silêncio tomando sua mente enquanto ele aproveitava não ser tão feito de metal para entrar nas fontes quentes.

Estavam vazias, somente ele ali. Outros inquisidores estavam dispersados em seus quartos. Apenas aqueles que dormiam do lado de fora, apenas alguns guardas distantes. E Krauzher era ocultado deles pela fumaça quente das fontes. Krauzher olhava para o palanque de concreto branco no meio das águas. Ele ponderava. Ele estava aumentando, estava crescendo, e não sentia ânsia alguma por parar ou se acomodar. Ele tinha de crescer mais, garantir que todos estariam a salvo. Era por eles que fazia aquilo, que consumia os metais. Era por eles, só por eles.

Krauzher sempre pensou àquilo. Mas o ruído do Amôfle nunca cessa completamente de um viciado. Em cima do palanque, Krauzher via um tigre laranja e pintado. Um tigre feroz, que crescia a cada segundo, e que o encarava mesmo que oculto pela fumaça quente. O tigre tinha olhos decididos. Krauzher franze o rosto questionando se ele era real. Krauzher não tem medo dele. Krauzher olha para o seu reflexo na água das fontes.

Almadell não sabe ler o ambiente muito bem. Por isso, ela se senta ao lado de Krauzher na quente fonte termal. Krauzher se assusta e escapa de seus pensamentos, cumprimentando-a. Seus cabelos roxos dançando na água. Krauzher percebe que tinha aceitado muito rápido a sua pele azul. Era uma mulher engraçada, e uma excelente amiga e companheira de papo, ele conclui. E aprecia que ela veio aparentemente para dialogar, já que sentou-se relativamente perto.

-O que você acha? -Ela questiona. -Acha que vamos conseguir?

-Bom, não sei. -Ele responde com sinceridade. -Já comande guerras antes, muitas. Os resultados geralmente são fáceis de prever. Um exército estava num lugar mais alto, e ganhava. Ou tinha armas melhores. Ou um comandante mais frio. Ou mais mantimentos. Mas nunca fiz uma guerra de homens amaldiçoados.

-É novo para você, né? -Ela diz. -Uma guerra contra a nova legião é quase sentença de morte. Então ainda é bem previsível.

-É, mas é novo. -Ele diz. -E me dá raiva.

Almadell franze a sobrancelha. -Krauzher... Desculpe, eu não deveria ter te falado sobre Hemó e Amôfle, e todas essas coisas...

-Não é o Amôfle, e eu lhe agradeço por ter me falado. -Ele continua, olhando fixamente para o nada. -Eu só odeio ver que....

Ela tenta entender o que estava dizendo. Realmente, ela não era muito boa em ler as pessoas. -Você não deve nada pra ninguém, Krauzher. -Ela responde.

-Hm. -Krauzher tenta responder. Seus pulsos doem. "Eu não devo nada a ninguém." Mas seus pulsos doíam demais. -Mas você deve, não é? Eu vou te ajudar com estes demônios, sejam o que for.

-Ah, eu já me acostumei. -Almadell diz, sorrindo. -Eles falam algumas besteiras, me pedem coisas, e às vezes eu peço coisas para eles. Para pagar, tenho que matar, sacrificar, de preferência legionários. No geral, são tipo irmãos mais velhos. Eu peço, eles pedem, brigamos.

-Irmãos mais velhos... -Krauzher diz, olhando-a enquanto estranhava sua visão quanto a sua própria maldição. -O que você quer fazer quando acabar? Digo, com Seraphim, o Andarilho...

Krauzher pergunta, não muito pelo interesse, mas sim porque Almadell parecia feliz em responder coisas pessoais.

-Bom, -Ela pensa por um segundo. -Acho que o que eu já estava fazendo. A gente não percebe quando a gente tá "normal", a gente só gosta de estar "normal" quando a gente não está "normal", né? -Ela ri, a repetição parecia ter mais graça na mente dela.

-Não mesmo. -Krauzher pensa. Todas as lutas naquele período curto flutuavam em sua mente, os resquícios de Amôfle o fazia pensar nelas, ponderar o que poderia ter feito, que tática poderia ter usado, não saía daquilo. -Aquela barreira de Gabriel, porque ele não usou? -Ele se lembra, sequestrando as memórias da armadura.

-Ele tentou. É difícil sem o braço. Maiores tem bastante medo de Hexomancias como as nossas, legionários raramente tem, mas os Maiores... -Ela pausa por um instante. -Não dá pra comprar Hexomancia com dinheiro, né? -Almadell fala, e então seu rosto se torna mais sério. -É realmente a nossa única vantagem, se é que podemos considerar.

-Então é impossível sem os braços? -Krauzher questiona. Estava profundamente curioso, sua mente não conseguia se esquivar da batalha, mesmo com Miássio ativo.

-Não é impossível. -Ela responde. -Mas é bem difícil fazer Hexomancias complicadas sem encantamentos ou sinais de mão. Ainda mais um Mundo Conjurado.

-Você consegue?

-Não, acho que não. -Almadell fala. -Maior parte da minha força é emprestada, até algumas das minhas técnicas. Um mundo Conjurado tem as próprias regras, barreiras, lógicas, acertos, eu não sei se consigo fazer isso que nem o Seraphim faz. Não sem meus "irmãos".

-Irmãos... -Krauzher pensa. E lembrou-se de algo. -Matusalém me deu estes frascos.

Krauzher saca, no chão de trás de seu banho, alguns frascos.

-Ah, são Elixires. -Almadell diz. -O Andarilho não gosta, porque é estranho com as famílias. Mas a nova legião faz de tudo com nossos órgãos. Devem ter vários aí!

O tigre não concordaria em Krauzher usar a força de outro homem morto em um frasco.

Mas seus pulsos não gostam da ideia de largar uma possível fonte de poder.

-E o duelo de vocês? -Almadell diz, criando liberdade para rir. -Vocês são enrolados mesmo, hein!

Primeiro eu me machuquei, depois tiveram os treinos, depois ele se machucou. Mas eu ainda vou agredir ele.

Ambos riem.

-Se cuide, Almadell.

-Você também, Krauzher.

O Cavaleiro Negro, Capítulo 23.

Krauzher raramente tem boas noites de sono. Ainda mais antecipando o resgate. Ainda mais com o Amôfle no sangue, em sua saliva e olhos. Dormir é como desmaiar, mas intencionalmente. O que é péssimo. Krauzher não pode desmaiar. Muitas vezes acordava e se erguia sem perceber, instintivamente para que não desmaiasse.

De todo modo, tendo dormido mais do que quatro horas ou não, Krauzher tinha trabalho a fazer. A Palma Negra o aguardava.

Jurema gosta do frio vermelho da ruína. Seus músculos volumosos parecem formar calor em seu corpo. Krauzher a monta e partem. Estava, ainda durante a descida pela colina vermelha, contando o saco de moedas que recebeu. Uma precaução do Andarilho para tempos de guerra, encher os bolsos dos soldados.

Os cascos fizeram o mesmo barulho de afundar na lama durante todas as horas de viagem. Krauzher martela sua mente com o fato de que não visitou a Palma Negra sequer metade do que imaginava visitar. Era cansativo viajar pela ruína, ainda mais sozinho e guiando Jurema durante todo o processo. Seu corpo estava tão pesado, que nem mesmo ela o levava na mesma facilidade de antes sem Miássio.

Compartilhava com a égua as olheiras, as costas doendo e as mãos calejadas. Aliviou-a quando desceu, e olhou para frente. Chegou. A satisfação de vê-la era reduzida pelo ruído, mas ainda assim...

A primeira visão de Krauzher é linda. Parecia uma versão vermelha de sua antiga vila, o que trazia pensamentos de duas faces. Dada a reconstrução, as casas agora possuíam cobertura contra o calor, que estava bem menor pelo que Krauzher sentia. Ele se confunde, pois não tinha chamado inquisitores para reforçar a guarda. Apesar disso, por muitos foi agraciado já no portão, que agora era de fato um portal e muro de pedras, e não só uma cerca de madeira vermelha.

-Rei! -Romaro gritava, enquanto afundava os pés na lama com pressa. Em certo momento da corrida, enlenteceu o passo e franziu os olhos. Quando se aproximou o suficiente, continuou a correr. -Você voltou?!

-Romaro, meu nobre! -Krauzher diz, apertando-lhe a mão com firmeza. -Não me reconhece mais?

-Você está enorme! -Ele dizia, olhando para cima para enxergá-lo. Era possível ver seu peso, senti-lo através do aperto de mão. As tatuagens, mesmo poucas sendo visíveis, o confundiam, mas era um estilo intimidador que poderia ser útil, mesmo que sentisse delas e de Krauzher um sentimento misto e forçado de desconforto.

-Bom, certamente. O treinamento fez maravilhas. -Começaram a caminhar. E conforme o faziam, Krauzher virava o rosto por todos os lados, admirando os resultados do tempo de reconstrução.

Romaro não parecia guardar sequer uma gota de estranhamento pelo tempo de distância. Pelo contrário, parecia mais empolgado em falar para Krauzher sobre tudo que estava acontecendo.

-Temos alguns canhões ali! -Ele apontava, enquanto xingava alguns carnicais que foram os primeiros alvos. Pareciam carregados pelos amaldiçoados comuns da vila, chamuscadores que pareciam gostar do trabalho. E também outros, alguns que atraíam involuntariamente rochas e pedras pesadas eram úteis para defesas assim.

-E pelo visto temos visita também. -Krauzher dizia, olhando para grupos na distância, sorrindo e acenando. Cidadãos estavam felizes mesmo com sua ausência, já que estava tudo dando certo. E suas seguranças pareciam ser aperfeiçoadas por grupos de inquisitores que eram visíveis aqui e ali.

-Ah, sim. -Romaro fala. -Eles vieram do nada, disseram que o Andarilho os enviou e estão se hospedando aqui. Temos até uma pousada agora!

-Uau. -Krauzher fala. Sua mente oscilando entre o avanço que fizeram sem sua necessidade, o fato que o trouxe até aqui, e o quão bem estava a Palma Negra.

-É, e você não sabe do melhor, cara. -Ele falava, tinha um tom particularmente orgulhoso agora, mais do que antes. Krauzher olhava curioso, pois ele havia parado de falar.

-Sim, o que houve? -Krauzher dizia, a curiosidade o induzindo a rir também. -O que foi, Romaro?

Romaro parou na frente de uma casa particular. A qual bate na porta e chama o nome de alguém. -Querida, o rei! -Ele dizia, rindo. Krauzher começava a gargalhar, interrogando-o sobre o que era, enquanto começava a deduzir.

A mulher saía de dentro da casa, também sorrindo, como parte de um combinado. -Rei, eu vou ser pai!

-... Hahahaha... -Krauzher colocava as mãos nos joelhos, Romaro e a mulher começavam a rir. -Hahahahahaha

-Hahahahaha...

-HAHAHAHA! -Krauzher levanta Romaro com facilidade. -Romaro!

-HAHAHAHAHA! -O rapaz ria. Krauzher batia em suas costas enquanto o colocava no chão, cumprimentando sua esposa e a parabenizando. -Semanas de progresso e você não quis perder tempo, né?

Romaro e Marta, sua esposa, riem. -Sabe como é, né? Não existem mais televisões.

-O senhor aceita um chá? -A mulher dizia, rindo enquanto abria a porta.

-Eu vou organizar algumas coisas, mas vocês vão aceitar o que lhes tenho! -Krauzher falava enquanto partia.

-Rei, o que é isso?! -Romaro questionava, enquanto olhava para Krauzher, que ria, e começava a rir também. Sua esposa olha pasma, enquanto homens, mulheres e crianças começavam a rodear sua casa.

-Hoje é dia de Romaro e Marta, rapaz. Me agradeça depois! -Krauzher dizia, pegando um copo de whisky com os garçons que viam caminhando rapidamente e partindo. As pessoas começavam a armar mesas, pegar bebidas, barris de vinho, café, whisky e incontáveis bebidas, comidas nobres. Estavam inundando, com respeito a casa deles, os arredores, festejando e deixando claro como todos conheciam e se alegravam com a conquista de Romaro e sua dama.

-Romaro! Seu garanhão! Venha aqui agora pelo amor de Deus! -Algun homem, já quase bêbado, gritava.

Eles sorriam, agradecendo Krauzher silenciosamente, e se olhavam antes de partir para a dança que se formava em vários círculos.

Krauzher sorria até a porta da sala de comando. Assim que entrou, desligou o Miássio. O recuo do metal automaticamente atingiu sua mente enquanto se sentava no chão ao lado de sua enorme cadeira, que não confortava mais seu peso. Krauzher encara, sentado no chão, a parede à sua frente. Ele suspira fundo e pesado, a ferrugem tomando parte do chão ao seu redor.

-Meu Deus...

A noite passou rapidamente, Krauzher decidiu dar-lhes tempo, dar-lhes ao menos alguma coisa boa antes. E então, chamou Romaro de sua casa, e caminhava com ele pela vila de volta para a sala de comando. Alguns homens retiravam as mesas, cadeiras, bebidas e restos de alimento enquanto a festa, após muitas horas, se desmanchava aos poucos. O povo parecia sorridente, assim como Romaro, que mesmo cansado, parecia nutrir uma satisfação provinda do pós festa. Deixou sua esposa dormindo e o acompanhou. Tanto era o conforto, que a vila estava quase retornando ao frio novamente. Tinham barracas de símbolos e produtos culturais da antiga vila da brasa, e novas forjas com armas frescas

saindo para viajantes e guardas. Caminhavam para dentro enquanto Romaro apontava uma ala médica fresquinha, e dizia o quão bons eram os cauterizadores graças à maldição comum da palma negra. E cuspiam incontáveis outras informações. Krauzher, depois da realização inicial, o ouvia com olhos fixos.

Sentaram-se à mesa de comando. Serviçais trazendo chá e pão para os dois. Krauzher aceitava, mas ainda não comia. Ele dispensava os serviçais e comandava que fechassem a porta. O sorriso de Romaro, enquanto mastigava, era substituído por preocupação sutil, mas seguia falando.

-E fizemos o muro de pedras, e você tinha que ver a cara dos ladrões, eles não sabiam que tínhamos olheiros, cara, a gente fez até uma prisão para eles. Eu vou açoitar a bunda daqueles..... Rei?

Krauzher não encostava na xícara. Ele olhava fixamente para Romaro.

-Romaro. Estamos em guerra.

-.....Ah, sim. -Seu sorriso desiste. Ele encara a mesa por alguns instantes, incrédulo.

-Contra a Nova Legião?

-Sim.

-Nós... Temos alguma chance?

-Talvez.

-Vamos ter que lutar, não é?

-Me perdoe, Romaro. -Krauzher dizia, com mais culpa do que deveria.

-Não é sua culpa, senhor. Eu só estou... -Suas mãos tremiam. Sua cabeça parecia carregada. Pensamentos voavam, perseguindo uns aos outros em círculos, uns tinham a face de sua esposa, outros a de seu futuro filho ou filha, outros tinham a face de sua casa. Outros tinham a face de chamas. E eram estes os que perseguiam os outros.

-Aconteceu em Hemó. O Andarilho e o General estão presos. Eles declararam guerra sem sequer declarar. Vamos ter que lutar. Nem sabemos porque não atacaram a ordem ainda, ou aqui... -Krauzher lhe dá uma pausa, pois parecia estar ainda imerso.

-Eu vou falar com os soldados. Obrigado por me contar, senhor.

Na madrugada, Krauzher acordou. Sua mente pareceu colidir com a de Romaro, e os escombros da mesma se infiltraram na sua. Ele não estava tão preocupado, tão receoso, até se lembrar do que tinha em jogo. Do que aconteceria se perdessem. Do que aconteceria se fossem subjulgados. Não podia acontecer de novo. Quase ninguém estava acordado, somente a autora de tudo, a lua.

Krauzher escreveu um bilhete. Era grande, pois tinha localizações, instruções, comandos e horários. Com isso ele se poupou das caras que veria. Da desgraça que teria causado. Da ferrugem que tomava suas correntes. Ele passa em uma forja, coletando inúmeros metais para seus truques, que não podiam de forma alguma falhar. Ele precisava de todos. Colocou sua grande bolsa preta de couro em Jurema, e partiu. No silêncio absoluto e esmagador da ruína vermelha, acompanhado apenas pelo barulho dos cascos que afundavam na lama. Durante a viagem, Krauzher olhou para a lua e suspirou, baixando de novo a cabeça. Jurema sentia dificuldade de carregá-lo.

De cima, o exército da ordem parece minúsculo. E realmente era. Não era cabível retirar os homens que estavam na cúpula, visto que nem se sabe porque a Nova legião não a atacou ainda. No último andar da torre da inquisição, Krauzher os via encolhidos, banhados em névoa e lama vermelha. Eles não eram tolos, Krauzher pensava, pois tem os mesmos motivos que ele para terem qualquer confiança nesta batalha. Ele saca sua grande bolsa negra de couro, e termina de colocar seus pertences.

Krauzher prende a focinheira negra em seu rosto, os cristais de Amôfle injetando em sua mente o barulho insuportável que o estressava e lhe tirava a paz, mas o mantinha pesado e resistente como nenhum outro homem. Suas tatuagens ardiam, lembrando-o das emoções que não se pode esquecer em uma luta. Sua capa negra falhava em esconder sua gigante clava de Amôfle, que incomodava e amplificava até aqueles que se aproximavam. Em bolsas de couro, havia tudo o que ele precisava. Amôfle, Miássio, Niquião e Aficro dissolvidos, todas as suas quatro formas básicas seriam reforçadas. E é claro, seu novo truque, que pegou nas forjas da Palma Negra também. E de relance, Krauzher pondera se deveria incluir outro integrante. Ele tocava e estudava o metal do Sangue, Hemó. Até concluir que, apesar dos contrapontos que Almadell apontou, ele tinha certeza de que valia a pena.

Os homens que vieram com Romaro pareciam abatidos, um senso de desânimo os tomando. Pessoas que estavam em uma página, e foram arremessados em outro capítulo. Krauzher não podia deixar que aquilo se estendesse. Sempre que via o semblante cansado e abatido de Romaro, ele inflamava o Amôfle em seu estômago.

Eram guiados e instruídos por Marvyn, na distância. Almadell parecia entregar-lhes Elixires e metais, guiar suas Hexomancias particulares, já que tinham incontáveis tipos de maldições ali. Todos estavam fazendo algo de útil, Krauzher também iria.

"É por eles, por eles que estou fazendo." ele pensava, O tigre o encarava da porta da torre, lambendo os dentes. Krauzher salta da janela, seu corpo pesado e enferrujado não sofria com o impacto, mas a lama tremia, e árvores deixavam folhas e galhos caírem.

-É o Krauzher! -Jin dizia. Quando Krauzher desce a colina da torre da inquisição, todos, incluindo os soldados, estão à frente dela. Soldados amaldiçoados se preparavam.

Krauzher via a multidão, que de baixo parecia muito maior e menos insignificante. Soldados amaldiçoados acoplavam armas aos cavalos, também amaldiçoados. Eles riam, se cumprimentavam e falavam excessivamente. Krauzher reconhece a euforia que vem antes da guerra. Uma tendência a ansiar pelo trabalho que mais condenava conforme ele se aproximava. Aqueles homens não eram tolos, Krauzher também sentia aquilo.

Krauzher se aproxima de Romaro, que estava retraído enquanto recebia orientações de Marvyn junto dos outros homens. -Nós vamos conseguir, Romaro. -Ele diz, com a mente ainda lotada de culpa. Porque ele propôs trazê-los? -Obrigado por ter vindo.

Ele acena silenciosamente, apertando a mão e batendo no ombro de Krauzher. -Obrigado, senhor.

-É o Krauzher? A gente ainda quer ganhar isso? Quem chamou ele? -Matusalém diz, rindo enquanto amolava sua espada e se aproximava. Ainda parecia levemente abatido pelas feridas, mas se esforçava e permanecia de pé, auxiliado nos últimos dias pelos Hexomantes da ordem.

Com o ruído em sua mente, Krauzher quase soca a cara dele, mas interpreta o que ele disse e se segura, começando a rir. -Muito engraçado, branquelo, achei que tinham te aposentado.

-Não, graças a mim! -Gabriel falava, esbanjando suas capacidades ao remexer seu corpo, que tinha ossos de muitos homens que não eram ele. Ele imbuía morte nas lâminas de

vários inquisidores e fechava, com sua reversão, as feridas daqueles que as tinham. Provavelmente adoeceriam depois, mas é um preço a se pagar.

-Então estamos todos aqui. -Krauzher fala. -Se formos morrer, não será por falta de preparo.

-Certamente não, caro Krauzher. -Jin dizia, movendo as mãos como um líder de orquestra enquanto erguia homens em plataformas de pedra, as quais deu alma, vida e ordens. -E digo-lhe mais, meu nobre.

E então Jin parte para cochichar o plano para Krauzher, e a função do general de aço na invasão. O exército tinha dez tipos de amaldiçoados diferentes, com diferentes maldições. Pedreiros, olheiros, visionários, clientes, quimeras, demônios, intensificadores, ponteiros, criadores, faladores, vigilantes, chamuscadores, estas e incontáveis outras maldições eram usadas pela ordem. Até mesmo o sinal de recuar e avançar era dado por um homem condenado a falar e ouvir imagens, um "mensageiro". Almadell guiava cada Hexomante a cumprir sua função no plano. Este é o triunfo da ordem. Jin explica o plano.

-Hm. -Krauzher sorri enquanto ouve Jin, que também sorria, cochicar. -...Hahahahaha... HAHAAHAHA -Krauzher e Jin começam a gargalhar, levando ao riso tímido de Almadell e Matusalém, o riso bárbaro de Marvyn, de Gabriel, e logo, de inquisidores, que contagiavam ainda mais inquisidores. Logo, todo o exército estava rindo. -É perfeito! Hemó vai morrer. Centenas de soldados, guiados por Marvyn, Almadell, Krauzher, Jin, Gabriel, Matusalém, começavam a cavalgar rumo à cúpula do sangue de Hemó. E junto dos mais de quinhentos inquisidores, a Lua também riu.

-Você está pronto, Phim?

-Sim.

E então, a perseguição começou.

-Ah! O que é aquilo!? -Um homem grita em desespero. Seraphim e Andarilho emergem das sombras de um beco e saltam rumo ao homem. Algo de longe, que não os instintos dele, age. O corpo nú, que parecia repelir não só roupas que vestisse, mas também o chão e os dois agressores, desaparece, re-aparecendo metros adiante.

Seraphim xinga, tomando cuidado na mitigação. -Na coleira! -Ele aponta rumo a coleira de Aficro que o homem vestia. Ele estava em desespero, e começava a se desaparecer e aparecer, cada vez mais longe.

-Eu sei. Mas temos companhia. -Andarilho usa sua visão especial. Seus olhos dançam pelos arredores. Estavam no topo de vários tetos cinzas e planos de prédios, não acessíveis pelos tubos metálicos que conectam tudo em Hemó. O gás vermelho da névoa cobria deles certas partes, mas os gritos do homem começaram a chamar reforços. Não eram nenhum deles, o Andarilho deduz, dando a Seraphim um olhar de negação. O Olheiro que o ajudava deveria estar longe, muito longe.

Brutos, vigilantes e Baús emergiram, rasgando a névoa que saía das altas construções e nelas subindo, o resto dos atacantes era trazido nos braços pelo alto salto dos brutos. Eles grunhem e avançam rumo aos dois homens.

Os baús eram pequenos e desarmados, mas ao amplificar, usavam os fuzis, pistolas e flechas que criaram. O curso flutuante delas indo em direção aos dois. Seraphim sussurra, e as flechas desviam seu curso, como se tivessem ficado loucas.

Ambos começam a correr rumo a suas salvaçãoes, o encoleirado que se teletransportava cada vez mais longe. Não era dificuldade alguma alcançá-lo, o Andarilho tocava Seraphim e compartilhava algo com ele, e com isso, em frações de um segundo, alcançaram o homem.

O Andarilho parte para cortar a coleira, um ataque preciso de mão que não machuca o rapaz. Ele acerta. Mas o rapaz é lançado para longe quando a mão do Andarilho atinge um campo de força que estava ao redor de seu pescoço. O Andarilho xinga enquanto o rapaz atinge a parede e se atordoa.

Os tiros dos Baús avançam novamente. Os vigilantes imbuem nos dois o medo que geravam, e reverteriam a sensação em seus aliados, trazendo coragem e ânimo para persegui-los.

Seraphim parte para sussurrar, mas estava cansado. O Andarilho acena para que ele pare. Ele move as mãos e permanecem parados. Todas as balas os acertam. Mas se paralisam no ar ao redor deles. O Andarilho sorri, apesar de verem que não será possível usar seu quarto plano de escape.

Os homens são atingidos por uma porção voadora, veloz e invisível de ar, que era dura como pedra, arremessando-os e nocauteando-os. Ambos fogem.

Escondidos em um beco, o Andarilho ocultava a presença deles com suas capacidades. Era o mesmo beco que fizeram de esconderijo, com alguns restos da comida que roubaram de uma loja.

-Eles pensaram em tudo. -Seraphim diz, recostando-se na parede e fumando um cigarro, também roubado. Bom voltar aos velhos tempos.

-Era de se esperar. -O Andarilho responde, comendo uma rosquinha. -Quando viemos, eles já tinham planejado nos prender. Não tem um amaldiçoado que possa nos ajudar e que não esteja com cinco outros amaldiçoados o ajudando.

-É fácil fazer um negócio desses quando é tudo escravo. -Seraphim diz, cuspiendo fumaça.

-É, acontece. -Andarilho reconhece. Ele encara as próprias feridas, com seu cansaço elas doíam mais e fediam mais. -Ai ai, Seraphim. Fique de boa, a gente vai resolver isso.

Ele se encosta na parede, paciente. Rindo ao pensar o que faria em dias antigos caso estivesse nessa situação antes.

Seraphim teima em admitir. A ideologia legionária era impecável. Ele encarava as muralhas de Hemó na distância, até mesmo o céu ao redor delas era coberto de homens barreira, que tinham coleiras com outros homens barreiras. Ele encara o buraco que cavaram, também inútil, dezenas de pedreiros intensificavam a dureza das rochas próximo as muralhas. Ah, sim, e também tinham barreiras abaixo do chão.

Não conseguiam capturá-los, é claro, não com o Andarilho ali, mas também não poderiam sair. Seraphim estava começando a se cansar. Não podiam dormir por muito tempo e nem descansar a mente para que suas Hexomancias se organizassem. Manipular maldições cansa, aumentar um sentimento, ou tentar convencer-se de que está sentindo o contrário dele é algo que consome rapidamente. O Andarilho não parecia sofrer deste problema, mas ele também já parecia... Estressado. Seu sorriso confiante era substituído por uma expressão constante de chateamento.

-Você acha que vão vir nos buscar? -Seraphim questiona, pisando no cigarro.

-Eu espero que não. -Ele responde.

-A gente tem que lutar. -Seraphim o chama pelo nome. -Estão humilhando a gente.

-A gente tá se saindo muito bem, na real. -O Andarilho ri. -Ainda não nos pegaram, e nem parece que vão.

-Eles nem querem nos pegar. Quanto mais tempo ficarmos aqui, melhor para eles.

-Realmente. Mas eles vão saber se virar. Vão saber que devem nos deixar e se esconder.

-O Andarilho fala, colocando a mão no ombro de Seraphim. Ele desaparece, voltando segundos depois com um baralho de cartas. Seraphim suspira, mas se senta no chão imundo, assim como suas roupas e rosto, para jogar. O Andarilho sorri.

-Também posso jogar, rapazes?

Seraphim aponta sua lâmina ao vento, Andarilho saca sua espada e estava prestes a voar com Seraphim.

-Calma! Calma ! Calma! -A voz diz, saindo da névoa. -Sou eu, o Jin!

-O que?

-Vocês não acharam que íamos nos esconder e deixá-los aqui, acharam?

O Andarilho cobre o rosto com as mãos e suspira fundo. -Vocês tem que voltar, vocês não podem vir nos buscar.

-Já estamos fazendo isso, meu caro. -A voz de Jin fala. Seraphim percebe porque ele não conseguia ver Jin. Uma de suas sete maldições o permite ver os espíritos Daemonicos que regem as maldições, mas isso não inclui... -Mas fique tranquilo, não somos tolos, temos um plano, se aproximem. -A alma penada dizia, sua voz sem origem se aproximando deles. Enquanto ouvem, Seraphim e Andarilho sorriem. Eles olham um para o outro, sacando suas lâminas. -Hah! Vocês enlouqueceram.

Eles saem do beco, totalmente revelados. Os civis que subiam os tubos de metal os encaram por alguns segundos, começando a gritar em desespero depois. Vigilantes se aproximavam, tentando os aterrorizar.

-Guardas, Explodam! -Braços, pernas, ombros e estômagos dos Vigilantes explodiam conforme Seraphim gritava. Seraphim se satisfazia, eram sempre incrível ver legionários morrendo, mesmo os que só estão cumprindo ordens.

O Andarilho movia a mão, e uma das pontes metálicas começava a ranger. Ela range por tempo suficiente para que as pessoas que lá estão gritarem e entrarem nas casas e vendas que se conectam. E então, com um mover de mão, a ponte cai. O metal e destroços esmagando e transformando carroagens paradas em pilhas de madeira. Brutos se aproximavam, saltando em alta velocidade rumo a Seraphim, e o agarram pelo pescoço. Mas começam a sentir o absurdo frio que sai de sua pele, e os três deles que o agarraram ao mesmo tempo começam a gritar e se afastar, congelando em terror e dor. O Andarilho pega um pela cabeça, e começa a usá-lo de abanador, arremessando com uma força inumana os outros.

-Não exagera! -Seraphim falava, não quanto aos legionários, mas sim olhando para as feridas dele.

-Relaxa. Eles chegaram. -O Andarilho olha enquanto os soldados que os atacavam começam a se dispersar, um grande sinal indicativo era gritado por um mensageiro. A muralha estava sendo atacada. A Ordem da Luz chegou. O Andarilho sorri.

O Cavaleiro Negro, Capítulo 25.

Segundos antes, Jin se aproximava com todos os inquisitores. A gigantesca muralha de Hemó se estendia rasgando a névoa vermelha. Dezenas de olheiros, fuzileiros, baús e barreiras, maioria protegidos por outros Hexomantes remotos. Eles os avistam, não era intenção se esconder, começam comunicação, começam a se mover e se organizar. Os baús se posicionam, fuzis e lanças surgem e rasgam o vento rumo aos inquisitores. Almadell dá um passo à frente, retirando a capa que cobria sua pele azulada, era uma sequência perigosa, difícil de se recuperar. Mas ela sussurra. Um de seus olhos, com várias pupilas, começa a despejar olhares em variadas direções, ela entrega ao olho que domina as outras pupilas vinte de seus anos. E conforme seus órgãos apodreciam por dentro,

consumidos como pagamento, ela erguia as mãos. Cabeças de diabólicas surgiam meio ao ar, abrindo as bocas de dentes afiados e longos para engolir, mastigar, bloquear ou partir os projéteis.

Marvyn posiciona os homens à frente da muralha, próximos o suficiente para que o ângulo para atingi-los de cima se tornasse escasso. E, ao lado do grande portão, não poderiam ser atingidos de fora.

Jin reverte a forma com a qual suas emoções se alocavam, e sorri ao perceber que seu plano estava certo. Ele olha para inquisitores que estavam atrás deles, acessando em suas almas a aura necessária. E erguia as mãos.

-Mundo Perfeito. -A redoma surge. Ela consome rapidamente parte dos inquisitores e engloba a muralha, prendendo e restringindo os olheiros e barreiras de cima. Jin não via mais as almas dos seres naturais, dos homens à sua frente. Ele via cores meio ao céu, e entende o que origina suas capacidades. Ele vê espíritos, almas de cores inexistentes, que não eram nem azul, nem vermelhos, nem verdes. Eles saíam de cada homem ali, sejam os legionários como os inquisitores. Também eram movidos como um vento imaterial quando eles manuseavam sua Hexomancia.

Movendo uma das mãos e visualizando as cores que saíam dos homens barreira, Jin usa a extensão de sua redoma. O toque dela se estendia por todos dentro dela, e ao fazê-lo, todos eles tiveram as cores expulsas, como se abanadas por uma lufada de vento.

Jin sorri. Os inquisitores se enchem de euforia e bravura quando vêem. A barreira de Hemó cai.

Jin mantém seu mundo por muito mais tempo do que antes conseguiria, os inquisitores atrás dele oferecendo suas auras. Logo, quando os inquisitores se vêem também presos em seu mundo, ele enfraquece as cores de sua barreira, mas somente na zona que dá acesso ao grande portão de madeira de Hemó. Os homens de cima da muralha seguiam incapazes de descer de forma segura sem esbarrar com Inquisitores. Mas os inquisitores, quebrando a parte enfraquecida, trespassam a barreira.

Instantaneamente, Krauzher, Almadell, Matusalém, Gabriel e Romaro disparam para dentro da cidade do sangue. Dividindo-se instantaneamente em grupos.

Gabriel corria para dentro da cidade. Ao seu lado, voavam uma orelha, um olho e uma boca, provenientes de Jin, ele informa a orelha que está a caminho, e a boca voa rumo a Matusalém e Romaro, guiada pela visão astral que Jin forneceu ao olho flutuante. Havia civis em completo terror, escapando das pontes metálicas e descendo os prédios se esmagando contra as multidões. Vigilantes tentavam conter o povo e jogá-los para suas casas. O exército legionário ainda não estava no meio da grande e larga via principal, que partia do portão de Hemó e continha o principal movimento de civis e carruagens. Mas incontáveis civis atrapalhavam o curso de guardas e Hexomantes, Gabriel se misturava entre estes civis. Os guardas sequer o viam, e se viam, não conseguiam trespassar a multidão para alcançá-lo.

Com um surto de reversão, sua perna explode em vitalidade, dando-lhe força para saltar para cima de um telhado. Neste telhado, Gabriel seguia saltando com sua reversão. Se apoiando nas pontes metálicas e contornando os prédios que encontrava. A boca que enviou retorna, e, ao chegar ao topo de um dos prédios, encontrou seu destino e a chave do plano. O posto de um Teletransportador.

A Maldição do homem se ativa com a vinda de seu medo, ele grita, e com o grito, evapora e se forma metros adiante.

-Espere, camarada! Não vou te machucar! -Ele diz, seguindo aos pulos em direção ao homem. Com o caos, os demais grupos de legionários partiam para conter a multidão nas ruas, só assim o exército legionário poderia passar e expulsar a ordem. Gabriel aproveita a fragilidade para perseguir o homem sem problemas. A Hexomancia dele não parecia refinada, por isso, os saltos reversos de Gabriel podiam acompanhá-lo conforme ele surgia de teto em teto, e de ponte em ponte.

Mesmo quando surgia dentro de alguma casa ou estabelecimento, Gabriel acionava seu imbuir, mas somente parte dele. Ao tentar imbuir morte mitigada, Gabriel detectava os alvos válidos, obviamente, somente os vivos, e não os feria graças a mitigação. Apenas uma leve sensação de frieza no corpo dos detectados. E via o desespero do homem quando tentou se esconder em uma loja. Gabriel pula com uma voadora de dois pés para dentro, estilhaçando vidro e aterrorizando os civis que se escondiam.

-Olá pessoal, eu sou Gabriel, o esqueleto... -As pessoas gritam em desespero e o homem some de novo, Gabriel segue o perseguindo.

-É inútil, -Ele pensa. O homem claramente não conseguia fugir tão bem. A coleira reagia sempre que Gabriel tentava o pegar, ativando sua maldição contra sua vontade. -Até que sucedam, não vou pegá-lo.

Matusalém e Romaro correm cúpula a dentro, acompanhados também por uma boca, orelha e olho flutuante. A multidão os atrasaria em horas até que chegassem em seus destinos. Mas para isso foram separados eles dois para o trabalho. Matusalém parou em um dos becos que conseguiram entrar, dezenas de civis assustados os assistiam, mas eles não se importam.

-O que vamos fazer?! -Romaro questionava, em completa tremedeira e suor, ele tinha que voltar para casa. Aquilo não era para ele.

-Vai ter que confiar em mim, parceiro. -Matusalém amplifica. Sua maldição, a qual constantemente mitigava, se revela. Não a que sussurrava para que cometesse o mal. E sim a que mudava seu corpo. Ao amplificar, ele o transforma ainda mais. Ele retira sua capa enferrujada e a joga no chão. Suas costas nuas e brancas agora tinham espaço para rasgar a pele e formar músculos. Músculos que cresciam em forma de asas. Matusalém gritava de dor, os civis no beco estavam horrorizados, e Romaro estava ainda mais do que eles. Ao fim do agonizante processo, Matusalém agarra Romaro e, em um salto absurdo, voa para cima.

Seu corpo não era feito para isso. Não com a baixa amplificação que gerou. Mas as asas o permitiam saltos enormes e quedas lentas. Ele salta de ponte metálica em ponte metálica, trespassando os prédios alimentados energeticamente pela névoa. E minutos depois, eles estavam lá. A central de comando Hexomante.

-Nós chegamos, Gabriel. -Matusalém informa a orelha, que faz a boca e olho partirem rumo ao esqueleto.

Na torre de rádio legionária, Hexomantes que tinham Atração elétrica e Interferência analógica residiam. Estavam imersos em caos. E rapidamente a ordem surge de Victor Nathanael, O Maioral.

-Chamem reforços agora mesmo.

Eles obedecem, e começam a mover seus esforços de modo a guiar, com Hexomancia, os mecanismos da torre a fim de clamar ajuda.

Almadell voa acima da torre. Estava em cima da cabeça de um demônio enquanto sussurrava, negociava, persuadia e executava sinais de mão. Ela ergue olhos determinados

rumo à torre. Suas mãos tremiam e sua voz falhava. Mas ela se ergue, e com um sinal de mão, sua expressão muda por completo.

-CATÁSTROFE! -E os demônios obedecem. Uma fenda no espaço acima da torre surge, despejando das dimensões Beliatricas um meteoro de sangue ácido que caía em velocidade absurda. A torre estava a um botão, um movimento de chamar por reforços e acabar com a ordem. Porém, antes disso, são esmagados e explodidos para longe da existência. A torre despenca, levando junto consigo um prédio lotado de civis. Os escombros, rochas, pontes metálicas caem, atingindo dezenas de homens, mulheres, e crianças que foram incapazes de fugir a tempo. Almadell retorna a sua expressão. Instantaneamente se arrepende e cai de joelhos sobre o demônio que a permite vôo. Lágrimas escorrendo de seus olhos povoados de entidades. Ela chora em voz baixa, o aperto que seu coração estava dizia que não, não valia a pena. Mas era o ofício da guerra, de defender seu povo. O demônio o qual paga aparece ao seu lado para consolar suas lágrimas. As outras cúpulas legionárias trabalhavam tranquilas, sem saber do que acontecia em Hemó.

Krauzher se posiciona a frente de todos. Atrás dele, centenas de homens comandados por Marvyn. Homens que ele tinha o dever de proteger e ajudar. Krauzher sorri. Vigilantes, brutos, chamuscadores e baús ainda dispersos pela multidão avançavam em sua direção. Seu propósito era um só, dar a eles um motivo para não poder sair do portão. Os homens disparavam suas armas, que contra Krauzher despejavam faíscas, e não sangue. Krauzher retira sua capa e ergue a gigantesca clava de Amôfle conforme os inquisidores partem para dentro de Hemó.

Os homens se jogam em legionários, degladiando-se ao arrancar tripas, sangue e gritos uns dos outros, por meio de tiros e empalamentos. Civis eram pegos no fogo cruzado e eram degolados por uma lâmina desviada ou mortos por um tiro perdido. Homens também partiram rumo a Krauzher, e o rodearam em segundos com dezenas de brutos que tentavam o danificar, e o atingiam com dezenas de cortes, pancadas e tiros. Todos inúteis. Krauzher ergue o metal do Sangue, Hemó, e o engole.

Os homens que cercavam Krauzher hesitam em medo ao ver a insanidade que cometia. O metal tremia dentro do estômago do General de aço. Krauzher imbui sua maldição em si mesmo, selecionando o metal que agora era também parte dele. O sangue contido na rocha infiltra seu corpo, alterando a composição química de seu ser. Krauzher gargalhava, mas seu riso também era mesclado a gritos de dor e de agonia. Seu corpo crescia duas vezes seu tamanho comum. Pelos vermelhos e metálicos emergiam de sua pele, consumindo seu corpo conforme o metal transformava seu sangue em sangue de criatura da lua. Marvyn comandava o exército e o encarava enojado, mas reconhecia. Aquilo não era mais o Krauzher.

Krauzher agarra um dos brutos que tentava socá-lo. Segurando sua cabeça e amassando-a com uma mão. Um baú criava um fuzil que cuspia centenas de balas em Krauzher. Sua pele metálica as absorvia. Alguns projéteis conseguiam ferí-lo um de seus órgãos foi destruído por uma bala, mas logo, as vísceras se fundiram. Sua carne expulsava as balas de dentro do corpo, e fechava-se entre si logo após. As unhas e dentes afiados que Krauzher formava foram usados para empalar o estômago deste baú, fazendo suas tripas escorrerem na palma da mão de Krauzher. Ele gargalha. Apesar de estar sendo constantemente transformado, Krauzher estava consciente, pois focalizava mitigação de maldição em seu cérebro, impedindo que ele fosse transformado permanentemente. Mesmo consciente, aquilo era um deleite. Ele sorria pois nunca tinha tocado em tanto poder. Era esta a solução

para suas dívidas, a proteção de suas correntes. Como um tigre, Krauzher despedaça cada homem que se aproximava. Não era por mais ninguém, era por ele.

Dezenas de homens reconhecem o perigo que Krauzher oferecia. Os inquisidores comuns eram abandonados por seus inimigos, que corriam todos rumo a Krauzher. Um Vigilante teve a boca perfurada por uma unha, vomitando comida e sangue. Um pedreiro tentou atirar uma enorme rocha tirada do chão em Krauzher, e acerta, causando momentânea confusão e abalo. A visão de Krauzher estava preta e ele perdia a força no corpo, permitindo que muitos ataques o acertassem, seu sangue cai no chão e seu corpo começa a ruir, mas o sangue de criatura regenera seus ossos quebrados pelo impacto e reconstitui sua consciência muito, mas muito antes de cair.

Ele sorri ao ver que nem aquilo podia fazê-lo desmaiar. Ele alcança o pedreiro, que se preparava para disparar de novo. E segura-lhe por ambos os braços enquanto ele gritava de desespero.

-ESPERE, EU ME RENDO! PELO AMOR DE... -Ele foi partido ao meio pelos dois braços. Suas tripas e órgãos caindo como um ovo quebrado despejando sua gema ao ser partido. Krauzher, banhado em sangue, olha para os outros homens, lambendo os lábios como um animal.

Romaro imbuí sua maldição ao ar que estava ao seu redor. E com um movimento de mão, a rajada de cortes guiados pelo vento parte a parede do Centro de Comando Hexomante. Foram inúteis todos os amuletos que protegiam o local, graças aos Elixires que Matusalém lhe deu. Um buraco se formou, dando-lhes vista ao interior da grande construção em forma de prédio. Tinham homens. Olheiros na frente de poças de sangue amaldiçoado. Eles colocavam as mãos nas poças e gritavam ordens.

Romaro recua. Como soldado, já teve facilidade maior em matar. Mas ele olhava para aqueles homens com outros olhos. Suas mãos tremiam. Ele hesita. Matusalém também estava no mesmo barco. Mas havia um dever a ser cumprido. Uma guerra a ser vencida. E um povo, que não teria pena deles, a ser morto.

Matusalém cessa sua reversão, e imbuí sua maldição amplificada a Romaro e a si mesmo. A ânsia, o desejo por destruir, a revolta contra a legião e tudo que a rege. Aqueles não eram mais homens, eram peões que se deixavam mover por uma engrenagem de morte e escravidão. Toda a raiva, toda a revolta, a fúria, toda ferida que já sofreu se abre e jorra sangue furiosamente. Matusalém amplifica ainda mais. Não só as asas o acompanham agora. Romaro se assusta e recua em choque, pois o corpo de Matusalém crescia inescrupulosamente. Os homens dentro da construção corriam, brutos e baús se aproximavam. Eles dispararam, e os brutos começaram a esmurrá-lo com força absurda. Mas seu corpo havia se transformado num acúmulo de carne branca e sangue, que se distorcia assim como seus gritos de dor. Seu tamanho cresce absurdamente, ele era colossal, superior em tamanho mediante a um prédio médio. As escamas que o tomavam consomem seu corpo, crescendo em espessura junto com sua pele. Os dentes afiados crescem em sua boca réptil, suas patas esmagam um dos brutos, tornando-o em uma poça de sangue e tripas comprimidas. Matusalém, o dragão branco, pisoteia o centro de comando. De forma que nenhuma Hexomancia legionária poderia conter. Romaro, dominado por uma depravação inominável, parte a cabeça dos homens que tentavam acertar Matusalém com tiros, e corta no ar as pedras que Pedreiros lançavam. Os escombros voam e atingem casas, prédios e lojas. Corpos voando delas após cada impacto. Matusalém ri. Era difícil manter a consciência. A ira de sua maldição tornava difícil até que ele a revertisse de novo. Porque reverter sua maldição da maldade se você é

mau? A sala de comandos cai conforme dezenas de homens são esmagados e cortados e lutam em vão contra a ameaça. Incontáveis guardas e soldados que vinham dos quartéis desviam seus caminhos. A intenção era dar de encontro com o exército Inquisitor e esmagá-lo. Mas eles são obrigados a desviar rumo à torre de rádio e ao centro de comando. Matusalém segue a destruição.

Krauzher foi atingido por uma ponte metálica inteira. Ela explodiu ao seu redor, e amaldiçoados como ele a amassaram ao seu redor, esmagando-o até a morte. É o que aconteceria se ele não regenerasse todo o seu corpo. E expulsasse a ponte. Ele então imbui, somente ao seu braço, um dos imãs que consumiu. Movendo-o. Amplificando sua maldição, o imã se torna ainda mais imã. A ponte começa a flutuar, os ponteiros que o assolavam gritam em terror antes de terem as tripas e membros espalhados pelo chão de Hemó.

-É incrível! -Krauzher grita, comendo uma das pernas dos inimigos. O que descobriu ser capaz de regenerar-lhe e dar-lhe ainda mais força nos músculos. Ele estava consciente, mas o Hemó em seu estômago aplicava-lhe um sentimento indescritível. Uma fome. Ele não pensava em nada fora de Hemó. É assim que as criaturas se sentem? Então elas não estão erradas.

Uma explosão sem precedentes acerta Krauzher. Os fragmentos são arremessados, entrando na garganta e estômago de incontáveis inquisidores. O impacto arremessa Krauzher na distância. E enquanto estava no ar, outro disparo o atinge. Repetindo-se outras três vezes até que ele é jogado na muralha da cidade, perfurando as pedras do muro com seu corpo pesado.

Sua visão estava turva. Seus órgãos estavam destruídos e revirados por dentro.

Fragmentos perfuravam seus ossos e coluna, paralisando-o para a vida toda. Mas seu corpo expulsa cada fragmento, e reorganiza sua carne quase que instantaneamente. Ele consome outro pedaço de Hemó, o metal do Sangue, ainda preso à parede. Seu último pedaço. Mas ele sorri. Pois sendo feio de Hemó, ele imbui sua maldição em uma pedra do muro. O homem do metal Hemó transforma a pedra em si mesmo, ele cria outro fragmento e o consome.

Outro míssil vinha. Krauzher imbui sua mão com imãs e se arremessa para cima em um vôo súbito e veloz, esquivando-se da explosão. Acima da muralha, ele imbui imãs nos brutos e olheiros que tentam o cercar, arremessando-os para cair de cabeça na lama e morrer.

Outro míssil vem. Krauzher estava pronto para apará-lo. Mas o míssil subitamente muda de direção, indo rumo ao ar e explodindo. Foi uma ordem.

Seraphim pousa ao lado de Krauzher na muralha, reconhecendo-o não pela aparência, é claro.

-Olha, tu soube se virar. -Ele diz, sorrindo e tragando um cigarro.

-Eu tenho meus truques, Seraphim! -Ele fala, gargalhando.

Naquela noite, o exército da ordem dependia de dois homens.

Krauzher e Seraphim pulam rumo ao atirador dos mísseis em velocidade descomunal.

-Volte aqui, meu amigo! -Gabriel dizia. Ao receber o sinal de Matusalém, ele amplifica ainda mais a sua reversão, usando a vitalidade sobre humana de sua perna para um salto que pega o Teletransportador de surpresa.

Ao ver o dragão branco na distância, Gabriel sabe que conseguirá. Sem a interferência dos olheiros, o Teletransportador não amplifica sua maldição a tempo. Gabriel o apanha pelos ombros.

-Me solte! Me solte! -Ele se debatia. Gabriel parte para desacordá-lo com as mãos no pescoço.

-Ah! -Gabriel é atirado para trás. Seu crânio havia sido estilhaçado. Ele começa a regenerá-lo, procurando o local do atirador. Era um Marechal. A pistola que disparou tinha sigilos feitos do sangue de algum amaldiçoado. Gabriel percebe que seu crânio não estava se regenerando.

O Teletransportador desaparece na distância. Gabriel o encara, ele não pode perdê-lo.

-Província Morta! -Gabriel clama, mitigando seu mundo, fazendo sua redoma se expandir e conter os teletransportes de seu alvo, que se desespera, tentando sem sucesso partir a barreira.

O Marechal dispara outra vez, um dos tiros passa pela brecha das costelas do esqueleto, dando-o tempo de conseguir cobertura em uma chaminé de névoa. Ele usa o toque da redoma para acertá-lo garantidamente, apodrecendo seu corpo conforme ele necrosava e se tornava podre e murcho. O toque era enfraquecido, em outro caso o homem teria morrido. Era necessário mitigar seu mundo para que o teletransportador não fosse atingido. O Marechal não se detém. Ele dá a si mesmo um tiro na mão esquerda. Gabriel fica pasmo, mas logo entende. A ferida passa a emanar uma aura esbranquiçada. Sangue não escorre mais. Doía, e doía muito. Mas o homem não mais apodrecia. Gabriel, por sorte, sabia a solução.

Ele parte para cima do homem aproveitando seu recarregar, e atira uma flecha mortífera rumo a pistola amaldiçoada. O homem se esquivava e dispara. Gabriel não sente a dor, portanto segue avançando conforme uma de suas costelas cai com o tiro. Em um salto de reversão, ele avança, mas o Teletransportador surge e o agarra no ar. Gabriel, pego na covardia, tem mais duas partes do crânio explodidos. O Marechal anda em sua direção, Gabriel se desvencilha de quem o agarrava, se levantando, mas apenas para ver que o Marechal estava no chão.

Sua província cede graças a sua falta de energia. Gabriel se ergue. O Marechal estava no chão. Foi em um piscar de olhos. Ele caça o Teletransportador, apenas para ver que estava desacordado, segurado pelo pescoço por um homem loiro... Ferido...

-Andarilho! Meu caro amigo, eu sabia que viria! -Gabriel se levanta.

-Você sabe como eu sou, não é? Rápido! -Ele diz, quebrando a pistola amaldiçoada. Mas Gabriel ainda não se regenerava.

-Uma mãozinha? -Gabriel diz, erguendo sua mão despedaçada por um dos tiros. O Andarilho ri.

-Você é foda! -Apertando sua mão e transferindo parte de sua energia para ele. Era um absurdo. Gabriel se vê banhado de energia. Muito mais do que suficiente para, como fez, regenerar suas costelas, mão e crânio. Ele estava revitalizado, sua Hexomancia e até mesmo sua energia comum eram agora de outro nível.

-Como me achou? -Ele pergunta.

-Bom, eu vi um mundo e decidi checar. Por sorte pude ajudar. -Ele diz, sorrindo com alegria.

-O que foi, Gabriel? -O Marechal diz. Sua barriga, aberta pela mão do Andarilho. Ele estava morrendo. -Não está mais do nosso lado?

-Um homem desesperado nunca falha em me alegrar, vocês legionários são patéticos. -O Andarilho fala, cortando o pescoço do homem. Ele olha para Gabriel. Esqueletos não tem muitas expressões, mas o Andarilho as lia.

Era... Medo.

-Gabriel? -O Andarilho questiona, passando por cima do Teletransportador. -O que significa isso?

-Foi a muito tempo, cara! -Gabriel fala, recuando. -Eles... Você sabe, não é?

Gabriel é pego pelo pescoço. -Que **MERDA** isso significa, Gabriel?! -O Andarilho questiona Estava incrédulo. Os sentimentos que viu eram reais. A reação de Gabriel foi real. Gabriel, com um surto da energia que lhe foi dada, se desvencilha do Andarilho e lhe acerta um chute no peito, as feridas abertas do homem, que lá estavam, doem, ardem, sangram novamente.

-VOCÊ ME TRAIU, GABRIEL?! -O Andarilho saca a espada, avançando rumo a Gabriel tentando cortar-lhe o pescoço em fúria descomunal.

Gabriel segura a lâmina. Normalmente teria sido decapitado, mas reverte suas mãos com a energia descomunal que recebeu, tornando-as absurdamente saudáveis e em constante regeneração. A investida os leva longe. Eles se chocam com uma ponte de metal, depois com um prédio. Os civis gritam em terror conforme eles quebram e entram nos interiores de um museu. Dezenas de ossos, estátuas, obras de arte residiam.

Os civis correm em desespero, a poeira dos escombros abaixa.

O Andarilho sofre para se levantar. Sua energia era vasta, mas limitada pela dor e por seu sangue impossível de conter. Sua visão de aura via a energia de Gabriel na distância enquanto ele se regenerava.

-Eu menti, foi a alguns dias atrás. -Gabriel fala, admirando uma das estátuas com sua espada em mãos. Ele a aponta para o Andarilho.

-Porque? -O Andarilho diz, contendo a dor das feridas e sua fúria enquanto se ergue, apontando também sua espada.

-Eu não sei se consigo te explicar, amigo. Seria inútil, na verdade. Eu vejo nos seus olhos que você já é obrigado a me matar mesmo que eu explique. -Gabriel fala, um tom triste em sua voz.

-Não. Você deve ter tido uma razão. Um motivo! -Ele fala, abaixando a espada. Não era possível. -Me fale! Se for um bom motivo eu vou entender!

-É uma pena, pois é um péssimo motivo. -O esqueleto fala, abaixando a lâmina e voltando a olhar para a estátua, um símbolo do passado, apreciado por gente do futuro. Gabriel se vira para ele. -Pode pelo menos me contar o seu nome?

O Andarilho para. Ele ri para o vento ao ouvir aquilo. Ele não iria explicar. Ele era realmente um traidor. Só mais um traidor. Justo em um momento como este. A fúria em sua mente começa a sumir, ela dá lugar a uma tristeza imensurável que aperta seu coração, ombros, e as mãos que seguram a espada.

-Meu nome é ****. -Ele fala.

-Sério, ****? Só isso?

-É.

Gabriel se surpreende. Realmente, aquilo adicionava uma visão que ele não tinha.

-Não esperava que você fosse ter um nome assim, com todo o respeito. -Ele ri. -Acabe com isso, ****.

O Andarilho avança. Dezenas de cortes assolam Gabriel, sua cabeça foi cortada seis vezes por uma velocidade incomparável. Mas ele a regenera com a energia que recebeu. Eles se chocam contra uma casa, que desaba em cima deles. Gabriel tenta acertá-lo, mas sua velocidade era demais.

-Eu confiei em todos vocês! Vocês vieram me salvar! -O Andarilho grita durante uma sequência de investidas que desferia contra Gabriel, partindo-lhe braço, perna, costelas, todas que regenerava constantemente. Quando tinha certeza de que ele estava perto, ele abre os braços. O Andarilho para os ataques, permitindo que ele se renda, torcendo.

-Gabriel?

-Mundo Morto.

A redoma avança e cobre tudo. O Andarilho tenta escapar, mas é inútil. Gabriel não estava enfraquecendo a barreira como Jin fez, era impossível escapar sem nenhum recurso amaldiçoado. E o Andarilho não tinha maldição alguma.

Seu corpo começa a apodrecer. Gabriel regenerava-se constantemente.

-Que merda, Gabriel! -O Andarilho gritava, suas feridas abertas limitavam seu movimento.

-Você vai me matar?! É isso?!

Gabriel estava calado.

O Andarilho cai de joelhos conforme suas juntas apodrecem. Sua visão fica preta. Seu corpo fica dormente. Suas feridas sangram. Ele não tinha maldição, mas Gabriel nota-lhe uma habilidade, distante da Hexomancia. As pernas dele começavam a se regenerar. Seu corpo enlentecia o apodrecimento. Sua visão preta e corpo dormente se recuperavam.

-Você é um Fisiomante, ****? -Gabriel questiona. -Impressionante! Você é incrível, ****!

O Andarilho ri, por um segundo se esqueceu do que estava acontecendo, lembrou-se somente de seu inquisitor.

O Andarilho deixa no chão uma propriedade. Uma característica que retirou do ambiente e aplicou ao chão. Uma chave, um último recurso. Gabriel não vê, ele continua apodrecendo o Andarilho. Ele saca seu arco, e dispara incontáveis flechas mortíferas.

O Andarilho estava mais lento pelas feridas e pela necrosa. Por isso, as flechas perfuram seu corpo. Mas ele avança ainda assim, tirando de si a característica da dor. Imbuindo-a a Gabriel.

Gabriel perdia metade de seu corpo. Cortado ao meio. Ele não pôde reagir. Como esqueleto, nunca havia sentido dor. Mas aquilo, repentinamente, o atordoou. Ele regenera seu corpo imediatamente. O Andarilho não parava de apodrecer, mesmo com a energia de Gabriel chegando próxima do fim.

-Não, ****! Você aguenta mais! Eu sei que sim! -Gabriel exclama. Não entendia a natureza das capacidades do Andarilho, mas urgia para que não morresse. O Andarilho se confunde.

-Do que este cara está falando? -Ele pensa.

A necrose não doía mais. Seu corpo já era majoritariamente preto e podre. Seus olhos estavam apodrecendo, ele estava ficando cego. Seu coração estava parando.

Gabriel avança. Ele saca sua lâmina e parte para cima. Seu mundo se desfaz. Mas de que adiantava? Ele se entristece, pois se era capaz de matá-lo, ele tinha que matá-lo.

Gabriel ergue sua espada conforme a redoma se desfazia, liberando o som dos tiros, gritos, morte e dor em Hemó. Ele parte para o pescoço, ele dá um passo.

-Obrigado, ****. -Ele diz.

O Andarilho estende a mão, na forma típica de um cumprimento. Gabriel cobre o rosto com uma de suas mãos, questionando seus últimos mil anos.

-Não faça isso comigo, ****.

O Andarilho move os dedos, movendo a propriedade que havia deixado no chão.

-O que?!

Gabriel é partido em dezenas de pedaços em um surto de energia do Andarilho. Seu corpo subitamente havia se recuperado, sua visão, órgãos, tudo. Gabriel vê apenas a névoa que é cortada pela lâmina do líder da ordem da luz.

Costelas, braços, pernas, mãos. Somente o crânio de Gabriel não estava totalmente despedaçado, e enfim, cai no chão.

O Andarilho se senta ao lado do crânio. Ele não estava chorando. Ele só tinha que ceifar mais um inquisitor. Mais um que se desviou do caminho. Ele só tinha que se trair mais uma vez.

Ele finca a lâmina no chão. Gritos de civis, bombas e tiros ressoavam. O Andarilho cobre o rosto. Ele não estava chorando.

-Acabe com isto, ****. -Gabriel fala.

-Eu tinha bons planos para você, sabia?

-É mesmo?!

-Claro, cara. Para todo inquisitor, na verdade.

-Isso é muito doce, ****.

-O Professor me dizia que todo inquisitor é um irmão.

Gabriel muda o olhar. Seu sorriso distante se torna em um olhar triste. Um olhar pesado.

-Ah. Eu... Não via desta forma. Me desculpe por isto, ****.

-Está tudo bem. -O Andarilho fala. -Nem todo inquisitor segue a ordem, e nem deveria. O mundo acabou, você não tem que ser leal.

-Na verdade... Agora que você disse, eu discordo disto... -Gabriel fala, voltando atrás em tudo.

-Ah... Você podia ter discordado antes. -Ele diz, se erguendo.

-Muito obrigado por tudo, eu vivi uma grande vida. -Gabriel fala. -Muito obrigado, John Tiérre!

O Andarilho ergue a mão e evapora o crânio. Todos os outros ossos desaparecem junto dele.

O Cavaleiro Negro, Capítulo 26.

Krauzher explode o chão com sua clava. Detritos voando rumo ao atirador de mísseis. O exército legionário havia chegado. Estava dividido, seu foco indo para Almadell e Matusalém, mas era... Incomparável.

Krauzher via a diferença, mais inquisidores gritavam de dor, mais inquisidores tinham os estômagos perfurados, mais inquisidores eram baleados ou forçados a pegar cobertura. Era isso que Krauzher deveria impedir. Ele cria e engole mais uma barra de Hemó.

Seraphim estava frente ao atirador de mísseis. Seus comandos de voz não funcionavam graças aos sons de explosão, tiros e morte. Ninguém conseguia ouvi-lo. Entretanto não parecia ser este o motivo da demora do general em-

Krauzher bloqueia um ataque do motivo. Seu corpo é atirado contra uma casa, cujos escombros rasgam a névoa em velocidade.

Krauzher xinga ao ver que a criatura tinha total foco nele. Era um... Homem? Ele tinha músculos desproporcionais. Mas não era um bruto comum. Sua maldição era absurdamente mais intensa. Krauzher consome a mistura de metais que trouxe. Ele imbui seu braço com ouro, usando a maleabilidade que amplifica para um golpe surpresa e de longo alcance. O punho, ainda de Hemó destruiria a cabeça do alvo, mas ele desviou-se com absurda destreza.

-Como?! -Krauzher pondera. A figura era larga, músculos densos. E parecia haver não só uma coleira, mas um grande e retangular capacete de metal em sua cabeça. Ainda assim, se movia absurdamente rápido.

Estava na sua frente. Krauzher é arremessado novamente, atingindo ainda mais escombros. Algo apertava seu estômago. Uma mão invisível parecia estar dentro de sua barriga, revirando suas tripas. Os pelos vermelhos providos do Hemó começavam a cair. Os metais se esvaíam do corpo de Krauzher, que tentava queimá-los mas perdia a influência. O homem se aproximava, enlentecido pelo processo que realizava. Sua mão estava erguida na direção de Krauzher. Alguma maldição desconhecida o afetava. Krauzher retorna a sua forma normal.

Ele olha para a criatura. Era um homem. Estava quase nú. Suas pernas escorriam em fezes. Havia marcas, até mesmo uma pulseira em seu pulso.

-É um maluco?! -Krauzher questiona. A coleira do homem brilha, seu corpo sendo forçado a avançar em velocidade fora da humanidade.

Krauzher reverte o chão que ele pisaria, tornando-o elástico e flácido. Com o impulsionar de uma cama elástica, a criatura voa fora do curso, salvando-lhe alguns segundos. Krauzher ofega com a intensidade daquelas maldições em seu corpo.

-O centro de comando não havia sido destruído? -Ele pondera.

Estava na sua frente de novo. Sua amplificação sem Amôfle estava fraquíssima. Sem capacidade de usar seus metais, Krauzher é atingido. Seu estômago se revira, costelas se partem e ele é arremessado até o interior de uma casa, a qual destrói a parede.

Krauzher tosse enquanto se esforça para se erguer. Suas costelas doíam, respirar era como o inferno. Sentia seu corpo prestes a espetar e destruir a si mesmo. O som de uma arma era ouvido.

-Saia daqui, Inquisitor nojento! -Um homem falava. Parecia de família. Tinha atrás de si uma mulher e uma criança. Krauzher tenta se erguer, o lunático o procurava fervorosamente.

-Estou avisando! Eu vou atirar!

Krauzher morde o fuzil, consumindo dele o aço. Instantaneamente se imbui, tornando-se mais pesado e resistente.

O homem dispara contra ele uma onda de eletricidade de sua maldição. A energia era conduzida para Krauzher com seu corpo metálico, ele grita em agonia. O lunático nota e começa a correr em disparada. Krauzher não conseguia sair. Ele não conseguiria se esquivar ou amplificar. Sua visão estava se esvaindo conforme seu coração ameaçava parar. Ele... Estava...

Krauzher parte a cabeça do homem, cessando os raios. A esposa e garota gritam em terror absoluto. Um tiro perdido explode a cabeça da esposa do homem, deixando a garota fugir em absoluto terror. Krauzher arranca do homem o coração, e o come também. Disparando um raio elétrico que afugenta o lunático de sua investida. Sem o Hemó em seu corpo, Krauzher sentia-se imundo. Ele comeu a carne de um homem. Ele matou um homem inocente. Nem o desespero que sentiu no ato conseguia justificá-lo. Um homem que podia ser de sua vila. Não havia tempo para pensar naquilo. E não havia tempo para lamentar pelo louco que estava sendo escravizado contra ele. O lunático avança. Krauzher permite que ele venha.

Ao invés de se solidificar, de ser atingido e arremessado de novo, Krauzher reverte. O soco o atinge em cheio no estômago, que agora frágil, se abria. Permitindo que ao invés de ser arremessado, a mão do lunático o trespassasse.

Krauzher sorri. O lunático parte para retirar a mão de dentro das entranhas que escorriam de Krauzher. Mas ele amplifica, seus músculos de aço comprimindo enquanto ele mesmo segurava o braço do homem com as mãos.

Sua visão se esvaía. Ele perdia sangue rápido. Mas Krauzher, agarrando o lunático que tentava se libertar, arremessa a boca como um animal furioso, mordendo a coleira do lunático e destruindo-a com dentes de aço.

O homem cai no chão. Começa a gritar e espernear. Ele se debatia em completa insanidade, sua maldição se tornando ainda mais poderosa sem a coleira.

Krauzher coloca a mão em sua barriga. Suas entranhas caíam pelo buraco em seu estômago. Seus olhos não enxergavam direito. Seu corpo não obedecia mais tão bem.

Krauzher se encosta na parede atrás dele. Seus braços paravam de obedecê-lo. Ele ordena que seus olhos se mantenham abertos, mas contra sua vontade eles começam a se fechar.

O metal de seu corpo começa a ceder e enferrujar.

-É... -Ele tenta dizer. Mas não consegue abrir a boca.

O Andarilho toca seu ombro. Uma característica, uma propriedade infectava o corpo de Krauzher, que se reformava, recuperava sangue perdido e fechava a carne de suas feridas abertas.

-Krauzher? -O Andarilho falava. Não tinha seu característico sorriso, na verdade, um rosto sério e inexpressivo.

-Obrigado. -Krauzher se levanta, ofegando enquanto urge para respirar o máximo que consegue. Ele coloca a mão na barriga e amplifica o máximo possível assim que recobra o mínimo de consciência necessária.

-Gabriel era um traidor, e ele está morto. -Ele falava. Carregava nos ombros um homem desacordado, o Teletransportador.

Krauzher estava se levantando, mas para. Ele encara a face do Andarilho.

-Eu... Como?

-Não há tempo para isso, te explico na ordem.

O exército da ordem recuava. Os legionários estavam avançando cada vez mais. Mesmo dispersos, a quantidade era exorbitante. Outros lunáticos degolavam e despedaçavam inquisidores com facilidade, havia pelo menos dez, todos tão fortes como os que Krauzher enfrentou.

A ordem recua para de trás do portão. Marvyn, Almadell, Matusalém, Romaro, Jin, Krauzher, todos começam a se reunir do lado de fora das muralhas. O exército Inquisitor dispara enquanto recua, mas ainda perdiam incontáveis homens.

Jin era visível do lado de fora, apoiado e escoltado por inquisidores que revezavam em lhe dar energia para manter as barreiras abertas.

-Obrigado, Jin. -O Andarilho disse ao se aproximar antes que Jin percebesse. Jin se vira para ele, sua expressão tensa de cansaço se ampliando ao ver o rosto do Andarilho.

-O que houve?

-Falaremos disso depois. -Os inquisidores saíram totalmente das muralhas, o Andarilho olha para trás. -Você pode parar.

Jin se alivia e cessa as barreiras de seu Mundo Conjurado, que permitia a entrada e saída em Hemó. Almadell se aproxima.

-Vamos! -Ela grita, agarrando o Teletransportador desacordado, e acordando-o aos tapas. Ao sussurrar, com os vinte anos que sacrificou, ela começava a negociar a amplificação extrema da maldição daquele homem com dezenas de demônios. Algo que poderia tirar todo o exército dali em um só momento, a décima sétima forma da Hexomancia.

-Vai demorar demais! -Marvyn grita, alertando quanto aos legionários, que não pareciam ter intenção de parar.

Krauzher e Seraphim vinham juntos das muralhas. -Não temos para onde recuar! -Krauzher grita.

-Nós não vamos recuar. -O Andarilho reúne o fôlego e as energias. Ele espera. Reúne todas as propriedades que pode. Usa até mesmo a energia dos outros inquisitores e de Jin. Jin era conhecido como inteligente, Krauzher como tenáz, outro homem como rápido, outro como habilidoso. O Andarilho toca estas propriedades. O oposto da Hexomancia é mostrado a Nova Legião, o Andarilho manipula as propriedades do mundo, e não é a lua que dá a força que ele utiliza.

Seus cabelos flutuam conforme sua aura molda todo o seu corpo. Nenhum outro inquisitor morreria em seu nome.

O Andarilho invade o exército legionário. Um barreira tentou pará-lo, ele se esquivava da proteção e arremessa a cabeça do homem, explodindo outros três. Um Ponteiro tenta contê-lo, mas não percebe quando suas tripas estão vazando para fora. Nenhum olheiro conseguia antecipar aqueles movimentos. Ele dançava entre cada soldado do exército inimigo, não havia tempo de reação para que contra ele fizessem algo. Suas feridas doíam. Elas ardiam como se estivessem em chamas. Seu fôlego se tornava cada vez mais difícil, mas ele não parava. Atratores atiravam nele raios e trovões, ele não era Hexomante, mas sacou-os com os dedos e redirecionou de forma a matar não só aqueles, mas muitos outros legionários.

Homem a homem, o exército legionário começava a ser despedaçado.

O Andarilho não hesitava em abaixar seu nível daquela forma. O Exército se aglomerava meio a ele. Com Fisiomancia, ele tirava das balas a velocidade, tirava do sangue dos legionários sua liquidez, fazendo homens se engasgarem em pedras, e outros caírem cuspidando fumaça.

Suas feridas doíam, se abriam cada vez mais a cada homem que matava. Sua energia se esgotava rápido. O Andarilho ofega, reunindo a respiração conforme dava tempo para que mais homens se aproximavam e atiravam. Ele se protegia tornando o ar ao seu redor duro como o chão. E enquanto estava imerso aos tiros, gritos e ataques, ele olhava para trás rumo ao exército da ordem, que o encarava preparando o escape. O Andarilho sorri e levanta a mão em um grande jóia.

Trezentos dos homens que tentavam cercar a ordem foram massacrados. Corpos eram decepados pela lâmina do Andarilho, que mesmo agora partida, era usada como uma faca para seguir empalando mais soldados, marechais e hexomantes.

Muitos morreram, dando espaço entre os cadáveres para alguns segundos de respiração para o Andarilho. Mesmo com seus esforços, o exército não parecia sequer próximo de acabar. O Andarilho olha para trás, ele deixa sua espada no chão de Hemó e aparece como um raio frente a sua família.

O Andarilho, ajoelhado frente aos inquisitores, ofegava em completa exaustão.

Almadell conseguiu. Ela finaliza a negociação. A troca de mais cinco anos ela Teletransportaria a todos. Ela se ergue no ar, realizando sigilos de mão enquanto consumia litros de Amôfle. Sua pele estava se tornando enrugada. Seu corpo se franzia. Seus cabelos caíam e perdiam a vividez da cor. Suas mãos, dedos e músculos se afinavam.

-Para onde, Andarilho?! -Ela questiona, aceitando o apoio que ele e outros inquisitores ofereciam ao seu ombro.

-Para o esconderijo. -Ele fala.

O Andarilho tenta sorrir. Inquisitores começam a escapar por uma esfera de energia que se formava ao redor de Almadell, que parecia engolir e levar os inquisitores para longe. O Andarilho se ergue com ajuda de Jin e Krauzher, que o carregavam para fora.

-Não valeu a pena. Perdemos muitos. -Ele dizia. Mas sorria enfim ao saber que-

Que seu peito foi empalado.

-NÃO!

-O QUE?!

-ANDARILHO!

Os inquisidores retornam, disparando e avançando fervorosamente.

O peito do Andarilho sangrava. Seus olhos se esvaziavam. Sua boca expulsa sangue.

Victor Nathanael recolhia sua enorme lâmina de Daedrio. A aura esbranquiçada começa a vazar pelo peito do Andarilho. Jin, instintivamente cura sua alma, ele salva sua vida.

Mas a ferida não se curava.

-Ferida Eterna. Vocês vão todos morrer. -O Maioral falava. Sua capa de maioral flutuava sobre o chão. E o sangue não conseguia tocá-lo. Sua lâmina tinha mais do que dois metros, ainda assim era menor do que ele.

Jin e Krauzher avançam com os olhos encharcados de ódio.

-VICTOR! -Jin gritava. Um ódio particular emergindo de sua alma. Ele avança para socá-lo, enquanto todas as suas rapieiras surgiam de seu terno para degladiar o homem. Krauzher bebe metais, e ativa Hemó. Sua transformação acelerada pela sua amplificação. Ele avança como uma besta sanguinária. Seraphim aparece por trás, gritando para que o Maioral morresse. Almadell enviou a cabeça de vinte demônios, prontos para dilacerá-lo. Matusalém avançava transformando seu corpo na forma bestial que antes assumiu. Romaro afia o ar rumo ao Maioral. Brutos da ordem amplificaram e avançavam com força sobre humana. Olheiros imbuíram desorientação extrema ao Maioral, deixando-o cego, surdo e mudo. Todos os efeitos acima foram negados.

Um movimento de espada. O estômago de Jin se abre. O peito de Krauzher se rompe. Os demônios explodem. A fala de Seraphim não surte efeito, e sua garganta é cortada.

Exaustos, sem energia, feridos, centenas de homens mortos.

Almadell chorava, a esfera de energia ainda ativa, ela sacrifica mais cinco anos de sua vida, pendendo para cair envelhecida e decrépita. Não havia como lutar. Não havia sequer porque. A fim de resgatar dois homens, perderam centenas.

Só assim todos, exceto Victor, poderiam ser trazidos para outro lugar.

A lua sorriu.

O Cavaleiro Negro, Capítulo 27.

As criaturas tinham finalmente absorvido todo o brilho da lua. Vermelha e ainda maior no céu, ela agora ameaçava ainda mais o fim da raça humana com criaturas absurdamente mais poderosas. "Mais inteligentes, fortes, e versáteis." É o que Almadell disse.

Alguns povos, como os legionários, tem o privilégio de ter somente este como problema, a ordem não é um destes povos. Para os legionários, tudo o que importava era a sobrevivência, não importava como.

-Ele vai morrer! -Almadell gritava, aos prantos. Suas mãos tremiam. Incontáveis inquisidores viam o Andarilho caído em uma maca. Uma ferida que jamais se abriria a não ser que alguém, que não se sabe quem, destruísse a lâmina de Daedrio de Victor Nathanael.

Meio a floresta do esconderijo, haviam poucas casas e ainda menos recursos preparados. Mas em uma delas, fedida, abandonada e envolvida pela chuva, névoa e lama, seria a morada do grande líder da ordem. Desacordado, mantido vivo por aparelhos e ladrões de dor. Que, mesmo que tentassem, não conseguiam regenerá-lo, apenas mantê-lo conosco.

Krauzher estava sentado em uma árvore que derrubou. Ele não parava de se coçar, forte o suficiente para rasgar sua pele se não fosse de metal. Ele estava suando. Suas mãos estavam tremendo, ansiando para bater e matar alguém. Sua cabeça ainda estava em Hemó. Sua cabeça ainda ouvia os tiros, a morte, o som dos órgãos de inquisidores caindo no chão. Seu corpo não parava de amplificar. A qualquer momento um Maioral poderia decapitá-lo.

Ele via uma multidão de inquisidores ao redor do Andarilho. Ele estava vivo, pois Krauzher ainda sentia o ferro de seu sangue se mover com as batidas de seu coração. Mas valia a pena que estivesse? Seu corpo estava destruído. Um movimento errado e um órgão escorregaria. As criaturas cresceram até o ápice de seus poderes. A ordem seria perseguida e morreria.

Krauzher apoia os cotovelos em seu joelho, ainda sentado na árvore. Ele tinha incontáveis ossos rachados, qualquer movimentação o causava agonia absoluta. Músculos e ossos rompidos. Seus pulmões possuíam ainda danos, tornando difícil que respirasse fundo. As outras batalhas ainda doíam, até a batalha de Drovanell, até a invasão na Palma negra, tudo doía em seu corpo. Respirava apenas parcialmente, meio fôlego, contribuindo para sua incapacidade de ficar parado. Mas ele também não conseguia se mexer. O que diabos ele estava fazendo? Ele não pertence a este mundo. Ele não pertence a este povo, a esta lua. Josias está ainda na cúpula da ordem, muito longe daqui. A Palma Negra está a quilômetros. Como Krauzher veio parar aqui? Temendo a morte de um homem depois de lutar sua guerra.

Espere... Krauzher raciocina. Como assim "veio parar aqui?". Ele ri, imerso nas árvores cinzentas e sofridas. Acha graça, pois não conseguia se mexer e sair de perto delas, nunca conseguiu. Ele está no mesmo lugar.

A "nova ordem" era diferente. Como norma, Seraphim foi nomeado como novo líder. Apesar de ainda não haver cabimento para qualquer instrução séria. Dentro das circunstâncias atuais, ele decretou, com razão, que aqueles que tivessem as maldições mais úteis as usassem das formas mais adequadas. Chamuscadores aqueceriam a todos. Ladrões de dor cuidando das centenas de feridos. Pedreiros ajudando na reconstrução. Era subentendido, todos já planejavam fazer aquilo. Entendiam a gravidade da situação. Entendiam que suas comidas agora eram o que caçavam na floresta. Entendiam que, até que construíssem novas casas para todos, dormiriam na lama, abaixo de árvores retorcidas de sangue. Que suas armas, lares, pertences, até mesmo família ficaram na cúpula principal.

Foram enviados mensageiros para a cúpula. Os inquisidores que estavam lá tratariam de trazer a todos, com o máximo de pertences e recursos possíveis. Semanas, é o que demorariam. No mínimo.

Krauzher foi um dos primeiros a perceber quando a poeira começou a cair. Era cinzenta, escura, fedorenta. Como que proveniente de um cadáver, mas se assemelhava mais a poeira. O ar se tornava mais difícil de respirar. Pouco a pouco, nuvens negras começaram a cobrir o céu vermelho da ruína. Não eram os giros da lua, ou o epicentro, o inverno se aproximava.

Lentamente, o frio se tornava cada vez mais esmagador. As pessoas tremiam e batiam queixos só de estarem do lado de fora. A luz da lua forçava dietas que compensassem a falta de sol, e não esquentava a ruína. Mas aquilo era ainda pior. Krauzher sempre foi resistente ao frio, tanto por suas terras como por sua maldição. Mas o ar era... Impuro. Respirar trazia um cheiro estranho, e a sensação de que algo, que não ar, entrava em você. Os outros inquisidores também sentiam aquilo. A escuridão tomava cada vez mais a Nova Ordem. Com a presença das nuvens escuras, a lua se tornava cada vez mais ausente. Apesar das criaturas, segundo relatos, seguirem incomparáveis.

Era incabível lutar. Não era possível enviar dez caçadores para lidar com uma criatura de tipo um. Seja do um ou do cinco, as criaturas estavam invioláveis, independente da força eram inacessíveis. As mortes por criatura aumentam.

Krauzher se ofereceu a retirar a poeira que caía do céu e se juntava no teto da "casa" do Andarilho. Quando terminou, ele foi permitido entrar. Seu corpo estava magro. Triste. Acabado e ensanguentado. Era uma morte miserável e indigna, além de lenta. Sua vontade era libertá-lo, mas...

E então, tudo aquilo se repetiu. As multidões ao redor da casa do Andarilho, as perguntas sobre o que houve na invasão, se estavam mesmo em guerra, se iriam ganhar. Todas perguntas que não tinham respostas.

Krauzher, no alto monte que escolheu, tinha vista para toda a Nova Ordem. Com a escuridão, foi necessário a implementação de tochas por toda a floresta, alimentadas por chamuscadores, que agora tinham a responsabilidade obrigatória de manter a ordem aquecida. A poeira caía, e a fumaça constante das fogueiras tornava o ar muito pior.

Romaro se senta em um tronco deitado na lama vermelha, que se misturava a poeira que caía do céu, tornando-a cada vez mais azulada. Ele passa as mãos por entre uma das feridas em suas costelas, ainda sangrando através da bandagem. Ele estava com sua lâmina em mãos, não havia total segurança na floresta da nova ordem ainda.

-Avalie você se é uma decisão viável... -Flutua em sua mente. Sua ferida dói.

-Romaro, eu preciso que você faça... -Se lembrava, doía menos.

Romaro guarda a lâmina de volta na bainha.

Almadell estava sentada numa cadeira frente à maca do Andarilho. Suas feridas expandiam e sangravam conforme respirava fracamente. Brutos, Olheiros, e todos que poderiam ajudar na guarda ao redor da sala estavam do lado de fora. Pareciam determinados em fazer qualquer coisa sem preguiça alguma, contanto que tivesse relação com o Andarilho.

Almadell acaricia o rosto dele. Ainda tinha peso na mente por ter impedido que suas esposas continuassem ali, mas elas não conseguiam mais se segurar. Estavam prestes a quebrar tudo. E com as feridas daquele jeito...

-Tem como reverter? -Almadell questiona a um dos vários ladrões de dor que revezavam os cuidados com o Andarilho. As feridas, emanando uma aura branca que as mantinham no lugar, estavam ainda maiores. Eram impossíveis de costurar ou limpar.

-Ele tem sorte de estarmos aqui, e de estar mantendo a Fisiomancia dormindo. Não sei como. -Um dos ladrões diz. -Mas... Sem quebrar a fonte das primeiras feridas, e a lâmina do Maioral...

Almadell suspira. Ela dá duas batidas nas costas do ladrão de dor, que sorri para ela enquanto ela vai embora.

Ainda não havia casa para ela preparada. Almadell se senta em um tronco deitado com suas bolsas de couro, e alguns de seus pertences guardados por dois brutos. Ela acena para que eles possam então descansar.

-Ele era um bom Fisiomante. -Almadell pensa. Lembrando-se dos seus treinos com o homem. Sua habilidade com a espada e... Com tudo. -Isso não impediu.

-É, fazer o que... -Almadell pensa, tirando o amuleto dos pactos de dentro de suas vestes e pisando ele no chão. Seu pé o afundava na poeira e na lama, que o cobria para nunca mais ser visto.

-Você não pode fazer isso, Almadell! -Uma voz em seu olho gritava. -Não vamos te dar mais nada!

Almadell se levanta sem expressão, saca sua flauta e começa a tocar.

Uma canção leve. Um projeto com o qual ela brincava sempre que tinha a súbita vontade de tocar. Se fosse visível, teria as linhas roxas de seu cabelo e azuis de sua pele, soava bem, soava como ela. Enquanto toca, ela pisa no amuleto enterrado na lama.

-Isso não o impediu. -Ela pensa.

Almadell segue tocando sua flauta.

Krauzher estava partindo uma árvore com a mão quando eles chegaram. Seus movimentos eram lentos, cansados, como o dono do segundo lugar de uma corrida que enlentecia o passo ao ver que já cruzaram a linha de chegada.

Seraphim estava no topo de uma árvore para que sua maldição não afetasse ninguém.

Olhava para a agora cinzenta ruína e a chuva de poeira que caía do céu e fazia seus olhos doerem. Como sempre, não havia ganhado nada. Ele encarou, de cima, a barraca do Andarilho. Uma expressão de ódio cobriu seu rosto.

O Cavaleiro negro, Capítulo 28.

Nas ruas de Hemó, muitos cadáveres eram retirados. Armas, munição, pontes caídas, construções despedaçadas. As ruas eram limpas como num pós festa onde muito lixo foi deixado no lugar errado. Alguns corpos tentavam se tornar criaturas, mas eram rapidamente cremados.

Um dos achados, entretanto, não foi ignorado.

Victor Nathanael caminhava por uma das ruas, quando uma forma especial de sua visão o revelou um detalhe importante.

Jogado, sem importância, num beco escuro, estava uma capa.

Estava enferrujada. Sua visão de aura revelou o momento em que ela começou a permitir que sua aura fosse vista, como se chamasse algo, como se pedisse para ser pega.

A carruagem para. Victor a apanha. A capa de um dos inquisidores estava completamente enferrujada. Na análise, ele estava certo da natureza do presente que haviam recebido.

-É um parasita temporal, senhor. -Um dos homens dizia, revelando a capa enferrujada pela armadura na sucessão. Sua precaução havia sido cumprida. Pois agora, ela não seria mais uma armadura, Azazyel agora tinha um lar que nunca o impediria de crescer.

Mas como um inquisitor permitiria isso? Como sua visão de aura não revelaria esse fato? Certamente um inquisitor seria capaz de revelar isso, e seria de absurda maldade com a ordem não fazê-lo. Mas que culpa ele teria? Que motivo tem um homem mau para reverter sua maldição?

Continua em: O Cavaleiro Negro, Segundo Ato.

Outros livros do Universo:

Ler agora:

O Mundo de Carne

Em breve:

O Cavaleiro Negro, Segundo ato

O Andarilho

Praga Vermelha: Lua de Sangue I (A História de Seraphim e da Lua)

O Cadáver Imortal (A história de Gabriel, o Esqueleto)

O Gênio da Lua Vermelha (A história de Jin)

Cidade Colmeia

Pedro e a Ilha dos Mortos

Praga Vermelha: RPG (O sistema de Magia da ruína e da Hexomancia e Fisiomancia)